

Maria do Rosário Calisto Laureano Santos

A Comédia Ulissipo de Jorge Ferreira de Vasconcelos

Estudo e edição crítica



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

2006

Maria do Rosário Calisto Laureano Santos

A Comédia Ulissipo de Jorge Ferreira de Vasconcelos

Estudo e edição crítica

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

2006

ÍNDICE

Prefácio	9
-----------------------	----------

Parte I- O autor e a obra

1. Jorge Ferreira de Vasconcelos e o seu tempo.....	15
2. A <i>Comédia Ulissipo</i> no contexto da obra do Autor.....	22
2.1 A <i>Comédia Ulissipo</i> : género dramático fictício.....	23
2.2 A influência clássica.....	24
2.2.1 A comédia nova e o cânone aristotélico.....	24
2.2.2 Influências directas: intertextualidade.....	24
2.2.3 Os nomes das personagens.....	25
2.2.4 A lei das três unidades.....	26
2.3 Outras fontes.....	27
2.4 A intriga.....	28
2.5 Estilo e linguagem.....	31
2.6 Jorge Ferreira de Vasconcelos e o pensamento de Erasmo.....	32

Parte II- *Comédia Ulissipo*: tradição e edição crítica

1. A tradição editorial da <i>Comédia Ulissipo</i> : inventário das edições.....	37
2. Os exemplares das edições existentes na Biblioteca Nacional.....	41
2.1 A edição de 1618.....	41
2.1.1 Suporte material.....	42
2.1.2 Paginação.....	43
2.1.3 Outras particularidades.....	44
2.1.4 Constituição dos cadernos.....	45
2.1.5 Plano da página e dimensões do suporte.....	46
2.1.6 Estado de conservação.....	46
2. 2 A edição de 1787.....	49
2.2.1 Suporte material.....	49

2.2.2	Paginação.....	51
2.2.3	Outras particularidades.....	51
2.2.4	Constituição dos cadernos.....	52
2.2.5	Plano da página e dimensões do suporte.....	53
2.2.6	Estado de conservação.....	54
3.	A edição de 1618: base da edição crítica.....	54
4.	A edição crítica.....	57
4. 1	Critérios de edição.....	57
4. 2	Texto crítico.....	65

Anexos

1.	Povos e personalidades.....	499
2.	Autores.....	501
3.	Entidades mitológicas e personagens.....	502
4.	Referências religiosas.....	505
5.	Topónimos.....	507

Bibliografia

1.	Obras de Jorge Ferreira de Vasconcelos.....	511
2.	Estudos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos.....	511
3.	Estudos sobre teatro em Portugal.....	512
4.	Estudos de linguística (história da língua, crítica textual, paleografia).....	515
5.	Gramáticas, ortografias e dicionários.....	518
6.	Estudos sobre gramáticas e ortografias.....	520
7.	Outros estudos.....	521

Prefácio

Foi em 1994 que tomei contacto com a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515?-1585).

Por convite casual do Teatro Maizum, que na altura pretendia levar à cena a *Comédia Eufrósina* (1555), empreendi a tarefa, que me parecia hercúlea, de adaptar esta comédia para a dar a conhecer ao público de hoje; procedi do mesmo modo em relação à *Comédia Ulissipo*, em 1997. Adaptar textos tão ricos e plenos de informação foi realmente um trabalho difícil; em conjunto com a encenadora do mesmo grupo de teatro, procurei manter o pensamento de Jorge Ferreira de Vasconcelos reduzido à sua expressão mais representativa, nomeadamente no que diz respeito à dramaturgia, sem introduzir qualquer novo vocábulo.

Mas este trabalho, árduo por natureza, foi recompensado por diferentes formas: ver em palco pela primeira vez estas comédias, com actores que davam voz e vida às personagens, e desenvolver um interesse cada vez maior pelo estudo das obras deste Autor.

Assim, nasceu e foi tomando contornos a ideia de proceder ao estudo filológico do texto da *Comédia Ulissipo* numa edição crítica – aquela que está na base deste estudo – pela importância que ele e o seu

Autor detêm na língua, na literatura e na cultura portuguesas da época, e na história do teatro português, em particular.

A *Comédia Ulissipo*, publicada provavelmente no ano de 1561 ou em data anterior, e de cuja primeira edição não chegou até nós qualquer exemplar, é um exemplo do teatro da época, não só pelo tema, mas também pela realidade social e pela linguagem. Tendo sido feita a sua adaptação aos palcos e ao gosto moderno, verificou-se que o texto ainda entusiasma o espectador contemporâneo; este facto, aliado ao desconhecimento que hoje em dia se tem acerca do autor e da peça, impõe a necessidade de se disponibilizar o texto numa edição rigorosa, que ao mesmo tempo satisfaça as necessidades do público moderno e respeite a memória e o texto do Autor. Outro facto importante a considerar é que o texto chegou até nós através de alguns exemplares de apenas duas edições póstumas, o que levanta o problema filológico do estabelecimento crítico do texto.

O trabalho que se segue consiste exactamente na identificação, estudo e edição do texto transmitido por estes testemunhos; tendo em conta que existem consideráveis diferenças entre os textos das duas edições, foi necessário proceder-se a uma edição crítica, cujos critérios serão adiante definidos.

O facto de existirem edições do século seguinte, e divergentes entre si, sugere que tanto esta comédia como o seu Autor terão gozado

de uma considerável fortuna junto do público: uma peça de teatro que continua a ser reeditada em Portugal e em Espanha muito tempo depois da sua primeira edição, era forçosamente importante. Nesse sentido, tudo o que nela se contém deve ser encarado como representativo da sua época e do gosto do público do tempo; por isso, tornou-se necessário elaborar e apresentar ao leitor um conjunto de índices – personalidades, topónimos, autores, entidades mitológicas – do mundo referencial existente na comédia.

Este trabalho é, assim, constituído por duas grandes partes: na primeira, faz-se uma revisão crítica do estado dos conhecimentos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos e a sua obra, e desta comédia no conjunto da obra do Autor. Na segunda parte, procede-se à identificação da tradição impressa da obra e, naturalmente, ao estabelecimento do respectivo texto crítico. Um anexo, constituído pelos já referidos índices, completa o trabalho.

Para a realização deste trabalho, contei com o apoio de diversas pessoas, de entre as quais destacarei:

O Professor Doutor Luiz Fagundes Duarte, pelo seu apoio e disponibilidade desde o primeiro momento e pela sua orientação sempre atenta e diligente;

O Professor Doutor Artur Anselmo, pelo seu auxílio e incentivo manifestados ao longo deste estudo;

A Professora Doutora Maria do Rosário Pimentel, pelos seus conselhos amigos e ensinamentos oportunos, e pela disponibilidade com que sempre me atendeu;

E a minha pequena e grande família, sem o suporte e o estímulo da qual não me teria sido possível levar a cabo este projecto.

PARTE - I

O Autor e a Obra

1. Jorge Ferreira de Vasconcelos e o seu tempo

São escassos os dados biográficos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos. Tal como sucedeu com a obra, retirada ao público por proibição inquisitorial, também aspectos significativos da vida do Autor foram apagados ou perdidos ao longo do tempo, dando oportunidade a muitas conjecturas¹.

Existem, no entanto, alguns testemunhos. Diogo de Teive², seu contemporâneo, menciona-o num epigrama³. No *Rol dos Moradores* da casa do Infante D. Duarte⁴, redigido em 1540 por ocasião da sua morte, o nome do Autor surge incluído; também ocorre no alvará de 10 de Julho de 1563, que o nomeia Escrivão do Tesouro Real e da Casa da Índia, com uma tença anual de 15 000 réis⁵. Todavia, nestes dois últimos documentos, não se tem a certeza se se trata do Autor ou de um homónimo.

A origem da família e o local de naturalidade são também

¹ Sobre esta polémica, veja-se: SUBIRATS, (1982), *Visages*, I, p. 10-29.

² Diogo de Teive, historiador e autor de uma vasta obra de inspiração clássica, estudou em Paris, em Salamanca e em Toulouse, foi professor em Bordéus e no Colégio das Artes, em Coimbra; este humanista compôs um epigrama que consta da edição de 1619 (Lisboa) da *Comédia Anlegrafia*, onde vaticinou a glória futura de Jorge Ferreira de Vasconcelos devido ao seu mérito. Sobre Diogo de Teive, consulte-se a introdução de: SOARES, N. N. C. (1977), *Diogo de Teive. A tragédia do Príncipe D. João*. Coimbra; COSTA RAMALHO (1982), *Estudos*, p. 251-264.

³ Este epigrama encontra-se no início da edição de 1619 da *Comédia Anlegrafia*.

⁴ O Infante D. Duarte era filho do rei D. Manuel I (1495-1521).

⁵ Cfr. SUBIRATS, (1982), *Visages*, I, p. 4.

desconhecidos. Como locais de nascimento, são-lhe atribuídos Lisboa, Coimbra ou Montemor-o-Velho. Por aproximação, atribui-se o ano de 1515 como data do nascimento. De acordo com Barbosa Machado¹, Jorge Ferreira de Vasconcelos foi ilustre criado da casa de D. João de Lencastre, Marquês de Torres Novas e futuro Duque de Aveiro². Outros autores³ afirmam que frequentou a corte e o meio universitário de Coimbra, onde se inscreveu no curso de Direito, mas não existem documentos comprovativos. Foi casado⁴ e teve, pelo menos, uma filha, chamada Briolanja⁵, que veio a casar com D. António de Noronha, editor das segundas edições da *Ulissipo* (1618) e da *Aulegrafia* (1619).

Segundo Barbosa Machado, o Autor terá morrido em 1585⁶, tendo sido enterrado no Cruzeiro do Convento da Santíssima Trindade, na zona de Lisboa, destruído pelo terramoto de 1755.

São estes os dados biográficos disponíveis sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos, insuficientes para fazer luz sobre aspectos da sua vida e obra, que faltam esclarecer; referências indirectas, porém, levam-nos a ponderar alguns pontos, sobre os quais gostaríamos de reflectir.

¹ BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, p. 805 b.

² D. João de Lencastre era o filho mais velho de D. Jorge, Duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II. Subirats (1982, *Visages*, I, p. 11) afirma que Jorge Ferreira de Vasconcelos entrou ao serviço de D. João de Lencastre depois 1540, quando este era ainda Marquês de Torres Novas e o ducado de Aveiro ainda não tinha sido criado.

³ Aubrey Bell, Machado Vilhena; cfr. Subirats (1982), *Visages*, I, p. 10.

⁴ Segundo Barbosa Machado (*op. cit.*), o nome da mulher de Jorge Ferreira de Vasconcelos era Anna de Souto; de acordo com Innocência (*Dicionário Bibliographico Portuguez*, IV, p. 167) o nome era Anna de Sousa.

⁵ BARBOSA MACHADO, *ibidem*. B. M. afirma que Jorge Ferreira de Vasconcelos teve também um filho, chamado Paulo Ferreira, que morreu na batalha de Alcácer-Quibir.

⁶ *Idem, ibidem*. Data controversa, cfr. SUBIRATS (1982), *Visages*, I, p. 28.

Por exemplo, o insigne humanista Diogo de Teive¹ (1514-depois de 1569) atribui a Jorge Ferreira de Vasconcelos um lugar entre os homens de cultura do tempo, e identifica-o como seu par. Por seu lado, Frei Tomás de São Domingos, nas licenças de publicação da *Ulissipo* (1618), chamou-lhe «elegante cortesão», identificando-o na esfera social:

Vi esta Comedia chamada *Ulissipo*, composta por aquele galante, e elegante cortesão português Jorge Ferreira de Vasconcelos: (...) ²

Também António de Noronha, na «Advertência ao Leitor» da *Ulissipo*, mencionou que a obra foi publicada pela primeira vez quando «o Autor já se encontrava nesta cidade ao serviço d’el-Rei». Não sabemos de que cidade se trata, mas conhecia Lisboa muito bem, como está explícito na *Ulissipo*, e nesta cidade, ou noutras, onde o rei permanecia, fazia parte dos eleitos da corte. Além disso, o testemunho de Diogo de Teive sugere a sua adesão aos círculos culturais dos humanistas.

A formação de Ferreira de Vasconcelos processou-se durante o reinado de D. João III (1521-1557), monarca que favoreceu o contacto com as correntes humanísticas que circulavam além-fronteiras, desenvolvendo uma política cultural caracterizadora do seu tempo. A corte foi um dos centros

¹ Diogo de Teive foi preso e condenado pela Inquisição por ter em sua posse livros proibidos de autores heréticos, entre eles, Calvino. MARTINS, M. T. E. P. (2001), *A censura literária em Portugal nos sécs. XVII e XVIII*. Tese de Doutoramento. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 129.

² *Ulissipo*, p. 70. Todas as páginas citadas do texto da *Ulissipo* são as da presente edição.

privilegiados para a discussão e divulgação das novas ideias ali partilhadas por humanistas, nacionais e estrangeiros, como André de Resende, Diogo de Teive, Sá de Miranda, Damião de Góis, Jorge Buchanan, Nicolau Clenardo.

Porém, o desenvolvimento do humanismo em Portugal sofreu uma nova orientação com o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício, a adesão às regras emanadas do Concílio de Trento (1553), e à presença dos Jesuítas nos estabelecimentos de ensino. Esta mudança significou a passagem de um humanismo cristão, inspirado nas ideias de Erasmo de Roterdão, para um humanismo católico de acordo com os princípios determinados pelo Concílio de Trento¹. A partir da segunda metade do séc. XVI, esta mudança reflectiu-se em todo o pensamento mental e cultural.

Jorge Ferreira de Vasconcelos foi contemporâneo destes dois momentos: fez a sua formação durante a primeira metade do séc. XVI e deu início à publicação da obra na segunda metade, quando a política cultural se orientava já pelos princípios da contra-reforma.

A primeira publicação de Jorge Ferreira de Vasconcelos, a *Comédia Eufrosina*, surge precisamente em 1555, obtendo muito sucesso junto do público, como revelam as suas sucessivas reedições². Seguiu-se-lhe a *Ulissipo*, cerca de 1561, retirada ao leitores no mesmo ano da edição. No *Index* de 1561, mandado publicar pelo Cardeal Dom Henrique, está presente a *Ulissipo*, no de 1581, a *Eufrosina*. As obras permanecem no *Index Auctorum Damnatae Memoriae*

¹ SILVA DIAS (1969), *A política cultural de D. João III*, v. I, p. 17-64; v. II, p. 868 e seguintes.

² ASENSIO (1951), p. VII.

de 1624, ressaltando-se a edição da *Ulissipo* de 1618, de Lisboa, e as da *Eufrosina*, posteriores à mesma data. Ambas as comédias foram consideradas obras de cariz licencioso, tipo de obras sobre as quais a Inquisição fez incidir as penas mais severas, incluindo a destruição pelo fogo¹. Deste modo, exemplares da *editio princeps* da *Eufrosina* foram salvaguardados porque transitaram para Espanha, sendo esta comédia reeditada por Francisco Rodrigues Lobo (1616)², mas o mesmo não aconteceu com a primeira edição da *Comédia Ulissipo*, que desapareceu completamente. A primeira edição da *Comédia Aulegrafia* também se perdeu, cuja publicação se estima entre 1569 e 1578³.

Nos *Indices*, as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos estavam lado a lado com outras obras de referência. É o caso não só das *Celestinas*, a *Tragicomédia de Calisto e Melibea*, de Fernando Rojas, e da *Ressurreição de Celestina*, atribuída a Feliciano Silva; mas também da obra de Erasmo, que figurou em todos os *Indices* proibitórios e expurgatórios, do primeiro ao último⁴, o que atesta a sua grande divulgação em Portugal⁵. Na verdade, para a forma e para o conteúdo das comédias, Jorge Ferreira de Vasconcelos inspirou-se nas duas *Celestinas*; mas, de Erasmo⁶, reteve o espírito da sua obra, privilegiando as

¹ MARTINS (2001), *op. cit.*, p. 187.

² ASENSIO (1951), p. VIII.

³ Sobre este assunto ver: SUBIRATS (1982), *Visages*, I, p. 22-28.

⁴ MARTINS (2001), *op. cit.*, p. 143.

⁵ PINA MARTINS (1973), *Humanismo e Erasmismo*, p. 33-37.

⁶ Subirats (*Visages*, II, p. 404-411) defende que Jorge Ferreira de Vasconcelos não era erasmista, porque não citava nem mostrava estar directamente ligado às obras do filósofo de Roterdão. Admite, porém, que existiam semelhanças entre ambos nos valores morais e nas escolhas literárias.

ideias, que se reflectem na religião interior, no livre arbítrio, na fidelidade aos Evangelhos, no pacifismo, na sátira religiosa, social e política. Utilizando a realidade nas suas comédias, manuseando com mestria diversos níveis de língua para as personagens que criou, Jorge Ferreira de Vasconcelos serve-se da sátira para apontar caminhos de virtude, ainda que sejam utópicos para o tempo.

Apesar do reconhecimento público, Jorge Ferreira de Vasconcelos não assinou¹ as obras que editou. No epigrama², Diogo de Teive afirmou que o Autor assim procedia, sugerindo ao leitor uma atitude de humildade; porém, podemos provavelmente acrescentar que Ferreira de Vasconcelos terá tido consciência do risco que corria ao escrever e publicar as suas obras de inspiração erasmiana.

A pena da Inquisição que pesou sobre a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos foi extremamente severa e eficaz: retirou todos os exemplares da primeira edição das comédias, *Eufrósina*, *Ulissipo* e *Aulegrafia*, e apagou quase todos os dados biográficos do autor.

Podemos, porém, afirmar, pelo estudo da obra, que Jorge Ferreira de Vasconcelos foi um homem que viveu na corte, possuiu cultura de feição humanística, conviveu nos círculos culturais da época, e dominou recursos

¹ Na mesma página do epigrama, antecedendo-o, pode ler-se: «Jorge Ferreira de Vasconcelos não pôs nunca seu nome em nenhum dos livros que compôs e por esta razão se lhe fizeram há muitos anos estes versos».

² «(...) *Tu bone Ferreri uicturis nomina chartis, / Non tua subscribis, sed latitare cupis. (...) Nil agis, insequitur fugientem fama sequentem, / Aufugit ad superos, et uolat alta polos*».

literários renascentistas. Sempre atento à sociedade do tempo, usou a língua portuguesa para a caracterizar, mostrando aos seus contemporâneos que esta merecia lugar cimeiro ao lado da castelhana e da latina; legou-nos uma obra ímpar, sem seguidores.

2. A *Comédia Ulissipo* no contexto da obra do Autor

A tradição atribuiu a Jorge Ferreira de Vasconcelos uma obra mais vasta do que aquela que chegou até nós.

Barbosa Machado faz referência a duas obras que são apenas mencionadas na *Bibliotheca Lusitana*¹. Mas há outras, hoje desconhecidas, sobre as quais existem alguns testemunhos indirectos. Estão neste caso os *Triunfos de Sagrador*, um romance de cavalaria, publicado em 1554 e indicado, pelo menos, em dois catálogos bibliográficos², mas do qual se perdeu o rasto. E também a segunda parte do *Memorial da Távola Redonda*, mencionada na «Advertência ao Leitor»³ da *Ulissipo*, com a notícia da sua publicação a seguir à desta comédia; contudo, não existe a confirmação de que a segunda parte do *Memorial* tenha sido editada.

Da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, subsistiram três comédias em prosa: a *Comédia Eufrosina* (1555), a *Comédia Ulissipo* (anterior a 1561-1618, 2.^a edição), a *Comédia Aulegrafia* (?-1619, 2.^a edição); e um romance de cavalaria,

¹ *Vd.*: BARBOSA MACHADO, II, p. 806 b; Subirats (1982), *Visages*, I, p. 30.

² ANSELMO, A. J. (1926), *Bibliografia das obras impressas em Portugal no séc. XVI*. Lisboa (tem o n.º 62); CARVALHO, J. M. (1867-1868), *O Conimbricense*, «Apontamentos para a história da tipografia em Coimbra, desde a sua fundação nesta cidade em 1531 até ao presente» (n.ºs 2080-2196).

³ *Ulissipo*, 70.

o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* (1567)¹.

2.1 A *Comédia Ulissipo*: género dramático fictício

A *Comédia Ulissipo* é uma longa comédia em prosa. Em obras deste cariz, a acção dá lugar à análise e a descrição, à caracterização das personagens e dos ambientes, à divulgação de ideias e de conceitos. As longas falas proferidas pelas personagens impossibilitam a captação da mensagem pelo espectador mais atento. Com efeito, trata-se de uma obra mais propícia à leitura individual, de gabinete, do que à representação perante o público, num anfiteatro, na qual Jorge Ferreira de Vasconcelos utiliza um género dramático fictício, já usado por autores clássicos como Séneca (séc. I d. C.) nas tragédias. A presença dos clássicos é uma constante. Está escrita em latim e em castelhano.

* * * * *

¹ Sobre as diferentes edições das obras de Jorge Ferreira de Vasconcelos, consulte-se: SUBIRATS (1982), *Visages*, I, p. 29-42; ASENSIO (1951), *Eufrósina*, p. LXXXIX-XCIII; a introdução de PALMA-FERREIRA (1998) ao *Memorial das Proezas*.

2.2 A influência clássica

2.2.1 A comédia nova grega e o cânone aristotélico

Segundo o cânone aristotélico do teatro antigo, a peça está dividida em cinco actos, tendo cada acto um mínimo de sete e um máximo de nove cenas. Inicia-se pelo prólogo, que tem como personagem um deus, Mercúrio, como acontecia no teatro de Plauto. Mercúrio introduz o argumento da peça depois de realçar que esta foi escrita segundo as normas da comédia nova grega, a qual foi muito imitada pelos autores romanos, tal como a comédia média.

(...) Querendo pois os poetas sustentar o fruto da sua invenção, em tempo que Alexandre Magno prosperava, ordenaram a comédia nova, mais comedida, menos odiosa, de gente não poderosa, de mais gosto geralmente, sentenceosa, agradável, e de muito aviso: ãa imitação de vida: espelho de costumes, e imagem do que nos negócios passa; per estilo humilde e chegado à prosa, qual vos ora pretendemos mostrar. (...) ¹

2.2.2 Influências directas: intertextualidade

Todavia, a matéria clássica está presente de muitas outras formas. Além do conhecimento directo de duas peças de Plauto e de duas de Terêncio², esta

¹ *Ulissipo*, p. 75-76.

² PLAUTO, *Asinaria* e *Os Dois Menecmos*; TERÊNCIO, *O homem que se puniu a si mesmo* e *O Eunuco*. Existem traduções portuguesas, editadas pela Universidade de Coimbra. Subirats (*Visages*, I, p. 62-83) estabelece a colação destas peças com a *Ulissipo*.

presença revela-se através do uso de nomes de deuses, de autores gregos e latinos, e de figuras históricas. Os nomes próprios Vénus, Juno, Mercúrio, Homero, Sócrates, Platão, Menandro, Terêncio, Cícero, Horácio, Séneca, Juvenal, Vitrúvio, Alexandre Magno, Cipião, muitas vezes citados, conferem autoridade ao texto só por si; porém, são também evocados na peça a cada passo, a propósito de exemplos e sentenças. Estes exemplos e sentenças, muitas vezes abonatórios de erudição, eram retirados de selectas que circulavam nos meios literários, como a *Officina* de Ravísio Textor ou os *Apotegmas* de Plutarco¹. Chama particularmente a atenção o mito Poro e Pénia, narrado por Platão², e citado por Parasito no acto terceiro, cena sexta da *Ulissipo*.

Por outro lado, são frequentes os provérbios, máximas e referências bíblicas usados numa outra perspectiva, reflectindo a presença do quotidiano quinhentista.

2.2.3 Os nomes das personagens

Os nomes das personagens, todos com origem grega e latina, têm por étimo alguns já utilizados por autores antigos, como Glicéria³, outros, sendo de matriz clássica, foram frequentemente atribuídos pelo Autor de acordo

¹ SUBIRATS (1982), *Visages*, II, p. 248; ASENSIO (1951) *Eufrosina*, p. XX-XXI.

² AZEVEDO, M. T. S. (1991), *O Banquete* de Platão. Lisboa, Edições 70, 2.^a ed., 203 d e seguintes.

³ MEDEIROS, W. (1988), *A moça que veio de Andros* de Plauto. Coimbra, CECH-INIC, acto I, cena primeira.

com o desempenho de cada uma na peça. É o caso de Costança d’Ornelas, de Ulissipo, de Parasito, de Crisófilo, Grácia, Florença. Costança, por exemplo, proveniente do substantivo latino *constantia*, significa firmeza, constância, identificando o firme propósito da personagem de levar a cabo os projectos amorosos dos jovens sem o conhecimento dos pais; Florença, um outro exemplo, provém da forma neutra do participio presente da forma verbal *florere*, significando, que floresce, na flor da idade.

2.2.4 A lei das três unidades

A estrutura da comédia não obedece à lei das três unidades: tempo, espaço e lugar. O espaço é muito diversificado, situando-se em vários locais da cidade de Lisboa e nos seus arredores, dentro de casa e ao ar livre. A intriga é complexa, não se sobrepondo uma acção a todas as outras. O tempo é difuso, verificando-se alusões a épocas do ano (espaço de uma semana, Páscoa, finais do verão, vindimas) ou a dias da semana (Sábado), sem contudo se poder estabelecer limites temporais. No entanto, o tempo do discurso muitas vezes corresponde ao tempo real. Nos diversos actos, são frequentes as cenas em que as longas falas das personagens excedem os critérios apresentados por Aristóteles, no que respeita aos textos dramáticos. A título de exemplo, podemos citar o longo diálogo de Ulissipo e Filotecnia no acto primeiro, cena primeira. Por outro lado, os assuntos debatidos são

apresentados segundo a fundamentação retórica de origem escolar, isto é, expressando uma tese e a sua antítese. É o que se verifica no acto quinto, cena segunda, a propósito da descrição do “bom namorado”.

Além disso, tal como no teatro antigo não existia o que se designa por “quarta parede”¹, isto é, havia uma comunicação activa entre actores e público, também no teatro de Jorge Ferreira de Vasconcelos há este tipo de comunicação directa, com os apartes. São bem exemplo disso os apartes de Ulissipo no acto terceiro, cena primeira, e também os de Barbosa, no acto primeiro, cena quinta.

A peça termina termina com a fórmula final des peças do teatro romano: *Vos valete et plaudite...*

2.3 Outras fontes

Além das fontes antigas referidas, Jorge Ferreira de Vasconcelos conhecia de muito perto a primeira e a segunda *Celestina*, a *Tragicomédia de Calisto e Melibea*, atribuída a Fernando Rojas, e a *Ressurreição de Celestina*, de Feliciano Silva; conhecia também a comédia *Vilhalpandos* de Sá de Miranda. No que respeita aos textos castelhanos, as referências directas às peças, as afinidades entre as personagens, sobretudo entre *Sevillana* e Costança, e os tópicos literários como o elogio do vinho feito por Parasito no acto terceiro,

¹ INGARDEN, R. (1979), *A Obra de Arte Literária*. Lisboa, F. C. G., p. 420 e 433.

cena sexta, aproximam os textos entre si. Por outro lado, na mesma cena, as personagens Múcio e Companheiros identificam-se com os rufiões da literatura picaresca espanhola, já presentes em ambas as comédias de título *Celestina*. No que respeita à comédia *Vilhalpandos* de Sá de Miranda, as semelhanças entre esta e a *Ulissipo* situam-se no meio social focado em ambas, nas personagens e no uso de fontes clássicas comuns. Os velhos Ulissipo e Astolfo lembram Pompónio e Mário, nas atitudes para com os respectivos filhos e mulheres. Além disso, na *Ulissipo*, possivelmente através de florilégios, está subjacente o conhecimento de outros textos dramáticos ou não da antiguidade. Do mesmo modo, Jorge Ferreira de Vasconcelos revela-se um seguidor da tradição vicentina, no que diz respeito ao conhecimento a à análise sociais, e, sobretudo, à concepção das personagens-tipo.

2.4 A intriga

Como Mercúrio afirma, no prólogo, a *Ulissipo* é comédia de costumes «ũa imitação da vida»; a intriga retrata o meio social da Lisboa quinhentista, tornando-se, deste modo, um testemunho de grande valor documental. Através de digressões, o Autor faz a paródia aos poetas do seu tempo (Garcilaso) a também dos cancioneros peninsulares (Juan Rodriguez del Padrón, Juan de Mena, Garci Sanchez, Encina, Boscán¹). Faz ainda paródia à literatura, em poesia e prosa, e

¹ DIAS, A. F. (1978) , *O Cancioneiro Geral e a poesia peninsular de quatrocentos. Contactos e sobrevivência*.

utiliza o burlesco nas cenas dos rufiões. A paródia está bem presente no acto segundo, cena oitava, quando Alcino reproduz a conversa que mantivera com Costança d’Ornelas a Otonião e Régio. Nesta cena, Jorge Ferreira de Vasconcelos introduz o discurso directo.

São muito frequentes os tópicos literários: o tema do amor, sobretudo a força do amor sincero, a mulher e a sua situação social; a contenda das armas e das letras, o primado dos homens de leis. Um outro tema muito versado é o da religião cristã, não do ponto de vista dos textos sagrados, mas na sua vivência quotidiana e social. É o que se verifica no acto segundo, cena sétima, no diálogo entre Parasito e Barbosa.

A cumplicidade com o público, mediante os apartes já referidos, nota-se também através das onomatopeias e da linguagem gestual que se subentende¹. As primeiras são particularmente evidentes na cena da desordem em casa de Florença e Macarena; a segunda, na cena de imitação de Costança d’Ornelas pelos rapazes, e também no final da peça na cena dos namorados.

A vida quotidiana do séc. XVI reflecte-se no comportamento das personagens e no retrato social que o Autor nos dá a conhecer: a maneira de vestir, as composições poéticas da moda, as romarias, as superstições religiosas, as idas ao paço, os locais frequentados da Lisboa quinhentos, a correspondência, os jogos, a caça, referências aos descobrimentos, relacionadas com Mazagão, Mina e Diu. São apresentados diante dos nossos olhos não só diferentes estratos da sociedade, mas

Coimbra, Livraria Almedina.

¹ INGARDEN, R. (1979), *op. cit.*, p. 413.

também tipos sociais que a compunham – a alcoviteira, o parasita, os rufias. Para a caracterização destas personagens, Jorge Ferreira de Vasconcelos utiliza a técnica do retrato, quer físico, quer psicológico. No entanto, o Autor descreve ainda outros tipos e grupos sociais como os viajantes pretensiosos, os falsos cristãos, os judeus, os advogados dolosos, mediante etopeias.

Segundo António de Noronha, a nova edição da *Ulissipo* é em tudo igual à primeira, excepto no que se relaciona com a transformação da personagem Costança d’Ornelas de beata em viúva¹. Ulissipo é o chefe da família, em torno da qual se vai desenrolar toda a peça, mas, ao mesmo tempo, é o nome da cidade onde se situa o meio social em que decorre a acção. A duplicidade de planos em contraste é uma constante em toda a obra, quer na própria estrutura da peça, onde surgem, por exemplo, situações como a do casamento e casos extraconjugais (Ulissipo e Astolfo), os amores lícitos e proibidos (Glicéria e Tenólvia) e os amores ilícitos e consentidos (Ulissipo e Astolfo); surge também de forma evidente na concepção de algumas personagens que se identificam e completam: dois velhos (Ulissipo e Astolfo), duas matronas (Filotecnia e Soliza), duas jovens (Tenólvia e Glicéria), dois amantes (Régio e Otonião), dois galantes (Fileno e Alcino), dois criados (Barbosa e Fragoso).

Outras personagens, como a *Sevillana*, o Parasito e Costança d’Ornelas, são tipos sociais do tempo. A *Sevillana*, no papel de alcoviteira, é a representante do idioma de Castela, que marca presença na vida e na literatura portuguesas da

¹ *Ulissipo*, p. 70.

época. O Parasito, como o próprio nome da personagem indica, vive bem à custa do auxílio que lhe prestam; tem grande orgulho em si próprio, procura agradar a todos e retribui com composições poéticas, acompanhadas à viola. De visão perspicaz, crítica, de forma subtil, a sociedade do tempo, ao definir e exemplificar seis dos sete pecados mortais da religião cristã, aos quais acrescenta mais um, a mercancia (centrada na escravatura). A luxúria, se bem que não esteja incluída nesta enumeração, está representada, ao longo de toda a comédia, pelo procedimento de Ulissipo e Astolfo; e de forma implícita, está também presente em Lisboa, uma vez que estas personagens caracterizam a sociedade cortesã da cidade. Costança d’Ornelas, designada beata na primeira edição e viúva, na segunda, mantém, todavia, o comportamento de beata e de alcoviteira. É uma figura obscura, afirma-se protectora de órfãs e é a medianeira dos amores de Glicéria e Otonião e de Tenolvía e Régio; a pedido de Filotecnia e Soliza, é interveniente nos casamentos destas, os quais procura refazer mediante superstições religiosas.

2. 5 Estilo e linguagem

Esta comédia apresenta marcas estilísticas específicas e inovadoras. Jorge Ferreira de Vasconcelos é um defensor acérrimo do português, que contrapõe ao castelhano, língua preferencial da corte, ou ao latim, língua de cultura. Ao afastar o português do castelhano e do latim, conferindo-lhe, muito embora, o estatuto de

língua românica, o Autor atribui-lhe identidade própria como marca patriótica e, na esteira de Fernão de Oliveira, João de Barros, António Ferreira, partilha a defesa da língua pátria como reduto da identidade cultural. Nesta peça, a língua castelhana e as expressões latinas são utilizadas com características sociais (a *Sevillana*, os advogados, os cristãos). Mantendo a mesma linha de pensamento, o Autor faz corresponder a cada estrato social o nível de língua apropriado, que, consoante as personagens, ora se aproxima da linguagem da rua, plena de provérbios, ora está próxima da linguagem culta da corte; esta linguagem é enriquecida com citações e máximas de autores da antiguidade clássica, ou com referências a poetas ou composições poéticas dos cancioneros ibéricos. Mas a característica mais marcante da produção literária deste Autor é a valorização da língua portuguesa, que realiza com objectivos políticos, fazendo o contraponto com a língua castelhana e com o latim. Os jogos de palavras, os antónimos, os provérbios, as máximas, os exemplos, a organização das falas segundo os modelos da retórica antiga enriquecem e revelam um estilo marcado pela diversidade.

2.6 Jorge Ferreira de Vasconcelos e o pensamento de Erasmo

No acto quinto, o final desta extensa comédia é inesperado. Jorge Ferreira de Vasconcelos, colocando de parte a crítica, apresenta a sua filosofia de vida e ideais, tal como já tinha feito na *Eufrósina*.

Na última cena da *Ulissipo*, é-nos revelado o destino das personagens

principais, algum tempo depois de ele já se ter realizado. As duas jovens, Glicéria e Tenolvia, casaram-se com Otonião e Régio contra a vontade do pai e a seu próprio gosto; Hipólito ficou com Florença e casará com ela, tendo o pai que aceitar a decisão dos filhos, quando tomar conhecimento delas, porque assim terá sido feita a vontade de Deus. Os criados governaram as suas vidas, à conta dos seus amos. Parasito continuará a viver com as suas poesias à custa dos outros, conhecendo os homens como nenhum. As outras personagens mantêm o percurso definido ao longo da peça; do mesmo modo se mantêm as questões sociais e institucionais. Mas os jovens tomam na sua mão o seu próprio destino, ao usar de livre arbítrio para decidir o futuro; para eles tudo termina em bem, estando subjacente a ideia de felicidade. Para os jovens, os valores morais são mais importantes do que os sociais ou institucionais; a religião interior é mais importante do que as atitudes religiosas exteriores.

Se associarmos a estas ideias a sátira social e religiosa patente na peça, defendidas já pelos humanistas de quatrocentos, verificamos que todas estas questões foram defendidas e sistematizadas por Erasmo na sua obra. Jorge Ferreira de Vasconcelos não cita Erasmo directamente, nem o poderia fazer, pelos motivos atrás referidos; mas o espírito da obra deste humanista e os seus ideais estão subjacentes à concepção da *Ulissipo* e também da *Eufrosina*.

Parte - II

Comédia Ulissipo: tradição e edição crítica

1. A tradição editorial da *Comédia Ulissipo*: inventário das edições

A *Comédia Ulissipo* foi editada pela primeira vez em 1561¹ ou em data anterior. A data da *editio princeps* da comédia é desconhecida, visto que a Inquisição fez desaparecer todos os seus exemplares; no entanto, esta edição consta do *Index* de 1561², figurando também no final do *Index* de 1564³.

Aceitando o ano de 1561 como limite da publicação da 1.^a edição, constata-se que esta ocorreu simultaneamente com a 2.^a, ou mesmo com a 3.^a edição da *Comédia Eufrósina*, que datam, respectivamente, de Maio de 1560 e de Abril de 1561. O sucesso literário obtido pela *Eufrósina* pode ter encorajado o Autor à publicação de uma outra comédia e, apesar de ela ter sido pouco depois retirada de circulação, a expectativa de uma nova edição manteve-se entre os leitores, tal como revelam as palavras de António de Noronha, genro do Autor, no início da 2.^a edição da *Comédia Ulissipo*⁴: «Vai-vos a desejada Ulissipo emendada, e inteira (...)».

Assim, restam-nos duas edições póstumas da *Comédia Ulissipo*. A 2.^a

¹ António de Noronha, na «Advertência ao Leitor» da *Comédia Ulissipo*, p. 67, afirma que esta comédia foi editada em segundo lugar e a *Aulegrafia*, em terceiro, sendo, portanto a *Eufrósina* a primeira. Tanto Eugenio Asensio (*Eufrósina*, p. LXV) como Subirats (*Visages*, p. 39, nota 93) concordam com esta ordem de publicação.

² *Vd.* ASENSIO, p. LXXIV, nota 1 e SUBIRATS, I, p. 38, nota 93.

³ RÉVAH, I. S. (1960), *La censure inquisitoriale portugaise au XVI^e siècle*, v. I, Lisboa.

⁴ «Advertência ao Leitor», p. 70.

edição, da oficina de Pedro Craesbeeck¹, veio a lume em 1618, por iniciativa de António de Noronha, que afirma, no prólogo, que a nova edição da comédia está completa; portanto, esta seria equivalente à primeira, tendo sido apenas corrigidos os erros e transformada a personagem de Costança d'Ornelas de beata em viúva.

Vai-vos a desejada Ulissipo emendada, e inteira, e pôde isto assi ser facilmente, no mais que com Costança d'Ornelas mudar de trajo, pondo-se no seu próprio de viúva, renunciado o de beata, que profanado com seus fingimentos, e mau trato, usava individamente, que em todo o al é a que sempre foi.²

A 3.^a edição, de Bento José de Sousa Farinha³, foi impressa na oficina da Academia Real das Ciências, tendo por base o texto da 2.^a edição com muitas alterações e imperfeições⁴.

Não se conhecem manuscritos autógrafos de nenhuma das obras do Autor.

¹ Sobre Pedro Craesbeeck, consultar ALVES DIAS, J. J. (1996), *Craesbeeck - Uma dinastia de impressores em Portugal*. Lisboa, A.P.L.A., p. IX-XII.

² «Advertência ao Leitor», p. 70.

³ Sobre Bento José de Sousa Farinha, veja-se: CARVALHO, J. (1981), «Evolução da historiografia filosófica em Portugal até fins do séc. XIX» in *Obra Completa*. Lisboa, 2, p. 121-154.

⁴ Existem ainda duas edições parciais, editadas para servirem de base às duas representações, contemporâneas, de que há notícia da *Comédia Ulissipo*: a primeira teve lugar no Teatro Nacional, cerca de 1950, e a segunda, no Teatro da Trindade, em Dezembro de 1997. Por serem parciais, as edições referidas não foram incluídas neste estudo.

COMEDIA VLYSIPPO

DE
JORGE FERREIRA DE
Vasconcellos.

NESTA SEGUNDA IM-
pressão apurada, & correcta de algũs
erros da primeira.



Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA:
Na officina de Pedro Craesbeeck,
Anno M.DCXVIII.

Com Privilegio Real.

.

2. Os exemplares das edições existentes na Biblioteca Nacional

2.1 A edição de 1618

Existem três exemplares da edição de 1618 na Biblioteca Nacional, na secção de Reservados. Foram-me facultados dois exemplares para consulta, cujas cotas são: Res. 580¹ / Res. 581.

A descrição codicológica seguinte corresponde ao exemplar da cota Res. 581, o mesmo que foi utilizado para o estudo da edição do texto da comédia. A escolha deste exemplar baseou-se no facto de o Res. 580 apresentar intervenções posteriores feitas a lápis, de carvão e de cor vermelha, e também a tinta, sobretudo sublinhados de vocábulos menos usuais, e emendas dos erros referidos na errata. Este exemplar apresenta ainda mais marcas de utilização, e a encadernação mais danificada. Além disso, os dois exemplares, em formato *in octavo*, pertencem à mesma edição, como provam os erros e gralhas, pelo que se pode optar pela escolha de um ou outro.

¹ O exemplar Res. 580, que tem a cota F.1304, está microfilmado.

2.1.1 Suporte material

A encadernação (125x85 mm) é da época, original e feita em pasta de papel forrada a pele. Apresenta o título *Comedia Vlysippo* a dourado apenas na lombada em cima, no rótulo; existe uma lacuna no título, porque a lombada está danificada, embora unida à encadernação. Ornamentada por flores-de-lis, a lombada tem o número da cota em papel colado, em baixo.

O exemplar apresenta quatro folhas de guarda: uma no início e três no fim, as últimas em branco. No início, no verso da folha de guarda pode ler-se, escrito a tinta à mão:

Esta comedia Ulisippo etc. prometida etc. e pode
ler sem escrúpulo por ser da impressão de Lx.^a e
anno 1618.

Na página de título, lê-se:

*Comedia/ Vlysippo/ de/ Iorge Ferreira de/
Vasconcellos./ Nesta Segunda Im/pressão
apurada, & correcta de algũs/ erros da primeira./
Com todas as licenças necessárias./ Em Lisboa:/
Na officina de Pedro Craesbeeck/ Anno 1618./
Com Priuilegio Real./*

O papel, amarelado, apresenta muitas manchas de humidade e marcas de bicho de prata. Estas marcas são visíveis no cimo da folha, principalmente

a partir do fólho 96r até ao fim, e também a meio do texto, do fólho 225r até ao final, mas não impedem a leitura. Não apresenta marcas de água.

Na contraguarda, encontra-se também o número da cota em papel colado; na mesma página, está a cota escrita à mão a lápis: Reserv. 581 P.

A página de título apresenta uma vinheta no rosto e tem o *ex-libris* da Biblioteca Nacional a vermelho (sem a coroa) e, à mão, antes de «todas as licenças necessárias», está escrito a tinta preta: «Da livraria do Mosteiro de S Teotonio de Viana» e a respectiva cota, L 757. No verso, está escrito a lápis à mão, em cima: «Res (sublinhado) 581 P» e «ncb 392370 F 1304 N f.»

2.1.2 Paginação

O volume tem 278 fólhos, numerados de 1r a 278r, apresentando ainda uma folha de guarda no início e três no fim; antecedem o fólho 1 a página de título e outros três fólhos sem numeração, que contêm as licenças de publicação, bem como uma “Advertência ao Leitor” feita por António de Noronha, a que se segue o elenco das personagens da peça. Alguns fólhos têm a numeração errada: o fólho 59r exhibe o n.º 56, o fólho 98r surge apenas com o n.º 9, o fólho 99r mostra o n.º 96, o fólho 205r surge repetido, seguindo-se o 207r, o fólho 219r indica o n.º 216, seguindo-se o 220r, o fólho 256r, mostra o n.º 237, seguindo-se o fólho 257r.

2.1.3 Outras particularidades

Nas rubricas, a sucessão das cenas nos diversos actos encontra-se, por vezes, errada; assim, no fólio 21r, *acto I, cena primeira*, lê-se *cena segunda*; no fólio 75r, *acto II, cena primeira*, pode ler-se *cena segunda*; no fólio 82v, *acto II, cena segunda*, indica-se *acto I*; no fólio 97r, *acto II, cena quinta*, lê-se *cena segunda*; no fólio 105r, *acto II, cena sexta*, está indicada a *cena quarta*; no fólio 177r, *acto III, cena sétima*, lê-se *cena sexta*.

O livro termina com uma errata no final, na qual se apontam os principais erros ocorridos no corpo do texto. No entanto, existem ainda mais dois dignos de referência: no *acto II, cena sexta*, fólio 105r, no diálogo entre Régio e Alcino, há duas falas seguidas de Régio e, pelo contexto e seguimento da peça, nota-se que existe a omissão de uma intervenção de Alcino. Na cena seguinte, no fólio 107r, a ordem de apresentação das personagens está trocada, uma vez que se apresenta em primeiro lugar Parasito, mas a primeira fala é de Barbosa. Também no fólio 203v, *acto III, cena quinta*, não é indicada a personagem que recita o poema, mas facilmente se deduz que se trata de Hipólito¹.

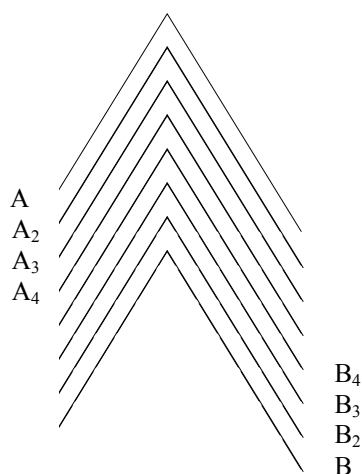
* * * * *

¹ *Vd.* p. 387.

2.1.4 Constituição dos cadernos

O volume é constituído por dezanove cadernos.

No corpo do texto, os cadernos são originais e formados por oito bifólios cosidos, estando as assinaturas marcadas por letras do alfabeto, em fim de página: A, A₂, A₃, A₄, permanecendo os seguintes quatro sem referência; seguem-se B, B₂, B₃, B₄, ficando os seguintes quatro sem referência, e assim sucessivamente. Terminadas as letras do alfabeto, nas quais estão incluídas o k, o y, as referências continuam do seguinte modo: Aa, Aa₂, Aa₃, Aa₄, permanecendo as seguintes quatro sem referência; seguem-se Bb, Bb₂, Bb₃, Bb₄, ficando os seguintes quatro sem referência, e assim sucessivamente até chegar ao fólio Mm₄, a que se sucedem mais dois fólhos com texto, não assinados. Neste exemplar permaneceram todos os cadernos, como provam as três folhas de guarda antes do final da encadernação.



Todos os cadernos

Apresenta reclamos nos fólhos, estando quase todos em conformidade, rosto e verso; mas no fólho 56v omite-se no texto o reclamo de 56r (*plata*), sucedendo o mesmo no fólho 101v, onde se suprime o reclamo de 101r (*malo*).

2.1.5 Plano de página e dimensões de suporte

A mancha de texto é constituída por uma coluna de 23 linhas, com as dimensões de 106X73 mm, contendo cada linha 30 ou 31 caracteres. Os caracteres têm 3 mm de altura, e o início de cada cena é introduzida por uma capitular filigranada a preto de cerca de 30 mm.

2.1.6 Estado de conservação

O exemplar utilizado encontra-se em bom estado de conservação e permite a leitura integral do texto. Não existem marcas de lápis ou tinta e não apresenta rasgões, lacunas ou quaisquer outras marcas de utilização.

**COMEDIA
VLYSIPPO
DE IORGE FERREIRA
DE VASCONCELLOS**

TERCEIRA EDIÇÃO
Fielmente copiada
POR

BENTO IOZE DE SOVSA FARINHA
*Professor Regio de Filozofia, e Socio da Aca-
demia Real das Sciencias de Lisboa.*



LISBOA
Na Offc. da ACADEMIA REAL DAS SCIENC.

ANNO MDCCLXXXVII.
Com licença da Real Mesa Censoria.

2.2 A edição de 1787

Na Biblioteca Nacional existem dois exemplares da edição de 1787 da *Comédia Ulissipo*. Têm as seguintes cotas: L. 5603 P. e L. 5430 P.¹.

A descrição codicológica seguinte diz respeito ao exemplar L. 5603 P., usado nesta edição, que apresenta o formato *in octavo*.

2.2.1 Suporte material

A encadernação (145x100 mm) é da época, feita em pasta de papel, e forrada a pele. No rosto, a encadernação encontra-se quase separada da lombada, unida somente a meio; na tentativa de resguardar a encadernação, nota-se um restauro feito de papel que se encontra rasgado. A lombada está ornamentada a dourado; em baixo, apresenta o número da cota colado em papel. No rótulo da lombada, o título está trocado; pode ler-se, em letras douradas: *COMEDIA EVFRO*, título da primeira comédia do Autor. Junto ao título, a lombada está danificada por um rasgão, que se prolonga até à parte superior da mesma.

Na página de título, lê-se:

¹ Há também o microfilme dos textos desta edição da comédia, com o número de catálogo F. 6383.

Comedia/ Vlysippo/ de Iorge Ferreira/ de Vasconcellos/ Terceira edição/ Fielmente copiada/ por/ Bento Iozé de Sousa Farinha/ Professor Regio de Filosofia, e Socio da Aca/demia Real das Sciencias de Lisboa./Lisboa/ Na Offic. Da Academia Real das Scienc./ Anno 1787./ Com licença da Real Mesa Censoria.

O papel está amarelado, mas em bom estado de conservação, sem lacunas, sem marcas de bicho de prata, embora o mesmo não aconteça com as folhas de guarda e a contraguarda, que se encontram manchadas e danificadas pelo mesmo bicho. Desprovido de marcas de água, o corpo do texto não tem sinais de lápis ou de tinta. Apresenta rasgões, que são marcas de utilização nas páginas 281, 283, 287.

Na contraguarda, o número da cota está escrito a lápis, estando a letra da cota, L., carimbada a tinta antiga azul.

Apresenta uma folha de guarda no início e outra no fim. Entre ambas as folhas de guarda e a contraguarda, encontra-se um restauro feito através de papel colado. No rosto da folha de guarda do início, pode ler-se escrito na vertical, em cima: P/6/78, traçado com um risco a lápis.

No rosto da página de título, o exemplar exhibe a marca do editor, a Academia das Ciências, e o *ex-libris* da Biblioteca Nacional, a preto com a coroa, por cima do escudo com as quinas; apresenta também a cota da Biblioteca Nacional com a letra L., carimbada a tinta azul antiga, com o número 5603, escrito a lápis. Junto ao *ex-libris*, a tinta acastanhada, está uma

rubrica onde se podem ler as letras AGC. Na primeira folha do texto, encontram-se escritos a lápis os números 170 94, na margem superior, no canto superior direito; por baixo, uma assinatura, também a lápis, onde se distinguem um F seguido de um S maiúsculos, sendo o restante ilegível. A assinatura está sublinhada.

2.2.2 Paginação

As páginas estão numerados de 3 a 376, em numeração árabe. A numeração tem início na “Advertência ao Leitor”, feita por António de Noronha, seguindo-se o elenco das personagens e o texto da *Comédia Ulissipo*. Na edição de 1787, são omitidas tanto as licenças de publicação da edição de 1618, que antecedem o texto da comédia, como a errata, que se localiza no final do texto.

Este exemplar tem, portanto, 376 páginas, mais duas folhas sem numeração no início, que antecedem a página 3, nas quais se encontram a página de título, e a folha de guarda, e no fim, ainda uma outra folha de guarda. Não existem erros de numeração nas páginas.

2.2.3 Outras particularidades

Nas rubricas, o número das cenas encontra-se, por vezes, trocado.

Assim, na página 215, *acto III*, lê-se *cena quinta*, mas corresponde à *sexta*; nas p. 243, 245, 247, do *acto III*, pode ler-se *cena sexta*, equivalendo à *sétima*; na p. 254, lê-se *acto III*, correspondendo ao *acto IIII*; na p. 255 do *acto IIII*, lê-se *cena sétima*, pertencendo à *segunda*; na p. 261 do *acto IIII*, lê-se *cena quarta*, correspondendo à *terceira*; nas p. 271 e 273 do *acto IIII*, pode ler-se *cena quarta*, mas pertence à *quinta*. Além disso, esta edição tem em comum com a de 1618 a ordem trocada da apresentação das personagens em início de cena, no *acto II*, *cena sexta*,

bem como no *acto IIII*, *cena quinta*, a ausência de indicação da personagem que recita o poema, que, no entanto se deduz, pelo contexto, que é Hipólito¹.

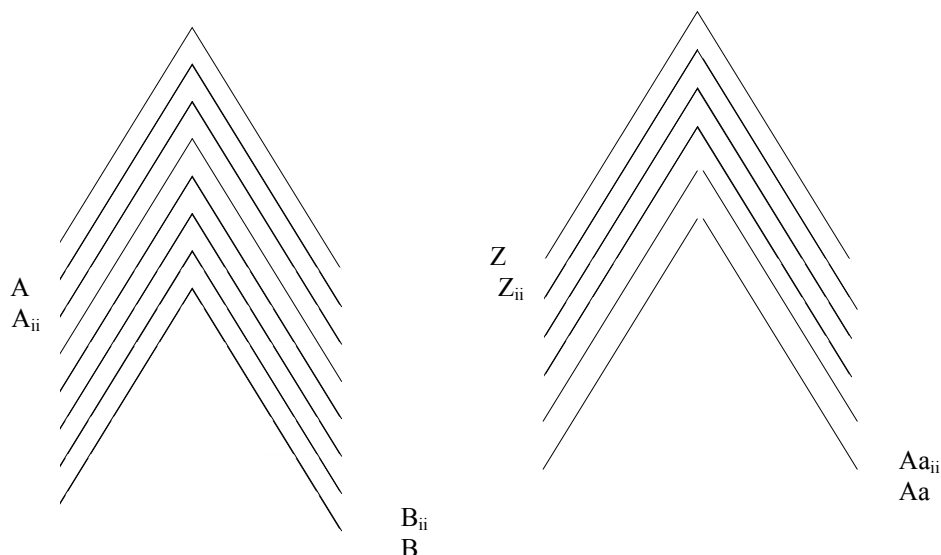
2.2.4 Constituição dos cadernos

Os cadernos são em número de doze, estando o décimo segundo incompleto; estão cosidos e são originais. O sétimo caderno com a letra N encontra-se descosido e quase todo separado da encadernação, excepto a folha 1.

No corpo do texto, os cadernos são formados por oito bifólios, estando marcadas as assinaturas por letras do alfabeto, em fim de página: A, A_{ii}, permanecendo os seguintes seis sem referência; seguem-se B, B_{ii}, continuando os seguintes seis sem referência, e assim sucessivamente, excepto

¹ Cfr. nota 1, p. 42.

no que respeita às letras J e V que não estão presentes. Terminadas as restantes letras do alfabeto, nas quais estão incluídas o K, o Y, as referências continuam do seguinte modo: Aa, Aa_{ii}, contando menos dois fólios o último caderno.



Todos os cadernos (excepto o último)

Último caderno

Os reclamos encontram-se quase todos em conformidade com o início da página seguinte.

2.2.5 Plano de página e dimensões de suporte

A mancha de texto é formada por uma coluna de 32 linhas, com as dimensões de 115x74 mm, contendo cada linha, em média, 36 a 40 caracteres, com a medida de 3 mm. O início de cena é ornamentado a preto com capital destacada; na primeira cena de cada acto, a capital mede 15 mm e, nas restantes, 10 mm.

2.2.6 Estado de conservação

O exemplar utilizado encontra-se em bom estado de conservação e permite a leitura integral do texto. Não existem marcas de lápis ou tinta, não apresenta rasgos, lacunas ou quaisquer outras marcas de utilização.

3. Edição de 1618: a base da edição crítica

Na análise comparativa das duas edições da *Comédia Ulissípo*, constatou-se que existem diferenças significativas entre ambas.

No início, a edição de 1787 omite as licenças de impressão necessárias à publicação da edição de 1618¹ e não mantém a errata no final, apresentando corrigidos dez dos dezasseis erros que nesta constam, no corpo do texto. Estão corrigidas as formas verbais *colher-lhe*² e *entrou*³, mas não estão emendados outros erros já expurgados na errata de 1618, por exemplo, não é substituído o adjectivo *bajoso* por *bajonjo*⁴.

Corrige ainda algumas gralhas da edição de 1618, por exemplo, o

¹ A edição de 1618 foi censurada pelo Ordinário, governo eclesiástico da diocese em que a obra se publicava; está incluída na primeira fase da censura em Portugal (1576-1768). A edição de 1787 foi censurada pela Real Mesa Censória, criada pelo Marquês de Pombal em 1768; pertence à segunda fase (1768-1787). Sobre este assunto ver: MARTINS, M. T. E. P. (2001), *op. cit.*

² *Vd.* nota 6, p. 73.

³ *Vd.* nota 13, p. 75.

⁴ *Vd.* nota 76, p. 135.

substantivo *ofício*¹ e o verbo *cuchichar*² e introduz no texto o substantivo *plata*³, mencionado apenas num reclamo da edição de 1618 e omitido no texto desta.

Por outro lado, a edição de 1787⁴ omite vocábulos que constam do texto da edição de 1618. É o que acontece com o adjectivo *malo*⁵, escrito no reclamo da página anterior e esquecido no início da seguinte, ou com o adjectivo *bons*⁶; a mesma situação se verifica com a expressão *sempre no campo*⁷, que reduz a *sempre campo*, ou com a expressão *dizer à mulher que a tinha*⁸, que restringe a *dizer à tinha*.

Mais graves ainda são outros erros que interferem não só no texto, mas também nos papéis atribuídos às personagens. Com efeito, como já foi referido na edição de 1618, no acto segundo, cena sexta, existem duas falas seguidas atribuídas a Régio⁹. Entre ambas as falas deve faltar uma atribuída a Alcino, uma vez que as restantes falas da mesma cena fazem todas sentido no que diz respeito à evolução dos papéis das personagens. Na edição de 1787, o editor atribui a Alcino a segunda fala de Régio, o que vai alterar completamente a estrutura dos papéis das personagens. Assim, na edição de 1787, é Alcino que se revela apaixonado e que pede a Régio que interceda a favor da sua paixão por Tenolvia junto de Costança d'Ornelas, quando, no

¹ *Vd.* nota 5, p. 73.

² *Vd.* nota 18, p. 81.

³ *Vd.* nota 103, p. 159.

⁴ Na folha de título da 3.^a edição, refere-se que esta foi «fielmente copiada» por Bento José de Sousa Farinha, *vd.* p. 50.

⁵ *Vd.* nota 168, p. 229.

⁶ *Vd.* nota 225, p. 311.

⁷ *Vd.* nota 184, p. 243.

⁸ *Vd.* nota 384, p. 481.

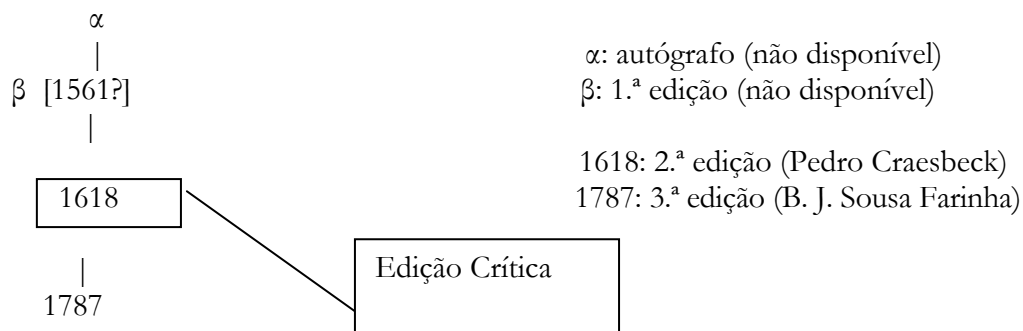
⁹ *Vd.* nota 174, p. 234.

decorrer da peça, é Régio que está apaixonado por Tenólvia e é Alcino que se dirige a casa de Costança d’Ornelas como intermediário do amor de Régio.

Na edição de 1787, e ainda no que respeita às personagens, há mais três situações que é necessário mencionar. A primeira situa-se no acto quarto, cena segunda e refere-se a uma fala de Costança¹ que esta edição atribui a Otonião, embora a edição de 1618 apresente a correcção em errata. A segunda ocorre no acto quarto, cena quinta, quando é omitida a fala da medalha² num diálogo entre Fileno e Hipólito, perdendo-se a lógica do texto, não se sabendo sobre o que falam as personagens. Logo a seguir, no mesmo acto e na mesma cena, uma fala de Régio³ é atribuída a Hipólito.

Deste modo, na edição de 1787 da *Comédia Ulissípo* não estão corrigidos todos os erros presentes na errata da edição anterior. Por outro lado, os erros de impressão e as omissões apresentadas deturpam o texto, modificam o seu significado e tornam, muitas vezes, difícil a compreensão. Assim, a lição seguida para esta edição tem por base o texto de 1618 da *Comédia Ulissípo*.

O estema da tradição impressa é o seguinte:



¹ *Vd.* nota 291, p. 361.

² *Vd.* nota 309, p. 379.

³ *Vd.* nota 310, p. 379.

4. A edição crítica

4.1 Critérios de edição

A presente edição da *Comédia Ulissipo* pretende atingir um público mais vasto do que o universitário, apresentando por isso um carácter regularizador e modernizante. Tanto em português, como em castelhano, a grafia do texto foi regularizada, salvo quando as características fonéticas e morfosintácticas da língua da época pudessem sofrer alteração por interferência da modernização gráfica; por exemplo, a forma verbal *veremos*, infinito flexionado por *vermos*, tem que levar um acento (*vêremos*) sob o risco de o leitor moderno a interpretar como a 1.^a pessoa do plural do futuro do indicativo do verbo *ver*. Deste modo, tendo em conta o estilo do Autor, no qual a valorização da língua portuguesa é uma constante, mantiveram-se as grafias e estruturas que atestassem valor linguístico e estilístico, regularizando, na maior parte dos casos, as oscilações gráficas em conformidade com a forma presente no texto mais próxima da que é admitida pela norma actual. São, no entanto, conservadas oscilações como *merencorea* / *menencoria* / *melanconia* / *malanconia*, na medida em que atestam a coexistência, à época, de formas alternativas para uma mesma palavra.

Aplicado o critério geral, consideraram-se ainda os seguintes aspectos

particulares:

A. Normas para o texto em português

A.1 Vocalismo

- a) Vogais elididas: não foram restituídas as vogais elididas, mas foi indicada a sua ausência por sinalefa em situação de encontro vocálico intervocabular tanto no texto em prosa como no texto em verso (ex.: *té'gora*, *d'outra*, *outro di'al ter*). Com a presença da sinalefa no texto, pretende-se criar uma leitura mais fluente, mais próxima da oralidade.
- b) Vogais duplas: foram reduzidas a simples, mesmo sendo de origem etimológica, em conformidade com o uso moderno, porque, na época, estavam já resolvidos os hiatos decorrentes da queda de vogais em posição intervocálica, tal como atestam as formas *ver* (< VIDERE) e *mercê* (< MERCEDE-) que surgem no texto. Os valores de marca de acentuação ou de abertura da vogal são notados no texto pelos acentos convenientes: *filboos* > *filbós*, *fee* > *fě*.
- c) Vogais nasais: foram assinaladas de acordo com a norma actual. O til que marca a vogal < u > nos vocábulos *hũa* > *ũa* manteve-se, visto que seria esta a pronúncia da época e, em alguns registos de oralidade, esta pronúncia ainda hoje se mantém. Mas, na palavra *hũ* > *um* o til foi desenvolvido, já que não envolve alteração fonética. No que respeita às terminações nasais, foi regularizada a distinção entre *-ão* em posição tónica

e -*am* em posição átona: *tam* > *tão*, *Otoniam* > *Otonião*¹, *quebrão* > *quebram*.

- d) As letras < y > e < v > com valor vocálico ou semi-vocálico são transcritas por < i > ou < u >: *Vlysippo* > *Ulissípo*.

A.2 Consonantismo

- a) Consoantes simples: são conservadas ou uniformizadas consoante o uso moderno: *quizerdes* > *quiserdes*, *descaçada* > *descansada*.
- b) Consoantes fricativas: eliminaram-se as confusões gráficas decorrentes da neutralização da oposição fonológica entre fricativas apico-alveolares e pré-dorso-dentais: *çapato*, > *sapato*, *impresa* > *impressa*, *tezouro* > *tesouro*.
Foram também eliminadas as confusões gráficas existentes na notação da palatal sonora: *geitos* > *jeitos*, *sogeição* > *sojeição*.
- c) Consoantes mudas: a consoante muda < h > foi eliminada ou reposta de acordo com a norma actual: *hũa* > *ũa*, *avia* > *havia*, *ora* > *hora*.
- d) Consoantes geminadas e grupos consonânticos: foram simplificados e as grafias cultas foram mantidas ou simplificadas em conformidade com o uso moderno: *Athenas* > *Atenas*, *apprazer* > *aprazer*.
- e) A letra < u > com valor consonântico foi transcrita por < v >: *vuas* > *vas*, *viuno* > *viúvo*.

¹ A forma Otonião é um hápax no texto. Surge no acto IV, no início da cena primeira, a identificar as personagens que vão representar: Otonião e Régio.

A.3 Abreviaturas: foram sempre desenvolvidas: *côdição* > *condi*^{ção}, *q* > *que*. A abreviatura *e. c.* Conserva-se, mas segundo a forma actualmente usada *etc.*

A.4 Acentuação: aplicaram-se os sinais de acentuação aceites pela norma actual nas palavras proparoxítonas e oxítonas, e apenas os necessários nas formas desusadas para evitar ambiguidades ou indicar a pronúncia: *compos* > *compós*, *vem* > *vém*, *ereis* > *éreis*, *andaveis* > *andáveis*, *Gliceria* > *Glicéria*, *Mercurio* > *Mercúrio*, *Gracia* > *Grácia*, *souberemos* > *soubéremos* (futuro do conjuntivo), *chegaremos* > *chegáremos* (infinito flexionado).

A.5 Pontuação: foram usados os sinais de pontuação necessários para uma leitura acessível do texto. O discurso directo, dentro das falas das personagens, foi indicado por um travessão.

A.6 Maiúsculas: foi adoptado o sistema actual de distribuição de letras maiúsculas.

A.7 Conjecturas: foram conjecturadas duas palavras, que surgem marcadas por [], em locais onde a sua ausência pareceu evidente, sendo o facto assinalado em nota.

B. Normas para o texto em castelhano

B.1 Vocalismo

- a) As vogais foram transcritas de acordo com o uso actual.

B.2 Consonantismo

- a) As consoantes foram transcritas de acordo com a norma vigente castelhana.
- b) Consoantes mudas: a consoante muda < h > foi restituída de acordo com a norma actual: *ay* > *hay*, *oy* > *hoy*.
- c) Consoantes fricativas: nas formas em que o grafema < ç > representa a consoante fricativa pré-dorso-dental surda /s/ em vez do grafema < z >, característico do castelhano, conserva-se a forma do texto base como testemunho de época: *lengoniças* por *longaniças*.
- d) O grafema < ñ > é conservado, mas não restituído sempre que no texto ocorre < nh >: *señora*, *senhora*; *desengañada*, *desenganhada*.
- e) Grupos consonânticos: o dígrafo < ll > é conservado, mas não é restituído sempre que no texto ocorre < lh >, característico do português; o dígrafo < lh > é conservado como testemunho da interferência do sistema gráfico da língua portuguesa no da castelhana, típico da época: *llama*, *renzilhas*.

B.3 Abreviaturas: foram sempre desenvolvidas: *barbiponiēte* > *barbiponiente*.

B.4 Acentuação: aplicaram-se os sinais de acentuação aceites pela norma actual: *mas* > *más*, *mintio* > *mintiò*, *bariades* > *baríades*.

B.5 Pontuação: foram usados os sinais de pontuação necessários para uma leitura acessível do texto. Não foram introduzidos os sinais de exclamação e interrogação invertidos.

B.6 Maiúsculas: foi adoptado o sistema actual de distribuição de letras maiúsculas.

4.2 Texto crítico



Imagem aumentada da folha de rosto
da primeira edição da *Comédia Eufrosina* (1555).

COMÉDIA ULISSIPO

de

JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS

Nesta segunda impressão apurada, e correcta de alguns erros da primeira.

Com todas as licenças necessárias.

Em Lisboa

Na officina de Pedro Craesbeeck

Ano MDCXVIII

Com Privilégio Real

Taixa-se⁶⁶ este livro em oito vinteins⁶⁷ em papel. Em Lisboa a 24 de Abril de 618.

Machado, Gama.

⁶⁶ Taxa-se] Taixasse [*LA: forma do verbo taixar, variante arcaica de taxar (Houaiss), et passim.*]

⁶⁷ vinteins] vinteins [*LA: o substantivo vinteins é possivelmente uma forma popular oral, variante de vinténs, na qual se regista a grafia do ditongo, razão pela qual se conserva.*]

Licenças

Ao P. mestre Fr. Tomás de S. Domingos que veja esta Comédia Ulissipo, e informe com seu parecer. Lisboa 11. Dezebrom 617.

Bertolameu da Fonseca, António Dias Cardoso.

Frei Manoel Coelho, João Álvares Brandão.

Gaspar Pereira, Dom Francisco de Bragança.

Vi esta comédia chamada Ulissipo, composta por aquele galante, e elegante cortesão português Jorge Ferreira de Vasconcelos: e assim como está não tem impedimento pera se tornar a imprimir, antes está chea de mui vária lição, e excelente estilo, acomodado à matéria de que trata, e tem muitos lugares de proveitosa doutrina; e que bem merece andar nas mãos de todos os curiosos cortesões, por se ver nela a frase portuguesa em sua antiga pureza e perfeição, por onde me parece que se lhe pode dar a licença que pede. Em S. Domingos de Lisboa 18. de Dezebrom de 617.

Fr. Tomás de S. Domingos.

Ao P. mestre Fr. Francisco Guerreiro, que veja esta Comédia Ulissipo, e informe com seu parecer. Lisboa 20. Dezembro 617.

Bertolameu da Fonseca, António Dias Cardoso.

Frei Manoel Coelho, João Álvares Brandão.

Gaspar Pereira, Dom Francisco de Bragança.

Por mandado do conselho geral da Santa Inquisição vi com a diligência que pude a Comédia Ulissipo, que compôs Jorge Ferreira de Vasconcelos, em que não há cousa que impida a imprimir-se, antes me pareceu cortesã, e digna de andar nas mãos de todos, pelo que me parece que se lhe deve dar licença pera se imprimir. Em S. Francisco de Enxobregas, e de Janeiro oito de 618.

Fr. Francisco Guerreiro.

Vistas as informações pode-se⁶⁸ imprimir este livro da Comédia Ulissipo, e depois de impressa torne a este Conselho para se dar licença para poder correr e sem ela não correrá. Em Lisboa aos 10. de Janeiro. de 618.

Bertolameu da Fonseca. António Dias Cardoso.

Frei Manoel Coelho. João Álvares Brandão.

Gaspar Pereira. Dom Francisco de Bragança.

Imprima-se este livro vista a licença aos 11. de Janeiro de 618.

Damião Viegas

Dão licença ao suplicante pera que possa mandar imprimir a Comédia Ulissipo, que compôs Jorge Ferreira de Vasconcelos, visto a que tem do Santo Ofício, e do Ordinário, depois de impressa tornará a esta mesa para se taxar, e sem isso não correrá.

A 19. de Janeiro de 618.

Monis, L. Machado.

⁶⁸ pode-se] podesse [L4]

Advertência ao Leitor

Das comédias que Jorge Ferreira de Vasconcelos compôs, foi esta Ulissipo a segunda, estando já no serviço d'el-Rei nesta cidade. E a derradeira, a sua Aulegrafia cortesã, em que cantando *cygnea voce*, como dizem, melhor que nunca, a não imprimiu por um desgosto geral deste Reino, que nela se contará, se no bom trato que a esta se fizer, quiserdes mostrar o gosto que tereis destoutra sair, que está da pena do seu Autor, e assi aprovada já, e com todas as licenças pera logo se poder imprimir. Que como o seu argumento é dos amores do paço, quando neste Reino o havia; a decência e honestidade com que eles se tratavam naquele tempo, não deixou que tachar aos discontentadiços deste, ficando muito que imitar, e aprender aos galantes. Vai-vos a desejada Ulissipo emendada, e inteira, e pôde isto assi ser facilmente, no mais que com Costança d'Ornelas mudar de trajo, pondo-se no seu próprio de viúva, renunciado o de beata, que profanado com seus fingimentos, e mau trato, usava individamente, que em todo o al é a que sempre foi. A outra comédia (não tratando da Eufrusina) com a primeira parte da Tabola Redonda, que pera a terceira impressão emendou o Autor em sua vida de sorte, que do meio em diante em tudo ficou diferente. E assi mais a segunda parte da mesma história, podeis começar a esperar muito em breve;

que quiçá ordenou o céu diferir-se-lhe a impressão pera este tempo, pera com ela se tornar a avivar nele a boa memória deste Português, com muita razão de toda outra nação tão invejado como Homero.

Interlocutores

Mercúrio	Autor
Ulissipo	Cidadão
Filotecnia	Matrona
Tenolvia e Glicéria	Donzelas
Hipólito	Amante
Barbosa	Criado
Florença e <i>Sevillana</i>	Damas
Crisófilo	Caixeiro dos Medices
Macarena	Alcoviteira
Otonião	Amante
Fileno	Galante
Régio	Amante
Alcino	Galante
Grácia	Mulata serva
Parasito	Chocarreiro
Costança d'Ornelas	Dona viúva
Soliza	Matrona
Múcio	Rufião
Companheiros	
Astolfo	Cidadão
Fragoso	Criado

COMÉDIA ULISSIPO

de Jorge Ferreira de Vasconcelos

Autor Mercúrio e Representador ⁸³

Comparava o antigo Pitágoras a vida humana ãa feira, que em Grécia se fazia, de grande aparato, e diversos exercícios: onde cada um mostrava a seara de seu cabedal e ofício⁸⁴, pretendendo colher-lhe⁸⁵ o fruto. E alguns iam ver e julgar o que lhes parecia de tanta diversidade de artes e cousas, segundo o particular intento, e natural inclinação. Pareceu latir o Filósofo à ferida: ca nem mais nem menos isto se vê nos humanos, representantes da feira da vida: em cujo corro entrados, e per seu curso movidos (segundo o cómico⁸⁶) de diferentes e várias inclinações; uns se inclinam a domar cavalos, outros a montar, alguns a filosofar. Finalmente aplicando cada um seu ânimo a certo exercício, e gosto em especial: dos quais não se nega singularizar, e estremar-se do vulgo os que exercitam, e usam dotes d'alma, que a saber naturalmente nos move, per cujos meios, e tal via se alcança conhecimento do verdadeiro

⁸³ Autor] [LA, LB: no prólogo da comédia clássica renascentista, a designação de autor refere-se apenas à personagem que apresenta o prólogo.]

⁸⁴ ofício] offieio [LA] officio [LB: lição que se adopta.]

⁸⁵ colher-lhe] colerlhe [LA] colherlhe [LB] [LA, a errata indica, para este lugar, a seguinte correção: colerlhe diga colherlhe.]

⁸⁶ cómico] Comiço [LA] Comico [LB: lição que se adopta.]

bem. Donde Arquitas dava ventagem de toda cousa à ciência (sem embargo que das armas seja o primeiro lugar), ca per ela mais que per outra algũa manha é anteposto um homem a outro, seguindo a trilha das doces musas, como cada um melhor pode. Ca nesta parte é taixada a obrigação conforme ao próprio natural, pois como diz o poeta: não podem todos tudo: reparte a natureza seus dões⁸⁷ diversamente. E destes sequazes das ciências, a doutrina mais aplicada a frutificar na república, é digna de toda a estima: porque aquilo se há por melhor, que se endereça, ou tem melhor efeito. Daqui a cómica⁸⁸ não perde seu preço, pois compreende a lei de Horácio. Por o que entre os Romanos foi tão estimado este género de escritura: que se cria de Lélío, e Cipião⁸⁹ serem grande parte das comédias de Terêncio; a cujo volume Túlio⁹⁰ príncipe da lingoa latina chamava amigo e familiar; porque o trazia sempre consigo, como Alexandre o de Homero. E pera que vejais mais claro, o presuposto, e principal intento da comédia, foi sempre com seu exemplo avisar ao povo de seus vícios, e incitar a virtudes, dir-vos-ei seu princípio, e origem. No tempo da guerra peloponesa pretendendo os lavradores de Atenas em conhecimento dos benefícios divinos, dar graças aos deoses pelos frutos recebidos: lumeados seus altares, compuseram os primeiros versos em seu louvor: e em coro ao som das suas frautas lhos cantaram com melodia, e

⁸⁷ dões] [LA, LB: *a forma etimológica dões < DONES regista o ditongo [õj] , razão pela qual é conservada.*]

⁸⁸ cómica] Comiça [LA] Comica [LB: *lição que se adopta.*]

⁸⁹ Cipião] Cipião [LA: *lição que se se adopta.*] Scipião [LB]

⁹⁰ Túlio] Tulio [LA: *lição que se adopta.*] Tullio [LB]

aprazível artefício. Como porém a malícia humana em nada constante tudo corrompe, e perverte ao mal: socedeu que sendo estes lavradores tiranizados dos cidadãos seus senhorios: com dor da sua opressão converteram a invenção do louvor dos deoses em vitupério dos homens: indo-se de noite à cidade, e em cantares, segundo cá os vossos romances, e porquês, publicavam o dano que recebiam, nomeando o autor. Por o que muitos daqueles tiranos com vergonha de seus vícios serem públicos: outros receosos de lhos publicarem, se emendavam. Aprovou o senado ateniense a frutuosa arte, e chamados os autores, foi-lhes dada licença que a usassem de dia em público; o que assi fizeram a nenhum perdoando e o primeiro que a usou foi Susarião. Valia, como digo, isto muito pera todos se emendarem de seus erros, e fugirem culpas. Todavia como natureza humana é inclinada a seus vícios, não bastou este freio para evitá-los: e perdeu-se o costume por duas causas. A primeira, porque os autores tomaram muita licença, em apontar tachas de maus e de bons juntamente, por próprio gosto, e má inclinação, mais que a fim de⁹¹ emenda. A segunda, porque crescendo a dissolução dos poderosos, como todos já fossem culpados, fizeram lei que ninguém fosse nomeado: donde entrou⁹² o uso da sátira, que sem nomear alguém notava os vícios tanto a olho, que bastava pera ser conhecido o culpado. O que também não compadecendo os nobres, totalmente foi defendido tratarem deles. Querendo

⁹¹ de] de [LA: *lição que se adopta.*] da [LB]

⁹² entrou] enttou [LA] entrou [LB] [LA, na errata é indicada, para este lugar, a seguinte correção: entou diga entrou.]

pois os poetas sustentar o fruto da sua invenção, em tempo que Alexandre Magno prosperava, ordenaram a comédia nova, mais comedida, menos odiosa, de gente não poderosa, de mais gosto geralmente, sentenceosa, agradável, e de muito aviso: ãa imitação de vida: espelho de costumes, e imagem do que nos negócios passa; per estilo humilde e chegado à prosa, qual vos ora pretendemos mostrar. Como porém nesta vossa terra os gostos são mui delicados, e os estômagos de má digestão: o Autor não se atrevendo alcançar per si autoridade de o admitirdes, e sofrerdes, socorreu-se a mim que lhe valesse; e eu folguei favorecê-lo, visto ser sua tenção aprazer a bons, e não ter conta com maus. Resta saber se me conheceis como me tratais, pera que aceiteis minha confiança. Mercúrio sou, ídolo das mercancias, familiar vosso muito de pouco pera cá: inventor de razões sutis: norte dos tramposos: planeta errante que com ninguém se desavém, com bons bom, com maus mau, por onde creio que nos não desaviremos⁹³: e por meu respeito, o que vos ofereço sofrereis, quando vos não satisfizer. Sou também embaixador dos deoses: donde podeis estimar o bom acordo do Autor, que me buscou pera o ser vosso, não vos julgando, parece, por somenos dos indígetes: e não vos põe assi em pequena obrigação de favor. De maneira que per todas as vias lho deveis: e eu como a tais vo-lo peço por justos: que a justos não se devem pedir cousas injustas: nem a injustos as justas. E por abreviar razões virei ao argumento da comédia, pera que vos seja tratável; e não pareça que vim sem

⁹³ desaviremos] [*LA: lição que se adopta.*] desaviaremos [*LB*]

propósito. Nesta cidade de Lisboa há muitos anos, em tempo de Maria Castanha, houve um cidadão rico, e de letras, e cargos nobres, por nome Ulissipo, casado com ãa nobre dona chamada Filotecnia, de que teve um filho, e duas filhas: cujos amores, e sucessos de vida vos serão representados, como vereis no proseguimento da fábula, se a quiserdes ouvir: e quando não, console-se o Autor com outros muitos que achará queixosos da ingratitude humana, que eu não sei que lhe faça. Pera mim seguro tenho gasalhado em muitos que agora se inclinam às minhas artes de proveito antes que às da imortal honra: porque diz que não cabem em um saco. São frutos que traz o tempo, e ele os aprova, ou desaprova: e quem vem fora dele chore sua fortuna, que assi farão outros quando ela der volta: e eu também a dou com vossa licença por dar lugar aos interlocutores.

ACTO PRIMEIRO**Cena Primeira****Ulissipo, Filotecnia**

Ulissipo - Quereis ora que vos diga, mulher? Mais vêem⁹⁴ quatro olhos que dous. Essa vossa confiança nada me contenta: porque tê-la em tudo é sinal de ignorância, como desconfiar de tudo mostra sobeja malícia. Praza a Deos que seja como vós dizeis: mas duvidam os doutores, e nem tudo o que diz o pandeiro é vero. Quereis ser tão enganada com vossas filhas, que as suas culpas vos parecem virtudes, certa natureza de mãe. Sabeis mal quanto acabam sobejidões de homens mancebos, que al não cuidam, nem ordenam salvo contraminas pera pais confiados de filhas fermosas. E nestes negócios de amor, se a porfia é sobeja, e a resistência fraca: pouco tempo se conserva a virtude: a la larga o galgo a lebre mata. E porque Menandro isto entendia, disse ser a filha fermosa trabalhosa possessão. Eu chamar-lhe-ia recramo de perigos: e azo de afrontas. Parece-vos que estava bem descuidado Acrísio de sua filha Medea, que por amor de um estrangeiro lhe vendeu o reino. Cila filha de Niso cortou-lhe o cabelo de seus fados, pelo levar ao seu imigo Minos, namorada dele. A filha de Astíages foi causa de sua

⁹⁴ vêem] vem [LA, LB, *et passim*.]

destruição. E nunca outra coisa vemos cada dia senão baratarem filhas os fundamentos dos pais por leve gosto próprio: que as cousas duras quebrantam-se com ferro, e as moles desfazem-se com os dedos. Quereis pôr vossas filhas em hábito virtuoso? Começai cedo, velai sobre as espias que a sensualidade humana lhe arma. São muitos os cobiçosos, e todos se desvelam nos meios de as poder prear. O que tudo é cuidado, trabalho, e medo de seus pais, que o⁹⁵ não perdem salvo por morte, ou velhice delas: e inda com as casardes, que passeis vosso receio em seu marido, por contrapeso do dote, nem por isso o perdeis. Ora vede se vos é mais necessário velar, que confiar? Que a continuação tudo vence. E eu senhora sei isto muito bem pelo que fiz na mocidade, e não queria purgá-lo na velhice.

Filotecnia – Assi o creio eu, que pela somana faz a raposa com que não vai o domingo à missa.

Ulissipo – Pois assi é, conhecer culpa é estrada de emenda.

Filotecnia - Bom seria se assi fosse, que já era tempo: mas vós fazeis ãa, e logo chocais outra.

Ulissipo – Ña hora melhor d’outra: é má suspeita que tendes.

Filotecnia - Sobre corpo feitor.

Ulissipo – Não vos nego que nada me ficou por fazer, e disso me prezo.

⁹⁵ que o não perdem [*LA: lição que se adopta.*] que não perdem [*LB*]

Quão longe mancebos d'agora dos do meu tempo. Eu hora me vestia em trajos de mulher, e assi me ia a romarias como Deos sabe, maiormente destas em que há vigílias: outras horas em máscara. Aqueles diabretes tão galantes que trepavam nas janelas per gancho, com seus rótulos de tenção, e assi falava e negoceava por trinta homens: e tinha minhas inteligências té em conhecer a voz dos cães e gatos de casa em que pretendia ter negócio: tão provido é o espírito namorado: e desta maneira arrombava tudo, porque porfia mata caça, e a contínua goteira faz sinal na pedra.

Filotecnia - Daí ficastes vós tão virtuoso, que inda que muda a pele a raposa, seu natural não despoja: ficou-vos o costume em natureza.

Ulissipo - Deixemos isso, que também vós nunca haveis de perder essas cócegas de vossa condição.

Filotecnia - A verdade amarga.

Ulissipo - E a mentira é doce. Vós, senhora, se me quereis crer como esprimentado⁹⁶, pois o uso é mestre de tudo: haveis de cuidar que em vossa casa, vossos criados, e criadas são espias da vossa honra: canos dos vosso segredos: pregoeiros de vossas faltas: tudo ousam, e cometem por comprirem com sua necessidade, donde se disse: da mata sai quem a queima. Mais vos aviso, como virdes escrava, ou

⁹⁶ esprimentado] [LA, LB: variante popular oral de *esperimentado*, onde se verifica a síncope da vogal <e>, et passim.]

criada vossa cuchichar⁹⁷ com vossa filha de amizade: curuja de serão, agoa na mão, crede que aí jaz o negócio, ou se vo-la desculpa sempre de seu mau serviço. Vezinha muito familiar, ou molher conhecente vossa, que entra e sai mais vezes do necessário, e sempre tem que rir, e falar com elas de segredo, está tomado às mãos que não é sem particular respeito, maiormente ãas graciosas que soltam despejos desonestos por acordar o cão que está dormindo, como nisso antevem especial gosto, e conversação não pode ser bom, nem seguro, antes tem muito certo o perigo, ou azo dele. Evitai portanto tais conversações em apontando, porque melhor se resiste à força dos maus, que à conversação. Que dize-me com quem tratais dir-te-ei as manhas que hás. Per maneira que em tudo haveis de trazer o olho, que no prover d'antemão está o acertar: porquanto quasi sempre falta o bom conselho, quando se toma forçado no perigo do negócio que se consulta. E o bem apercebido está meio combatido. E inda ãa irmã com outra tratarem puridades, e risos não entendidos, continuamente traz muita agoa no bico. E se se chamam comadres ou nomes esquisitos, sabeis que procede da causa secreta de seus cuidados. Disto vós haveis também de velar, e trazer sempre a orelha tão comprida sobre elas.

⁹⁷ cuchichar] cuchicar [*LA*] cuchichar [*LB*: *lição que se adopta.*]

Filotecnia - Espantada me tem ver quanta malícia sabeis. Certamente que os homens parece que não estudaís senão em cuidar, sospeitar, e inventar males da inocência das molheres.

Ulissipo - E elas em contraminar nossas contas: e aprovar nossas sospeitas.

Filotecnia - Por isso dizem bem: nunca te vejas julgado de teu imigo.

Ulissipo - Todas⁹⁸ vos amarraís a essa desculpa, e por derradeiro não achais melhores amigos que os homens. E bem entendo que tudo o que vos ora digo, vos entra por ãa orelha, e sai per outra: porque não há molher que per avisos, e amoestações dobre sua condição, e emende suas faltas. Mas eu cumpro comigo: e vós fareis vossa vontade.

Filotecnia - Se a eu fizera algũa hora?

Ulissipo - Sabei porém que com andardes sempre feita atalaia, não podeis ter tantos olhos que não tenhais mais imigos. Contam poetas, que foi um pastor por nome⁹⁹ Argos, que tinha cem olhos: e guardando ãa vaca per mandado da deosa Juno: veio Mercúrio, e tangendo-lhe ãa frauta o adormentou, e matando-o assi, furtou-lhe a vaca. Que cuidais que se entende disto? É exemplo que nos avisa, que por grande vigia que se tenha sobre molheres, não se podem guardar. Ora olhai pelo virote, que a doçura tira nojo: e a cordura abre olho:

⁹⁸ Todas] Todas [*LA: lição que se adopta.*] Todos [*LB*]

⁹⁹ nome] neme [*LA*] nome [*LB: lição que se adopta.*]

não vos descuideis de cousa que requiere tanto cuidado.

Filotecnia - Eu o tenho muito bom: a mim o cargo: podeis descansar, que vossas filhas são tão virtuosas, e trazem tanto¹⁰⁰ o ponto em o serem, e não vos anojarem, que nunca farão cousa fora da vossa vontade: pois que meninas; estremecem mais sobre vos não errar¹⁰¹.

Ulissipo - Se houvesse mãe que não fosse enganada com filha? Durar-lhe-á isso em quanto não tiverem ocupado o gosto: e a vós culpas suas¹⁰² vos parecem rosas: donde acontece muitas vezes, que a mais certa alcoviteira que filhas têm, é sua própria mãe.

Filotecnia - Direis? Boca de pragas. Essas serão as que vós conversais. As molheres de minha qualidade imos per outra via mui desviada. Pois se filha minha fizesse o que não deve, não havia mister melhor algoz pera ela que eu: viva a afogaria, e lhe comeria os bofes. Mas melhor estrea lhes dará Deos.

Ulissipo - Si, porém vós folgais de as enfeitar, e lavar-lhes as cabeças continuamente: e se vo-las gabam de formosas, nada vos pesa.

Filotecnia - É mal, má hora que me pesasse. Ora eu sei bem o que tenho nelas, e se lhes visse desassossego¹⁰³, desenvolturas, e cousas que vejo noutras, ninguém as acusaria mais.

¹⁰⁰ tanto] ranto [LA] tanto [LB: *lição que se adopta.*]

¹⁰¹ errar] eraar [LA] errar [LB: *lição que se adopta.*]

¹⁰² culpas suas] culpas suas suas [LA] culpas suas [LB: *lição que se adopta.*]

¹⁰³ desassossego] desassossego [LA: *lição que se adopta.*] desassessego [LB]

Ulissipo - Isso que vós notais, e vos parece mal nas filhas alheas, vêem suas mãis nas vossas, que assi é tudo. Pois mais vos digo. Quanto mais virtuosas são, tanto com razão lhes hei maior medo.

Filotecnia - Mal assi, mal assi. Pois que remédio?

Ulissipo - Não me tenhais por desarrazoado, que não falo de vento, que a essas virtuosas solicita o mundo mais, e arma-se contra elas. Se lhe sabem resistir, aí é a virtude digna de coroa: e sabeis como corre esta cousa? Siso em prosperidade: amigo em adversidade: e molher rogada, casta, raramente se acha. As desassossegadas logo são entendidas: as maliciosas, de si vos avisam: as recolhidas, e honestas são más de entender, más de culpar, e muito pera temer porque fermosura, ornada de bons costumes, como digna de amor, é mui combatida: e se cai em própria confiança vã: tem o perigo certo. E sabeis que cousa é embicar em alguma culpa, ou nódoa de má suspeita? Pouco fel faz amargo muito mel; e com muitas obras boas nada se merece com o mundo, e com ãa má desmerece-se tudo: porque de pequena bostela, se levanta grande mazela.

Filotecnia - Não sei que sospeitas, e que novos receios estes vossos agora são? Eu vejo vossas filhas muito quietas, não ociosas, e bem descuidadas do mundo, não vejo mouta donde lobo saia: passa a somana, e não lavam rosto, nem pregam alfanete.

Ulissipo - Não vos pese disso, que quanto menos ociosidade tiverem, menos

malícia terão.

Filotecnia - Isso sabeis vós muito certo, que minhas filhas não comem seu pão ocioso. Em al serei eu mãe, mas nessa parte não sou como outras mulheres, que em lhes curar os cabelos, e enfeitá-las, se lhes vai o tempo todo: sempre fui muito contrária a golodices, e ociosidades: e não lhes hei-de sofrer andarem de janela em janela, porque sei quanto vai nisso.

Ulissipo - 'Todavia, sois mãe cuidais que é bom tudo o que elas fazem: credes-lhe tudo o que vos dizem, e cada bufurinho¹⁰⁴ louva suas agulhas, e isso basta.

Filotecnia - Nunca mas vós ouviríeis gabar presentes elas. Confesso-vos ãa cousa, que me não hei-de correr dos feitos de minhas filhas, quando embora casarem, porque são elas tanto mulheres de sua casa, e tanto pera a regerem, que me rio de quem o mais for. Perdoe Deos a minha mãe, que foi ãa virtuosa fêmea, onde ela visse outra: a sua alma seja em glória, como será, assi o fosse ora a minha. Nunca me outra cousa encomendou, já quando estava nos derradeiros dias, senão que matinasse estas moças, como me ela a mim fizera, dizendo-me que a prudência da mulher casada remedeava muito os vícios do marido: e que muitas vezes se não lançava a perder de

¹⁰⁴ bufurinho] [LA, LB: *por* bufarinheiro talvez *por* cruzamento entre bufom ou bufão e bufarinheiro, palavras sinónimas.]

todo o mau marido, por respeito da boa mulher.

Ulissipo - Segundo isso seguro estou eu logo?

Filotecnia - Não o digo por tanto, mas falo a propósito do cuidado que tenho de minhas filhas, por haver a benção de minha mãe: que nunca lhe ensinei a fazer a sobancelha, nem a ser despejadas: honestidade, e falar pouco lhes preguei sempre, porque as quero antes mudas, e corridas, que desenvoltas, e golhelheiras¹⁰⁵.

Ulissipo - Tudo isso é bom, se for assi, mas filhas mimosas, criadas em opiniões, são más de domar. Já se é ociosa, e golosa? Nunca lhe espereis bom feito. De mim vos digo que quanto estimo as ocupadas em sua obrigação: tanto me avorrecem, e desestimo as que não curam dela, por entenderem no que não lhes cumpre, e esquecidas das cousas de casa, falam muito nas de fora.

Filotecnia - Vós estais agora com a lã sobre o forno. Ora sabeí outra vez que nunca fui como outras mãis, que andam sempre gabando suas filhas, concertando-lhe o toucado em público, e festejando suas doudices: e sei muito bem o que tenho nas minhas.

Ulissipo - Não no sei eu logo, e porque vejais que não falo a lume de palhas, dir-vos-ei o sonho, e a soltura. Sabeí que d'alguns dias pera cá, vejo uns dous galantes passear muitas vezes por aqui: e por mais que

¹⁰⁵ golhelheiras] [LA, LB: esta forma não consta dos dicionários consultados; possivelmente por golelheiras, proveniente de golelha, com assimilação de [l] a [λ].]

dissimulam, são logo entendidos de quem lhe sabe as manhas, como eu.

Filotecnia - Mal pecado, por vossos bons feitos julgais vós os alheios, que a porca ruiva, o que faz isso cuida.

Ulissipo - Nem mais nem menos, a quem peneira e amassa¹⁰⁶, não furtas a fogaça. E como do ruge ruge se fazem os cascavéis, nada me agradam estes rodeos. E vê-los-eis logo vir muito depressa por chegar ao posto, e chegando à vista ficam em remanso como sono: seus olhos enforcados, desarmados de todo resguardo. Se nos vêem à janela, passam com o chapéu baixo, como que vão descuidados do que pretendem: mas no cabo da carreira se os espreitardes, forçados do seu desejo voltam o rosto por ver se vos vêem inda; se vos tirardes pera dentro, no mesmo instante os vereis dar volta com toda a ociosidade com olhos de atalaia: ou rodeam por outra rua que venha difirir ao seu intento: porque quando o rio vai cheio todos os caminhos vão ter à ponte: e por isso se disse: os que namorados são, no passear os¹⁰⁷ conhecerão.

Filotecnia - Como sois mau, e malicioso. Nunca vós isso aprendestes, sem o passardes?

Ulissipo - Vedes senhora que eu fui mancebo, e mal pecado sei mais disto

¹⁰⁶ amassa] a massa [LA] amassa [LB: *lição que se adopta.*]

¹⁰⁷ os conhecerão] os conhecerão [LA: *lição que se adopta.*] as conhecerão [LB]

que das obras de misericórdia: e *el que las sabe, las tanhe*: asno desovado de longe aventa as pegas: e a perro velho não buz buz. Vós cuidais que não há mais mundo que o que vos vossas filhas dizem? E elas nunca vos falam verdade: porque besteiro que mal tira prestes tem mentira: vós sois com elas, coração sem arte não cuida maldade: e elas andam sempre d'aviso convosco: dormindo sonham como vos farão do céu cebola. Havei-las de reprender, e sopear, e nada louvar, que já ouviríeis, criaste, e não castigaste, não criaste: e como já digo, velai-vos dos princípios que per um cabelinho se apegam o fogo ao linho. Qualquer começo é mui perigoso: pequeno machado derruba grande carvalho, e pequeno azo faz grande dano. Nos seus exercícios e ocupações entenderéis seus pensamentos, que pela vigília se conhece o dia santo. Olhai quantos avisos vos dão casos que acaecem cada dia: não sofráis em vossa casa o que reprendeis na alheia, que bento é o varão que per outro se castiga, e per si não.

Filotecnia - Onde fogo não há fumo se não levanta. Té'gora não lhes vejo porque percam: eu fiador que vos não dêem¹⁰⁸ desgostos, que as trago tão matinadas sobre isso, que as não leixo a sol, nem a sombra.

Ulissipo - Vedes que lhe mostrais muito favor: e desses mimos vêm todas as

¹⁰⁸ dêem] dem [*LA, LB, et passim.*]

ousadias. Querei-las trazer d'ouro, e d'azul, e isto não é bom: que a mulher muito louça, dar-se quer à vida vã, e pola listra se conhece a touca. Quão longe mulheres deste tempo de serem a de Fílon ateniense, que perguntada em ãa festa, porque não vinha ataviada como as outras, disse que bastava vestir-se da virtude do seu marido.

Filotecnia - Quão longe também de se poder dizer isso pelos maridos d'agora.

Ulissipo - Fazei vós o que bem digo, e não o que mal faço. E ãa Lacedemónia a outra que lhe mostrava um vestido rico, mostrou-lhe seus filhos¹⁰⁹ dizendo: estes são os meus atavios.

Filotecnia - Já me ele vem com seus exemplos: nunca elas outro mal fizessem senão vestir-se galantes. As moças hão-de andar bem vestidas, e os moços fartos.

Ulissipo - Que má regra essa é. Eu vos digo que nenhũa cousa dana a mulher tanto como andar muito galante, porque logo quer dar vista de si: e sendo naturalmente soberba, dobra em vaidade com trajos vãos, porque se perde mais asinha: e como folga de ser vista, e o pretende, homens ociosos não buscam outras cabras, e triste de quem as há-de guardar: porque como lá dizem: a raposa ama enganar, o lobo cordeiros e a mulher louvores, se a gabam de

¹⁰⁹ filhos] filhas [LA] filhos [LB: *lição que se adopta.*]

fermosa, não há cousa de mais seu gosto: donde todo seu¹¹⁰ mal lhe entra pelos ouvidos: e do muito desejado é difícil a guarda.

Filotecnia - Ninguém tem filhos sem cuidados: e quem os não tem, nenhuma cousa deseja tanto¹¹¹ como tê-los.

Ulissipo - Sabeis que são filhos? Os bons, um contino temor: os maus, dor eterna, gosto duvidoso, e cuidado certo. Filha fermosa e virtuosa, contentamento grande, mas mui cuidadoso, porque sendo nossa natureza inconstante, na mulher o é muito mais, por ser mui variável, imperfeita, e fraca. Portanto, senhora, agora que vossas filhas vão entrando em opinião de si, ponde-lhe freio pera as domardes. Manjares delicados, golodices, vestidos, jóias, e tudo o al com que de contentes de si mesmas pretendem contentar a outrem, escusai-lho o mais que poder ser. Ocupai-lhes sempre o tempo, que o trabalho lhe desvie cuidados ociosos, e castelos de vento. E sabeis em quanto os antigos ponderaram esta ocupação, que as romanas quando casavam mandavam enramar¹¹² as portas dos maridos com lã, e levavam consigo roca, e fuso em sinal do que haviam de fazer em casa. E poseram estátua a Tanaquil mulher d'el-rei Tarquino Prisco, porque foi grande fiandeira. Alexandre Magno gabava-se à mulher de Dario, que a veste que trazia lhe fizera sua mãe e irmãs.

¹¹⁰ todo seu] todo seu [*LA: lição que se adopta.*] todo o seu [*LB*]

¹¹¹ tanto] tante [*LA*] tanto [*LB: lição que se adopta.*]

¹¹² enramar] enrramar [*LA*] enramar [*LB: lição que se adopta.*]

Andrómaca mulher de Heitor, contam, que tecia enquanto ele batalhava. E do emperador Carlo Magno, que mandou ensinar com muito cuidado aos filhos ciência, e às filhas fiar, e tecer: porque desta maneira se conserva a virtude, que a ociosidade desbarata. De festas e romarias as descostumai, que não lhes lembre: que nestas se assoalham pera acordar o cão que está dormindo. E as menos vezes que for possível façam visitasões: pera que não aprendam d'outras o que lhe vós encobris. E sabeis quanto vai em serem recolhidas? Que as mulheres do Egipto não andavam calçadas, porque estivessem em casa. E os Romanos em tanto estimavam o recolhimento nas mulheres, que Caio Sulpício Galo repudiou sua mulher, porque a viu fora de casa com a cabeça descuberta. Públio Semprônio fez o mesmo, porque a sua foi ver uns jogos sem o ele saber. E diz Xenofon, que fez Deos a mulher fermosa, pera que sustentasse sua fermosura, e castidade com estar em casa. Assi que estes são os remédios que se dão pera guardar tão perigoso gado, e tão bom dia se bastarem: e não vaidades, e doudices em que as vós ides empondo¹¹³.

Filotecnia - Dizer mal delas, e não poder viver sem elas. Antes vos ora digo, que vossas filhas andam muito xaqueadas. Tudo isso é, que eu vos entendo, por não lhes dardes ãas cotas de chamelote de seda; pois

¹¹³ empondo] empondo [LA: *lição que se adopta.*] impondo [LB]

bem as hão mister, que não as hei sempre de trazer na cozinha, como gatas borralheiras: nem hão-de ir comigo à igreja, e visitar minhas amigas, vestidas dos meus trapos velhos.

Ulissipo - Bem tomastes vós o que vos disse? Dessa maneira tudo está remedeado.

Filotecnia - Sei que assi vedes vós andar as filhas dos homens que menos podem que vós? Nem menos de hoje passou por aí com um bautismo, que me elas mostraram, ãa filha de um odreiro tão apontada de ouro e seda, que vós ride de mais dama.

Ulissipo - E quereis se um vilão roim não tem cabeça, nem vergonha que o imite eu? Quereis ora que vos diga? Beba cada um o vinho, e não beba o siso.

Filotecnia - Assi o fazem os da vossa qualidade do maior té o menor.

Ulissipo - Por isso arrenego eu: diz que porque os outros são parvos, que o seja eu também em que me pese, com entender o contrário. Homens sem siso têm destruído o mundo, e posto tanto mau costume, e tanto excesso na terra, que não há quem possa viver, com todos quererem fazer o que não podem. E sabeis que dizem as velhas? Aquele andarás pelas calejas, que não há igual renda com as despesas. Viva cada um segundo pode, que arrobas não são quintais, nem as cousas são iguais: e quem se empena e não tem

pena, depois se depena, e vive em pena: e quem a si¹¹⁴ mesmo não conhece vivendo desfalece. E de necessidade se segue que quem tem em muito a sorte alheia, tenha a própria em pouco, que é a maior miséria, e doudice da vida. E como ninguém se contenta do seu estado não pode ter repouso nem gosto. Por isso, diz Séneca: toda a vida é serviço, costume-se cada um à sua sorte, não se queixará dela. Se isto conhecessem parvos, não haveria essoutra que dizeis.

Filotecnia - Como eles são bons homens, e dão boa vida a suas molheres, logo lhe chamam parvos: e a verdade é, que estes vivem melhor que os discretos, que reprimem vidas alheias, tendo nas suas tanto que ver.

Ulissipo - Que grande certeza essa é de vossas mercês. Como é certo pera com fracos juízos serem culpas louvores. Quão pouco sabeis de açor. Como vos não dá de quem há-de pagar por todos. Nunca ouvistes? Não queiras perder o siso, pelo doudo de teu vizinho. A mim não me hão-de obrigar maus exemplos pera os imitar.

Filotecnia - Ora acabai já, dai-me estas cotas pera as moças que me tiram a vida por elas.

Ulissipo - Bofé minha amiga melhor me vivais vós, do que inda¹¹⁵ tenho

¹¹⁴ a si] assi [LA, LB]

¹¹⁵ inda] inda [LA: *lição que se adopta.*] ainda [LB]

vontade té'gora. Todo delicado ornamento é perigoso. Lembra-me que li de Dionísio siracusano mandar a um lacedemónio ãas vestes ricas pera suas filhas, e ele enjeitou-lhas, dizendo que temia fazê-las feas. Eu assi digo, não há gentileza que chegue à da molher desenfeitada: e assaz vestida é a bem acostumada. Todo o artifício é imperfeito. O mantimento, e o vestido¹¹⁶ há-de ser o necessário pera conservar a saúde, e não pera gosto.

Filotecnia - Como estais agora ocioso marido. Vós haveis-lhas de dar tarde ou cedo: dai-lhas que vo-las agradeçam pera irem ver o Corpo de Deos.

Ulissipo - Será o que Deos quiser, que assi foi ontem a estas horas. Seria isso apagar o fogo com azeite. Olhai ora pelo que importa e crede-me. Tende registo nas janelas: que estas vossas toalhas, e adufas são bastiães¹¹⁷, e repairos de que elas fazem guerra ao mundo. Haveria por melhor janelas abertas, de que a vergonha as faz retraer, e não são tão foutas em esperar bateria de olhos ociosos: e nunca vi encerado são em casa de mulheres moças. E lembre-vos não lhes leixeis ter conversação das escravas que vão fora, não tomem atrevimento de lhes trazer recados.

¹¹⁶ e o vestido] e o vestido [LA: *lição que se adopta.*] e vestido [LB]

¹¹⁷ bastiães] bastians [LA] bastiães [LB: *por bastiões, do ital. bastiones. As formas de LA e LB reproduzem uma das realizações da pronúncia popular, ainda hoje oscilante, do plural de <ão>, <ões> ou <ães>. Embora não correcta do ponto de vista etimológico (deveria ser bastiões), aceita-se a lição de LB por ser a que corresponde melhor à pronúncia [ãj].*]

Filotecnia - E ele ali, e o cão com o osso. Acabai já descansai, se quereis escusar esse trabalho, buscai-lhe maridos.

Ulissipo - Eu nisso ando, e já outro dia me falaram no filho de Fedro, vosso compadre.

Filotecnia - Qual? Aquele baboso? Não sou eu disso contente: não crio eu minhas filhas senão pera as empregar muito bem.

Ulissipo - Que estais dizendo? Não sabeis que é muito rico, inda que é desmazelado? Poucos achareis da sua fazenda: e aqui está o ponto.

Filotecnia - Não curemos nós disso, que elas são muito más de contentar, e eu peor. Pois que cousa pera a arte de Tenolvia, que não quer senão homem que tenha ser com ãa capa e espada, e ganhar-lhe antes de comer pela agulha.

Ulissipo - Gentil remédio? Isso é bom de dizer, mas mau de fazer: tal cabeça, tal siso, e tal fundamento. Ponde-as vós nesses pontos, e então mandar-lhe-emos pintar maridos, e mais em tempo que não se tem conta, salvo com o que cada um tem. Guardai não lhes consintais vontades, que a molher moça e virtuosa, não na há-de ter.

Filotecnia - Porquê, má hora, não são de carne como a outra gente? todo o mundo quer casar¹¹⁸ a seu contentamento, que não é nó que se desata levemente.

Ulissipo - Assi é, e portanto é mau de acertar: e as molheres são lobas no

¹¹⁸ casar] casat [LA] casar [LB: *lição que se adopta.*]

escolher.

Filotecnia - Essa liberdade lhes não leixam os homens ter, que todas as leis querem a seu sabor.

Ulissipo - Vós sabeis senhora que a mor cousa que um pai faz na vida é casar ãa filha? E quanto mais derdes mais fermosa, e de primor, tanto deve reccar empregá-la mal, e dar-lhe o seu.

Filotecnia - Se o mundo andara na verdade, moças eram vossas filhas pera as tomarem sem nada.

Ulissipo - Já não se costuma, e mais vós nessa parte não valeis testemunha. A escolha em nossa mão está. Sejam elas contentes do que o nós formos¹¹⁹, que depois Deos os conformará mediante a graça do sacramento conjugal.

Filotecnia - Se as tenções dos que casam fossem as que deviam, bem seria: mas elas muitas vezes são desviadas de toda razão, e segue-se que tal é a vida.

Ulissipo - Noutro dia, me falaram também em um viúvo de pouco, homem que vai entrando na idade, e tem muito dinheiro, e grossa fazenda, e herdou da molher vinte mil cruzados.

Filotecnia - Não faleis nisso, que vossas filhas são muito moças: e em nenhuma forma desta vida casarão com um viúvo, que antes não

¹¹⁹ do que o nós formos] do que o nós formos [*LA: lição que se adopta.*] do que nós formos [*LB*]

queiram ser freiras: pois nenhũa cousa Tenolvia mais prasma.

Ulissipo - Encomende-se a Deos não lhe caia em casa: nunca ninguém diga, desta agoa não beberei. Porquê? Viúvos não são homens?

Filotecnia - Si, como uvas penduradas, fruita fora de sazão, que nunca tem a natural graça.

Ulissipo - E das viúvas, que dizeis?

Filotecnia - O mesmo, e muito peor.

Ulissipo - E elas que mais querem que viver fartas e cheias, donas, e senhoras, livres de misérias e pobrezas do mundo?

Filotecnia - Se as fizerdes insensíveis, basta: e se obrigadas da necessidade, sobeja. Mas vossas filhas não estão tão perdidas, e o tempo não lhes foge: que idade têm pera pairar às esperanças, e ter gosto de si, e juízo próprio.

Ulissipo - Per aí se vai tudo a perder. Não curemos dessas contas, em minha casa há-se de fazer o que eu mandar: e quem não quizer o que eu quero, nada queira de mim.

Filotecnia - Estais agora com essa vontade, e por derradeiro vós folgareis mais de lha fazer que ninguém, pois são vossas filhas.

Ulissipo - Pois portanto quero que sejam contentes do que eu quizer.

Filotecnia - Elas isso querem. Achastes vós bofé as desobedientes? Bem descansada estou eu nessa parte: mas falo assi a bem de falar. Ora haveis-lhe de dar estas cotas?

Ulissipo - Outra vez e doze. Cuidei que vos esqueciam já. Vós não quereis senão o que quereis? Tudo se vos há-de ir em vestidos? Pois maridos não tomam já senão cruzados.

Filotecnia - Isto não vos há-de fazer rico nem pobre.

Ulissipo - Um pouco daqui, outro dali. Leixai-as passar agora assi este ano.

Filotecnia - Melhor prazer veja eu delas. Assi saiba empenhar-me. Já vejo que lhas não dais salvo por me queimar o sangue. Bem sei pera quem vós sois liberal e franco. Eu mereço isto por me fazer sempre rodilha de vossa casa. Se eu fizesse como outras, que nunca saem do estrado ãa mão sobre outra, e não metem as mãos na agoa fria, vós me sofrerieis, e estimarieis.

Ulissipo - Vós haveis merencorea? Ora fazei o que quiserdes. Regra é de molheres queixar-se de pequena ofensa, e ensoberbecer-se de pequeno favor. A vossa há-de ir avante, já o sei. Mandai-lhe cortar as cotas quando quiserdes: e mande Deos não me nomeeis algũa hora, que superfluidades nunca deixarão de ser danosas.

Filotecnia - Pois também lhe haveis de dar manguinhas de cetim forradas de telilha, e cortadas, com seu corpinho com troçais de ouro.

Ulissipo - E que mau seria também algũa chaparia, e botões de diamantes? E onde ficam os saios acoletados?

Filotecnia - Não nos escusam, pelo menos de um tafetá que chamam d'estremados encarnado, que desejam muito, por uns calções que

viram a seu irmão dele: que não nas hei-de levar a ver os jogos despidas, onde as outras todas hão-de ir de repica ponto.

Ulissipo - Por de mais¹²⁰ é a decoada na cabeça do asno pardo. *Yo digole que se vaya, y el descalçase las bragas.* De maneira que sem elas lá irem não será a festa? Pois molher e a galinha por andar se perde asinha. Lucrécia romana não foi tida por coroa das matronas, salvo porque elas andavam em banquetes, e ela estava em sua casa fiando com as suas molheres: que cântaro que vai muitas vezes à fonte, ou deixa a asa, ou a fronte.

Filotecnia - Leixai-as folgar, e ver, que são moças, e agora é o seu tempo.

Ulissipo - De olharem por si, pois trazem espias e corredores sobre sua vida.

Filotecnia - Lá lhe virá outro em que percam o gosto de tudo, e de si mesmas, e nunca façam sua vontade: que mal pecado pera isto casam as molheres.

Ulissipo - Dize-mo antes que to diga. Toda vós estais cortada. Coitados de nós que somos asnos pera levar a carga que nos põem. Não debalde se diz: casareis e amansareis. Vós me haveis de fazer pobre com vossas filhas.

Filotecnia - Pois também vosso filho há mister vestido.

Ulissipo - Bom vai o negócio. Ora buscai o tesouro de Veneza, se basta pera vossas vaidades.

¹²⁰ de mais] de mais [LA: *lição que se adopta.*] demais [LB]

Filotecnia - Quando vós éreis mancebo como andáveis? Quereis um juiz pera vós, outro pera os outros.

Ulissipo - Vós falais em mim, que fui um pinho de ouro: lustrava mais com burel que esse madraço com borcado. Como rima? Valiam mais uns borzeguis marroquis com sua laçaria, que quanto agora trazem. Aqueles capuzes de bristol azul: tiracolos com suas borlas. Agora tudo é preto, e tão lustroso anda o criado, como o amo. Custado lhe houvera a vosso filho muito do seu, e justará uns borzeguis como os eu já justei com canudo que matariam ãa pulga na perna. Enfim todo bom passou já.

Filotecnia - A Hipólito tudo lhe está bem, não lho podeis vós negar.

Ulissipo - Sei que é vosso filho.

Filotecnia - Ora dai-lhe este vestido que traz já aquele tão safado, que se corre de ir ao paço.

Ulissipo - E em cabeça se vos mete a vós que vai ele lá? Irá mais asinha bragantear com outros como ele, que bem sei que tais suas companhias são.

Filotecnia - Vós sempre o acusais, pois fará como vós fizestes, e fazeis, bom exemplo tem que imitar. Carneiro filho de ovelha, não erra quem o seu semelha.

Ulissipo - Mal vai quem má fama cobra: e ele segue o mau, e deixa o bom. Longe está ele de saber fazer seus negócios tanto a seu salvo como

os eu sempre fiz.

Filotecnia - Fez-nos Deos e maravilhou-se, quem gabará a noiva? Ninguém foi como vós.

Ulissipo - Essa podeis jurar. E os vossos gatos hão mister também vestido?

Filotecnia - As vossas negras si, que é ãa vergonha de como andam.

Ulissipo - É certo, mas que lhe faremos? Não procurais vós assi pelos meus moços.

Filotecnia - Esses servem-vos, lá vos avinde com eles: e de Barbosa vosso grande secretário tendes vós grande cuidado, por suas virtudes.

Ulissipo - Daí vem a tosse ao gato: que todas sois contrárias ao criado a que o marido se afeiçoa? Ora não vos ponho culpa, sois como as demais.

Filotecnia - E porventura tenho mais razão. Raivou, raivou, arde o seco pelo verde: lazerá o justo pelo pecador. Vossas mercês fazem os males, e nós outras temos sempre as culpas. Acabai já quebranto meu; sempre hei-de ter estas canseiras por um nada que vos peça.

Ulissipo - Pois vós sois Marta piadosa que dava o caldo aos enforcados.

Filotecnia - Daqui avante com nada hei-de ter de ver: perca-se tudo, andem todos rotos, que me dá a mim de vossa honra, pois vos a vós nada não dá?

Ulissipo - Não vos dê a vós senhora que eu me avirei bem com isso.

Filotecnia - Tudo convosco me custa os bofes, porque eu sou párvua: se eu

fosse como outras mulheres que roubam seus maridos, não me faltaria a mim o que houvesse mister?

Ulissipo - É boa peça essa: ãa cousa crede vós, que a mulher que isso faz, não quer muito a seu marido, e está perto de lhe fazer o que não deve: porque coração que tem em pouco pequenos erros, e leves treições¹²¹ cometerá os grandes. E a mulher que no pouco ousa ser trega a seu marido, ousa-lo-á no muito. E em nenhuma cousa tanto mostra pureza d'alma como em nada encobrir a seu marido, e muito menos ousar: que o mal não está em mais que começá-lo. Quanto nos homens o esforço é louvado, tanto são vituperados os atrevimentos da mulher. Simplicidade de coração: e obediência de amor são as arrecadas que fazem a mulher fermosa, e amada. Donde um tebano dizia que, o ofício da mulher é contentar seu marido. E Sócrates¹²², que aos homens¹²³ cumpria obedecer às leis da República, e às mulheres, à condição dos maridos. Condições artificiosas, malícias atreioadas desassossegam a casa: corrompem o gosto: geram ódios, inventam cautelas: finalmente, fazem do casamento que é paz d'alma, guerra da vida. Sabeis que chamo mulher de espíritos? A que se ocupa em virtudes públicas: simples

¹²¹ treições] treições [LA: *lição que se adopta: a forma treições não vem atestada nos dicionários consultados; é resultante da contaminação da pronúncia de tredo (também treedor, treidor); ambos os substantivos, treição e tredo, surgem mais do que uma vez no texto.*] trações [LB]

¹²² Sócrates] Socraes [LA] Socrates [LB: *lição que se adopta.*]

¹²³ [LA: *na rubrica do fólho 21r, pode ler-se: Scena segunda, mas refere-se à primeira.*]

na tenção, pura nas conversações: escoimada nos exercícios, bota na lingua, diligente na casa, alheia de resabios, e amiga de concórdia.

Filotecnia - Todos sabeis pregar pelo que vos cumpre. Coitadas de nós, que tudo é contra nós: e eu sou a mais coitada. Pera mim nada peço: pera vossos filhos nada quereis que valha. Eu os desenganarei, que lá se avenham convosco.

Ulissipo - Bem está choromigardes¹²⁴ vós por isso? Ora acabou-se a história, fazei tudo o que quiserdes. Mandai chamar vosso compadre, falai com ele que vos dê tudo o que houverdes mister, pois há-de estar na vontade a razão. Praza a Deos que não pairam estes mimos de vossos filhos.

Filotecnia - Todos tivessem tais.

Ulissipo - Tendes danado esse rapaz com excessos: e folgue ele embora que al cuida o baio, al quem o sela: ele vai per sua via, eu irei pela minha. A pão duro dente agudo, não tem outro ofício, nem outro cuidado senão cortar vestidos, e andar com molheres, burro de Vicente que cada feira val menos, paço nunca te vi.

Filotecnia - Pois assi é. Cuida o outro que é lá mais valido, e que lhe fazem mais honra.

¹²⁴ choromigardes] [*LA, LB: forma do verbo choromigar, variante não atestada de choramigar, em desuso, formada a partir do substantivo choro e não do verbo chorar.*]

Ulissipo - Ponho em dúvida diz o pandeiro, eu tirarei a pesquisa¹²⁵.

Filotecnia - Vós tomastes já azar com ele, então pai sou: o que lhe dais parece que o demo vo-lo leva: por fim, os doilos sempre são meus, que pago por todos.

Ulissipo - Como lha elas dizem o que é bem, logo tudo é entornando. Por isso se diz, que três mãis boas parem três filhos roins: A verdade pare ódio: a muita conversação desprezo: e a muita paz vícios e ociosidade. Algũa hora vós me nomeareis.

Filotecnia - Tendes bem que dizer. Dou-vos eu algũa fadiga por mim? Eis-me aqui com um saio de cem anos. Falo-vos por vossos filhos, que são vossos, e por isso lhes quero bem.

Ulissipo - Esse é um bom escusado pera receber todos os golpes sem medo: bem sei quantos fazem três. Deixemos paixões, de que sei que hei-de levar a peor: mas comadres, e vezinhas a revezes hão farinhas: e por derradeiro sempre fico debaixo.

Filotecnia - Obras são amores que não são *bonas razones*: bom amigo é o gato, senão que arranha.

Ulissipo - Nada vos tolho: digo-vos o que entendo que é bem: agora fazei o que quiserdes: o tempo castiga, e aprova tudo. Escusado é cuidar nenhum homem que pode bandear mãi contra filhos: conjurais-vos contra mim todos, eles vos darão o galardão, ou eu não sei nada.

¹²⁵ pesquisa] peiquiza [LA] pesquisa [LB: *lição que se adopta.*]

Mandai fazer a cea, que há cá de vir cear nosso vezinho Astolfo.

Filotecnia - E a que horas?

Ulissipo - Cedo, imos agora passeando té Santa Bárbara¹²⁶, e logo voltaremos.

Filotecnia - A alguns bons feitos?

Ulissipo - Peores são as vossas sospeitas.

Filotecnia - Inde mal que me saem sempre verdadeiras.

Ulissipo - Mal vai quem má fama cobra: não são tantas las nozes como¹²⁷ las vozes.

Filotecnia - Quem o demo tomou ãa vez sempre lhe fica um jeito.

Ulissipo - Cantar mal, e porfiar.

¹²⁶ Bárbara] [*LA*, *LB*: conserva-se a forma resultante da assimilação da vogal à labial /b/, ainda hoje vericável.]

¹²⁷ como] com [*LA*] como [*LB*: lição que se adopta.]

CENA SEGUNDA

Filotecnia, Tenolvia, Glicéria

Filotecnia - Vedes aqui, quebrantos meus, por amor de vós outras hei-de ter sempre achaques com vosso pai.

Tenolvia - E pois, senhora, houve-nos os vestidos?

Filotecnia - Diz vosso pai que não quer, nem é sua vontade: nem tendes necessidade de ir fora, que esteis em casa.

Tenolvia - Antes lhe eu ora digo que ele tem bem que dizer disso: as meninas são andarejas que é um prazer. Que cousas tem meu pai tão graciosas? O seu gosto seria não vêremos¹⁶² sol nem lua: mal sofreria ele o que fazem as filhas de Crisoloro, que não lhes escapa romaria, nem dia santo, de que não se logrem: e nós, como emparedadas entra o ano e sai, e não saímos daqui.

Filotecnia - Nem isso lhe gabo, tanto pelo de mais como pelo de menos, que a molher nunca perdeu por recolhida.

Tenolvia - Isso não lhes tolhe serem virtuosas.

Filotecnia - Si, mas as lingoas dos homens não perdoam. A maior honra que a molher moça pode ter, é não ser conhecida nem vista.

Tenolvia - Quem é virtuosa, nada lhe tira sê-lo.

¹⁶² vêremos] veremos [LA] vermos [LB] [LA: o <e> entre <r> e <m> não será meramente gráfico, mas poderá representar um /ð/ epentético para facilitar a articulação do /r/ em posição final de sílaba, o mesmo acontece com outros infinitivos conjugados e com formas do futuro do conjuntivo, et passim.]

Filotecnia - Tirados os azos, tirados os pecados. Ninguém por confiança de virtude se ofereça ao perigo, que quem se guardou, não errou: e se Deos nos não tem da sua mão, nossa natureza sempre pende a peor parte.

Tenolvia - Nem por muito madrugar amanhece mais asinha. Não está a segurança toda nessas regras, que quando Deos não quer Santos não rogam: muitas vezes são peores as muito guardadas: a boa e virtuosa per si se guarda, que¹⁶³ mais pode Deos ajudar, que velar, e madrugar.

Filotecnia - Assi é verdade, que Dele vem todo bem, e de nós o mal: mas a que está velada peor fora se a não velassem, que se não casta, cauta, e o bom nome mais está no que se diz, que no que é.

Glicéria - Pois rasgam elas mais sedas, que não se fala em al: e são mais senhoras de si, que a desejo vem a costura: e não se levantam senão a que horas por amor do carão.

Filotecnia - À ociosidade não lhe hajais inveja, à virtude si: que a molher que não vela, não faz larga tela: e o lavor da judia endereçado de noite, e dormir de dia.

Tenolvia - Nós outras sempre havemos de ser escravas de casa. Praza a Deos que cedo me leve pera si ou me tire deste cativoiro.

Filotecnia - Ora douda dai com a mão na boca. Toda vós estais cortada: a

¹⁶³ que] que [*LA: lição que se adopta.*] qua [*LB*]

mulher de bondade, outrem fale, e ela cale. Vistes os seus trabalhos?
Quem cospe pera o céu na cara lhe cai. Essoutras se vivem a seu
prazer, também dizem delas o que Deos sabe.

Tenolvia - Assacar-lho-ão más lingoas, que o rir, e folgar não é pecado.

Filotecnia - Onde há muito riso há pouco siso. Dentro em casa não se tolhe,
mas não se sofre tanto dar de rabo à vila. O que é bom pera o
fígado, é mau pera o baço: bom é missar, e a casa guardar, que
vosso pai não quer que vivais ociosas.

Glicéria - Meu pai se nos pudesse entaipar, esse seria o seu gosto.

Filotecnia - De lá nos venham as pedras, donde estão os nossos.

Tenolvia - Eu não sei pera que nos ele quer em casa, pois lhe tanto
cansamos. Meta-nos já freiras, acabe e descansará.

Filotecnia - Quereis vós?

Glicéria - Oxalá já o visse.

Tenolvia¹⁶⁴ - Assi como assi já o sou: sempre fechada, que cedo hei-de cegar
com esta costura.

Filotecnia - Tenolvia não dê com o dedo no céu: não te assanhes com o
castigo, que não to dá teu imigo. Quantas ora há tão honradas, e
mais que vós, que tomariam ter a vida das vossas moças: mas o
farto do jejum não tem cuidado algum: e pouco dá o farto pelo

¹⁶⁴ Tenolvia] Glicería [LA] Tenolvia [LB] [Na errata de LA é indicada, para este lugar, a seguinte correção: (Gli) assi diga (Ten.) assi.]

faminto. Assi é tudo, com o que Pedro sara, Sancho adoece. Outras com sua pobreza são contentes e sofridas e vós com sobejidões, queixosas: tudo se estima como se julga.

Glicéria - Vossa mercê nunca há-de ser por nós, por mais que homem queime as pestanas pela satisfazer nunca é contente.

Tenolvia - Minha mãe é muito daquilo: todas as filhas alheias são santas, as suas nunca fazem cousa boa. Os labores das outras todos são estremados, os nossos não prestam: ora inda Deos está onde estava.

Filotecnia - Calai-vos doudas, que eu sei quão preguiçosas sois; calo-me eu, porque enfim sou mãe, e também canso. E sabeis que diz vosso pai? Que sois muito janeliras: e a mulher que muito mira pouco fia: que nunca vem de fora que vos não veja à janela.

Tenolvia - Jesu livre-me Deos camanho testemunho? Ousarei jurar que nunca me viu.

Filotecnia - Quem bem nega nunca se lhe prova: ele não no sonhou.

Glicéria - Camanha graça, minha mãe tem quer agora dizer aquilo, que meu pai nunca lhe veio por cuido nem por penso.

Filotecnia - Guardai-vos duna rapariga douda não vos dê com este chapim, e desmentir-me-eis? Eu digo verdade que me deu muitos achaques que via andar por aqui embuçados: àquele nada se lhe esconde.

Tenolvia - As maravilhas de meu pai, as aves do céu lhe fazem nojo. Pois que lhe havemos nós de fazer? Nunca viva se dou fé de embuçado

que por aqui passasse. Mal pecado, não lembramos nós tanto ao mundo. E mais dou-lhe que passassem, hão-nos de comer da rua? Um bem tem ele, que são as nossas janelas tão altas, que mal me atreveria conhecer ninguém em baixo.

Filotecnia - Quereis que vos diga moças? A molher que é boa, prata é que muito soa. Isto queria que tivésseis sempre ante os olhos: olhai que gosto danado muitas vezes julga por doce o agro: não vos fieis na vossa escolha, que afeição e ódio não permitem juízo claro. Toda mocidade é simples, pela falta de experiência. De ninguém, e de vós mesmas menos, vos fieis: errai antes pelo parecer de quem vos quer bem sem interesse, que acertar pelo vosso, que o mor acerto que toda pessoa pode fazer, é fugir culpas próprias: e o mor descanso, saber que traz outrem cuidado de sua vida. Vosso pai quer-vos bem, traz cuidado casar-vos muito à vossa vontade, por amor de mim, que trabalheis por não lhe dar má velhice, nem creais outrem mais que a ele, que de roim cabeça nunca sai bom conselho: e raramente se acha quem conselhe senão ao som do seu proveito, ou gosto. Não se entenda em vós, por amor de Deos, filha se¹⁶⁵ boa, mãi que aranha vai por aquela parede: Não tenhais em pouco pequenos erros, e começos maus, que desses vêm os fins peores. Vosso pai é cioso, e de longe aventa as pegas, nada lhe passa pela

¹⁶⁵ se] se [*LA: lição que se adopta.*] sei [*LB*]

armada: eu dos ventos me receio por lhe arredar toda má suspeita: porque ao marido sirve como amigo, e guar-te dele como de imigo: e vós outras também o temei, pois sabeis como é assomado: e medo guarda vinha, que não vinheiro: olhai o que vos cumpre, que o bem soa, e o mal voa.

Tenolvia - Se cuidasse que nos dizia isso com algũa desconfiança, per minhas mãos me mataria. Que vê ela em nós pera recear-se?

Filotecnia - Té'gora nada, se assi for sempre, que pelo si si, pelo não não, assi lho disse eu: porque se suspeitasse o contrário, enterrar-me-ia, que antes morte que vergonha. Prezai-vos de recolhidas se quereis que não fale o mundo: que de porta cerrada o diabo se torna: pera as mulheres nada é seguro, e tudo sospeitoso. Não sejais confiadas, que aí está o perigo: e ãa hora cai a casa que não cada dia: o que vosso for à mão vos virá: benzer d'atrevimentos, que cesteiro que faz um cesto fará cento; erros de filhas são culpas de mãis, pelo muito que tomam delas: e pecados de pais, pelo que contra outras cometeram: não queirais ser nosso açoute. E como assi fizerdes a vontade a vosso pai, tereis dele tudo o que quiserdes, e haveis a sua benção e a minha.

Tenolvia - Pois, senhora, mande chamar seu compadre, se nos há-de dar os vestidos?

Filotecnia - Não é tanta a pressa, amenhã dia é, tempo à choca, e tempo a quem a joga.

CENA TERCEIRA**Hipólito, Filotecnia, Tenolvia, Glicéria****Hipólito** - Há aqui que comer?**Filotecnia** - Porquê? Tãmanha galga trazeis vós? Não há tanto daqui à cea.**Hipólito** - Bofé, senhora, que venho pera dar os fios¹⁷⁰ à tea de fome, se me não socorre com algũa consolação.**Filotecnia** - Nem com toda sede ao cântaro, nem com toda fome ao cesto.**Hipólito** - Sempre me vem com exemplos que não me armam.**Filotecnia** - Eu o creio.**Hipólito** - Ora, senhoras, haja em vós algũa caridade. Glicéria mana, fazei vossas virtudes, que sempre fostes minha amiga.**Glicéria** - Naquele almário está lacão.**Hipólito** - Sejais santa bem-aventurada. Inda vos eu baile na voda. Dai cá.**Filotecnia** - E donde vens agora cousa perdida? Nenhum assento nem siso tens. Pois mal haja o ventre que o bem não lhe vem em mente: quem não olha ao diante, atrás se acha. Todo teu feito é andar em¹⁷¹ doudices com más companhias, e di-me com quem passes dir-te-ei que fazes, que quem com farelos se mistura maus cães o comem. Não estarás em casa algũa hora? Pois como teu pai folga com isso, é

¹⁷⁰ fios] fios [*LA: lição que se adopta.*] fies [*LB*]

¹⁷¹ em] em [*LA: lição que se adopta.*] com [*LB*]

um prazer.

Hipólito - Meu pai não folga, nem tem por bom senão o que ele faz: mas ninguém vê o argueiro no seu olho, senão no alheio: ora os outros não são cegos: faz-se mais rabugento, que não há cousa que o sofra.

Tenolvia - Muito há-de saber quem houver de contentá-lo.

Hipólito - Mas como é certo de pais serem juizes injustos com seus filhos: querem que em nacendo sejamos velhos, e nenhum comércio tenhamos com os frutos da mocidade: eles quando mancebos viveram a seu sabor triunfando a vida sem temer nem dever: depois de cansados que lhes a natureza escassea, e lhe o mundo avorrece, porque os desengana de si, e o não podem lograr que lho não permite a idade, querem que assi não vivam os filhos de enveja, ou de raiva: tudo o que já não podem lhes parece mal: nem terdes gosto sofrem, grandes reformadores de vidas alheias quando lhes o tempo toma residência das próprias. Queria eu que dessem eles com os costumes¹⁷² passados exemplo, que falar do arnês, e nunca o vestir todos o fazemos. Meu pai quando está de boa vea, todo seu passatempo é contar fortes que fez, e gabar-se de excessos que me ele mal sofreria: então quer que seja eu capucho. Em mim se hão-de emendar todas suas culpas.

Filotecnia - Aí verás se te quer mal: não é tão pouco ter guia que te avise do

¹⁷² costumes] eostumes [LA] costumes [LB, *lição que se adopta.*]

atoleiro em que caiu. Nunca ouviste? O que faz o louco à derradeira, faz o sábio à primeira: sigue tu o bom que te diz e acertarás, que ele não te há-de dizer senão o que te cumpre: e quem dos seus se aleixa a Deos leixa. Olha que filho és, e pai serás como fizeres assi verás: e quem a seu pai não sofre, a quem sofrerá?

Hipólito - Ûa cousa lhe afirmo de mim, se algũa hora tenho filhos hão-de ter comigo boa hora e boa ventura, não lhes hei certo de andar acoimando sempre a vida: mas ser-lhe fácil, e companheiro, porque não se encubram de mim, e assi os possa melhor, e mais facilmente desviar dos erros em que os vir: porque o filho se costuma¹⁷³ a mentir, e enganar seu pai, muito melhor o fará aos outros: por onde é melhor sustentá-los em liberdade com vergonha, que em temor, pois ninguém é muito fiel a quem teme. Meu pai há por mais certo ser áspero e forte de condição: e não sabe que é muito mais seguro o império que se conserva per amor e benevolência, que per medo e aspereza. E quem per brandura não sabe governar seus filhos, não sabe ser pai.

Filotecnia - Isso querias tu que te leixasse teu pai seguir teus apetitos desenfreadamente? Pois quem temperança não há consigo, sem freio anda com pouco siso. Queres que te diga Hipólito? Chega-te aos bons, e serás um deles: que quem à boa árvore se arrima boa

¹⁷³ se costuma] se costuma [*LA: lição que se adopta.*] se se costuma [*LB*]

sombra o cobre. Teu pai não grita outra coisa senão que segues más conversações, de que sempre se segue, ou o frade¹⁷⁴ ladrão, ou o ladrão frade, que o costume faz nova natureza, e assi to digo sempre: mas perdida é a decoada na cabeça do asno pardo, que quem de sandice adoece tarde ou nunca guarece.

Hipólito - Ouvi vós minha mãe, e cuidareis que como eu meninos? Ora não é o demo tão feio como o pintam. Eu senhora não ando a tomar capas; nem a matar homens: ser servidor de damas não é moeda falsa, nem tacha em mancebos da minha arte: porque amor é o escamel da galantaria, e da discrição, e da cavalaria. Nunca ouviu? Toda coisa quer seu tempo, e os nabos no advento: não posso ser velho sem idade, que seria *ante cocho que el agoa ferva*¹⁷⁵; a seu tempo vêm as uvas quando são maduras; a cada idade deu Deos seu ofício, e per graus se melhoram de um no outro, ao velho severidade: ao mancebo alegria, e a todos os anos se concede seu jogo: e quem quisesse totalmente refrear os primeiros ímpetos da natureza, seria tolher a força ao engenho, e ser fábula do povo: se pepinos viessem em Dezembro ninguém os comeria. Quando for tempo de me recolher¹⁷⁶ far-me-ei mais grave que um doutor.

Filotecnia - Quem mau pleito tem a vozes o defende, e tu tal és, cuidas

¹⁷⁴ ou o frade] ou o frade [*LA: lição que se adopta.*] ou frade [*LB*]

¹⁷⁵ agoa ferva] augo a ferva [*LA*] augo aferva [*LB*]

¹⁷⁶ recolher] reeolher [*LA*] recolher [*LB: lição que se adopta.*]

embelecar-me com tuas parolas, e não sabes que quem com donas anda sempre chora, e não canta: e os maus costumes, e a emperrada quer-se quebrada. Cuidas tu que não sei eu os teus tratos, que fazes cada dia ãa das tuas: e quem com muitas pedras bole em ãa se fere, e quem muitas estacas tancha algũa lhe há-de quebrar, que por isso se diz, ãa hora cai a casa, e não cada dia. Hipólito, quem ao diante não cata atrás cai, e mal barata; e o prudente mede o fim das cousas.

Hipólito - Senhora, ser namorado não mo tolha ninguém, porque a senhora minha dama é muito fermosa, e de grandes quilates, e não me quer mal par estas barbas: ora eu não será razão que lho queira: pois todas as obras humanas pretendem seu prémio em outra cousa salvo amor que não se paga senão com amor. E porque veja como sou repassado nesta conserva, quero mostrar-lhe ãa cantiga que lhe fiz o São João passado, vendo-a em um jardim colhendo flores: e chamo-lhe eu a minha menina, porque ela é destas d'antre pulo, e boleio, e juntamente tem um parecer menineiro, e de muito ar, que me derrea: assi que a este prepósito lhe mandei esta.

Cantiga

Menina que colheis¹⁷⁷ flores,
E sois das flores a flor:

¹⁷⁷ colheis] colheiss [LA] colheis [LB: *lição que se adopta.*]

Por dita sentis amor
Como dais sentir amores?

Cuidado antre as ervas dais,
Antre as flores pensamento,
Dos olhos com que as olhais,
Nace dor, pena, e tormento.

Menina que d'antre¹⁷⁸ as flores
Sois a rosa, e dela a flor,
Colhei também deste amor
Já que sois os meus amores¹⁷⁹.

Quem vos pode ver sem perigo
Se alcança saber sentir-vos
De si não seja inimigo
Em negar-se por servir-vos.

Não se vem¹⁸⁰ vossos primores
Sem padecer nova dor,
Por vos dar flores a flor,
E amor dos meus amores.

Ora que lhe parece agora, senhora? Há mais Mancias que isto, nem
mais França? Ela parece-lhe que é bico de junco o furor, e espíritos
que amor dá?

Filotecnia - Ai doudo, doudo, tal cabeça tal siso, nessas doudices gastas tu
teu tempo.

¹⁷⁸ antre] antre [LA; *lição que se adopta.*] entre [LB]

¹⁷⁹ amores] [O espaço interestrófico seguinte foi omitido em LA]

¹⁸⁰ vem] [LA, LB: vem *por* vêm, *sem substituição no texto para não alterar a métrica.*]

Hipólito - Esse mau. Nunca o eu peor empregasse. Meu pai mais queria que o gastasse em saber a conta de frandes, que é gentil habelidade, alfaia de cobiçosos: mas não pode ser que o demo esteja sempre a ãa porta. E vós, minhas senhoras, como estais com esta cousa? Não sei se sois marca de entender ãa galantaria assi escarrapiçada.

Tenolvia - Não nos façais tão apagadas, que também entendemos o bom.

Hipólito - Assi se espera de tais pessoas. ãa mercê me fazei, que vos não amarreis tanto aos preceitos da velhice de minha mãe, inda que sejam bons, que ãa hora por outra não aceiteis minha doutrina, que é assazonada, e do tempo, porque vos é mui¹⁸¹ necessária.

Filotecnia - Não desejo eu outra cousa.

Hipólito - Por sua vida, senhora mãe, se vir o recacho, e desdém desta rapariga, que se perca por ela.

Filotecnia - Como de feito, eu sou perdida por esses jeitos e torcicolos: a molher não há-de ser bonifrate. Parece-me muito bem o assossego no corpo: segurança e assento no rosto, natural que não arteficioso todo essoutro andar de cuadas: o trocar¹⁸² de boca: o quebrar de olhos é muito pouco honesto: promete muita doudice, e é sinal de burra frontina.

Hipólito - Como isso é já de velha, mãe. Não sabeis onde o negócio bate.

¹⁸¹ mui] mui [LA: *lição que se adopta.*] muito [LB]

¹⁸² trocar] [LA, LB: *variante popular da forma verbal torcer, onde se verifica a metátese do <r> para junto do <t>.*]

Aqueles ademanos são recramos de amor. Todo ar, toda discrição, é um pisar o mundo debaixo dos pés, e de haver a terra por indigna deles, dão aqueles solavancos, como grou que quer voar. E de todos estes petrechos sabeis que é minha dama artista.

Filotecnia - Pois como eu sou disso?

Hipólito - Ela não lhe armam senão as tarefas de suas filhas, que as têm sempre de empreitada. Esta moça é tabola que não joga: põe raia per cima de camafeus: finalmente é a grimpa da fermosura.

Tenolvia - Fez-nos Deos, e maravilhou-se. Ora queimem-na, e lancem o pó per cima das outras.

Glicéria - E vós, segundo isso, sabereis sempre per ela donde é o vento, como peneireiro.

Hipólito - Zombais, senhoras? Pois eu vos digo que não sois camuzes¹⁸³ de cair no mel da sua arte. Sois cá moças de vila, não sabeis mais que amassar e peneirar: fazer filhós, e bolos de soborrvalho: ao domingo enfeitais-vos com volante, e quando saís a vistas, ides mais sesudas que ãa noiva, qualquer cousa vos enlea: correis-vos por dá cá aquelas palhas: nem sabeis falar senão com vossa mãe.

Filotecnia - Assi as quero eu, e que não tenham o saber na lingoa.

Hipólito - Pois quem não fala não no ouve Deos. Minha dama, e as da sua

¹⁸³ camuzes] [LA, LB: segundo Figueiredo e Moraes, camuzes é um termo de significado incerto, utilizado por J.F.V. na *Ulissipo* e na *Aulegrafia*. Na *Enciclopédia Luso-Brasileira* (vol.5), confirmam-se os dados anteriores, mas sugere-se que este termo pode ter origem no francês *camus*, com o significado de atalhado, embaraçado.]

laia não se ocupam em exercícios baixos, e servis: curam luvas, e dormem com elas pera curar as mãos: e té dormindo estão em estrado: fazem pivetes, todas são agoas de cheiro: sabem vestir-se a las mil maravilhas: inventar, betar cores: sentir o bom, reprovar o mau: estas são suas ocupações, e dar mostras de si com segurança de um touro.

Glicéria - Roim seja quem lhe houver inveja.

Hipólito - Pois praticar, e saber per que termos, e com que cortesia, e mesura se hão-de medir os homens: e dar razão no alto e no baixo sem algum pejo: far-vos-á estar com a boca aberta. Só pera ensinar estas minhas irmãs folgaria, mãi, de vo-la meter em casa.

Filotecnia - Bofé por tudo isso que tu dizes lhe não darei eu o meu gato: essas discrições tais trazem mui¹⁸⁴ pouco fruto. A molher há-de ser engenhosa, e destra nas cousas de casa, e não nas do mundo. Nem me caseis vós com essas doudices, por mais princesas que sejam, que eu não nas quero, nem é minha vontade, que o casamento é bom de fazer, mas quem o há-de manter, muito há-de saber.

Hipólito - Inde mal, porque ela não quer, que eu lhe lambera os dedos.

Filotecnia - Não curemos nós disso, que eu não hei mister donzelas.

Hipólito - Pois eu também não quero gatas borralheiras, que quem em roim lugar põe vinha, às costas a tira. Sabei vós, mãi, ãa cousa, que

¹⁸⁴ mui] mui [*LA: lição que se adopta.*] muito [*LB*]

podem estas senhoras vossas filhas viver com ela em tudo: porque não há cousa que chegue a esta arte palanceana.

Tenolvia - Ora, senhor, não corteis tanto por nós, nem tanto amem que se dana a missa: como a cera é sobeja logo queima a igreja: cá não morremos d'abafos.

Hipólito - Bem sei que sois molheres de vossa fantasia: e se fôreis tão galantes que quiséreis prestar com ela, e mandar-lhe alguns serviços, valer-vos-ia muito e eu não ganharia pouco.

Glicéria - Eu o desejava.

Tenolvia - Si mandaremos lá a negrinha dos pés queimados.

Glicéria - Se vem à mão ela fará alguma estriga caiada, feita de engonces¹⁸⁵: enfeitai o cepo parecer-vos-á mancebo, a poder dos cinco mandamentos.

Hipólito - Não se desmande por me fazer mercê, falemos cá no dinheiro da estopa que releva. Vossa mercê, senhora, vê como eu ando safado? Quer acabar de me haver um vestido de meu pai? E se não, não me dá disso, tudo será não ir ao paço, que eu determino não meter pé nele desta maneira.

Filotecnia - Sabes que diz teu pai, Hipólito?

Hipólito - Si, que foi?

Filotecnia - Que nunca vás ao paço: e que todo teu tempo gastas per casa

¹⁸⁵ engonces] [*LA, LB: por engonços.*]

dessas boas mulheres com outros vadios. E queres que te diga? A quem hás-de rogar, não hás-de assanhar, que quem mais quer que bem a mal vem: não olhas senão o teu gosto, e quem não conhece que peca não sofre ser emendado. Praza a Deos que seja eu mentirosa; mas teu pai determina saber todos teus caminhos: e não queria que fosses com ele: quem bem tem, e mal escolhe, por mal que lhe venha não se anoje.

Hipólito - Di-lo ele assi? Pois diz verdade. Que remédio?

Filotecnia - Eu não sou contente de vós levardes esse caminho. Se quereis haver a minha benção, trabalhai fazer a vontade a vosso pai, que qual te dizem, tal coração te fazem.

Hipólito - Ora, senhora, eu vou entendendo isto. Se lhe avorreço em casa, dou graças a Deos que me deu disposição pera o mar. Eu me irei morrer à Índia na primeira armada, e desapressarei meu pai.

Filotecnia - Não me digas isso Hipólito, que me magoas muito. Não me canses, que sempre tenho trabalhos por ti, e esse é o galardão que me dás. Bem me diz a mim teu pai, quer em jogo, quer em sanha sempre o gato mal arranha.

Hipólito - Meu pai sempre é profeta: por isso se há homem de enterrar por não sofrer sujeição de pai velho.

Filotecnia - Hipólito tal de mim tal de ti: quem mal, e bem não pode sofrer, a grande honra não pode vir ter. Eu te direi: todo o mal é de quem

o tem: se mal fizeres pera ti o farás. Quem consigo se conselha, consigo se depene, que teu pai ninguém se tome com ele per mal: hajamos paz morreremos velhos.

Hipólito - Assi queria eu.

Filotecnia - Ora anda tu embora, que o tempo me vingará de ti.

Hipólito - Inda mais vingada, que ver-me andar sobre um vestido em requerimento, como pera ser conde?

Filotecnia - Ora, cal-te, cal-te, que em boca cerrada não entra mosca: e quem muito fala, dele dana. Não posso ouvir tuas ingratidões: mas a palavras loucas, orelhas moucas; e ao doudo, e ao touro dar-lhe corro. O vestido já diz teu pai que o tomes do que quiseses.

Hipólito - Mas que nunca mo dê: não tenha ela por isso paixões, que não me há-de faltar quem me fie, a pagar quando poder, e será mais barato que importuná-lo, porque o que se pede, não se alcança de graça.

Tenolvia - Ora não queimeis o sangue a minha mãe, que ela não vos tem culpa na condição de meu pai.

Hipólito - E a mim dá-me dele? Por minha mãe o hei eu, que ferve logo como lhe ele diz bé. E inda lhe a ele não vejo fazer tantos milagres que me obrigue a observante: mas todo mundo vê o argueiro no olho alheio, e no seu não vêem traves. Mas os velhos d'agora querem ser mancebos, e anda assi o demo às vessas, e o carro ante os bois. Mas leixemos isto, senhora, vá-se o demo pera o demo, e

venha Maria pera casa, bem sabe que tem em mim um pino de ouro, e filho de benção, e que matarei sete asnos por seu serviço. Se me ela quisesse agora socorrer com cinco cruzados que hei mister como a vida? Emprésteme-mos, senhora, que eu lhos pagarei muito cedo.

Filotecnia - Não nos tenho.

Hipólito - Eu lhos tornarei à fé.

Filotecnia - Vai, vai, que assi me enganas tu sempre: tu es papa los meus, papa los teus e nunca ãa hora perdes comigo nada: pago-me eu do meu amigo, que come o seu pão consigo, e o meu comigo.

Hipólito - Pois porque eu tenho muito?

Filotecnia - Não dá quem tem, senão quem quer bem.

Hipólito - Essa razão faz por mim. Queria fazer partido a um verdugo que val um reino, e à fé, por vida minha que mos há-de dar agora.

Filotecnia - Bofé que não tenho mais que três cruzados, que ontem tomei a teu pai.

Hipólito - Ora dê-me esses. Tenolvia mana, tendes algum que me empresteis?

Tenolvia - A nunca pagar.

Hipólito - Valei-me agora em minha necessidade, e o primeiro dia que me

treçar¹⁸⁶ a primeira, eu darei barato, e pagarei tudo.

Tenolvia - Eu não tenho mais que três tostões.

Hipólito - Ajuda é. E vós, mana Glicéria, não fareis também virtude?

Glicéria - Eu bofé que só um tostão tenho de meu.

Hipólito - Ora enfim quem te dá o osso não te queria ver morto. Cada ãa acuda com o que tem e pode, que não é mais obrigada; e sabei que há-de ser ao galarim. Todavia, eu não tenho inda aqui comprimento pera o que quero: determino i-los aventurar a ãa vaia, quiçá dobrarei a parada, e farei de minha prol.

Filotecnia - Mal pecado, esses são os verdugos que tu comprarás? E eu tão tola que te dou o dinheiro?

Hipólito - Cale-se senhora que quem não se aventurou não perdeu nem ganhou: este dinheiro é de benção, há-de multiplicar: deixai fazer a Deos que é Santo velho, e vereis gatos comer pepinos.

Tenolvia - E vós, irmão, ide-vos assi ? Pois quando se cortarão os nossos vestidos?

Hipólito - Por vos servir darei à *la misma* hora ãa volta por casa de seu compadre, e verei o que tem: e quando não estiver apercebido pera o que cumpre a tais damas, dir-lhe-ei que o busque, e amenhã faremos maravilhas.

¹⁸⁶ treçar] treçar [LA, LB: variante popular da forma verbal terçar, onde se verifica a metátese do <r> para junto do <t>.]

Tenolvia - Pois olhai, irmão, fazei-lhe trazer todas as cores pera escolhermos.

Hipólito - Perdei o cuidado de serdes servidas.

Filotecnia - Ora vai cabeça de vento, que assi as engodas tu, e a mim com elas.

CENA QUARTA**Hipólito, Barbosa**

Hipólito - Monseor Barbosa, tenho de tomar convosco um grande conselho, respondi-me como homem que o lê, e entende, e lhe passa cada hora pela mão: e a experiência é mãe das cousas, porque dos esperimentados se fazem os arteiros.

Barbosa - Homem sou eu, que do meu mester outrem vos dará peor razão de si: portanto proponde brevemente, porque vosso pai mandou-me fazer um pouco, e não queria que me visse.

Hipólito - Eu vos direi, vamos por aqui. Queria, meu amigo, saber de Florença em que tratos anda, que há três dias que não posso entender onde a bêbada da mãe a tem em taibo: e cuido que me faz isto por me fazer cacha.

Barbosa - Fa-lo-á ela por seu proveito, que nessas meijoadas sempre há pagodes, e bom vinho, que pera ela é o próprio recramo.

Hipólito - Segundo isso, tendes pera vós que ma calabreou?

Barbosa - De seu se está entendido. Que menina a mãe pera não andar aos ovos com ela, como com pele de raposa.

Hipólito - E dessa maneira cumpre seus juramentos?

Barbosa - Jura má sob pedra vá. Os juramentos desta qualidade, feitos por tal gente, e em matéria de seu interesse, mal se devem crer, porque

peor os costumam elas comprir.

Hipólito - Pois eu descreio da fé dos mouros, se mo não pagam.

Barbosa - Tremendo estão elas disso: bem sei quem há-de levar a peor.

Hipólito - Ora não hei-de de ser sempre tão mimoso, e impaciente que me falte sofrimento pera saber encobrir, e dissimular a dor de tantas injúrias, quantas as mulheres inventam pera matéria do sentimento dos homens.

Barbosa - Pois inda as deste jaez é peor relé? Porque de mulher que perdeu a vergonha não espereis bom feito.

Hipólito - E não é nada senão que me têm elas por tão sojeito.

Barbosa - Mas por tão parvo.

Hipólito - Que presumem ter-me aferrado a cem amarras por mais perrarias que me façam.

Barbosa - E não no erram, que eu lhe ousarei ser bom fiador.

Hipólito - Par estas que me nadem que se enganam muito comigo, que se dou volta à peneira leixá-las-ei em garganta a boas noutes, que não haja cousa que me tenha.

Barbosa - Esse era o acertar, que o vencimento próprio é o melhor de todos: mas primeiro que se nada cometa há-se de olhar tudo: medir os inconvenientes, e examinar cada um consigo se pode levar ao cabo o que ãa vez restar, e não seja cuidá-lo bem, e fazê-lo mal: porque não efetuar o começado raramente passa sem dano: que se fordes

autor de quebrar as pazes, não fica achaque de restituir em trégoas: e quando ela tiver feito calo na teima geral das mulheres de a ninguém rogarem, porque as não obriga a vontade: se forçado da fraqueza do espírito namorado a rogardes, descobris amor pera azo de maior sujeição. E acabado de Florença entender que lho tendes, insofrível, feito é, fazei conta que vos há-de pôr os pés nos focinhos, que estas são peores rogadas: e conhecendo-vos sojeito, fará de vós mangas ao demo, e a corva da mãi nunca se fartará de vos fazer perrarias, porque haveis de ter por sem dúvida, que quanto maior²⁰⁴ bem quiserdes à mulher desta plumagem, tanto menos vo-lo querem. A medida destas é serem sempre apaleadas, que reconheçam senhorio, que se por temor não, por virtude nada fazem, nem lho espereis. Afagam o amigo enquanto dele desconfiam: como lhes parece que o têm asido na costela, matam logo a negaça, e fazem-lhe cada hora mil²⁰⁵ sobrançarias, e pera as escusar o remédio é fazer-lhas primeiro. Tenha-vos por assomado, desarrazoado, insofrível, cru, e isento, e per esta via levareis dela o melhor, e tão bom dia, que por amor, e cumprimentos, mau caminho vos vejo. Eu há dias que lhes sei o erro, e nenhũa piedade, nem comedimento uso com elas: na luta, levo-as arca por arca, e

²⁰⁴ maior] maior [*LA: lição que se adopta.*] maior [*LB*]

²⁰⁵ mil] mil [*LA: lição que se adopta.*] nil [*LB*]

digo-lhes se cuidastes cuidamos: às primeiras razões quebro-lhe os focinhos, e ãa vez que isto faço de boa entrada, fico em posse de me sofrerem e não sofrer, que é toda a doce França.

Hipólito - Essa é a suma, não há que falar, por isso determino açoutar-me desta vez, e desenganá-la pera nunca mais *perro al molino*, e mais hei-lhe de dar²⁰⁶ ãa estafa, que se não há-de sofrer que me esté ãa bêbada comendo a isca, e sobre isso se faça invésível cada vez que quer.

Barbosa - Se crerá de vós que fizéreis o terço do que dizeis favorecerá vossa determinação assi como a louvo; porém não no presumo de quem eu conheço que lhe jaz nas custas de muito afeiçoado. Vossos feros são coração de pousada, e pois assi quis a fortuna não façais cousa de moço. Sei muito bem que a haveis de rogar depois²⁰⁷, portanto é melhor dissimular agora.

Hipólito - Porque pera tão pouco hei-de ser que lhe não possa ter as pélas?

Barbosa - Pera muito menos.

Hipólito - Não me vingarei?

Barbosa - Não.

Hipólito - Como não? Estais gracioso. Pois enterrar-me-ei vivo e não me haverei por homem se não levar os narizes nas mãos, ou cruzar o

²⁰⁶ dar] dar [LA: *lição que se adopta.*] dir [LB]

²⁰⁷ depois] depois [LA: *lição que se adopta.*] do pois [LB]

rosto à bêbada de sua mãe.

Barbosa - *Tanjan a muertos*. Isso será com raiva do asno tornar a albarda.

Hipólito - Não que do mal que faz o lobo apraz ao²⁰⁸ corvo, e a mãe é a que faz tudo.

Barbosa - E à filha que lhe pesa? Ora espirrai vós pera o céu quanto quiserdes, que eu inda não me desdigo, e estou, e estarei nos meus treze.

Hipólito - Sabeis vós logo mais de mim que eu?

Barbosa - Agora o sabeis? Esta não é a primeira, nem com ajuda de Deos será a derradeira que vos vi blasonar: por isso não cuideis de dar couces contra o aguilhão? Todo o imigo se há-de temer, maiormente o amor. Pera lhe resistirdes haveis mister mais calos. Depois de bem calejado por tempo, pode ser virdes a ser prático nesta guerra, que eu inda que não sou velho, ando repassado destas más venturas que mamei no leite: e por meus pecados criei-me sempre com estas, e sei-lhes a lenda, da longa experiência, e criação aprendi saber tratá-las, e conhecê-las: e pera chegardes a este estado haveis inda de cursar comigo anos, nos quais me obrigo fazer-vos destro, se vos valer vosso bom natural.

Hipólito - Ora já que assi é, enquanto falamos de tranqueira, e temos tempo de consulta, que se fará nisto? Que eu como em cousa própria não

²⁰⁸ ao] ao [*LA: lição que se adopta.*] o [*LB*]

nego que me sinto pusilânimo, e fraco de conselho.

Barbosa - Ordenação é da natureza verem os homens o alheio melhor que o próprio: porque prazer, ou pesar: afeição, e ódio nos impidem o verdadeiro conhecimento: e o ânimo duvidoso a muitas partes se inclina: donde nas cousas adversas a quem falta ânimo, ou conselho, deve sempre buscar o esforço e remédio no amigo se o tem fiel; e não como uns que se gloriam da desventura daquele que lha conta. E pois é grave tormento o que não se pode evitar, e bom esforço espalha mala ventura: o principal disto é fazer o coração largo; que coisa que em si não tem conselho, ou modo algum certo, não se pode reger por ele, nem ter regra certa.

Hipólito - Dura sorte é essa.

Barbosa - Nem eu não vo-la dou por boa. Esta negoceação do amor tem grandes temporais. Querer meter em ordem, e razão suas incertezas, não é menos que pôr diligência em querer ensandecer, tendo juízo perfeito, e como dizem, quebrar a cabeça com as paredes. E todos vossos feros de farei, acontecerei, fará polme Florença com a mais pequena lágrima que lançar sem cor, e a força de esfregar os olhos: e pela satisfazerdes, e amansardes não somente lhe perdoareis: mas acusareis vossa culpa confessando a sua por vossa, e dando-lhe de vós a pena, e castigo que ela quiser.

Hipólito - Não me parece que me conheceis bem. Sou mais ladino que vós

cem contos.

Barbosa - Chamar pelo barqueiro. Mancebinhos de mãos mimosas, sem calos de fortunas, eu bem sei em quão pouca agoa se afogam, e como esmorecem tanto que lhe põem a mão na boca que lhe tolhem o que desejam: fiai-vos de mim que houvéreis de madrugar mais. Enquanto o mar bonança todos são bons pilotos, mas se ele se empola com vento contrário, poucos atinam ao norte. Se vos eu não sentisse afeiçoado, pusera-vos em porto seguro, que ânimo livre não tem corpo sojeito: e que o seja; o trabalho corporal não cansa o espírito, e o espiritual tudo ocupa. O bom conselho era não na ver mais, pois anda ao algo: este sei eu que não o haveis de sustentar: por isso tomemos por remédio ir lá: e se me quereis deixar que lhe dê ãs poucas, perdi cuidado que eu lhe farei salmoira com que gosme o comido. Eu topei agora na ribeira a velha trega da mãe, disse-me que fora Florença estar com ãa sua prima que enviuvara: e que de chorar com ela viera tão desfeita, e mal desposta que não estava cousa pera ver, e buscava-lhe ãa perdiz.

Hipólito - Segundo isso algũa grande meijoadá teve ela. Não há paciência que sofra os conluíos dessa mogeira, que essa torta faz tudo.

Barbosa - E Florença carpe-se toda nas palmas das mãos com isso.

Hipólito - Bem sei que não folga ela, e assi mo jura cem vezes: mas que a mãe a desatina.

Barbosa - Boa está a confiança. Da má mulher te guarda, e da boa não fies nada, dizem na minha terra.

Hipólito - Como sois gracioso. Nem todas são desamoráveis, antes nenhũa há que não se afeiçoe em particular, se quer, pera açoute de seus enganos.

Barbosa - Quando isso aquece, é sempre em parte que lho desagradecem, pena *peccati*, porque cães que lobos matam, lobos os matam, e cada um paga por onde pecou. Nunca as acolhem²⁰⁹ mancebinhos d'arte, mimosos da condição, a que elas pelam couro, e cabelo. Uns desalmados como eu, que sem algũa causa as põem a tormento, e lhe comem, e bebem o seu. A estes tais lhe jejuam as vésperas: nestes põem seu amor, com este fazem guerra aos outros guilhotas. Chamam elas isto, ter um pau pera os cães: quanto perdem, e gastam com os tais, forram com os da vossa laia, de que raramente há algum que não seja bajoujo²¹⁰, e afeiçoado, salvo depois que o tempo o calejou.

Hipólito - Ûa cousa vos direi. Muito mais raramente vistes vós mulher moça fermosa pagar páreas, que a fermosura, por mofina que seja, sempre tem jurisdição. Couraças velhas entregues a rapazes é justo que as paguem, e que dêem os canivetes. E as feas também que padeçam,

²⁰⁹ acolhem] acolhem [*LA: lição que se adopta.*] colhem [*LB*]

²¹⁰ bajoujo] bajoso [*LA, LB*] [*LA, em errata é indicada, para este lugar, a seguinte correção: bajoso diga bajoujo.*]

pois querem pôr tenda sem cabedal.

Barbosa - Em parte tendes razão. Mas sabei que também essoutras belas passam dela com dela, que o ofício, é tal que nunca deu boa cea, que não desse mau jantar, e ãas e outras têm assaz de má ventura: e a maior que lhes pode vir, é serem afeiçoadas.

Hipólito - Pois eu vos digo que me tem Florença amor, e que se a mãe não fosse, nenhum interesse pretenderia de mim.

Barbosa - Assi vo-lo mete ela em cabeça, e vós por belo, credes-lho? Mas a outro perro com esse osso: eu conheço-lhe os bofes. Não nego que pode ser que fosse ela menos cossaira²¹¹ por ser moça, e não sabe inda que tem lebre, nem entende as leis de seu fadaíro²¹²: porém é matinada da celestina da mãe que sempre anda rangendo com rabugem, e é tão desaforada que despirá os altares.

Hipólito - E ela vos disse que Florença estava em casa?

Barbosa - Si, e mais eu vim por lá.

Hipólito - Por vossa vida? Que fazia?

Barbosa - Jazia na cama com grandes olheiras, e bocejava como quem estava desvelada d'alguns dias.

Hipólito - Assaz enferma está logo. Prometo-vos que andou a senhora a

²¹¹ cossaira] [LA, LB: o substantivo feminino cossaira é uma variante antiga e popular de corsária, onde se nota assimilação completa do <r> ao <s> e a metátese do <i> para a sílaba tónica.]

²¹² fadaíro] [LA; LB: o substantivo fadaíro é uma variante popular de fadário, na qual se verifica a metátese da vogal <i> para a sílaba tónica.]

caça.

Barbosa - Assi parece.

Hipólito - Que vos disse?

Barbosa - Muitas mentiras. E por se mostrar namorada inquiria-me se fôreis estas noites fora, e per pontos quisera-me tomar pelo beijo, que cuidava ela que me encasquetava assi as suas trampas. E per outra parte pretendia ver-me crer o contrário. E crede que a bebedinha vai-se fazendo destra nas artes.

Hipólito - Tal mestra tem, tal a mãe, tal a filha: *de mala berenjena, nunca buena calabaça*: poucas filhas há que não sejam treslado das mãis.

Barbosa - Tinha ãas arrecadas novas, que devia, parece, trazer da boa guerra, disse-me se lhe queria emprestar três cruzados que lhe pediam de feítio.

Hipólito - Pague-lhas o seu caixeiro.

Barbosa - Nisso me estive primeiro falando, porque eu pela colher, e se me vazar, mostrei-me muito confiado nela, porém elas, conquanto de natureza são palreiras nunca descobrem defeito próprio, nem o que lhes dana. E fazendo em seu caso, disse-me que o não podia ver nem tinto em parede, bebendo ele os ventos por ela, e dando-lhe quanto tinha: porém que o sofria por necessidade, não no podendo gostar por vosso respeito.

Hipólito - Essas obrigações me matam, e confesso-vos que lhe sou afeiçoado

quanto baste.

Barbosa - Mas sobeja.

Hipólito - Porque tem ela muita arte, e é agraciada: e mais estou-lhe em obrigação de ser o seu amor primeiro.

Barbosa - Nunca eu por isso tomo o ferro caldo.

Hipólito - Porém só não sou poderoso pera a sustentar, que se pudera eu a descartara de conversações, e azos antes que se devasse, e a pusera em parte a que não fora salvo quem eu quisera.

Barbosa - Impossível dos impossíveis.

Hipólito - Se meu pai já morrera, que eu tivera o meu, então não haveria senão boa ventura: nós lograríamos o mundo a prazer.

Barbosa - Benção em tal filho. Criai lá o corvo. Justo galardão de herdeiros.

Hipólito - Mas agora que não tenho senão o que furto a minha mãe, e me ela dá; e se me não entra ãa carta fico despojado dos franceses, mal posso, inda que queira, sustentar bando contra seus excessos: por onde não escuso guerra sempre com a mãe. Mas leixai fazer a Deos, que inda vós, e eu havemos de triunfar. Vamos lá.

Barbosa - Vamos, que a mãe disse-me que ia buscar casas fora do postigo pera se mudarem pera lá.

Hipólito - Ora vejamos que estações correu a gentil senhora.

Barbosa - Eu como vos lá poser, hei-me de ir fazer um pouco. O que agora haveis de fazer, mostrai-vos fero, e isento; se se vos ingrifar, dai-lhe

logo, e eu tolher-vo-lo-ei, quiçá assi vos terá temor²¹³, que o reino destas per ele se conserva, e inda assi mal. Aqui somos, sobi sem bater.

²¹³ temor] amor [*LA, LB*] [*LA, que dá errata para este lugar: amor diga temor.*]

CENA QUINTA**Hipólito, Florença, Barbosa**

Hipólito - Boa seja a vinda senhora. Andastes aos grilos, ou às costelas? Pois como lhe foi na jornada?

Florença - Se me ora quisésseis queimar o sangue faríeis bem, que eu venho muito pera isso.

Hipólito - Porquê senhora? Tão cansada estais?

Florença - Cansada não que eu não corri a posta.

Barbosa - O demo o sabe.

Florença - Mas desvelada, e enfadada que me sobeja.

Barbosa – Fruto do ofício, todos seus folguedos têm por remate fastio, e arrependimento, se durasse.

Florença - Ninguém me mande ver nojos, que não tenho condição pera deixar de sentir os de meus imigos: quanto mais os de quem devo.

Barbosa - Como está piadosa²²⁴, e dobrada sobre o inocente. Ela o capeará com suas meiguices: ou eu sei pouco de suas artes.

Florença - Em verdade, senhor, que não estou molher, nem trago cabeça.

Hipólito - Eu o creio.

Florença - Os olhos me ardem de chorar.

²²⁴ piadosa] piadosa [LA: *lição que se adopta.; forma popular de piedosa, por dissimilação da vogal <e> em <a>, acontecendo fenómeno semelhante com palavras da mesma família, et passim.*] piedosa [LB]

Hipólito - De saudade. Quando Deos queria não sofria eu cornudagens: porém já que sou tão mau cabrão, que me afeiçoei sendo livre, que me façam tudo. Por quanto leixará vossa mãe de fazer pagodes? E vós que vos enforcáis.

Florença - Homem, não me digais isso, que me sairei como douda por essa porta fora por não ouvir vossos achaques.

Hipólito - Vós, minha amiga, afrontais-vos com vos entenderem? Cuidais cobrir o céu com ãa peneira? E hei-vos de contraminar, e dar-vos lei de vida a pesar de vós.

Barbosa - Bom vai o polhastro: senão que o representa contrafeito, donde lhe a ela fica dobrada ousadia.

Florença - Eu mereço isso, pois sou tão tola que me cativo. Bem dizem, que não tem preço ser livre, que boi solto delambe-se todo. Não me tenteis sempre, que a paciência provocada muitas vezes converte-se²²⁵ em furor, e desatino; e far-me-eis fazer um que seja soado.

Barbosa - Como está fina, mas entendida, porque cousas fingidas cedo tornam à sua natureza: e as dissimuladas duram pouco. Não se diz porém debalde que no mal sabem mais as mulheres que os homens.

Florença - E é certo que todos estes dias andastes por casa de cem velhacas, e eu coitada entre os extremos do nojo de minha prima? Este pensamento me atravessava a alma.

²²⁵ converte-se] convertesse [*LA, LB*]

Barbosa - Todos os registos toca.

Florença - E o coração me dizia que o havíeis de cuidar, porque nunca te vejas julgado de quem te mal quer.

Barbosa - E que mau fora, já que íeis sem licença, mandar de lá²²⁶ ãa desculpazinha por quitar *questiones*?

Florença - E como se desejei mandar-lhe recado: mas nunca tive por quem. E tudo enfim é mal prolongado, e morte em cabo. Por bem fazer mal haver, são ditas. Nace toda creatura, segundo se diz, com sua ventura: eu sou assi sempre ditosa, por me escudar do fogo, caí nas brasas.

Barbosa - Filha de mãe, que lhe faltam razões pera fazer a sua boa?

Florença - Parece cousa feita acinte²²⁷, quanto mais trabalho ganhar-vos a vontade, tanto mo aza o demo peor.

Barbosa - Eu também quero falar, porque em cada parte se cozem favas. Já sabeis que sou ladino, e sei quantos fazem cinco, e a um falso, dous tredores, porque mais asinha se toma o mentiroso, que o coxo. A mim me disseram que fôreis convidada.

Florença - Eu, valha-me Nossa Senhora. Mas²²⁸ pesares veja minha mãe de mim, e mas fadas corra quem me bem quer, e d'estocadas frias

²²⁶ de lá] della [LA] de lá [LB] [LA, *que dá errata*: della diga de lá]

²²⁷ acinte] a sinte [LA, LB]

²²⁸ mas] mas [LA, LB: *o vocábulo mas é uma forma arcaica do advérbio mais, na qual a vogal <i> não surge grafada, devido à pronúncia do <s> final em [j].*]

moura, e tais veja eu meus inimigos, pois como eu sou disso? Barbosa, não me trateis assi, que sou muito mimosa, e não posso sofrer dizerem-me o que não é, que quem te não ama, em jogo te defama. Mas enfim bem dizem: quem pode ser todo seu, em ser d'outro, é sandeu. Tola de mim, que por me fazer mel comeram-me moscas, e quem mal cai, mal jaz.

Hipólito - Custado me houvesse muito do meu, e fosse isso assi. Porém há dias que sei onde a bogia tem o rabo.

Florença - Inde mal inde negra porque o vós sabeis tão bem, e eu tão mal. Bem dizem que quem crê de ligeiro, agoa recolhe em cesto: e quem prestes se determina, devagar se arrepende. E pois fui nécia, se Maria bailou, tome o que ganhou²²⁹, que o arrepender-me agora tudo é tornar-me a mim, e tarde veio o gato com a lingoiça. Mas pode ser se caí, e quebrei o pé, que seja por melhor: que esquivança aparta amor, boas obras homezio, inda que mais houvera de madrugar.

Barbosa - Meu amigo, tende mão em vós, não cries galinha, u raposa mora, nem creas lágrimas de mulher que chora. A mau capelão, mau sancristão: e a má chaga, má erva.

²²⁹ ganhou] [LA, LB: a forma gain- parece reproduzir um ditongo nasal [gãj], facilmente perceptível no registo da oralidade; de acordo com JJN, nas obras de JFV, Eufrosina, Ulissipo e Aulegrafia, o verbo ganhar surge quase sempre grafado ganhar, bem como o seu derivado ganho, surge gainho, et passim.]

Florença - Falai vós que vos ouça, e responder-vos-ei, não me esteis²³⁰ roendo os calcanhares. Quem me não crê, verdade me não diz. Coitada de mim que sempre hei-de ter estas boas venturas: pois cada dia peixe amarga o caldo, que quem te quer bem na boca lho sentes. Se isto assi há-de ser desta maneira, lá te vai gainho não me dês perda: partamos a palha, que eu vos entendo que atirais aqui: porque quem seu cão quer matar diz que raiva lhe põe nome. E eu vos direi o cão com raiva, de seu dono trava: tornar-me-ei a mim pois fui mofina que empreguei mal o meu amor primeiro: quem mais não pode morrer se leixa: já sei que sois pera mim ora me vedes, ora me não vedes, como a folha do álemo, e por mais ajuda sobre cornos penitência. Diz-me Barbosa que ando em pagodes: mas do filho d’el-rei disseram. Conheceis-me mal, e não é muito, que nós nunca entrámos em barca vós e eu, pois como a menina é disso? Desse pé me calço eu?

Barbosa - Como se tomou de lhe caírem na milgueira? Em casa de ladrão não falar em barão.

Florença - Rezai vós embora, se mal me dizes mal te venha: e ride-vos embora rosto d’escarninhos, que algum dia a minha pereirinha terá peras.

Barbosa - E pois quereis que chore a morte de minha dona? Eu a falar-vos

²³⁰ esteis] [*LA: forma também atestada n’ Os Lusíadas, VIII, 48.*]

verdade sou todo feito de gretas, como entendo a coisa não na posso calar: sou assi desenganado: se vos isto parece mal, o que me houverdes de dar cozido dai-mo assado, pelo si, si, pelo não, não, mijar claro e dar mau grado aos mestres.

Hipólito - Vossa mãe todo seu ponto está em fazer muitos genros de ãa filha: a sua cobiça ãa mão lhe furta à outra: quem lhe mais dá é mais seu amigo, sem ter respeito a outra obrigação: e vós por haverdes a sua benção ides-vos²³¹ fazendo do seu bando quanto podeis, viva quem vence, todo benefício recebido vos esquece. Ora embora, eu me acolherei ao siso, andemos todos a quem o fará peor. E mais não vos enganeis, porque descreio de Fez, se cuidais tratar-me assi que vos ponha fogo à casa, e que despache a bêbada de vossa mãe com cartas pera o outro mundo a poder de estocadas frias, tão em breve, que vos benzais de mim, e digais demo é isto, que não peneireiro²³², que não sou o homem que sofre sobrançarias, nem cornas. E mais daqui me declaro convosco, não vos engane querer-vos bem; que vos darei de um té cem mil açoutes, que ninguém seja poderoso pera vo-los tolher: e se não bastar isto, cortar-vos-ei as fraldas pelos giolhos, e lançar-vos-ei a avoar²³³. E vós zombais comigo?

Barbosa - Bom vai o rapagão, natural tem pera o eu fazer práctico se me

²³¹ ides-vos] ides-vos [*LA: lição que se adopta.*] ide-vos [*LB*]

²³² peneireiro] peneireito [*LA*] peneireiro [*LB: lição que se adopta.*]

²³³ avoar] avor [*LA: que dá errata:avor diga avoar.*] avoar [*LB*]

continuar.

Florença - Se cuidásseis abafar-me agora com feros? Ora vos afirmo que por essa via nada acabareis comigo. Que cousa pera a minha arte? A outro perro com esse osso. Se quereis ter merencoreas, despi o saio e dai-lhe muitos couces: que eu em minha casa estou: e a palavras loucas orelhas moucas: e quem vos dever que vos pague.

Hipólito - Pela boca morre o peixe e a lebre tomam-na a dente: parece-me que hei-de chegar convosco ao certo: e se vos ãa vez perco a vergonha, vezo ponhas que não tolhas. Não vos mostreis tão foute em me responder, que vos darei ãa volta de couces dizendo e fazendo, e farei pouco enquanto vos não tirar a lingoa.

Barbosa - E a senhora está mais segura que espada velha, como quem o lê; ou deseja ãas poucas pera sua doutrina, e prova de amor.

Florença - E os ameaçados pão comem: ladre-me o cão e não me morda: toda ora eu estou tremendo: não mouro de abafos.

Hipólito - Vós bem sei que haveis de ter lingoa e eu terei mãos.

Florença - Echelas²³⁴ mas brandas: melhor será a vossa alma.

Hipólito - Parece-me que quereis hoje demandar sete pés ao carneiro? E a mim sobe-me já a mostarda aos narizes.

Florença - Fareis ora melhor de vos irdes antes que minha mãi venha, que ela

²³⁴ Echelas] Echelas *por* Ecce ellas [LA, LB: *será uma tentativa de reprodução da pronúncia corrente da expressão mista latim-português* Ecce elas, “ei-las”, sendo que a grafia <ch> representa a africada [tʃ].]

não está muito vossa comadre agora; porque diz que vós me fôreis ver, e soubéreis de mim, se me quiséreis bem.

Barbosa - *Yo digo le que se vaya, y el descalçase las bragas*, o desvio com que lhe vem.

Hipólito - Páscoa má venha por vós, e por ela.

Florença - Má? Venha por vós, e por quem me mal quer.

Barbosa - Se vós revidais, tomai dous.

Hipólito - E vós desmandais-vos? Ora esperai.

Barbosa - Ora senhor onde eu estou, não há-de passar tal. Não seja mais, senhora Florença, hajamos paz morreremos velhos. Não solteis palavras, que por um cravo se perde ãa ferradura, e por ela um cavalo, e por um cavalo um cavaleiro, e por um cavaleiro um campo, e por um campo um reino. Já ouviríeis²³⁵ isto: e com teu senhor não jogues as peras, e não esteis a dize tu direi eu, que de calar ninguém se arrependeu, e de falar sempre: e quando um não quer dous não baralham.

Florença - Fale ele bem, e não ouvirá mal.

Hipólito - De maneira que tão bom é Pedro como seu amo?

Florença - Eu tenho boca de meu, e ninguém ma há-de tolher. Enforque-se todo o mundo, e dispa o saio, e dê-lhe muitos couces: que eu não temo nem devo e quatro figas pera quem cuidar outra cousa.

²³⁵ ouviríeis] ouviríeis [*LA: lição que se adopta.*] ouvireis [*LB*]

Hipólito - Pera que é estar nisto? Não há paciência que baste. Leixai-me amansar esta Pantasilea. Oh²³⁶ leixai-me por vossa vida, que me não havei por homem se lhe não puser os pés nos focinhos, e lhe arrancar quantos cabelos tem na cabeça, que o louco pela pena é cordo.

Barbosa - Não fareis por esta vez, que a discrição e cavalaria é não fazer mal quando pode; como parvoíce e fraqueza querer fazê-lo não podendo. E o bom da opinião é não ser temido dos fracos, nem desprezado dos grandes.

Florença - Eu mereço bem estas afrontas pois sou tola; mas não me haveria eu por mulher se me não vingasse. Nisto há-de estar a minha vida? E por qual carga de agoa? Pois inda que eu cuidasse ser cadela de quantos negros há no mundo?

Barbosa - Ora, senhora, vá-se o demo pera o demo, venha Maria pera casa.

Hipólito - Par estas que se vós não fôreis, que ela me nomeara: mas o que perde o mês, não perde o ano: o que não se faz em dia²³⁷ de Santa Luzia, faz-se noutro dia.

Florença - Prometo-vos que esta me lembre, e que não vá à cova com ela.

Hipólito - Roncais-me, senhora?

Barbosa - Eu não me hei-de ir daqui sem leixar feitas amizades: ódios de

²³⁶ Oh] O [LA] O' [LB: O', *pelo que se segue a lição de LB*]

²³⁷ faz em dia] faz em dia [LA: *lição que se adopta.*] faz dia [LB]

mortais não devem ser imortais. A chaga do amor quem a faz a sara. Com branduras, que não com império se faz Vénus doce, dizia o outro, roim seja por quem se desfizer, abraçai-vos, e sede amigos, e não se fale mais no passado; e seja isto renzilha de São João, paz pera todo o ano, que isto visto está que é tudo amor. Parece-me que não houve mister muitos rogos? Eu vou fazer averiguar uns dous velhacos que estão pera se matar em desafio: e tomaram-me por juiz de um certo caso por intercessão de duas gentis damas: e havemo-nos de juntar em casa de um deles sobre a questão, e averiguado o negócio voltarei por aqui: e a mim o cargo que vos ache tão compadres que mau grado ao demo.

CENA SEXTA

Hipólito, Florença, *Sevillana*

Hipólito - Senhora Florença, mal venha por quem nos mal quer. Bem sei que vossa mãe me faz a guerra, e vós não; e tentação me vem às vezes de enforçar aquela velha interesseira sem lei: tudo porém nasce do muito que vos quero; leixai essas lágrimas que me saem d'alma, logremos a vida sem paixões, que vós me desatinais.

Florença - Escutai senhor que não sei quem sobe. Ó²⁵² minha senhora Sevilhana, que boa vinda é esta? Que Páscoa florida? Que São João Verde? Benza-vos Deos que tal vindes pera cobiçar? Agora tomara eu ser algum gentil homem pera me lograr dessa fermosura.

Sevillana - *Eso es, dimelo antes que te lo diga. Dios sea en esta casa; y bendiga sus paniguados.*

Hipólito - Essa graça, e gentileza não pode vir senão acompanhada dele.

Sevillana - *Eso con más razon puede dezirse por esta senhora tan linda.*

Hipólito - Confesso que tal me parece ela, inde mal porém.

Florença - Onde está a senhora Sevilhana não²⁵³ faço eu sombra, eu me rendo.

²⁵² Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

²⁵³ não] não [LA: *lição que se adopta.*] vão [LB]

Hipólito - A ela piadosamente o compadeço: mas a mo dizer outrem, dou-lhe dous golpes de ventagem, por quão certa tenho a vitória.

Florença - Não vo-lo consentiria eu, se é verdade que val justiça nessa parte.

Sevillana - *Mirad senhora, ruin sea quien por ruin se tiene, que quien no se alaba de ruin se muere, por esso nunca desecho loores à amigos. Pero aunque digan esse es tu inimigo que es de tu oficio, yo precíome de amiga desengañada, y de tener cara de dos hazes, porque ni el imbidioso medrò, ni quien cabe el morò.*

Florença - Ora que o seu merecimento sabido está, e a verdade Deos a amou. Sente-se senhora pera aqui. Hoje determinava ir a sua casa pera irmos aos cardos: ando tão malenconizada que não sei parte de mim.

Sevillana - *Y adonde está tal galan, y barbioponiente hay enojos?*

Florença - E pois quem senão ele? Má hora vai quem o seu amor põe em outrem. Filho alheio brasa em seio.

Sevillana - *Mal pecado, siempre hoy, lazera el justo por el pecador: y nos otras tales somos, a osadas que quien lo dixes no mintiò. Por averiguado lo tengo que hay muy pocos, o ninguno que sean fieles a sus amigas: y parece que se gozan en procurarnos enojos.*

Florença - Não sei das outras: mas quanto eu²⁵⁴ não tenho ventura de passar duas horas sem achaques, e cousas que me aterrorizam.

Hipólito - Eu, senhora, sou um adro, mas crede que me vem do amor,

²⁵⁴ eu] eu [LA: lição que se adopta.] en [LB]

porque me sopesa sempre o gosto da vida com inconvenientes de morte, e a segurança d'alma com receios dela, e faz-me assi pesado.

Sevillana - *Pues senhor daros he un consejo, aunque no me lo pidáis, la cox de la yegua no haze mal al potro, y quien se enfanha en la fiesta bestia resta, no cureis de rençilbas porque no seais los perros de çorita que cuando no tienen a quien, unos a otros se muerden; y destas questionnes siempre sucede da 'cà²⁵⁵ el gallo toma el gallo, quedan las plumas en la mano: ninguna cosa el demonio mas avorrece, que la concordia, y por esto huye de la musica, ni cosa mas apetece, que la discención. Conservad vuestra amistad, no seais cada cual rocín de un establo, que no tiene pariente ni hermano: ca dizen, quien tiene buen vezino tiene buen amigo: gozaos, regalaos, y procurad vivir a plazer mientras os dura la mocedad, y florece la juventud, que mi fê pera la vejez sobrados duelos os esperan: y todo es nada si el asno cay, que después de muerto ni vinha ni huerto.*

Hipólito - Eu disse sou, se a senhora Florença quisesse.

Sevillana - *Algo le haríades vos por do seais como la raposa en la semana. Y las damas quiérense rogadas, y no assañadas. Donde dizen, nuera rogada, y olla reposada. Mas anda el mundo ya tanto el revés y car'atrás²⁵⁶: y son las mujeres tantas, que de necesidad se sigue, si no va el otero a Mafoma, que venga Mafoma al otero: y de aqui se dijo, amor loco yo por vos, y vos por otro: y ama a quien no te ama, y responde a quien no te llama, andarás carrera vana. Yo todavía porque veo esto en mi seso me estoy, y por todo el mundo no haría tal, que más vale ser*

²⁵⁵ 'cà] cà [LA, LB] por acà

²⁵⁶ car'atras] caratras [LA, LB]

tuerto que ciego. No piense nadie hacerme cosquillas, que cada gallo canta en su muladar.

Hipólito - Quem pudera jogar de fora do amor pera blasonar do arnês sem o vestir como vós, senhora, fazeis, que vos prezais de isenta, e podei-lo ser: porque tendes a faca e o queijo. Coitado de quem vos sofre. E eu que posso fazer contra vontade da senhora Florença, que não seja tornar-me a mim com meu mal?

Sevillana - *Pues señor del mal que el hombre teme, dese muere. Catad que unos mueren de atafea, y otros de deseo della: y el asno sufre la carga, y no la sobrecarga.*

Florença - Bem sei donde vem a tosse ao gato, que inda que seja tosca, bem vejo a mosca: nunca mulher confessou amor, que lhe não caísse em casa.

Sevillana - *Senhora Florença no sea así, sino que por amor de my le hagáis lo menos bien que pudierdes, pues es de los santos que se quieren por mal, si quereis que os agradezca el bien, que quien su enemigo popa a sus manos muere. No hay que fiar de nadie, que de amigo a amigo chinche en el ojo.*

Hipólito - Medrarei eu com tal ajuda. E assi o fazeis vós com os vossos?

Sevillana - *Yo en hora buena no tengo servidor que valga dos maravedis.*

Hipólito - Pera vos merecer?

Sevillana - *No creáis en sueños, señor, que no lo digo por tanto. Mas quería dicha que merecimiento, porque raramente se alcanza sin daño propio: mas ado las toman las dan, que no hay boda sin torna boda, y las piedras se topan. Sóis los*

hombres tan ingratos pera con las mujeres, que el mal os obliga, y del bien no tenéis mientes: por eso se diz: ai ojos que de lagañas se pagan, donde viene que las más vezes el peor puerco come la mejor bellota.

Hipólito - E que fora dos homens se a fortuna não fosse por nós em abater dessa maneira a soberba fermosura? Que se a ventura favorecera seu partido: desprezara todo mundo, e fora intratável, donde se seguira não poder gozar-se: que era outra desventura peor.

Sevillana - *No me quejo de gozarse, que eso del mal lo menos: pero siéntome del flaco juicio de los hombres, y mala naturaleza (que harto es de ciego quien no ve por tela de sedaço) los quales todos quereis un pelo del lobo, y este de la frente: y siempre os veo hazer mucho por las que se deven tener en poco: mujer de estima ja mas la sabéis estimar.*

Hipólito - Sabei senhora que é isso lei de erros humanos, que pera o serem, sempre se desviam da razão. Afeiçoar-se homem a quem o merece, é acerto digno de muito louvor, e gosto que não tem preço: cegar-se com desmerecimento, é cegueira pura: é culpa: e é errar ventura, certa manqueira de nossa natureza.

Sevillana - *No se dirà eso por vos, senhor, en buena fé, pues servis a la senhora Florença, que es la cumbre de las hermosas de la ciudad.*

Florença - Senhora, dissei-lhe muito disso, inda que não sei se é peor.

Hipólito - Ela a mim assim mo parece, e nada me pesa de vo-lo parecer, inda que a ninguém queria que parecesse como a mim.

Sevillana - *Pues por tanto sabed tenella en estima, pues sabéis cuanto va en saber cada uno estimar su buena suerte, y sufrir la mala. Cá el Rey và do puede, y no do quiere: y quien buena dicha tiene a Dios la agradezca. No le digan perdida es la lixia en la cabeça del asno.*

Hipólito - Valesse eu com ela querer-me conhecer, e estimar o que lhe quero, que o servi-la pela mesa está.

Sevillana - *Mirad senhor, nosotras por fin somos ovejas, y vosotros lobos que nos destragáis; todos quereis una en papo, y otra so el sobaco, y luego os olvidáis del amor primero, porque un clavo con otro se tira: e vos me semejáis ser lo que dizem, amor trampero cuantas veo, tantas quiero. Por lo cual yo os aconsejaría, senhora Florença, que seais cretense con cretense, y si el sabe mucho, sepáis vos también vuestro salmo, no digais después, por hazerme miel comieronme moscas. No sea empero también tanto de agrás, que no haya quien lo masque.*

Hipólito - Senhora Sevilhana, nada me agradam vossas razões, zombais à minha custa? Essa senhora tem cá ãa mestra que sempre a matina: agora com vossa repetição ir fêmea à serra de maneira, que se me faça montesinha: olhai por vossa consciência, não tendes a zombaria pesada. Palavras que imprimem n'alma são peores de curar, que feridas do corpo, e eu tremo já.

Florença - Como está cortado, vedes aquilo? Pois eu também sou. A um tredo dous aleivosos.

Hipólito - Olhai senhora, de maus é crerem sempre, e suspeitarem mal, e dos

bons crerem o bem.

Florença - Eu assi o digo, tal de mim, tal de ti, a boa tenção conserva as amizades: de maliciosos é desconfiarem de todos, e dos bons conhecerem os maus. Eu senhor Hipólito já vo-lo disse muitas vezes, tenho grande presunção desta molherzinha que vós aqui vedes pouco poderosa: porque o que está na pessoa é o que deve estimar-se, que tudo o al é da fortuna que dá e tira.

Hipólito - Senhora não falemos de siso, que bem sei que haveis de levar a melhor sempre.

Florença - Contentar-me-ia com não levar a peor: e confesso-vos que me velo disso.

Hipólito - Coitado de mim que não me velo, mas entrego-me. O bom coração e puro sempre é um: e o falso não tem constância, nem o cobiçoso amizade.

Florença - Nunca al vi senão culpados, e viciosos notarem culpas alheias, e as suas haverem por acertos. Pois sabeí que de se desestimarem os bons vem a prevalecerem os maus: e de errados entendimentos naceram quantas opiniões erradas vemos. E não pode ser maior engano, que espantar sempre dos erros alheios, e nunca sentir os próprios.

Hipólito - Vós estais um Séneca, pera que é nada senhora? Eu me rendo, ninguém nos ouça mais, que a boa regra de dize tu direi eu, é

temperar a lingua alheia com a orelha própria. E pelo contrário ser bom e mau não consiste em mais que no particular gesto de cada um. Tudo se estima segundo se julga; e quem bem quiser cuidar no que pretende, verá em quão pouco se emprega.

Sevillana - *Senhor Hipólito, callen barbas, y hablen cartas, hablen obras, y callen las palabras: buenas razones baratas se venden, y en toda parte sobran. Como veo hombre mucho hablador, y que se precia de persuadir con mucha parola, luego del espero poca obra. Si sois amigos no porfíeis, cá la verdad porfiada piérdese. Amaos, creed os que el coraçon culpado de todo desconfia: el amor del amigo es el tiemple²⁵⁷ de la mala inclinación de su amigo: ingratitud produçe indignacion, y desbarata la buena voluntad. Conformad vuestros coraçones con la razón alternada, que quien no siente el mal ajeno nadia siente el suyo, y pera cada puerco hay su san Martin. Y avisoos, senhor, que toda sin razón se sufre de mala gana, aunque amor ande en medio. El consejo tomaldo primero del entendimiento²⁵⁸ que de la voluntad: y pues sois discreto, y noble, hazed que lo testifiquéis con el efeto. Catad que dizen, no fies de villano, ni bebas agua de charco. Llevantad siempre la flaqueza de una mujer enamorada, qué el soberviò contra el flaco, es el flaco contra el fuerte. No pueda en vos más el respecto proprio que la razón, porque la sobrada confiança muchas vezes tiene falta en las obras.*

²⁵⁷ tiemple] tiemple [LA: lição que se adopta.] temple [LB]

²⁵⁸ entendimiento] entendimiento [LA: lição que se adopta.] entendimento [LB]

Hipólito - Quem quereis vós senhora Sevilhana, que fuja de estar pela vossa razão, e mais tendo contra mim a dessa serafim, que será o fim de mil vidas minhas se as tivera pera lhas lançar aos pés.

Sevillana - *Prometer sobrado es camino de negarlo todo. Dejadas pero questiones por daros tiempo pera las amistades. Yo senhora Florença venía por hablaros un poco: este es de los nuestros?*

Florença - Como a própria pessoa do duque. Podeis falar tudo.

Sevillana - *Pues mira hermana, yo vengo de parte de tu mercader, el cual se fuè a my tal que le vieras lastima en verdad. Y como yo fui la medianera de vuestro conocimiento, y le tengo la obligación que sabéis por parte de su amigo el Fucaro: me pidió por nuestra amistad quiziessse persuadiros y consejaros le tratéis más amorosamente, diziendome²⁵⁹, y quejandose que vos sois mochacha, y por la poca edad no alcançais estimar y conocer lo bueno: y que os dá cuanto tiene, y no quiere robar el mundo, sino pera poder serviros, con tal que no le paresca que vos desgustais dello, y del.*

Florença - Eu o desejava. Pois que cousa essa pera a minha arte? Como se engana comigo esse meu senhor? Arrevesso príncipes.

Hipólito - Se será possível estarem estas de fala pera me fazerem esta catcha? Se tal é foi bem forjada: eu porém hei-lha de ter inda que não leva caminho: as conjunções das cousas o tempo as dá, e ùa hora acaba o que muitas não poderam azar.

²⁵⁹ diziendome] diziendome [LA: lição que se adopta.] dizendome [LB]

Sevillana - *Ahora dejados fieros ya que yo entrevengo en las amistades no las desecheis.*

El queda abajo, y no subió sin licencia, mirad si mandáis que suba, no más que pera reconciliaros, y entrése el senhor a la cámara, cuando no quisiere irse.

Florença - Assi é o menino palreiro? Achaste-lo vós conveniável²⁶⁰ pera essas cousas? Não me entre cá esse cabrão, que pela benção de minha mãe que lhe quebre os focinhos com este chapim.

Sevillana - *Callad boba, que no tenéis de que quejaros: haos dado castiçales de plata²⁶¹, diò os cota y sayo de seda: los ducados de dos en dos: y la casa llena: y no niega cosa que le pidáis.*

Hipólito - Daqui vem a tosse ao gato: querem-me armar a que pague por todos, e de cossario a cossario perdem-se os barris: por onde cuidam que me caçam, me avisam.

Florença - Antes vos eu ora digo, senhora, que ele tem feito muito em mim, ou ele ou o vosso burgalês? Um dado mau duas mãos suja. Estes todos são de gabões: pregoam sempre que dão montes de ouro, e sabeí que enfim tudo é como eles: há cousas que se parecem com seu dono. Não de balde se diz: quem com farelos se mistura maus cães o comem. A verdade é, serve senhor nobre inda que pobre. Pois por não sofrer as suas friezas, e enfadamentos, quero antes comer terra. Ûa amizade destes é peor que serviço de vilão, nada

²⁶⁰ conveniável] [LA, LB: Segundo Morais, é um adjetivo uniforme, sinónimo de conveniente.]

²⁶¹ plata] [LA: o vocábulo plata vem apenas mencionado no reclamo da página anterior e foi esquecido no início do texto da página seguinte. Em LB, surge integrado no texto, pelo que se segue a lição deste testemunho.]

fazem que não seja tentando primeiro consigo o interesse²⁶², e retorno.

Hipólito - Muito sabe esta rapariga, e pera tão moça fez-se mui cossaira. Não debalde dizem, que um mestre de más artes basta a corromper um povo: a mãe a tem feito águia com sua doutrina.

Florença - Todos os algazares destes de se fazerem liberais, e ricos é fofo²⁶³: naturalmente são cainhos, e tacanhos, tudo é alardear, e por derradeiro são a mesma miséria. Custa tão caro sofrê-los, que não conhecê-los-ei por mais barato. E esse, ninguém o conhece melhor que eu.

Hipólito - Fiai-vos lá destas, vereis como vos descobrem os bofes. Quem quiser dar público pregão de sua condição, e segredo, entregue-se-lhe. E realmente a má molher é açoute do homem, como a boa é coroa.

Florença - Ai da puta achastes vós o Alexandre? Pois Heitor eu vos seguro que o não é, e leixai-o vós gabar-se que faz e acontece. Como se eu quisera lançar mão d'outros, que tem mais nos farelos que ele, e com que pode viver sem vergonha, que não teria pregos de ouro?

Hipólito - Já cose a dous cabos: destruição de Tróia venha por todas.

Sevillana - *Senhora amiga yo no os niego que por vuestra persona todo se os deve: y si yo*

²⁶² interesse] intersse [LA] interesse [LB: *lição que se adopta.*]

²⁶³ fofo] fofo [LA: *lição que se adopta.*] fogo [LB]

*no supiera del que os tiene en no menos estima, no os lo mentaria tan solamente:
mas el no sabe dezir otra cosa, sino que no hay tal mujer en el mundo.*

Florença - Dou-lhe quatro figas, e perdoe-me, senhora, a descortesia. Se eu não fora nécia em me deixar ocupar sem fruto.

Hipólito - A ti o digo nora. Se a farsa não é forjada, grande lanço lhe entrou pera ela dizer o seu, e o das patas: mas eu de nada me hei-de tomar e faço-me surdo.

Sevillana - *Pues no que también el hará su dever, que no me quedò por dezirselo, y haremos de manera que todo sea a su costa. No me desplaçe que a tiempos le hagáis banco roto, pero todo quiere su sazón; tiempo tras tiempo, e agoa tras viento. Ora lo dicho y hecho, basta, contenta soy que compre las pazes.*

Florença - Rosto lhe leixou cá o maio pera bem nenhum. Quanto mais senhora, lá te arreda gainho não me dês perda, já me tem caído dos dentes pera baixo, não hajais medo que consinta que meta mais o pé dessa porta pera dentro. E mais não se engane que me não há-de faltar quem me dele vingue, se me comprir. Como que não conheço eu estes, e suas alcateas?

Hipólito - Se vos ele anojou, ou falou no vosso chapim, soltai-me a trela, vereis que conta vos dou dele.

Sevillana – *Dejese deso senhor, que no hay pera que.*

Hipólito - Senhora Sevilhana, ãa cousa crede de mim, porque vos não pareça graça, que não quero vida, senão pera a pôr na prancha cada vez

que me acenarem com servir esta senhora: porque saibais que diferença há de conversar cabrões, a ter na vossa mão homem de garbo.

Sevillana - *Ya se sabe eso, que yo también no vivo a lumbre de pajas, también me tengo quien defenda la posada.*

Hipólito - Não estemos em razões senhora minha. Vós dais-me licença que lhe tome conta de seus atrevimentos?

Florença - Inda o não quero fazer marca de vos ocupardes nele, e quando isso fosse, seria per um negro vosso. Mas dir-lhe-ei, senhora, o que passa, porque veja quão baixo é. Foi, senhora, minha mãe, e havia de pagar o quartel destas casas, e logo sua dona não lho pedia, que é ãa nossa parenta que tem do bem deste mundo que lhe sobeja: porém como minha mãe é toda de cumprir com sua verdade, e não dever: e pela vida não cairá em ãa falta ou mentira.

Hipólito - Assi medres tu e ela.

Florença - Vai, senhora, e toma as minhas jóias, que não valem tão pouco, e foi-lhe pedir sobre elas dez mil reais. Que fez o senhor, parece desconfiou de lhos ela pagar, e não parecendo bem tomar-lhe os penhores, escusa-se-lhe limpamente como se nenhũa obrigação lhe tivera: e ela lho merece pela confiança que nele tinha. Eu folguei mais do mundo, porque inda que sou tola, não me engano com

estes, que de rabo de porco nunca bom virote. Sabei²⁶⁴ senhora que são escravos da sua miséria, por um nada que dão, querem que lhe fiqueis penhorada toda a vida: as suas franquezas sempre ficam atrás do preço que de vós pretendem: e então não há paciência que baste pera as suas sobejidões, mas agora me forrarei. Pois minha mãe: eu vos certifico senhora em boa verdade que veio tão corrida.

Hipólito - Assi é a menina tola que se corre: quem ouvir esta abonar a mãe, cuidará que não há mais virtude.

Sevillana - *No le alabo eso, que los amigos en las enfrentas deben mostrarse, y no amigo de taça de vino. Por eso dizem bien: ese es hidalgo, que haze las obras. Amiga senhora el abad, donde canta de alli junta. Los enamorados porque sepáis como son maliciosos y imbidiosos, querían que sus amigas fuesen nescias, locas, y tan desmamparadas de amigos, que otro no tengan, ni hablen sino a ellos, y que les paresca que no hay otro hombre nel mundo: y en lo al cuando más pensais tenellos azidos, se os escabullen, y se burlan. Y esotro andrajo, pues es desos à esotra puerta, que no os consejaré sino lo que os cumple. Dizén en mi tierra: donde el marevedi se dejo hallar, otro debes alli buscar: yo ansí digo, muchos adobadores estragan la novia. Si este senhor os agrada, teneos a el, que más vale un dia de plazer, que cento de enojo: y con el otro dejad que os doy mi fê de dezirle de que pie coxquea, que se tal supiera no me quedara por dezirselo, porque soy muy desengañada.*

²⁶⁴ [LA: o fôlio 59r tem a numeração trocada e apresenta o número 56.]

Hipólito - Como se acomodou ao tempo, e como se entendem. Se eu não estivera presente a mim o cargo, que se fizeram as pazes. Não quero mostrar que as entendo, que desta maneira se vive.

Sevillana - *Catad, veislo allá en la calle hablando con vuestra madre.*

Florença - Leixai-o que ela lhe levantará os da boca, ou a mal conheço.

Sevillana - *Senhora Florença yo me voy. Tengáis los bienes que merece esa mocedad y gentileza; y buena mano derecha con vuestros servidores.*

Hipólito - E a mim senhora não caberá parte dessas benções²⁶⁵?

Sevillana - *Antes pienso que os cabe el todo: mas mire senhora amiga, lo dicho dicho; nescia es la mujer que de hombre se fia; los que aman tienen enemistad con sus amigas, su plazer es que suspiren, y lloren por ellos, y se desvelen, y duelan: y no hay más que desear al inimigo. Quieren que en su ausencia sea su presencia deseada, y en su deseo arda siempre, y de otro no hable, ni piense: y ellos triunfan y gozan de nuestro dolor.*

Hipólito - Isso senhora é verdade, mas não no pretendemos porque folguemos com seu mal: mas por nos certificarmos do seu amor, se responde ao que lhe temos, e que não nos esquecemos a quem desejamos, pela suspeita que temos de sua inconstância: e amor não no há sem temor, e nasce do muito que as estimamos e queremos.

Sevillana - *Jámas creo, senhor, aquellos que se alaban de amor, ni a los que del se*

²⁶⁵ benções] [LA, LB: benções, o mesmo que benções, é a forma de plural do substantivo bençon, atestado a partir do séc. XIII, segundo Houaiss]

quejan, que las más vezes los que se alaban, mienten, y los querellosos gozan, los que tenéis quejas engañais con ellas: ninguno veo loar su dama de piadosa, ni llamarla amorosa. Ora sabed que la loais, en llamarla cruel, si tal fuese.

Hipólito - Algum dia senhora haveis de ser por mim, já que agora sois tanto pela parte da senhora Florença.

Sevillana - *Cuando me vea con ella mas despacio, y a solas, en secreto le dirè lo que se os deve, que en presencia el loor es afrenta, y sospechoso.*

Hipólito - Viverei nessa esperança.

CENA SÉTIMA

Crisófilo, Macarena

Crisófilo - Como se fez feroz a senhora porque tinha o rufião em casa? Não se pode sofrer tanta ingratidão, por bem fazer mal haver. Mas como está certo nestas fazerem mal a quem lhes quer bem, e pelo contrário bem a quem lhes faz mal, e assi sempre passam dela com dela. O coitado do Hipólito não tem nada que lhe dar, e ela é toda dele. A mim que a sostento próspera, faz-me cem mil perrarias; e então não se pode dizer nem fingir tão má peça como a velha cossaira da mãe: não hei-de sofrer não me vingar dela, custe-me o que custar. Hei-a²⁸⁰ de acusar, e fazer prendê-la por alcoviteira da filha, e é virtude castigá-la por justiça, pois não se pode dar cousa peor que ãa destas. No bravo mar a tempos se acha bonança, nesta nunca, quanto lhe fazeis é perdido. Quando a conheci um pão não tinha pera comer. Ora eu a tornarei ao seu nascimento e pobreza. Verdade é que Florença não me tem culpa, que faz o que lhe a mãe manda. Oh²⁸¹ ei-la cá vem a boa peça, hei-lhe de falar por ver a sua pouca vergonha, e desaforamento, e também saberei em que lei havemos de viver.

²⁸⁰ Hei-a] Ei a [*LA: lição que que se adopta.*] E ia [*LB*]

²⁸¹ Oh] O [*LA*] O' [*LB: pelo que se segue a lição de LB.*]

Macarena - Vejo Crisófilo, caixeiro dos Medices. Parece que me espera; deve d'estar tomado do desejo, se assi é entra-me tabola de fazer a minha, leixai-me com ele.

Crisófilo - E assi se faz isto, boa dona? Defendestes a vossa filha totalmente que me não recolhesse, e fazei-vos fortes com rufiães em casa.

Macarena - Inda me eu disse não arrependo: quem vos dever que vos pague.

Crisófilo - Pode ser que algũa hora vos arrependais, e deis cem voltas à orelha sem vos deitar sangue.

Macarena - Que grande medo hei disso. Quando tal for chorarei meu pecado: que cuidáveis vós, que vivíamos a lume de palhas? Bonita sou eu pera²⁸² isso. Não é pobre senão quem se tem por pobre. A muita facilidade é grão parte de²⁸³ simpreza. Comeis muito barato e minha filha é forra, e isenta, e não lhe falta quem a rogue com muitos dobrões.

Crisófilo - Será o seu Hipólito, que tem muitos?

Macarena - Vós falais nessa tabola que não joga, trigo sem aveia, basta ter condição pera os não estimar. A avareza é suma pobreza: e tais sois vós outros, sapos da terra, que nada vos farta: e não é rico o que tem muito, senão o que se contenta: e sabeis que do cobiçoso ninguém é amigo: e do não cobiçoso, poucos se queixam.

²⁸² pera] pera [*LA: lição que se adopta.*] para [*LB*]

²⁸³ de] de [*LA: lição que se adopta.*] da [*LB*]

Crisófilo - *Otro malo vendrá que a mi bueno hará.* Promete-vos que esse me vingue.

Macarena - Como estais enganado: se eu quiser abrir venda, sobejar-me-ão compradores: e mais fá-lo-ei daqui por diante, porque não seja como o rato que não sabe mais que um buraco, que se me este não quer, estoutro me roga.

Crisófilo - De maneira que a cousa anda a viva quem vence?

Macarena - E pois que cuidais? Quem nos mais der, mais nosso amigo é: obras são amores *que no buenas razones*: se ãa porta se cerra outra se abre: não vende quem não tem quê. Não há rio que não vá ter ao mar, nem mancebo que escape de dar consigo nas ciladas do amor: bom parecer, é a sua armada: rosto fermoso, obrigação muda: se me este não quer, estoutro me roga, em boa mão está o pandeiro. Desgraças, que não soberba me fizeram meter minha filha neste trato, de que cuidei ãa cousa e sai-me outra. Moça era ela assi por fermosura, como por geração pera ter outra ventura: mas a mau bácaro boa lande. Não é ela a primeira enganada, companheiras achará, ãa hora melhor d'outra. Inda se o mundo não acabou, com o que Pedro sara, Sancho adoece. Eu, sabeis, já que a meti neste trato, que a hei-de tirar a limpo com a não leixar viver viúva.

Crisófilo - Tempo sei em que me diziam que só eu era o senhor da casa.

Macarena - Assi o fôreis se pagáreis por todos como começastes, que por

dar dão: por isso te sirvo porque me sirvas, que não és santo que te adore: e quem não dá o que dói, não há o que quer.

Crisófilo - Isso seria se pera vós houvesse termo de dar, e vos fartásseis alguma hora: mas pedis sempre de novo quanto mais vos dão.

Macarena - Pois quê? Comeremos do estar quedo? Amigo meu, faço meu ofício, que é a maior obrigação que cada um tem: e ser discreto pera próprio proveito, não falta quem o aprove.

Crisófilo - À minha custa entendo já isso: quem mais vive mais sabe: dos esprimentados se fazem os arteiros. Daqui por diante saberei como vivo.

Macarena - Se tendes que me dar podeis escusar práticas: nenhũa cousa há tão barata como a que se compra. Por o proveito que algum tempo nos destes, inda que remerecido, tanto me podeis dar agora que antes a vós que a outrem. Esta é a maior amizade que vos posso fazer pelo conhecimento passado; e se não amigos como dantes, que eu não hei-de ser, veste-te do teu, e chama-te meu: nunca fies nem porfies é a melhor regra que vistes: donde dizem, mais val um avache²⁸⁴, que dous te darei, e um passarinho que tenho na mão, que dous que vão avoando. Entendeis-me agora?

²⁸⁴ avache] [LA, LB: segundo JJN, em *Gramática*, p. 239, é uma forma popular, formada por composição, proveniente de *ava*, por *ave* de *habe*, imperativo presente, segunda pessoa do singular de *habere* (ter), seguido do pronome pessoal da segunda pessoa, na forma de complemento indirecto *ti*, a que se segue o pronome pessoal *o*, forma de complemento directo. Assim, *avache* é proveniente *ava+ti+o*, tendo a sílaba *-ti-* intervocálica sofrido uma palatalização, que resultou em *-cho*, e posteriormente *-che*, donde *avache*, cujo significado é: *toma(-o) para ti*.]

Crisófilo - De maneira que se agora não tiver que vos dar?

Macarena - Tratarei de quem o tenha, que o abade donde canta d'aí janta, e eu não hei-de comer de boas razões.

Crisófilo - E o que tenho dado?

Macarena - Já esquece como as cousas que nunca foram. Se me durara sempre, nada vos pedira; mas eu não compro de comer com promessas, nem com o dinheiro de ogano²⁸⁵. Só príncipes têm esse condão, serem servidos por esperanças²⁸⁶: pera mim, inda que a não mereça, a do paraíso me basta.

Crisófilo - Fazeis vós bem por ela?

Macarena - Que as outras todas são mui duvidosas, e a muitos saem em branco. E porque sei isto há muitos dias, quem de mim quiser alguma cousa, meta a mão na bolsa, porque é favas contadas, conta de perto, amigo de longe.

Crisófilo - D'outra maneira me faláveis vós quando os meus dobrões ferviam: outros gasalhados, outras meiguices; então se me riam as paredes de casa se eu vinha. Eu só era querido, e estimado, fazia-se o que eu mandava, e o que queria. Agora nem o que quero, nem o que não quero fazeis.

Macarena - Senhor meu, por i vereis vós se vos engano: ninguém é mais

²⁸⁵ ogano] [LA, LB: *advérbio, formado por composição, com origem na expressão latina hoc anno, significando neste ano.*]

²⁸⁶ esperanças] esperanças [LA: *lição que se adopta.*] esperança [LB]

obrigado que responder por igual à boa obra que lhe fazem, e não queria eu mais do mundo. E mais vos digo que é muito pera agradecer, achar agora quem pague o que deve. Este nosso trato é como quem caça aves com rede de tombo: faz-lhe cevadouro pera as avezar ao cevo. Necessário é gastar, e aventurar do seu quem pretende haver proveito, ou seu desejo: vêm as aves comem e fogem, as que prendem, pagam os custos por todas. Assi nós. Nossa casa é eira: eu o caçador: cevo²⁸⁷, Florença; os amantes, aves: cevam-se nas vistas, palavras brandas, conversação gostosa, o que se afeiçoa paga os gastos. Este val, e manda enquanto pode suprir nossas necessidades quotidianas, porque tanto vales quanto podes. Se falta a moeda, ou a vontade, esquece; registai o desejo, e se não perdoai, que eu a ninguém faço sem razão em buscar, e pretender meu repairo, como cada um o seu. E o meu gosto seria ver-vos agora esperecer pera vos despir: que não sei falar fingido.

Crisófilo - Não sabia tanto, e é por vossa culpa que me não avisastes primeiro.

Macarena - A experiência ensina em um momento o que o conselho não pode persuadir em toda a vida. Se tiverdes muito que dar, podeis vir confiado, que eu vos darei seguro real: e d'outra maneira toda porfia

²⁸⁷ é eira: eu o caçador: cevo] é eira: eu o caçador: cevo [*LA: lição que se adopta.*] é eira: cevo [*LB*]

será martelar em ferro frio.

Crisófilo - Partidos pondes, como se ninguém houvesse de entrar nessa casa senão eu.

Macarena - Entrar? Nem à legoa, e se comprir pera mais segurança, té os gatos de casa lançarei fora, porque vos não temais deles, *por dinero baila el perro*. E se cuidais comer galinha gorda de pouco dinheiro, daqui vos dou o desengano bem desenganado, que nem tinto em parede me haveis de meter o pé na pousada.

Crisófilo - Basta que assi vos pondes no telhado?

Macarena - Eu não ando pelo governo somente, e mais agora que estou em ãa certa necessidade importante, que d'outra maneira nem eu apertara tanto convosco: nem me mostrara tão estéril, e sede certo, que negra vida fora a minha com Florença se me isto ouvira, que sabe Deos quantas brigas temos todos estes dias sobre vossa pele: mas eu afogá-la-ei viva se fizer senão o que eu quero.

Crisófilo - Mal responde isso às promessas que me já alguma hora ambas fizestes.

Macarena - Não sei disso nada, mas dir-vos-ei a minha regra nessa parte. As promessas não devem cumprir-se, quando são danosas àquele a que foram prometidas: nem também quando danam mais a quem as promete, do que aproveitam a quem se prometeram. E portanto cumpro sempre o que digo se me vem bem: e se não a ninguém sou

mais obrigada que a mim.

Crisófilo - Ora i-vos embora, que eu terei meu conselho.

CENA OITAVA**Hipólito, Florença**

Hipólito - Pois aquele fidalgo assi o despedistes?

Florença - São enfadamentos do interesse de minha mãe. Quem se podesse ver fora de necessidades, pera não ser tormento de si mesmo: e não pode ser maior desventura que poderem elas cativar a vontade que Deos fez livre, e forçá-la a negar o próprio entendimento e gosto. Ele avorrece-me como moscas, porque na verdade todas suas cousas sabem sempre ao que são, e o coitado bebe os ventos por mim. Eu mais com vergonha, que com vontade o tenho sofrido té'gora à força de brados de minha mãe, que a minha alma seria leda se me visse de todo livre dele.

Hipólito - Minha senhora Florença, quereis que vos diga? Já ouviríeis: não quero bácoro com chocalho. A verdade Deos a amou, e aos discretos scandaliza muito a malícia, e pouco a ignorância: porque claro está que é de maus serem contrafeitos, os quais nunca leixam de serem entendidos, porque não há saber que baste a contrafazer mentiras. Assi que digo, vou-me desenganando muito de vós: vejo-vos muitos tratos, e que vos fazeis muito cossaira²⁹⁶, e o costume converte-se em natureza. Por outra parte sofrer vossa mãe, enfada-

²⁹⁶ cossaira] cossaira [*LA: lição que se adopta.; vd. nt.77.*] cossaria [*LB*]

me muito: se assi há-de ser isto, parece que me hei-de fazer na volta de tomar outros amores, e empregar-me aonde me saibam estimar.

Florença - E soubesse-o eu, que inda que fosse princesa não me haveria por molher se lhe não levasse os focinhos nas mãos.

Hipólito - Já queria ver isso, vossa mãe vos amparará com quem seja mais de vosso gosto.

Florença - Mas enterrar-me-á, e isto seria o bom pera atalhar a vossas sequidões. Porque me matais, senhor, sabendo que vos daria cem vidas se pudesse? Triste e cativa cousa é a molher que ama.

Hipólito - Peor será estar enforcada.

Florença - Venha o demo a escolha. Mal aventurada de mim, não sei que vos diga, nem que vos faça, quando cuido que vos tenho pela cabeça acho-vos pelo rabo: faço de mim mil manjares por vos contentar, nada me aproveita, por bem fazer mal haver, eu esquivo, e desprezo o outro que me vem sempre a casa cheio como colmea, e nada me lembra senão ter-vos satisfeito, e é bem que o vistes: e vós mau grado no capelo.

Hipólito - Foi Maria ao banho teve que contar todo um ano, a outro perro com esse osso.

Florença - Tendes bem que dizer, por aqueles morgados que me dais, calai-vos pois me calo, achastes-me moça, e que não sei do mundo, fazeis de mim tola cada vez que quereis, não porque o eu seja, mas pela

afeição grande que me cega²⁹⁷. Mande Deos não me caia em casa a minha confiança, não sejam por derradeiro vossas promessas, *palabras y plumas el viento las lleva*.

Hipólito - Vossa mãe vem; quero-me ir, porque ando tão enfadado desta velha, que hei medo se me fala o que não quero, que lhe arranque os narizes.

Florença - Buscais achague de vos irdes, que ela é vossa amiga, e melhor vos sofre que a ninguém, e o vosso pouco estima sempre em mais que o muito dos outros.

Hipólito - Todavia eu sou muito mau pera sofrer o seu morder antre dentes, e as suas desenvolturas quando lhe chega a de goês.

Florença - Apegais-vos a isso, porque tereis outras ocupações, pão comesto, companhia desfeita. Malfadada da que não tem outro gosto nem descanso senão ter-vos presente.

Hipólito - Com metade disso me contentara e fora verdade.

Florença - Inde mal inde negra porque o é tanto. Heis de tornar por aqui?

Hipólito - Ponho-o em dúvida diz o pandeiro.

Florença - Eu entendo isso muito bem, mas por este rosto que hei-de saber vossos negócios: e mais se não vindes eu sei o que hei-de fazer, e olhai que vos espero.

²⁹⁷ que me cega] que me cega [LA: *lição que se adopta.*] que cega [LB]

CENA NONA

Macarena, Florença

Macarena - Não te poderei fazer sesuda Florença? Os meus conselhos e amoestações por ãa orelha te entram, por outra te saem: tu não tens vergonha, nem siso, nem obediência, sem temor de mãe, pois quem não crê madre velha. Pera que é andar com trinta lingoas, hei-de vir a me lançar no mar antes que sofrer-te, fazeres tu em tudo sempre o contrário do que eu quero. Quem não conhece que erra, não sofre ser emendado: e eu hei-de fazer o que entendo que me cumpre pera o diante, que quem há-de fazer de seu proveito, há-de sofrer a perda de seu gosto. E tu queres viver do som e [d] o³⁰⁰ teu padar, sem mais as nem queres, nem moço que levas i, e que seja o trabalho todo meu? Pois maus pesares veja eu de ti se tal soffro.

Florença - Vós que haveis convosco? Que vos fiz agora? Porque me aterrais?

Macarena - E falas inda velhaca? Quantas vezes te tenho avisado, que nem me saibas de Hipólito? Queres que entre e saia com suas mãos lavadas, e pouca vergonha sem mais tir-te nem guar-te³⁰¹? Eia³⁰² o

³⁰⁰ do] o [LA, LB: por questões de concordância sintáctica, o o foi substituído por do. A conjectura apresentada deve-se ao provável esquecimento do tipógrafo de grafar a letra <d>.]

³⁰¹ guar-te] guatte [LA] guar-te [LB: lição que se adopta.]

³⁰² Eia] Eia [LA: lição que se adopta.] E ia [LB]

não hei pelo ovo, senão pelo foro em que se ele põe, e tu o sustentas. Onde há desordem, perdido é o bom conselho. Cousa que ele faça, mal ou bem, não te desapraz: pois quem não sente o mal não conhece o bem.

Florença - Quem tem vontade, não conhece razão: coitada de mim, diz que seja insensível, e que não tenha amor a quem mo tem: que reine em brutos animais a afeição, e o coração³⁰³ humano que a negue? Cousa impossível quereis: forte molher sois.

Macarena - Tu cuidas que boas razões são ouro? E eu de quem as tem sobejas me fio menos: tens discrições, por mantimento? Quantos enganos tem a mocidade; quão tarde sabe cada um o que lhe cumpre. Aos que te dão o que hás mister em vez de os grangear escandalizas: a quem zomba de ti obedeces. Abasta-te o teu enxoval de fronteira com promessas de como o pai morrer, que está mais moço que ele, e quem morte alheia espera, longa sogra tira: estamos bem de roupa se nos não molharmos, picaremos no dente té que o pai morra, e depois será o que Deos quiser, que assi foi ontem a estas horas. Como sei que me hás inda de nomear, e coçar-te com a mão do peixe, ele te desampará pelo menos com a idade, se primeiro não for por fastio. Como que não sei que cousa são apetitos de mancebos?

³⁰³ coração] coração [*LA: lição que se adopta.*] cotação [*LB*]

Florença - Se me vós mãi paríreis de pedra, e não de carne não fora eu afeiçoada, mas sou humana, e não quero comer nem beber por conversar a meu gosto. O que vós dizeis será assi, porém amor força-me ao que faço.

Macarena - Que cabeça, e que siso. Eu não te tolho que ames a quem te der todo o necessário: mas tu levas outra via: e ao teu ofício não arma um só amor. Vês tu quem fui, e quem sou? Pois assi hás-de ser. Já me quiseram, e me rogaram muitos. Ai mesquinha, mas como fui festejada, e invejada d'outras: como me viram a cabeça branca e rosto enverrugado, todos me desemparraram como espargo no ermo. Se me soubera ajudar dos benesses da mocidade, mais valera o meu manto. Na velhice purgarás o erro desse engano que agora te dá o espelho.

Florença - E que fará quem tem a alma ocupada? Quereis que morra de saudades?

Macarena - Má morte venha por ti, desavergonhada. A molher que perdoa a seu amigo faz mal a si mesma. O namorado é como o peixe: mau tanto que não é fresco: enquanto fresco, fazeis dele quanto quereis, e tem todo sabor. Assi o amante novo, dá quanto tem: quer que lhe peçam: grangea todos: com o verem se contenta: quer contentar a dama, a mãi, a criada, té o meu cachorro, tudo à sua custa. Porém como eles tomam posse da casa, em vez de dar, roubam se podem.

Não te fies da tua vontade, que pera aconselhar, e receber conselho não há cousa tão contrária como a particular incrinação³⁰⁴, ou apetito. Vence-te a ti se queres senhorear-te de tudo: obedece ao conselho, porque quando com ele não segyres o remédio, salvas a culpa. Da boa natureza procede saber obedecer, como da longa experiência o saber mandar: e porque eu esta tenho do que passei em meu tempo, aviso-te do que cumpre pera o teu. Não cuides que sabes per ti, que esse é o maior perigo dos perigos. Ninguém é tão bom que não tenha que emendar, nem tão mau que não tenha que louvar: assi que nem ao mar nem à terra: toma a estrada seguida, que esta é a certa: os atalhos são trabalhosos, e incertos. Entende, moça, que é grande descanso seguir ãa boa guia, que se te guiar mal, será sua a culpa; e se bem, o louvor teu. Crê aos esperimentados, que sem experiência nenhum saber segura.

Florença - Eu vos direi mãi, eu não me isento de seguir vossos conselhos: mas cuidai vós também que ninguém é tão sabedor, nem tão inteiro que não tenha fraquezas, se em meio antrevem algum interesse, o qual nunca deu bom conselho: e com isto haveis de cuidar que aos parvos ensina o tempo, e aos discretos seu natural distinto: e também mais sabe o sandeu no seu, que o sesudo no alheio. Eu entendo de Hipólito que me quer bem: e como há muitas mercês

³⁰⁴ incrinação] [*LA, LB: substantivo derivado do verbo incrinar, forma arcaica de inclinar.*]

em Deos, tenho presunção que há-de casar comigo, e assi nada perco em me aventurar com ele: leixai-me amar este só, e provar minha ventura: com os outros será o que quiserdes.

Macarena - Casou Maria com Pedro casamento negro, tal serás tu, que esses casamentos desiguais têm sempre grandes desavenças: porque como se fazem per apetito sem fundamento, estes mancebinhos sem lastro, tanto que se vêem tomados no brete, nenhũa coisa procuram como a liberdade. Persiguições de pais; lágrimas de mãis: afrontas de parentes: e remoques de amigos lhe calabream o gosto de maneira, que o que dantes lhes parecia vida, lhes é par de morte; e as demandas, destierros, e necessidades que daí socedem custa tudo tão caro, que eu te digo, quem bem sê não se levante: antes quero asno que me leve que cavalo que me derrube: e arrenego da tegilinha de ouro em que hei-de cospir o sangue, mais val só, que mal acompanhado: antes cabeça de gato, que rabo de leão: quanto menos fortuna menos trabalho: ninguém sobiu que não cáisse.

Florença - Dir-vos-ei mãi: ande eu quente, e ria-se a gente: faça eu ãa vez a minha, que depois eu o amansarei; amores e dores com pão são bons: não se gainham truitas a bragas enxutas, lograrei um verde. Quanto mais que nunca outra coisa vejo senão feas, e erradas melhor casadas, leixai-me nisto errar por minha cabeça: no mais guiai, que eu vos farei a vontade.

Macarena - Quem o ora vira. Pois inda hoje me a mim falou em ti na feira um vezinho de Hipólito casado, e honrado, e que tem do bem deste mundo; que inda que é já capoeirão, se vier ao relho, nós teremos nele um ninho de guincho, que estes são casais de proveito, e não mancebinhos: não ocupam muito tempo, por o respeito que lhes cumpre ter a sua casa: sofrem tudo, por não serem descobertos: dão sempre do seu, pelos sofrerem: pera ãa pressa, e ãa afronta de justiça são grandes valedores. Tivéramos nele pera pão, e pera peixe, como dizem, se caíra; e tu lhe souberas armar. Mas coitada de mim a quem o eu digo. Não leixarás tu de grangear o teu enxovado sem proveito, por quantos tisouros há no mundo.

Florença - Vós mãi quereis muitos genros de ãa filha, e o tempo não vai já disso, que não é como no vosso em que os homens eram mais bocicodéos, agora inda o rapaz não sai da casca já quer ser rufião, e sustentar casa, e fazer sombra, já lhe ninguém mete a palha n'albarda, que o tempo ensina, e o exercício apura os engenhos. Pobre é quem não se contenta, que mais val pouco, que nada: e grão e grão enche a galinha o papo: e pouco e pouco fia a velha o copo.

Macarena - A osadas³⁰⁵ se o disse eu, que há-de valer sempre a sua, e fazer o

³⁰⁵ osadas] [LA, LB: *forma feminina plural do particípio passado do verbo osar, forma antiga de ousar, ambos provenientes do verbo latino de origem vulgar ausare.*]

que quiser, e a triste da mãe velha que lazere. Por de mais é cansar-me eu em matinar-te, que juradas têm as agoas de não fazerem das negras alvas. Já que assi há-de ser entendamos agora em comer alguns negros bocados, que como não vejo banquete ou hóspedes logo se me secam os beiços. Que é de aquele rapaz, que me vá buscar vinho?

Florença - Mande-o comprar decoada: e já sabeis que há-de vir quando quiser.

Macarena - Pois assi é mandar-me-ei logo a mim, que as gurgumelas³⁰⁶ se me apegam de sede, enquanto não há algum regabofe a custa de barba longa, que nunca Deos fez quem desamparasse, e se um roim se nos vai da porta, outro vem que nos conforta, que esta noite untarei as barbas no banquete.

Florença - Cujo?

Macarena - Daquele mau pesar, que disse que o mandaria.

Florença - Qual?

Macarena - O teu caixeiro que de cá mandaste agravado, e prometeu-me que faria, e aconteceria.

Florença - E Hipólito?

Macarena - Sofra-se, que quem primeiro anda, primeiro manja, baste-lhe

³⁰⁶ gurgumelas] [L_A,L_B: o substantivo gurgumelas não se encontra atestado; é, possivelmente, uma contaminação entre o vocábulo português gorgomilo e o seu étimo castelhano gargamella, significando ambos goela (goelas), garganta, et passim.]

comer de graça pera esperar tempo, que eu não hei-de tornar com a
minha palavra atrás.

ACTO II

CENA PRIMEIRA

Otonião, Fileno

Otonião - Sabeis quê senhor? Esta cousa o melhor que tem é saber-se quão larga tem a jurisdição, porque amor vence todas as cousas em força, e muito mais em gosto. E não sei porque estes Licurgos perdidos por muitos manjares, e invenções de gula, não mesturam amor em suas piveradas, e potagens: porque sabei que não há açúcar, mel, e especieria que lhe chegue: onde amor entra não pode haver fastio; não dana estômago, e ride-vos de sal que lhe dê pelos pés, que este é o mero sabor dos sabores: ao mesmo mel faz doce; é a mesma alcaparra o rapaz.

Fileno - Nova invenção de amores trazeis. Donde veio agora esta?

Otonião - De mim fiz esta conjeitura, e experiência, e não de ouvidas. Dês que quero bem todos os cheiros, todos os unguentos odoríferos queria trazer comigo pera escaveches de contentar minha dama. E ela a mim de toda maneira me contenta, com seguro de nunca chegar a entejá-la.

Fileno - Muito vos obrigais, porque abastança das cousas traz mui certo consigo fartura, e pouca estima.

Otonião - Tirai-me exceção que em tudo a há: sou aleijado d'amores, e traz-

me o meu pensamento tão sopeado de seus desassossegos, que cuidar resistir-lhe é perder o folêgo da vida: e outro refrigério não tenho salvo vir correr estas frontarias por ver se vejo a frente, a que velando e dormindo inclino os desejos que me atormentam com saudade do que carecem e pretendem: e quando não satisfaço aos olhos, cumprio a minha obrigação; e se lhes eu pudesse dar seu pasto contino, comedir-me-ia com minha dor: mas desespera-me o pouco que alcanço do muito que desejo, e aqui não há senão finir.

Fileno - Será por vossa culpa³¹⁴ que não sabereis espreitar os tempos, e errá-los, em tudo é acertar nada: e já ouviríeis, não sejas preguiçoso não serás desejoso: o louvor da virtude está na obra: e todas as artes por boas que sejam, se fazem más por culpa e vício de quem as usa. Assi esta do amor, de a mal saberem tratar maus namorados, vem a ter errados efeitos. Molheres moças são de ordinário tão certas e próprias das janelas, quanto nós outros prontos e diligentes em nossos danos. Amor tudo acha, e sente, por onde se conta daqueles dous amantes Píramo e Tisbe, que querendo-se muito, logo acharam modo de se falarem pela parede. Este exemplo vos deve ensinar pera não lhe errades as horas, porque todas têm sua maré, que se lha errais perdeis viagem. E a senhora eu vos faço bom picar os encerados.

³¹⁴ culpa] cnlpa [LA] culpa [LB: *lição que se adopta.*]

Otonião - Não faleis, senhor, que não sei se por minha desventura, se por sua compreição, esta senhora é muito desviada da condição geral das mulheres: leva outro novo estilo: e como lá dizem, há cousas que se parecem com seu dono. Vou cuidar que o seu grande estremo de fermosura lho faz ter em tudo.

Fileno - Vós achar-lhe-eis cem novas naturezas: essa deve ser a filha da galinha parda? Pois eu vos diga³¹⁵, que inda que nacesse de ovo como as filhas de Leda, basta ser molher.

Otonião - E eu molher a quero.

Fileno - Creio-vo-lo. E ela homem vos quer pera não perder a jurdição que naturalmente têm em nós. E sabeis de que me pesa? Ver que pela maior parte estão em posse disto as feas, e de menos merecimento.

Otonião - É pena³¹⁶ e castigo de nossas culpas. A nossa soberba, e desaforamento de pecados, que por seu respeito cometemos, há-se de purgar por onde pecou. E daqui vem serem elas a corrente de nossos erros.

Fileno - Não ides vós muito mal por i.

Otonião - Isto porém não se entende em minha dama que abate merecimentos, dá nos tormentos descanso, ficando sempre forra e

³¹⁵ diga] digo [LA, LB] [LA: dá na errata a seguinte correção: digo dig. diga]

³¹⁶ pena] pana [LA] pena [LB: lição que se adopta.]

isenta de a culpáremos³¹⁷, e passa assi sem dúvida, que sendo eu tão contino, e sobejo no visitar estes bairros, como o meu cuidado mo é em me dar suas lembranças, por grande acerto em muitos dias alcanço ãa breve vista. Esta porém sabeí que é de tanta força que não há raio que assi abra-se.

Fileno - Livre-nos Deos. Folgai vós logo com isso, que se é tão fermosa como dizeis, quanto menos aparecer menos cobiçada será, e forrareis ter competidor, que é o maior descanso que sinto nos amores.

Otonião - Não cuido que isso me salva desse mortal sobrosso, que o sol não há nuvens que lhe de todo encubram sua claridade: e tal é ãa³¹⁸ gentil dama: por mais encerrada que seja, sempre é notada, ou per fama, ou por vista. Guardada estava Dafne na torre, onde com ela entrou Júpiter transformado em chuva. Prosérpina dos infernos a roubou Perito. Da muito casta Lucrecia se namorou Tarquino, por seu recolhimento, e honestidade. Assi que nessa parte não me descansa ser ela³¹⁹ recolhida, que das paredes que a guardam me não fio, e me receio.

Fileno - Dir-vos-ei o que entendo. Esta negociação é como besteiro que errando muitos tiros com um acerta tomar o preto. Natureza das

³¹⁷ *culpáremos*] *culparemos* [LA: *lição que se adopta.*, vd. nt. 49, p. 106.] *culparmos* [LB]

³¹⁸ [LA: *na rubrica do fólio 75r, pode ler-se: Scena segunda, mas refere-se à primeira.*]

³¹⁹ *ser ella*] *sere lla* [LA] *ser ella* [LB: *lição que adopta.*]

mulheres é querer gastar muitos servidores, e entregar-se a um. Querem-se rogadas com o que desejam, pera venderem bem sua mercadoria. Mostram-se isentas no que pretendem, porque possam mostrar que não rogaram, mas que de importunadas se rendem: e contudo sempre vem ao relho como dizem, e em um momento fazem o que em cem anos contrastaram: ocasião, conjunção valem com elas mais que toda obrigação: e portanto haveis de entender que muito poucos lhe tomam a palha, salvo por continuação, e importunação. Azos também acabam muitas vezes mais do que a esperança cuidou. Por o que haveis de andar sempre com o faro na ventã: e dormir com os olhos abertos como lebre: e feito atalaia sobre estes corredores de campo lisbonenses, que não leixam udo nem meudo.

Otonião - Assi sapei que não há cervo mais pronto no vento que eu, mas quando Deos não quer Santos não rogam.

Fileno - E sentis vós por aqui algum disciplinante, que ande pela treita da vossa tenção?

Otonião - De poucos dias pera cá vejo aqui nas tardes muito contino um galante que olha muito, de que nada ando satisfeito. Porque além de tudo me fazer nojo: ele põe os pés seguros, e parece d'arte: e que a não tivera, trazem-me meus receios tão embaído que me farão parecer tudo o que me puder danar.

Fileno - O amor todo é temores: e este é o mel depois; porque o que foi duro de passar, passado é doce de lembrar. E conheci-lo vós de que relé é?

Otonião - Não. Ele cortesão parece pelo costume dos trajos: porque anda de suas mangas largas de dó, que às vezes é mais valhacouto de necessidades, que insígnia de nojo: e todavia limpo, como homem de titela.

Fileno - Esse tal será camareiro de morgado, enxerido em aio: manda a casa a seu amo: cavalga a tempos de abonação em bastarda velha: terá muito conhecimento de mulheres erradas, chamam eles, e bem aforado com elas, porque paga a custa alheia: faz franquezas com alcoviteiras por ter sempre o mar chão pera o dito seu amo, com cujo custo vai forro. Destes há alguns que acertam ser bons de trela: enganam o povo com confeições de suas mostras, nas quais gainham por mão a outros cortesãos de marca, porque do pão de meu compadre grande pedaço a meu afilhado: vivem a face da terra a prazer, e tão contentes de seu avençal estado, que todo outro tem por nenhum respeitadas as posturas do seu descanso: senão que por fim sempre ficam mal da muda. E este clima inda é habitável, de que se podem sofrer quenturas, e friezas. Mas lá por dentro do sertão foram-se novamente criando tantos monstros de natureza, que os não cria mais Líbia.

Otonião - Não digais mais nesses, que noutros. Plumagens de enxertia do trópico de Cancro, sob cujos paralelos vive ãa confusa compostura, em sestros mais intrincada que o laberinto de Creta. Leixada porém fazenda alheia voltemos sobre a minha. Confesso-vos que me enfada muito este escudeiro, ou que demo é: e mais vos digo, que tenho assentado comigo fazer-lhe ãa fala sobre o caso.

Fileno - Fareis muito bem. E seja antes que o gentil garção crie raiz na empresa; que enquanto se não tiver muito penhorado pode ser tão liberal que vos faça serviço de seu direito, sem mais custos: boa guerra faz a boa paz, e o temor dizem que fez os primeiros deoses. ãa boa determinação arromba tudo: começar ãa vez, que a esperança sempre deu o melhor, e o tempo tudo.

Otonião - Eu vos direi. Passado tenho o Rubicão como *Caesar*, determinado ao que me vier sobre fazer a minha, ou pagar com a vida as dívidas da minha afeição.

Fileno - E ele a que horas é mais certo aqui?

Otonião - Não deve tardar muito, segundo seu costume. Ei-lo lá assoma: e aponta-se de maneira, que vós ride de mais postura. Ora vede-lo toma a travessa, que me atravessa com mágoa: porque a minha sobeja afeição acovarda-me pera tomar os tais postos, temendo publicar-me, e afrontá-la: e ele vai-se a eles tão seguro que me faz cuidar que tem jurdição, e posse, e receio que lhe vêm estas

foutezas do favor fronteiro.

Fileno - Vós quereis que o enxotemos daqui como for noite? Desasombrar-vos-eis dele pois vos enfada, que na verdade tendes razão: porque competidor, nem de barro. E nisso vejo que quereis bem.

Otonião - Essa podeis jurar. Das aves me receio, das casas a não fio. Sou um contino temor, e não pera o ter de por seu serviço romper um esquadrão.

Fileno - Pois portanto. Batamos-lhe o monte, e corramos-lhe a sapateta, que este eu vos faço bom voar, em vez de correr.

Otonião - Não hei por bom fazer aqui arroídos, e assoadas, que são pera molheres solteiras. E o mesmo fujo de músicas que pregoam muito: posso scandalizar a rua, e saber-se a causa, como tudo se sabe, donde soceda algum prejuízo³²⁰ na fama desta senhora, e ter paixões com seus pais, com que ao princípio se dane tudo, e acorde o cão que está dormindo, que é destruir ocasiões de azos, sem os quais nada se faz, e eu não queria perder por pouco o muito que espero servindo.

Fileno - Fazei logo outra cousa. Leixai-me apartar com ele, e eu vo-lo farei dar das pontas de maneira, que vos digo o feito, e o por fazer³²¹.

Otonião - Em caso de serviço d'amor, não hei-de meter terceiro. Mas i-vos

³²⁰ prejuizo] perjuizo [LA] prejuizo [LB: *lição que se adopta.*]

³²¹ e o por fazer] e o por fazer [LA: *lição que se adopta.*] e por fazer [LB]

vós por me fazer mercê, que isto vai sendo entre lusco e fusco, e agora que se ele muda a outra banda, eu lhe tomarei a residência, e como o alongar daqui, brevemente averiguaremos a contenda, que o estômago não me sofre dilatar-lhe mais a cura.

Fileno - Quereis que vá na retaguarda de vossa pessoa pera segurarmos a presa, se porventura traz costas quentes?

Otonião - Não é necessário. A causa que me força fazer toda força me faz tão foute, que não sinto temor que mo ponha. Tudo amor ousa, e acaba.

Fileno - De vós tudo creio. Antre tanto vou dar ãa volta sobre certa gaita minha; que também me dói, e logo sou convosco. Guiai-o vós a S. Roque que é posto solitário: e levai esta minha espada que é mais comprida que a vossa, e muito segura: e vós ide-o também, que a principal parte do bom acontecimento, é a segurança do esforço.

CENA SEGUNDA**Otonião, Régio**

Otonião - Eu senhor há alguns dias que vos trago atravessado nesta alma, pera o que vos direi: e não no tenho feito por não ter visto inda tempo tão disposto pera isso como este. E antes que venha à minha tenção, haveis-me de fazer mercê que me digais com quem andais d'amores naquela casa?

Régio - Essa é a mais alta e nova pergunta que tenho visto. E não vos deve lembrar que em toda cousa que se requerer, o requerente deve cuidar se sofreria que lha requeressem: porque impérios violentos ninguém os sustentou muito tempo, e os comedidos duram.

Otonião - Senhor a consciência de cada um é o mais certo juiz de suas obras. E como elas da tenção levam a culpa ou louvor, antes que ma saibais não me condeneis, que necessidade não tem lei, e dá ousadia.

Régio - E a razão pode-se saber? Para que eu também saiba o que devo, ou posso dizer.

Otonião - A razão per si se descobre e está entendida, visto que sou dos que passeam.

Régio - Sou convosco, e dir-vos-ei, senhor, como quem não se lança de vos servir. Já que vossa pergunta é per via de afeição vossa, a que também parece de mim presumis, fúria não espera razão, e isto vos

desculpa. E como toda dor seja muito injusto ponderador das cousas, não me espanta não vos justificardes comigo por vós mesmo, que lá dizem, que ninguém pode ser muito honrado sem desonra d'outrem: mas também per outra via, a paciência, e sofrimento é mãe da honra. Dou porém que ou de temor, ou de cortesia vos dissesse agora o que preguntais. Não cuido que vos serve tanto como porventura cuidareis, pois sendo caso que estemos *unisonus* e encontrados, verdadeiro amor nada teme: por onde já de medo serei mau de render: e por boa equidade, eu vos afirmo de mim, que de ninguém, nem de vós, sou tão amigo que queira negar-me por vos satisfazer. Portanto hei por escusado quererde-lo saber de mim, nem eu dizer-vo-lo: e fazei o que mais quiserdes, que eu por aqui ando, e andarei.

Otonião - Não se há por bom conselho cometer à fortuna, o que se pode fazer por concórdia: e como pretendo esta, e boa amizade não me tenho por tão descomedido como me quereis julgar. E bem vejo que a segurança de vosso bom estado vos faz isento. Porém ouvi, já que não menos necessidade tem o muito próspero de conselho, que o triste de remédio: e homens muito resabidos caem muitas vezes em casos muito perigosos. Eu não chego a isto, de soberbo, e atrevido, que quem pouco sabe, pouco teme. Nem também estou tão amedrontado de vossa intenção, que não esté seguro de ir ao

cabo com a empresa custe o que custar, que estar perto do temor escusa parte dele: e a doçura do proveito tolhe a dor do dano. Cumpre-me saber isto, e a razão é, que nessa casa há duas senhoras dignas de ser servidas, e cobiçadas: se nos encontrarmos será ãa conta: e também se formos diferentes na afeição, ficaremos conformes nas vontades. Por onde não vos deveis isentar do comedimento que todo bom galante deve ter.

Régio - Obras más desacreditam boas palavras, por isso não me parece que sois justificado como publicais. Não no digo por escusar passar pela lei que ordenardes, aqui estou pera tudo: porque sei que os males em seu extremo às vezes seguram, e as sobrançarias nunca deram bom fruto. E além disto concorre aqui um ponto de muito peso, que é tratar da fama de quem não devo ofender em pensamento, quanto mais em obra. Donde se segue que nomeá-la é espécie de má fama: porque quiçá está ela tão³³⁰ alheia de mim, e tão inocente da minha opinião, quanto eu ando longe da sua memória. E tratar dela d'antemão a custa de sua inocência, e pureza, é mau caminho de lhe merecer o que tégora desespero. Ora se vós senhor estimais vosso pensamento, o mesmo resguardo lhe deveis ter? O que sendo assi. Em que conta me tereis se fizer o que não devo? O bom disto se quereis que o diga, é seguir o forol do paço, em que como sabeis

³³⁰ está ela tão] está ella tão [*LA: lição que se adopta.*] está tão [*LB*]

se costuma servirem muitos galantes ãa dama: sofrerem-se, e conversarem-se sem mais ódio, trabalhando cada um valer, e avantejar-se por si: e esta é a fogaça de toda galantaria levar nas unhas a garça dentre os outros falcões. Desta maneira, sabe o galante que é preferido, e estimado sobre todos, gosto de grandes quilates, e sorte que não tem preço. Fazei vós senhor vosso dever, e eu farei o meu, e *a quien Dios se la diere, San Pedro se la bendiga*, diz o castelhano.

Otonião - Não me arma bácoro de meas. Sou tão cainho, e tão sôfrego, que com ninguém compadeço companhia.

Régio - De soberbo é não sofrer comparar-se. Pois eu também presumo ter boa presa, e por ninguém solto meu direito.

Otonião - A lei de amar é como a de reinar, não sofre dous. E o costume que me alegais do paço, não no aprovo, nem aprovou verdadeiro amante. Corações altivos, que amam por passatempo, poseram tal foro na terra. A alma namorada de tudo se assombra: cousas muito leves a cansam. Não pode dormir seguro coração receoso. Senhor, ou morto, ou César. E se quereis bem de verdade, não vos deve parecer mal a minha determinação.

Régio - Nem também me parece bem, pelo mau remédio que vos vejo. Como digo, por amizade não determino leixar-vos a empresa: e por mal, muito menos me obrigareis a desestir do começado, (não no

digo porque espere fazê-lo por nenhũa via, mas assi a exemplo) seria quando vos fosse também de amores, que a própria senhora me mandasse per si desenganar que a não servisse. E inda nisto há muito que cuidar, e ficava em minha cortesia saber se me dava a vontade lugar de estar por esta obediência, que quando amor a não levasse bem, vingar-me-ia em mim, ou em nós ambos.

Otonião - Senhor, não estou por essas justificações, que mas não coze o estômago. Vós senhor o rezoais mui bem, e quanto mais seguro vos vejo no quererdes justificar a causa, tanto mais suspeito que vos vai nisso muito cabedal, e quereis estar pela sentença, porque parece faz em vós: e eu sei que diligência sem ventura, nunca valeu, e sou portanto mais desconfiado. E inda que me fora muito bem com esta senhora, em nenhũa forma desta vida me poria nessa balança, por não tentar a fortuna: e assi tirar o poder a ãa hora minguada: quanto mais que me vai muito mal, e vós senhor sois muito gentil homem, e pessoa pera obrigar toda outra: e eu nada seguro da minha dita, e sobretudo pouco sofrido, e muito rifador: finalmente vede se me quereis fazer a mercê que vos peço, que eu já hei-de ir com isto ao cabo?

Régio - Nele estais vós cada vez que quiserdes: e daqui ao da cidade pouco há, e segundo andamos, cedo lá seremos.

Otonião - Se o vos desejardes sabeí que vos hei-de servir, já que me não

quereis conceder o que vos peço.

Régio - Pera mim por impossível tenho conceder-vo-lo, vede vós em que o tendes. Pera que são histórias? Sirva cada um sem mais declarações a quem pretende, quem melhor dita tiver a Deos agradeça. Que a minha arte é correr o páreo, e ver o que posso valer por meu trabalho, porque me dizem que é mais doce o que por ele se alcança.

Otonião - Sobeja confiança é essa: confesso-vos³³¹ que me enfada já, e me obriga a querer saber em que lei hei-de viver: porque na verdade não me vai tão pouco neste caso que o queira remeter à consciência da fortuna, que reparte seus bens sem medida, e peso como quer.

Régio - Pois como cuidais que negarei³³² a vontade com que espero morrer, por cumprir com a vossa?

Otonião - Não é isso o que vos agora peço. Dizei-me qual destas senhoras servis, e depois o al será como quiserdes.

Régio - Ora vinde cá por abreviarmos a contenda, em lei de bom galante, já que assi apertais comigo, e o tanto cobiçais saber, só isto farei, e mais não. Dizei-me quem é vossa dama, e se essa for a minha, dou-vos minha fé de gentil homem não vo-lo negar, porque também me prezo de sôfrego: e se nisto logo não assentais, desdigo-me, e nada

³³¹ [LA: na rubrica do fôlio 82v, pode ler-se: Acto primeiro, mas refere-se ao segundo.]

³³² negarei] negarei [LA: lição que se adopta.] negaria [LB]

direi mais. Agora fazei o que vos bem parecer: e se vindes armado, sabeí que venho desta maneira sem mais armas que esta espada, e adaga.

Otonião - E eu eis-me aqui também dessa maneira, e sem adaga.

Régio - Na mesma hora que vos determinardes lançarei a minha de mim.

Otonião - Ora senhor porque não me tenhais de todo por descomedido: e a soberba não ter aução contra mim; parece-me que tendes razão, e não quero sair dela. Eu senhor quero bem n'alma e vida à senhora Glicéria.

Régio - Ora descansai que desencontrados³³³ estamos como quem sou: e a senhora Tenolvia me arrasta no carro de suas perfeições.

Otonião - Em extremo folgo, e o hei por a maior dita que me pudera vir: porque me tendes tão vencido³³⁴ com vossa brandura, e galantaria, que esta perda me fazia sentir toda quebra, e rotura d'antre³³⁵ nós, mais que a morte.

Régio - E eu, senhor, não hei que gainho pouco neste conhecimento: antes o estimo tanto que o lanço à conta das boas venturas da sorte deste amor.

Otonião - Pois senhor agora me fazei mercê que me hajais por vosso tanto servidor como o serei, e o tempo mostrará mandando-me: e que

³³³ desencontrados] desencontrados [*LA: lição que se adopta.*] encontrados [*LB*]

³³⁴ vencido] vencido [*LA: lição que se adopta.*] convencido [*LB*]

³³⁵ d'antre] d'antre [*LA: lição que se adopta.*] d'entre [*LB*]

queirais que nos conversemos e ajudemos. Porque estas senhoras são muito fermosas como sabeis, e não podem leixar de serem desejadas e servidas de muitos: e nós unidos faremos corpo de maneira, que possamos fazer guerra a muitos, e tirá-los de suas opiniões vãs.

Régio - Eu sou disso; e sabeis que não há menos de três dias que me quisera afrontar na boca da travessa um galante gezerino, e roçámos as conteiras, porém não me mudei do meu posto. E o madraço parece pretende servir quem eu adoro, tirou de mim inquirições: mandou-me falar por pessoas per quem vo-lo tenho desenganado cruamente, e assentado comigo defender-lhe os postos como ao mesmo mouro.

Otonião - Pois eu, senhor, posso prestar, se quer pera fazer gente, se me admitirdes com os vossos.

Régio - Digo que tomo a boa estrea conhecer-vos; e entrego-me pera me valerdes, que segundo mostrais posse no casal deveis ser valido.

Otonião - Antes per vós espero valer-me: e fazei-me mercê que tornemos onde elas ficam, porque como tínheis ocupada a melhor estância, não queria que cuidassem que à mingoa de estômago, e de acanhado vo-la leixava.

Régio - Vamos onde mandardes, que nada podeis querer de mim que eu não faça com cem vontades: portanto não me negueis a vossa pera me

favorecerdes na empresa com todo bom³³⁶ meio que tiverdes, porque se diga que nunca falta Pílates a Orestes.

Otonião - Não seja isso escusardes-vos de me serdes bom com vossas valias, que em vós são mais certas.

Régio - Segundo isso tão pouco val um como outro. Em parte não me pesa, porque vos não riais dos mal vestidos, *que mal de muchos gozo es*. Há muito que vós senhor sois afeiçoado?

Otonião - A coresma passada acertei ver esta senhora nas endoenças, e à própria hora tomou de mim posse.

Régio - Sabe já de vós?

Otonião - Nenhũa cousa, nem sei maneira per que o saiba: e ajunta-se ser muito moça, que não sinte minhas dores inda que lhas digam. Per um rapaz de casa que me leva minhas moedas lhe tenho mandado recados: mas tenho que me mente.

Régio - Não levais caminho. Pera molher, deveis de ter outra molher. Entendem-se ãas com outras, e despejam-se.

Otonião - Vós que inteligência tendes?

Régio - Eu vos direi, eu namorei-me desta senhora de oidas³³⁷ que no de vista. Acertei de ir com um meu amigo a casa de ãa parenta dele, e delas, a caso em prática veo-se a tratar delas, que era seu pai muito

³³⁶ todo bom] todo bom [*LA: lição que se adopta.*] todo o bom [*LB*]

³³⁷ oidas] [*LA, LB: oidas é o particípio passado na forma feminina plural substantivada do verbo arcaico oir, que tem o mesmo étimo que ouvir (audire).*]

rico, e honrado: e elas per si não menos virtuosas e fermosas: e tão más de contentar que enjeitavam muitos casamentos. Foi sua abonação pera mim ãa rede de Vulcano pera Marte. Como me senti tomado do amor, dei de olho ao companheiro, e ele abonou-me de maneira, que se ofereceu ela de satisfeita a saber da senhora Tenolvia se me aceitaria. Com o cevo desta fraca esperança tomou amor mais entrega de mim. Ordenei³³⁸ pera nos vermos, armá-las ela a irem em romaria a São Bento, e da volta banqueteá-las em ãa quintã deste meu amigo, e tinha-lhe sua música. Não se azou, porque sobre certo negócio do trato houve desavenças entre este meu amigo e a parenta, por onde fiquei em branco. Certo remate de determinações de folgar, que raramente vem a efeito, como são cuidadas. Tenho porém pera mim que chegou ela a falar-lhe, porque enxergo nela ãa sombra de ter notícia da minha opinião, sem mais valia.

Otonião - Bom era o que determináveis. Logo eu em ãa cousa como essa me renderia.

Régio - Está já muito desviado de poder ser, do que ando assaz atribulado; porque não ousou esperar bem do mal que sinto. Não sei de que me vem esta fraqueza, que eu soía ser piloto nestes negócios. Verdade é que sempre os cometi com coração livre: e agora todo sou receios, e

³³⁸ Ordenei] [*LA: no reclamo de LA pode ler-se ordenai.*]

temores.

Otonião - Essa é a minha doença nem mais nem menos: e como sou novo neste mundo de amor, não há novidade de sentimento que me não dê cem caldas de dor. Os tempos, e a vida me fogem: os ares ma furtam, as aves ma namoram, os ventos me destroem com ela: não vivendo (salvo de a esperar) cada hora a desespero. Todo meu refrigerio é dar por aqui cem voltas; se acerto vê-la um momento entre mil dias, daquele dia tenho que contar a mim mesmo, té que alcanço outra tal.

Régio - Sabeis senhor que me consola? Tenho em tanta conta, e parece-me tão altamente bem minha senhora, que de ter por bem empregado tudo o que por ela posso sentir, me dou por satisfeito do que sinto.

Otonião - Eu sou esse, e tendes muita razão, já não tenho outra glória senão ver quanto sinto de morrer nesta fé. Porque, senhor, fazer homem bom emprego de si, é grande acerto.

Régio - Pera que é falar nisso. Sabei que por esse respeito me não trocarei por Juan Rodriguez del Padron.

Otonião - Vós passais pela vanglória que o homem tem de tais pensamentos? Quatro figas pera Garci Sanches. Pera que é nada senhor, não se verão dous homens hoje tão ditosos na sorte d'amor. E contudo eu queria achar meios de viver com esperanças.

Régio - Trabalhe cada um o que puder, e quem achar remédio primeiro,

ajude parceiro.

Otonião - Dir-vos-ei: quanto³³⁹ ao primeiro havemo-nos de fundar de lhe tolher d'hoje avante todo servidor.

Régio - Isso já não são novas.

Otonião - E todo casamento que soubéremos³⁴⁰ que se lhe aza.

Régio - Está pela mesa: porque cabrões não metam moneta de querer servir, que do soberbo é parecer-lhe tudo possível. E assi pairando ao tempo com boa diligência, pode vir a nossa hora, que lá dizem: com serviço muitas cousas vence amor. A continuação fez obedecerem os liões ao homem: e com ela quebra a agoa seixos duros. Nós somos parelhas delas, e eu sou de não casar senão com quem me escolha na vontade.

Otonião - Essa é minha arte e opinião: e segundo nos conformamos já daqui não se pode ganhar pouco, pois há tal amizade entre nós: e depois o que os fados derem.

Régio - Recolhamo-nos por hora, e amenhã nos veremos no paço.

³³⁹ quanto] Qnanto [LA] Quanto [LB: *lição que se adopta.*]

³⁴⁰ soubéremos] souberemos [LA: *lição que se adopta., vd. nt. 49, p. 106.*] soubermos [LB]

CENA TERCEIRA**Régio, Alcino**

Régio - Vós sois lembrado da fermosa³⁵² Tenolvía em que nos falou vossa parenta naquela noite de marras?

Alcino - Muito bem, porquê?

Régio - Parece-me que me há-de custar mais caro que Helena a Tróia: porque são sobre ela mais competidores do que houve sobre Djanira: e dá-me na vontade que hei-de ter bandos.

Alcino - Contai. Tevestes algũa escaramuça?

Régio - Ontem tive outro rebate de um certo garção, que apertava comigo mui a ponto. E o polhastro assentai que tem titela, e vinha sobre conta feita. E estivemos muito perto de nos ingrifar: porque nós íamos já rota batida fora dos muros, tão certos nas vontades, que não havia deter-se um passo: e o rapagão tão querençoso, e ardido, que lhe parecia ir ganhar perdões.

Alcino - Estais zombando?

Régio - Não zombo à fé. E a falar verdade, eu inda que me fingia seguro, por dentro lançava minhas contas, e não me pesava senão que ia mal concertado n'alma, que é um triste termo. E juro a mim que o receei. Porque, senhor, ãa determinação destas põe-vos as tripas na

³⁵² fermosa] fermosa [*LA: lição que se adopta.*] fermoso [*LB*]

boca, e é parede [e]³⁵³ meios de unção.

Alcino - Por isso dizem que o lugar da morte é peor que ela. E que direis ao gosto com que um rufião por mui leve causa vai ao desafio?

Régio - Esse lhe crerei eu bem mal; e se o tem, ou lhe falta juízo, ou alma. A morte senhor é um breve passo, e tal deve ser a dor: e como é certa, e em cada parte, não deve ser temida, antes desprezada, porque com este presuposto fica o ânimo quieto. Ponderar porém o efeito desta passagem: quem o muito não sentir não sente o que aventura. A vida deve-se à honra, e à alma tudo. Mas são leis do mundo tão tiranas, e desarrazoadas, quanto o ele é em todas suas cousas.

Alcino - Tal o têm feito os homens, e tal o padecem. Porém o bom disto é, nunca emprender competência, salvo a fim de segurar a paz. De ânimo forte, e constante é não se perturbar nos contrastes, mas ter conselho pronto e aferrado com a razão, que em tudo val muito. Aceitar douda e levemente brigas, é de brutos. E se o tempo, e a necessidade as requerem, há-se de antepor a morte à desonra. Oferecer ao perigo sem causa, é mera doudice: resistir-lhe com presteza animosa, é esforço discreto. Veio porém a humana pequice a tão fraco juízo, que chama esforço, e ânimo ao soceder ãa maldade prosperamente. Donde inocentes obedecem aos culpados;

³⁵³ [Por questões sintáticas, foi introduzida no texto a conjunção coordenativa copulativa e. A conjectura apresentada deve-se ao possível esquecimento do tipógrafo de grafar esta conjunção.]

o direito está nas armas, e o temor sopea as leis. E de todas estas sem razões fizeram tiranos cavalaria, a que eu diria: consistir em lhe resistir. Donde a dos Portugueses é digna de muito louvor, que se emprega em enfrear soberbos, e a ninguém fazer sobrançarias injustas: e assi prospera com favor divino a pesar de invejosos em toda a parte.

Régio - Disso pouco, pois o sois, e eles mesmos não vo-lo sofrerão.

Alcino - Também o não no sofrer é primor de pura cavalaria: mas o demo a calabreou com liga alheia dos seus quilates. Donde está já tão ensopada na mercancia, que a nobreza que antes se prezava de não saber de conta, agora não há por discrição senão decorar preceitos de câmbios, e recâmbios.

Régio - Isso é assi, mas é já mal sem cura, e o que não se pode evitar, deve sofrer-se, e não culpar-se: que sempre a fortuna invejou varões fortes, e repartiu seus bens desigualmente com os bons.

Alcino - Pois portanto já ouviríeis, quem sua geração gaba, louva cousas alheias; tratemos das próprias. Per maneira que vós afirmais que temestes vosso competidor?

Régio - Como a mesma morte. E desprezar o imigo nunca foi seguro.

Alcino - Logo não vos armam estes touros de capas, que por dá cá aquela palha lançam o gage.

Régio - Senhor, não. E confio pouco deles. E de Heitor troiano se conta que

sempre receou a guerra, e a pretendeu escusar.

Alcino - Si, mas posto no campo desbaratava os imigos, resistindo aos mesmos fados.

Régio - Pois assi há-de ser. Determinado, ferir sem medo.

Alcino - Louvo o ser comedido, e nada brigoso. Mas fazei-me vós ãa mercê, que em caso de brigas antes sejais o desarrazoado, que o ofendido: e pera covardos, tende mãos e não lingoa: porque não lheis deis tempo, ou azo de com ela vos ofenderem.

Régio - Dessa cor é o meu pano.

Alcino - E acerca destes vossos amores dir-vos-ei o que entendo. Fortuna raramente perdoa a grandes virtudes, quero dizer, aos mais notáveis. Por onde ninguém deve cada dia oferecer-se ao perigo, que quem de muitos se salva, ãa vez o acham. E que digam: quem de ãa escapa cem anos vive. ãa hora cai a casa que não cada dia. E portanto, de meu conselho, se determinais seguir a empresa, andai sempre apercebido: que estes roncadores andam feitos relógios de contino; e se tomam um paciente desapercibido fazem nele gaziva como mouros, e ficam com nome de valentes.

Régio - Assi o determino de hoje avante, por não estar sojeito a padecer leis de más cortesias: que mui certo posto é de fracos, se vem o tempo por si, com o valhacouto em meio, despender sobeja lingoagem, e alardear com feros: porque assi ficam abonados onde os não

conhecem, e depois têm a guarida em seu bom resguardo. Por onde o melhorar destas leves afrontas d'antre mãos, é mais custoso, que tomar Diu.

Alcino - Pois, dissei-me. Em que parou a cousa?

Régio - Tivemos antes do rompimento certa declaração à maneira de protestos sobre averiguar a razão de cada um: porque tê-la é grão terço da vitória. E achar um meio de paz nestes tempos, é a mesma taboa em naufrágio. E ficámos desencontrados, e de imigos, pera pôr campo contra França se presumir anojá-los.

Alcino - E o galante que cousa é?

Régio - Barbiponente, soldado bisonho, morto por averiguar sua pessoa, dos que não sofrem que lhe tirem fio do saio. Bom companheiro, de compreição *mercolina*³⁵⁴. Enleado nos amores em todo extremo. Sabe pouco desta pilotagem; porque parece não navegou fora do estreito de rapariga de balaio, e iças roqueiras. E pera esta caça d'altenaria há mister outros roteiros, e muita experiência: porque tem muitas artes, e cicladas, em que o mesmo Palinuro muitas vezes perde a esperança de vista, que é o norte de seus trabalhos. E o monseor não está na prática desta derrota.

Alcino - Foi logo ditoso em topar convosco, que o podereis adestrar como

³⁵⁴ mercolina] [LA, LB: o vocábulo mercolina não está atestado nos dicionários portugueses; é a forma feminina do adjetivo mercolino (merculino), de origem castelhana, cuja etimologia está relacionada com o deus Mercúrio, vd J. Corominas, Dicionario.]

aquel que bien las sabe.

Régio - Dai ao diabo, que me vou achando parvo neste negócio. Sinto-me afeiçoado, que é boa peça pera dar comigo de pernas arriba: e falta-me a audácia que soía de ter nas outras empresas. De tudo me receio, e vou assi como cego tentando vau.

Alcino - Que foi do vosso coração livre com que mareáveis destro por estes rumos?

Régio - Senhor não há quem não dê seus cinco. Digo-vos, que hei medo de que me quebre esta rapariga a cabeça: tem ãa garganta de cristal, que vós ride de mais pedraria, tão linda que é outra Fiometa. Pois o carão? Descreio dos mouros se não abate a estrela boieira. Ora o seu assento e gravidade, que nas feas me avorrece muito, e me dá matéria de muito riso, está nela como esmalte gris. Pera que é falar, sabeis que não tem cousa que não seja do pincel de Apeles. E o que me mata sobretudo dela, parece-me malenconizada; que pera mim, crede que é o timbre da galantaria feminil. Vós olhai por mim, que eu temo-me desta molher, e vou tomando entejo a todas as outras.

Alcino - Não vos pese disso, porque será ocasião pera leixardes outros tratos vãos que cansam, e ofendem a alma. Este é virtuoso, e pera vosso descanso, e per todas vias vos arma: ponde-lhe os ombros, que tudo a porfia acaba. Amor verdadeiro nada teme: e a fortuna há medo aos esforçados, e assopea os fracos. O tempo acaba o que a razão

nega, quanto mais sendo a cousa igual: que eu também já vou entrando em jogo, com a minha gaita, que parecia impossível vir à noz. Oh³⁵⁵, vedes vai a sua mulata: esperai-me nas vossas tranqueiras que logo voltarei.

³⁵⁵ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

CENA QUARTA**Otonião, Régio**

Otonião - Aparece cá algũa cousa que levante os espíritos a quem os traz
arrastados de seus desejos famintos?

Régio - Té'gora ainda não cevei a alma. São muito pouco janelleiras estas
senhoras.

Otonião - Devem ser apremadas da mãi com a costura, que creio ser muito
virtuosa, e grande governo de sua casa.

Régio - Bom é isso, que tal a mãi tal a filha. E vai muito em dar couce em
ventre de dona, como lá dizem: e saber ela ocupá-las, é o aziar que
as fez criar menos salitre do que a natureza requiere. Eu por ãa via
não me pesa: se assi esquecerem ao mundo.

Otonião - Antes cuido que é mais delas se esquecerem dele, o que não faz
muito em nosso partido.

Régio - Agora mal nos armam seus encerramentos: mas se chegáremos³⁶⁰ a
ter valia, eu vos faço bom picarem, que todas são más de entrar, e
peores de sair.

Otonião - Quem se visse já nisso: mas como não há esperança sem temor,
nem amor sem receios: padeço n'alma todos os perigos do mar, e
da terra.

³⁶⁰ chegáremos] chegaremos [*LA: lição que se adopta, vd. nt. 49, p. 106.*] chegarmos] [*LB*]

Régio - Natureza é deste rapaz Cupido não permitir sossego no peito onde reina. Porém senhor, bom esforço espalha má ventura. Se homem ãa hora por outra não se cevar de castelos de vento, e esperanças vãs, não há vida que possa com o peso de desgostos, e dessabores com que pensamentos xaqueam todas as horas ãa alma afeiçoada. Diz Ovídio na Arte do amor: vão-se os anos como³⁶¹ agoa que corre, e a hora que passa não torna. Usemos da idade que voa, e nenhũa vem tão boa, que a primeira não fosse melhor. No campo alheio sempre a seara parece mais fértil, e assi é tudo, porque nunca o estado próprio nos satisfaz, sendo muitas vezes melhor que o que cobizamos. Este nosso presente é muito bom, porque está em condição de ser melhor se o soubéremos³⁶² negociar. Que cousa há mais dura que o seixo³⁶³, nem mais mole que a agoa? Pois já ouviríeis, que tanto dá agoa na pedra té que quebra? Não pode ser que a continuação, e o cuidado não descubram algum furo, per que façamos seu clima habitável.

Otonião - Eu tenho descuberta ãa mina per que se podiam efetuar nossos desejos, se a nós pudéssemos entrar.

Régio - Estais zombando?

Otonião - Não ando pera isso.

³⁶¹ como] como [*LA: lição que se adopta.*] co [*LB*]

³⁶² soubéremos] souberemos [*LA: lição que se adopta., vd. nt.49, p. 106.*] soubermos [*LB*]

³⁶³ seixo] seixo [*LA: lição que se adopta.*] sexo [*LB*]

Régio - Contai por vossa vida: que se me pondes em seita de caça, não vistes podengo tão certo, nem perdigão que assi chace.

Otonião - Isso quero eu ver. Descobri a molher que tem estreita amizade na casa, e só esta pode falar com elas sem sospeita, e as conversa unha e carne como dizem, é viúva, e em tanto extremo bem avaliada, que se falarem nisto tomará o céu com as mãos, e haverá que é heresia.

Régio - Esse é o alvitre com que vós vínheis?

Otonião - Sem nenhũa confiança vo-lo disse?

Régio - Ora estai quedo, e vereis como sou destro nessa alveitaria. E dir-vos-ei como será pois é essa, encabecemos-lhe que por sua autoridade, e bom termo, e juntamente pelo respeito que sabemos que se lhe tem naquela casa a buscamos. As molheres naturalmente são vãs e compassivas, e inclinadas a favorecer amor honesto; com a pureza deste nosso lhe encabeçaremos juntamente, quão bem vem a estas senhoras nossa pretensão³⁶⁴. E assi pelas leis de seu proveito delas, que são gafas com que as sempre trazem a tudo, lhe faremos entender que quanto aqui luz é tudo ouro; e como traz o peito limado de malícias não crerá outra cousa. Enfim eu vo-la meterei no jogo, e vê-la-eis lá ir direita como à linha.

Otonião - Se vós isso fazeis, nunca homem fez tal sorte.

Régio - Ora sabei que não se pudera descobrir meio mais próprio: porque

³⁶⁴ pretensão] pretenção [LA: *lição que se adopta.*] pertença [LB]

essoutras alcoviteiras são tudo receios, e mentiras: e não têm audácia pera fazerem cousa bem feita: nem crédito pera serem admitidas em tais partes: e a essa senhora basta-lhe a autoridade pera fazer do céu cebola.

Otonião - E como determinais armar-lhe as telas³⁶⁵?

Régio - Dir-vo-lo-ei, eu tenho um amigo discreto e sagaz, homem de gentil habilidade pera todo negócio; e tem lingoagem que baste pera persuadir ãa conjuração melhor que Lúcio Catelina. Mandemo-lo que lhe vá falar: e pera ser melhor admitido, e persuadir o caso, irá da capuz de dó muito grave, e com muitos moços: e quero que trate de vós, porque faz o negócio mais leve, e menos suspeito em ser com a mais moça: o qual vos abonará de muito rico, e valido: e que desejando em todo o extremo casar com vossa dama, e mandá-la pedir a seu pai, o não quereis fazer sem sua licença, por não lhe forçardes o gosto. E porque vos parece que ninguém lha podia pedir mais honestamente, lhe pedis queira valer-vos neste caso. E desta maneira, cortem-me a cabeça se meu amigo a não armar a tudo o que quiser.

Otonião - E parece-vos esse bom meio?

Régio - O melhor do mundo, a pedir por boca.

Otonião - Ora eu lhe vou saber a pousada, e enformar-me de ãa sua vezinha

³⁶⁵ telas] tellas [*LA: lição que se adopta.*] telhas [LB]

a que horas estará aí mais certa, pera que a não erre quando acertar de ir.

Régio - Falais muito bem; e antre tanto eu me verei com ele, e consultaremos tudo à noite.

CENA QUINTA**Alcino, Grácia**

Alcino - Ce, ce, ah hum, ah senhora, beijamos-lhas mil vezes.

Grácia - O senhor.

Alcino - Venho após vós de cem ruas, parece-me que me fugíeis?

Grácia - Pois assi era. Não no via em minha alma.

Alcino - Nessa queria eu andar sempre à vista como grimpa.

Grácia - Pois crea que dessa maneira anda. E pela sua pousada determinava
fazer volta.

Alcino - Inda essa é outra dita. Se vos errara enforcara-me: que eu levava a
proa em ir ver quem me mata.

Grácia - Isso é de ida, e de vinda por casa de mi tia.

Alcino - Onde a galinha tem os ovos, lá se vão os olhos; e como me sustento
a onças da vista dos seus, vou senhora buscar minha ração.

Grácia - Será, porque a de paço quem a perde não há grado. Adiante vós
vades pelo canal do moinho abaixo; que bom filho? Havereis vós
assi a benção de vossa mãe.

Alcino - Não zombemos com a vida, que à fé se vos morro, do que ando
muito perto, que perdeis um bom amigo.

Grácia - Melhor o fará Deos. Mau agouro venha por quem vos mal quer.

Alcino - Ora vinde cá, senhora Grácia, por vida desses olhos, e desses alvos

dentes, valerei convosco, saber de vós, como me vai com minha senhora.

Grácia - Camanha graça. Como vos pode a vós senhor ir com ninguém, senão muito bem? Quanto mais com ela, que se revê em vós.

Alcino - Ah, cadelinha, que me mentis, e perdoai-me. Não sei eu quão escassa, e descuidada essa senhora tem a condição pera os seus? E ajunta-se a isto, não serdes vós por mim no que me tanto vai.

Grácia - Ai não mo digais, guardai-mo lá pera dentro. Como sois malvado

Alcino - Ao menos, valer-me-á muito, sê-lo convosco.

Grácia - Guardai-vos bofé de um mau, não dê eu volta à peneira. Agora sabeis que se eu não fosse maus cães vos comeriam.

Alcino - Inda mais dos que me comem esta alma?

Grácia - Isso mereço eu por pelejar sempre com ela por vosso respeito. Que nunca sobre al brada comigo, senão que sou mais vossa amiga, que sua.

Alcino - E que razão me dais pera a não fazerdes muito minha mana?

Grácia - É o tanto que passa a receita pela despesa.

Alcino - Apostarei que inda não chegou a sonhar comigo?

Grácia - Ah isso era; eu o desejava pera mandados de carvão. *Ante cocho que el agoa ferva:* ao seu tempo se colhem as uvas quando são maduras. Andaria assi o demo às vassas, e o carro ante os bois. Essas cousas não são inda pera ela. Vós haveis de sonhar, sospirar, e desejar: e

contentardes-vos com vo-lo aceitarem, que aquela pérola poucas tais na dúzia. Quereis que vos diga meu amigo? Não se gainham trutas a bragas enxutas. Isso seria inda não selámos já cavalgámos. Não sejais mau de contentar, se quereis ser contente?

Alcino - Vira eu de que o ser: mas pera mim tudo é mal, e o bem só eu o sei querer sem mo estimarem.

Grácia - Já vós aqui sois? Ora eu sei bem o contrário: e é manqueira velha serdes desconfiado. Não sei porquê, que sois muito gentil homem, muito galante, muito airoso, e muito discreto, e mereceis ãa duquesa. Inda que d'outra parte vou cuidar, que tudo isso vem de serdes mau de contentar. Não no deveis ser, que quem mais quer que bem, a mal vem.

Alcino - Já me vós ameaçais? Pois sabeí que com menos disso esmoreço: e mais ameaços vossos, que tendes a faca e o queijo.

Grácia - Ai maochas, todo está cortado do frio: medo hei, bom não serei. De lá nos venham as pedras donde estão os nossos. Quem vos desse muitas d'um falso. Porque sois ingrato?

Alcino - Não sou por certo.

Grácia - Não sabeis vós muito certo que gainhais, e nunca podeis perder por mim, que estou posta em campo por vós todas as horas?

Alcino - E se me eu não forrasse todo dos arminhos dessa fé, e confiança, haveis que pudera defender, e sustentar esta vida contra as friezas, e

esquivanças, que essa senhora tem comigo? Fora já feito pó. E assi como isto creio, assi crede de mim, que vos merece esta vontade tudo; e se me veio em tempo de o satisfazer, que será tendo em meu poder quem o sobre mim tem, e terá sempre, vereis quão certas são estas palavras. Que agora, não presto pera mais que pera vos palrar as afrontas desta alma.

Grácia - E quando isso for dar-me-eis vós, e ela mau grado? Mas quem se já visse nisso.

Alcino - Se cuidasse que vos não ficava outra cousa nesse bucho, ir-me-ia lançar no mar.

Grácia - Tá, não façais por amor de mim, não se mate mais gente: eu a hei por recebida: que melhor é dívida velha, que pecado novo.

Alcino - Dizei-me, destes a minha carta?

Grácia - Dei, e mais não foi mal recebida. Sabei que tivemos um serão de muito riso sobre ela.

Alcino - À³⁷² custa de barba longa. De maneira que passais tempo sobre mi?

Grácia - E vós inda dizeis que o direis ao juiz?

Alcino - Pois quando hei-de merecer a reposta? Ao menos pelo vosso; que por mim, bem sei que nada valho. E já que em vós ponho minhas esperanças, não consintais que sejam vãs, que é caso que carrega sobre vossa honra; se vos dela doeis, e de mim, olhai por ambos.

³⁷² À] A [LA: *lição que se adopta.*] A' [LB]

Grácia - Vós, senhor, bem arrezoades o vosso: não sei se estimareis assi o meu.

Que tenho feito por vosso remédio, quanto nunca de mim cuidei.

Nem sei porquê. O demo me talhou o embigo convosco.

Alcino - Isso vem do que vos eu desejo. Falam-se os corações: pelo que o vosso do meu sabe, tem esse cuidado.

Grácia - Será assi. E sabeis quão bom o tem? Que a poder das minhas porfias vos houve essa reposta que vedes aí.

Alcino - Oh³⁷³ grandíssimo bem, estremada mercê, rara obrigação, dívida sem preço. Vedes aqui o que nunca poderei pagar, nem servir. Agora me queria enterrar vivo, por quão pouco posso: e magoa-me em extremo minha fraqueza, que pera a minha condição a ter um reino, não me bastara pera vos satisfazer.

Grácia - Senhor, Deos vo-lo dará. Enquanto a pedra vai e vem, Deos dará do seu bem, que eu tudo espero merecer-vos. Eu vou depressa à ribeira, amenhã vos verei devagar, respondei esta noite: porque³⁷⁴ também queria-vos pedir ãa mercê.

Alcino - Amargada irá logo esta. Não mete reixa, sem tirar reixa.

Grácia - Que quem tão bem serve, galardão merece.

Alcino - Que chamais? Digo que hei mister outro mundo pera o que vós mereceis.

³⁷³ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

³⁷⁴ [LA: *na rubrica do fólio 97r, pode ler-se: Scena segunda, mas refere-se à quinta.*]

Grácia - Não no digo por tanto, que o que faço, faço-o por vosso servidor, sem me lembrar outro respeito.

Alcino - E não quereis que conheça eu isso? Assi vivas tu, perra.

Grácia - Vós, senhor, levai-me em conta estes atrevimentos, porque necessidade, e confiança me põe neles. E inda que os podera ter com outras pessoas, que sei que folgarão muito: quero antes convosco, a que sei que mais mereço, e mais espero servir.

Alcino - Oh³⁷⁵ que pera mim são escusadas palavras. E soubesse eu que vos servíeis vós d'outrem, donde eu estou?

Grácia - Pois por isso. Queria, senhor, que me emprestasse cinco cruzados por oito dias: porque a mim devem-mos, e não mos podem dar logo. E furtaram-me ãas colheres de prata de minha senhora a velha, e eu queria-lhas comprar antes que mo ela soubesse, por escusar desgostos. E a senhora Melícia me disse que pegasse convosco.

Alcino - Sereis servida mas eu não os trago comigo; é-me necessário³⁷⁶ ir à pousada.

Grácia - Eu irei lá pela manhã cedo.

Alcino - Embora.

Grácia - E no mais que por oito dias, té que me paguem.

³⁷⁵ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

³⁷⁶ é-me necessário] é-me necessário [LA: *lição que se adopta.*] é necessário [LB]

Alcino - Eu não empresto: não me injurieis.

Grácia - Ora, senhor, não no lança em saco roto. E porque em mim não se emprega mal toda mercê, a peço, e aceito.

Alcino - Ora olhai-me minha condessa, eu responderei.

Grácia - Eu irei pela manhã almoçar convosco.

Alcino - Seja assi, e fazei que me vejam hoje.

Grácia - Viste-la ontem?

Alcino - Não.

Grácia - Não vistes logo ãa bela ninfa? Foi a casa de sua cunhada nas ancas de seu irmão, e ia um serafim.

Alcino - Essa é ela: e mande Deos não no seja de minha vida. Vedes i como sou mofino, que sempre erro esses acertos: que eu assentai que a houvera de seguir como moço d'estribeira. Porque³⁷⁷ vos não lembro eu a esses tempos pera me avisardes?

Grácia - Como ora lembrastes, e bem de vezes. E ela enquanto se estava enfeitando, toda a festa foi sobre a vossa pele: e bem morreu por vos dar rebate, mas nunca o demo quis que se me azasse.

Alcino - Não creais que sou desventurado como homem. Pesa-me de saber isso agora Mas, dizei-me, que lhe dizíeis quando lhe tínheis o espelho?

Grácia - Mil cousas.

³⁷⁷ [LA: O fólio 98r tem a numeração errada, apresenta somente o número 9.]

Alcino - Mas por vida minha. Quê?

Grácia - Disse-lhe antre outras razões, que se vos eu mal não conhecia, que sem nenhum daqueles escabeches, me atrevia a fazer que vós a quisésseis.

Alcino - Sei eu que vendo-me ante ela, não ousaria mais que contemplá-la.

Grácia - Quem o cresce?

Alcino - E porque não? Que quais hão-de ser as mãos que ousem tratar tanta delicadeza?

Grácia - Ai raposo, não fiar em cão que manqueja.

Alcino - E a senhora Milícia como tomará isso

Grácia - Ela por travesso, e mau vos tem. Quando corríamos as igrejas tivemos o maior prazer. Inda não víamos embuçado, quando ela já cuidava que éreis vós. E no Carmo me perguntou pela vossa pousada, que queria lá ir beber um púcaro de agoa.

Alcino - Não fizéreis vós isso, porque era bem.

Grácia - Bofé se nós fôramos sós, não fora muito: mas íamos ãa má visão delas, com todos os de casa, e a cada passo nos perdíamos ãas d'outras.

Alcino - Pera mim não naceu boa ventura.

Grácia - Por vossa culpa, que ela bem vos desejou falar.

Alcino - Não mo digais, que não sei se o crea ou descrea. Que é certo que não lhe lembrei. Andei esse dia mouro por topar com ela, e nunca a

fortuna quis que a visse. Tão herege me vi, que se a topara em algum beco determinava furtá-la.

Grácia - Assi lho dizia eu: ela matava-se toda de riso. Inda agora temos que rir dos encontros, e passos daquele dia de madraços, que queriam falar remoques, e meter vira em barreira.

Alcino - Que cousa essa pera eu sofrer, se o vira.

Grácia - Enfim, senhor, ãa³⁷⁸ hora melhor d'outra: muitos dias há³⁷⁹ no ano; o que não se fez em dia de Santa Luzia, faz-se noutro dia. Onde eu estiver não haveis de perder vossa justiça: dai-me licença.

Alcino - Esperai logo ireis.

Grácia - Não, que se me vai fazendo tarde, e bradarão comigo em casa: como estou convosco de prática em prática não me lembra mais que me hei-de ir, e há dez horas que estou aqui.

Alcino - Inda agora chegastes. Matais-me porque vos quisera perguntar mil particularidades.

Grácia - Fique pera amenhã. E não se esqueça da mercê.

Alcino - Pera que é falar nisso?

Grácia - Beijo-lhe as suas.

Alcino - Ah pesa meu pai com a perra, que assi mente, e pede. Em que poder me eu vejo: sangue misturado, que nunca deixou de ser tredo.

³⁷⁸ [LA: O fólio 99r tem a numeração errada, apresenta o número 96.]

³⁷⁹ ha] há [LA: lição que se adopta.] ho [LB]

Amargo vai o gosto que se logo compra tão caro. Estes negócios nunca dão bom jantar, que não dêem má cea. Quero-me tornar a meu amigo, que me há-de esperar.

CENA SEXTA

Alcino, Régio

Alcino - Senhor, vós haveis de perdoar, que são descortesias de amantes; *y los erros por amores dignos son de perdonare*: como se homem embebeda naquela doçura de saber que faz, que diz, disse isto, dizei-lhe estoutro: é o mesmo rio Leteu que vos faz esquecer tudo, e de vós próprio: um néctar, e ambrósia dos deoses que nunca farta, nem enfastia. E de mim haveis de crer que estes são os meus campos eliseos. E gabem-vos castelhanos o seu Mancias, e todos essoutros bêbados do inferno do amor de Garci Sanches, que nem ele me toma a palha. Mas pesar de Lúcifer que amargado vai o gosto.

Régio - Como?

Alcino - Cinco cruzados mecos³⁸⁸ me leva deste ferro a mulata, pelos quais lhe eu inda espero dar cinco mil pingos.

Régio - E essa é a vossa amizade, e satisfação de suas diligências?

Alcino - Nunca ouvistes, ama el-rei a traição, e o tredor não? Certo está ministros de culpas serem pagos com avorrecimento: e a cadelinha não entrará comigo em veredino³⁸⁹, tanto que eu for em posse do

³⁸⁸ mecos] mecos [LA, *lição que se adopta.*] mecor [LB]

³⁸⁹ veredino] [LA, LB: veredino é um vocábulo não atestado nos dicionários consultados; de origem latina, tem a mesma formação que veredicto, isto é, *forma-se com o auxílio do advérbio vere ao qual se juntou o adjetivo digno, na sua forma arcaica dino, e significa de forma verdadeiramente digna, honesta, apropriada.*]

casal: porque um mestre de más artes basta pera corromper um povo. E não quero que lhe fique em foro seu mau ofício.

Régio - Dizeis isso agora com mágoa dos cruzados: por pouco vos agastais.

Não sabeis que ao rei não no servem por bem acondicionado, mas por dadivoso? Mais real é dar, que receber.

Alcino - Todos são liberais do alheio. Já vejo que não há mor gosto que dar: porém a quem o não tem, mais duro é que pedras. E arrenego da tigelinha de ouro em que hei-de cospir o sangue: que quem mais não pode com sua mazela morre. Porém isto é carta.

Régio - E queixais-vos?

Alcino - Não quereis que me queixe sequer de mim, que sou tão parvo que dou o meu assi à ventura, por mentiras?

Régio - Isso não é muito mentira: bom penhor é carta da sua mão. Bem sei quem se despira por ter outra tal.

Alcino - Não vos fieis nisso, que mulheres não se penhoram mais do que querem. Mostram elas assi que receam dar os tais penhores, que encarecem, por fazer em si: e per razão assaz devia obrigar: que o que quiseses negar não o dês por escrito: mas elas não se obrigam salvo pela vontade própria. Tereis cem cartas, e cem prendas, se lhes cais em desgraça ficam tão livres, e isentas como se não foram aquelas. Nada pode com elas senão o seu apetito, este dá com elas d'avesso cada vez que quer. Amor, galantaria, conhecimento, nem

conversação que tivessem convosco não vos val, pera não soçobrardes, se a grimpá do seu gosto volta.

Régio - O demo as entenderá, que eu quanto mais as trato, menos as entendo. Mas sabeis de que hei dó delas? Acho que todos seus esfolá-gatos são à custa de³⁹⁰ sua honra: pregões de suas fraquezas: retratos de suas más condições: e máscaras de seu bom nome. Onde sou perdido por ãa simpreza honesta, que nelas fica em suma discrição: e todo seu resabio me avorrece, porque é vigília de pouca virtude. Ociosidade nelas tenho por abominação, e o alicerce de todos seus erros.

Alcino - Si, mas que aproveita conhecê-los, pois os fazemos contínuos por elas?

Régio - Quer Deos que sejam o açoute de nossa soberba.

Alcino - Assi me traz esta rapariga brasa.

Régio - Essa é a primeira carta que vos ela escreveu?

Alcino - Sim.

Régio - Oh³⁹¹ que certa cousa conselhar-vos que vos leixeis³⁹² disso, e que tá.

Alcino - Pois são termos da sua lógica: procedem per seus princípios³⁹³, que é mostrar o contrário do que pretendem.

³⁹⁰ de] de [LA, *lição que se adopta.*] da [LB]

³⁹¹ Oh] O [LA] O' [LB, *lição que se adopta.*]

³⁹² que vos leixeis] que vos leixeis [LA, *lição que se adopta.*] que leixeis [LB]

³⁹³ seus principios] seus princípios [LA, *lição que se adopta.*] seus princios [LB]

Régio - Ora que é isso? Sois vós de uns que as não mostram por razão do segredo que se lhes deve? Ninguém me caia já nesta pequice decrépita. Os amores pera se gostar deles, hão-se de comunicar, o al é bulra: porque nada há tão doce como a conversação amiga. Não há cousa que chegue a falar com outrem, como comigo.

Alcino - Eu disso sou. Essoutros enlevamentos, e contemplações de ‘pera que me dão tormento, *aprovechando tan poco*, sofrem-se onde se aventura a própria vida no segredo, e não são da minha colheita. Não quero amor que me não pagar de quarto estes gostos. Não vos nego todavia ser mal feito, mostrar carta de molher com que pretendeis casar: inda que a tempo quatro razões boas, e honestas passam entre especiais amigos. Há porém uns amantes vãos, que vos rogam com cartas por se abonarem: então leixai-o gabar-lhe suas razões de baque: ponderar-lhe o estilo malo³⁹⁴, maiormente se diz palavrinha em latim ou regra em castelhano, termo muito de ãas jubiladas no trato. Ali vereis o gritar deles: o apregoá-la por Merlim: e o levantar suas discrições, como se fosse possível havê-la nelas. Já se elas entram em saber latim, ou música, nenhũa cura lhes sinto. E se são lidas por espelho de cavalaria, ou carcel de amor, e o conde Partinoples, e não leixam udo nem meudo: ride-vos vós de mais

³⁹⁴ malo] [LA, o vocábulo malo foi anunciado no recramo do fólho 101v e não foi escrito no início do fólho seguinte 102r, através de um erro de salto de igual para igual.] [LB, omite este vocábulo.]

donzela Teodora. Mas coitado de quem pera casa leva tal aio.

Régio - Vós sereis também tão escoimado, que vireis a não achar molher que vos faça?

Alcino - Mui poucas são, havendo-as de sofrer.

Régio - O mesmo achareis nos homens.

Alcino - Si, mas esses não se liam convosco à maneira de hera como as minhas senhoras: e portanto antes que cases, cata que fazes, que não é nó que desates.

Régio - As forças da afeição têm a raiz nas compreições: o vigor, nos costumes: e o gosto, na conversação; donde se disse: ãa sapa outra acha: e por isso não se lhe pode dar regra certa, sendo tão incertas e diversas as incrinações humanas; em todas há muita monda, e pouco grão.

Alcino - Por isso me eu rio de homem que me encarece muito a discrição d'outro a que se afeiçoa: e muito mais do que encalha tanto na opinião da sua própria, que se tem por mais hábil pera reger o carro do sol que Faetão, porque tem mais esparavões que o mundo átomos. E a verdade de tudo é o que Platão de si dizia: que chegará a saber que nada sabia. Todo o saber humano solettra, e o que chega³⁹⁵ a conhecer as letras, não alcança pouco: e ride-vos de toda outra fantasia, que de si presumir, que eu vos prometo que não há

³⁹⁵ chega] cheha [LA] chega [LB] [LA, dá na errata a seguinte correção: cheha diga chega.]

nenhum de nós que não tenha mais erros que dias de vida: e tão poucos acertos, que se poderão contar com pedra branca, melhor que dias alegres.

Régio - Senhor, senhor fazei pausa, porque vos leva a corrente de vossas premáticas ao pego de *contemptus mundi*, donde se saís como outros que vejo empegados nele, não haverá fateixas de *tiempo bueno*, nem arrepique de Rei Dom Sancho, Rei Dom Sancho, *no digas que no te lo digo*, que vos tire a lume. E pera vos divertirdes desses coléricos humores, lede já essa³⁹⁶ carta: vejamos que diz essa senhora: não sejais tão mau namorado.

Alcino - Dizeis verdade à fé. Outro fora que espirrara, e se fora a lugar solitário pera atitar, como touro: eu porém sou tão repassado por este açúcar, que não me movem calabres. Isto têm todas as cousas tratadas muito, perdem o lustro, e o sabor.

Régio - Aleijão de nossa natureza.

Alcino - Antes prova de nossa peregrinação. Ora diz aqui assi:

Senhor:

Dissimulei com vossas importunações té'gora, por ver se cansáveis, e desistíeis delas, e desse vosso engano, de que está visto

³⁹⁶ lede ja essa] lede já essa [LA: *lição que se adopta.*] lede essa [LB]

que não haveis de ganhar mais que perder o tempo. Peço-vos senhor que vos esqueçam essas ociosidades, não vos lembre se sou viva, nem me saibais o nome tão sóis, que me pesará muito, e vós nada ganhareis em tão escusada teima. Da vossa boa vontade que pregoais, tomai de mim o enganar-vos por satisfação: ficais-me devendo, o sofrer vossos atrevimentos: pagai-me com cessardes deles: que das cousas grandes o querê-las é assaz. Esta rompei logo pelo que deveis a quem sois, e pelo que me cumpre: não me custe afronta querer socorrer a vossa, que será mau galardão do muito que aventuro por vós, a que beijo as mãos.

Régio - Oh³⁹⁷ como está fera, valha-me Deos. Chamais a isso carta? Chamai-lhe vós bombarda. Essa tal pera homem que não souber a manha das minhas senhoras, fa-lo-á enforcar-se como Ífis?

Alcino - Por isso o há ela comigo, que lhe terei cem vezes o resto com menos carta de mão que esta. Ora parece-vos ãa bebedinha que escreve isto muito trega, e fica morta por ver a reposta: e muito contente com cuidar que me queima o sangue? E se me vê não cabe em si, e debate-se na alcândora mais que esmerilhão: e faz-me mil gatimanhos dos olhos?

Régio - Essas são elas; de quem burlam em público, gozam em secreto.

³⁹⁷ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

Alcino - Prometo-vos dona bugia que eu vos amanse. Vós me pagareis esta, e outras, par estas: e se não que nunca as eu rape. Ah que reposta lhe hei-de pintar, testamentozinho d'amor, que cuide ela que fico pedindo a unção: e eu nunca tive tão certa esperança de a tomar no brete, como agora.

Régio - A senhora parece que está dobrada sobre vós?

Alcino - Oh³⁹⁸ que todas são párvoas: e tomadas em seus termos, não acharei molher tão discreta, e galante que se lhe eu disser ãa me diga duas, e confesse a vontade do primeiro pulo sem vir por estes canos de mentiras, e fengimentos? Se esta achasse, podia-me despir, e contraminar. Por isso folgo de enganar estas contrafeitas, porque a um tredoro dous aleivosos, dizem na minha terra: e não há mor gosto, que enganar quem cuida que vos engana.

Régio - Quereis que vos diga? Somos os homens tão maus, e maliciosos, que lhes sobeja razão de se velarem de nós, e lhes sermos suspeitosos. A sua delicadeza de espíritos amorosos as convence, pera nos não negarem amor. A nossa pouca verdade as ameaça, pera se recearem de nós: temem o que desejam, tentam a experiência, por segurar-se: mas pode tanto mais a nossa malícia, que as suas cautelas, que nada as salva. Eu pera mim trago esta regra. Das gerais nenhũa conta faço: das especiais, hei sempre dó: a nenhũa queria scandalizar: e

³⁹⁸ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

dar-me bem com todas, se pudesse.

Alcino - Benção em tão bom dizer. Nem eu cuido que haja homem que isso não queira. A mim³⁹⁹ avorrece-me muito tratos das devassas: e gosto por extremo da conversação das recolhidas.

Régio - Pera que é falar nisso. Sabei que o mel da vida está no tratar aquela brandura meiga com que elas domam té os brutos animais.

Alcino - Vós passais por ouvirdes ãas queixas de fala frautada, borrifadas de lágrimas de amor?

Régio - Sabeis quanto podem? Que foram as monições, e artelharia com que os Romanos venceram a fúria dos Sabinos. E Heitor foi extremo na cavalaria, porque o armava pera a peleja Andrómaca, encomendando-lhe a tornada. E Protesilau quis ser o primeiro que tomasse porto em Tenedos, com a pressa que tinha de voltar pera os braços de Laudonia⁴⁰⁰.

Régio - Senhor quereis ver muito claro quanto se lhes deve, e quão necessária alfaia pera o gosto da vida são? Que nunca vemos homens aleijados d'amor, senão os muitos discretos, e pera muito. Por estas senhoras se baralhou sempre o mundo, que não há cousa, por bruta que seja, que não se renda à fermosura. Onde Olímpia mãe do grande

³⁹⁹ [LA: na rubrica do fólio 105r, pode ler-se: Scena quarta, mas refere-se à sexta.]

⁴⁰⁰ Laudonia] [LA: a intervenção que se segue na edição de 1618 é novamente de Régio e é adequada à personagem. Deve faltar nesta edição uma fala de Alcino.] [LB: na edição posterior de 1787, as falas das personagens estão trocadas até ao fim da cena, isto é, a intervenção que se segue é atribuída a Alcino, a seguinte a Régio e assim sucessivamente. Esta situação deturpa completamente os papéis atribuídos às personagens.]

Alexandre, sendo-lhe dito que Felipo seu marido amava ãa molher de Tessália, que o trazia enfeitado, determinou vê-la, pera se certificar da verdade. E vendo-a muito fermosa, discreta, e graciosa, disse: rio-me de outros feitiços, pois os tens naturais em tuas graças.

Alcino - Essa é a verdade. Porém sabeis vós a que eu não tenho paciência?

Ver madraços conversar focinhos de bode e ser-lhe sogeitos: e haver por discrições, e galantarias as suas devassidões.

Régio - Oh⁴⁰¹ baixos espíritos, suma parvoíce, bruto juízo. Quanto desculpo o vencer-se um homem de ãa bela dama, tanto o culpo ocupar-se um momento com esses gadanhos. E dir-vos-ei: o corpo é sojeito à alma, donde vem poder vencer o natural vício com o poder da virtude; quem desta não se obriga, carece da razão, e fica em bruto. Ser fermoso, não é louvor; nem feo, defeito. Dos movimentos do ânimo somos julgados. Quereis ser heróico? Sabei que nenhum caminho se tolhe pera a virtude. O que assi sendo, não se pode desesperar de alcançar cousa algũa no amor, nem nas mais cousas deste nosso andar, por mais íngremes que se vos representem. E pelo tanto o homem discreto há sempre de pretender empregar-se bem, e não se ocupar e enxovalhar em negócios baixos. Que peor é deixar-se cair de seus merecimentos, que aventurar-se ao que não se lhe deve. Se a fortuna o contrasta, não é por sua culpa; e sempre

⁴⁰¹ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

tem louvor de emprender empresas altivas.

Alcino - Regais-me a alma. Bailem cabrões de sol a sol com mulatas, estimem seus folguedos, gostem de devassas, façam pagodes, sofram seus atrevimentos, façam-lhe feros, e ocupem-se em quantos conluios, e sensaborias há nesta negociação; e a mim dêem-me um assomar a ãa janela ãa bela ninfa, que é mais aprazível que o romper da estrela da menhã pelo horizonte: um quebrar de olhos dessimulados antre gente, que faz arrepiar as carnes, e ouriçar os cabelos como visão: Um ameaço meigo, que levanta o pó do chão.

Régio - Senhor não me metais com cócegas dessa maneira, que me fareis ir, como touro com a mosca, lançar nesse mar.

Alcino - Nem isso vos valerá, que este ardor de Cupido nas frias agoas tem seu vigor. E se não vede Neptuno, Glauco Galatea, e outras deidades do mar se puderam nele matar suas chamas.

Régio - De maneira, senhor, que nesta cousa não há senão bebê-la ou vertê-la?

Alcino - Senhor si, cerrar os olhos, e lançar a mergulhar no pego de suas galantarias.

Régio - Logo não pode ser maior dita, que empregar homem bem seus pensamentos? Porque, senhor, mulher fea nunca teve boa condição. Ora sofri enfadamentos de um rosto roim?

Alcino - Não há desventura que chegue a isso: porque as tais nunca carecem

de achaques, desconfianças, ciúmes, e mil contos de malícias. E a
fermosa tem os espíritos delicados: é toda covardias, branduras,
mimos, obediências, confianças: tem enfim todo o género de gosto.

Régio - Por isso me entrego sem resistência ao amor de minha senhora, que
como é em extremo bela, contemplo-lhe ua condição de arminhos,
e aqui jaz o ponto. Porém quão contente me faz este pensamento:
tão triste me traz o da pouca esperança que vejo de consegui-lo. E
se me vós, senhor, não valeis, sinto-me desfalecer dos espíritos.

Alcino -E eu em quê?

Régio - Haveis de ir falar a ãa dona engorlada, mulher de meia idade, destas a
que chamais aveladas, grande alforge da casa, e de grande crédito
pera tudo: e acabar com ela que queira falar nisto.

Alcino - Se aí está o remédio, por mim não fique. E mais se lhe falo:
prometo-vos armá-la ao que quiserdes, porque tenho boa mão pera
estas amizades.

Régio - Vamo-nos à pousada; consultaremos com Otonião, que nos há-
d'estar esperando.

Alcino - Vamos.

CENA SÉTIMA

Parasito, Barbosa

Barbosa - Ah Monseor Parasito; duas palavras. *Dónde bueno?*

Parasito - Vou lançar ãa cã fora por essas hortas.

Barbosa - Grande vida levais.

Parasito - A melhor que posso: e a quem lhe pesar quatro figas: que a poder que eu possa, não me hão-de colher as filaterias dos contemplativos de felpa, como bérnio de Irlanda. Pão, via, e vito, e em parte paraíso. Mijar claro, e dar mau grado aos mestres. Velar⁴³⁰ de funda de rapazes, que vos toma de prepósito. Em brigas, valer de pés. Não entrar em barco de Cacilhas. Chegar pera bons, e poupar roins. Forrar com a justiça⁴³¹, e deitar a dormir.

Barbosa - Regra vossa de viver em paz.

Parasito - Senhor si, e mais segura que cossolete de prova do qual vos prometo que nunca me vejais fiar, se eu estiver em meu siso.

Barbosa - Segundo isso determinais viver?

Parasito - E quando não, não será por minha culpa.

Barbosa - Pera isso não fora mau aprenderdes física⁴³², pera vos poupardes com bom regimento.

⁴³⁰ Velar] Velar [*LA: lição que se adopta.*] Velas [*LB*]

⁴³¹ forrar com a justiça [*LA: lição que se adopta.*] forrar a justiça [*LB*]

⁴³² física] [*LA, LB*] [*LA: dá errata, para este lugar, a seguinte correcção: física diga física.*]

Parasito - Desses imigos da vida, e salteadores da saúde me livre Deos como de morte subitânea, e mau agouro. Onde os vejo, logo me benzo como de espírito: porque vos querem fazer de um corpo barreira de bombardeiros aprendizes: e então quem boa oração souber que a diga, que eles jogam convosco à cabra-cega: se acertam, Deos que bem: e se não, não há morte sem achaque; depois de morto cevada ao rabo: então lhe tiram inquirição da doença, como justiça de Castela.

Barbosa - Fazei-vos logo boticário, e sereis, A seu salvo está o que repica.

Parasito - Esses mecos conjurados contra o mundo? Nunca o desumano Sila, o cruel Nero, e essoutros romanos tiranos carnicheiros caíram no seu chiste, que com menos trabalho, e sem escândalo, antes rogados, satisfizeram muito melhor a sede que tinham do sangue humano. E se eu não fora bem acondicionado, e compassivo, caído tenho no repouso desse ofício: mas sou muito contrário a matar, não quero dar conta de vidas alheas, assaz tenho que fazer em a dar da minha.

Barbosa - De maneira que sois um Diógenes em desprezar todo estado, e contentar do próprio?

Parasito - Dir-vos-ei, esta nossa triste, e miserável vida, toda se revolve em más venturas, e doudices: em nossos peitos nenhũa tranquilidade, e repouso se permite, por o pouco que todos somos satisfeitos do que possuímos. E assi dizia o outro, toda a vida é serviço: por o que

cumprir costumar-se homem a sua sorte, e não se queixar dela, já que a tem a costas. E nisto me acho muito discreto, que me faço sempre como camaleão da cor do tempo, e levo a cousa per seu jeito, ao som que me a ventura tange.

Barbosa - Por essa via sois grimpa de todas as vontades?

Parasito - Mal o sabeis inda.

Barbosa - Val-vos isso?

Parasito - Per extremo. Falo sempre a todo homem ao som do seu padar.

Barbosa - Nem isso basta muitas vezes, que de um senador romano ouvi que a um criado seu que lhe concedia tudo, disse indinado: «Dize-me alguma cousa que me contradiga, pera que sejamos dous.»

Parasito - Raio do céu nesse tal. Deos me livre de tal homem, quando não sofria obediência, como sofreria contradição? Em meu siso estou. Ninguém sofre bem repreensão⁴³³ em contrário do seu gosto: e porque eu quero também viver do meu, vou-me pelo fio da gente. E dir-vos-ei, amigo Barbosa, porque saibais onde a bogia tem o rabo, e de que pé me calço. A determinação da vida de cada um toma-se ou per razão, ou per fortuna: a que agora se tem por mais acertada, e a que mais inclinam é a da mercancia: porém mal venha por quem lha cobiçar, porque é como formigueiro, ei-los vão, ei-los vêm; quem mais sabe de conta é havido por de maiores espíritos:

⁴³³ repreensão] reprehensão [*LA: lição que se adopta.*] repreensão [*LB*]

que é gentil invenção.

Barbosa - Inde mal porém. Quando em Portugal não sabiam contratos, e ao que agora chamam câmbios haviam por cousa abominável, tinha-se conta com o primor da pessoa. Agora poseram o preço dela nos frutos do interesse, toma a cobiça o leme à boa opinião, vão assi os bons espíritos rota abatida com todas as velas tal via per seus rumos tenteados, deixando por de ré toda heróica virtude.

Parasito - São foros do tempo que calabrea a estima das cousas a seu sabor, não tanto porém que de todo em todo tolha particulares inclinações: por onde sempre se acha a tudo contrariedade. E proseguindo meu propósito primeiro. Há outros a que a necessidade faz tomar vida alhea da sua condição, e remam seu remo com trabalho, e desgosto, levados de seus fados, nos quais a malanconia⁴³⁴ faz notomias desesperadas, que os tem em contino tormento. Isto é parvoíce, e pouca habilidade: porque o homem pera discreto, há-de ser piloto de si mesmo, trazer certa a conta da sua viagem, o olho no vento, e tão pronto, e lestes em acodir à parte donde sopra, que seja a mesma agulha com o norte. Nisto ando eu mui provido, e assi nunca perco lanço, porque *el que las sabe las tanbe*.

Barbosa - É verdade, não há que negar: que eu vos sei sempre quinhoeiro

⁴³⁴ malanconia] malanconia [LA: *lição que se adopta*.] malancolia [LB]

dos gostos alheos, e forro dos enfadamentos.

Parasito - Pois assi há-de ser o homem sagaz, e saber conformar-se com todos quando lhe cumpre: e quando não vê mouta donde lobo saia, dessimular. Aprendi isto do mestre que Pérsio diz que ensinou ao papagaio, e pega formar vozes humanas: que na verdade homens que prendem cativos com cadeas, e lançam braga a escravos, não sabem o que fazem: fazeis aos coitados mal sobre mal, e desejam fugir se podem, é graça. Prendei-o com fome e sede, que não há grilhões que assi segurem, e como eu isto tenho entendido de raiz per experiência, amigo meu, não há cachorrinho de cego que de si faça mais catimanhos⁴³⁵ que eu, se é necessário. Donde acho per minha conta, que por boa razão tenho escolhida vida mais segura, que a da mercancia que tantos seguem: porque ando comendo a minhoca a todo estado, e sobre seu cuidado durmo meu sono cheio. E mais é muito bem assombrado, e desenfastiado cargo este meu: com minha guitarra, quatro pares de chistes, dous pés de canário: e ãa dúzia d'apodaduras faço guerra a todo o mundo. Praguejo, e digo mal de mim mesmo: zombo do alto e baixo, sem me recear de escrito de desafio, e vivo tão livre, e isento, estou em dizer, como quem não tem vergonha. Ora dai-me cá se há mais

⁴³⁵ catimanhos] [LA, LB: o substantivo catimanhos é o mesmo que gatimanhos. No entanto, catimanhos forma-se a partir do vocábulo latino cattus, i, e não tem origem no substantivo português gato. O étimo de gato e de gatimanhos é também cattus, i.]

frandes?

Barbosa - Vós estais no certo, se não houvera pescoçadas a tempos.

Parasito - Vai-te enforçar que isso é vento. Quanto mais doridos são os desgostos dos privados? Triste sorte é, confesso, a do homem que há-de buscar o que há-de comer, e o acha com trabalho: mas inda é peor a do que o busca⁴³⁶ com trabalho, e não no acha: e sobre todos é misérrimo querer comer, e não ter quê, per nenhũa via. Aqui não há casa forte. Por onde não se culpe, mas louve-se quem (sem culpa porém) se salva da fame per via em que o acha⁴³⁷ melhor parado. Que a mim nunca me faltam quatro mancebos de folgar meus amigos, que o seu vintém é meu, e tudo é bona-chira: passam uns, vêm outros, e eu como bom sempre no campo⁴³⁸: e daqui vejo claro quanto vai de um homem ao outro, e a diferença que há do sesudo ao sandeu. Vejo uns que por sustentar fantesias vãs padecem mais abstinência que a própria observância, e então honrado sou eu; e não têm acordo pera tomarem talho de vida, sendo a sua peor que morte.

Barbosa - Homens há na verdade que são o mesmo enfadamento, e miséria, e pera nada prestam, mais que pera praguejar de todo mundo, e queixar-se da fortuna.

⁴³⁶ do que o busca] do que o busca [*LA: lição que se adopta.*] do que busca [*LB*]

⁴³⁷ em que o acha] em que o acha [*LA: lição que se adopta.*] em que se acha [*LB*]

⁴³⁸ sempre no campo] [*LA: lição que se adopta.*] sempre campo [*LB*]

Parasito - Não menos d'hoje topei um homem que gastou boa fazenda que herdou com a maior pressa que pôde: e mal enroupado, e peor encamisado. Está em ãa pousada per que roda a mão do gral sem empacho, e muito desonrado: não sai senão de noite: per escritos, que os mais lhe saem em branco, se provê d'algũa miséria, e ali se está o triste sem saber determinar-se em vida, nem a ter.

Barbosa - Esse meco desconheceu seu primeiro estado, e do pouco conhecimento que teve a Deos do que possuía, o perdeu.

Parasito - Assi é nem mais nem menos. Ora como eu em tempo de sua prosperidade fui grande seu sócio, conselhei-o. Vinde cá não vos leixeis morrer na casca: pobreza, e miséria faz um homem mais montesinho, que ouriço cacheiro, se lhe falta capacidade pera se mandar escodar. Andai comigo, que eu vos tirarei o pé do lodo. Vamos pelas casas de jogo: pedi barato sem vergonha, se vo-lo não derem por vontade, amofinaí os que jogam, porque vo-lo dêem forçado. Conversaremos mancebinhos que começam ser mundanos: por emprestemos vos lograreis dos seus vestidos, e do seu dinheiro, com, em matéria de damas, lhe falardes à vontade. À minha sombra nunca vos faltará boa hora, e boa ventura. Está posto nisto remi-o, levará vida de príncipes. Os homens fazem os homens, e eu farei agora este, que estava de todo apagado se lhe eu não socorrera, que seus parentes e amigos na baralha o tinham de

todo posto: e por isso, à fiúza de parentes cata que merendes. Este com a fazenda tinha perdido o conselho, e a esperança de si: e nada aprendia da necessidade mestra de remédios: e o pedir perdeu a sação, porque todos vos pagam com escusas forjicadas: e ajude-vos Deos, pera quem não tem que comer é um negro conforto. A maré da caridade com o próximo vazou já, em tanto, que o pai falta ao filho pobre. Não leixa de ser mal feito: mas quem quereis que possa emendar tempos. Assi que por melhor via vou eu: porque há género de gente que querem ser antepostos a toda a cousa de vãos e ociosos: a estes sigo, e não pera que riam de mim, mas pera que eu escarneça deles. A quantos dizem mal ou bem, favoreço, e festejo: louvo suas condições, e arte de uns a outros: se contradizem, contradigo; se negam nego. Finalmente tenho-me mandado a mim mesmo lisonjeá-los em tudo, a fim do que pretendo: ou desamá-los por respeito do que me negarem.

Barbosa - Não há mais discrição que fazer sempre vontades alheas, e forçar a própria. À fé que nunca vos façam o mau rosto que fazem aos que falam verdade.

Parasito - Essa meca temo-la neste tempo por muito carrancuda, e mais pesada que adro. Nem ela e eu nos falamos: que não tenho o ofício de Catão censorino, nem sou cura de suas almas, amigo de taça de vinho, faça cada um da sua prol como eu faço, que a *rio vuelto*

ganância de pescadores.

Barbosa - Isso dá a ociosidade, e o comer à custa alhea: gastam os homens o seu com quem lhe dá mau grado, e se ri deles: querem perder nestes, o que nos bons, a que não socorrem, se gainha e entisoura.

Parasito - Diz a caldeira à sertã: tir-te lá não me luxes: vós sois toda a virtude. Tem gentil aio em vós o filho de vosso amo, ai da puta que peça.

Barbosa - Valhaco, não vos desmandeis que vos punirei.

Parasito - Bargante, não te corras, todos somos *del merino*.

Barbosa - Não me mata de vós, senão que sois um grande goleima.

Parasito - Esse mau? Muitos somos: e sabei que a gula é marca de grande astúcia, e discrição. Esta achou a navegação, redes, anzolos, visco, laços, e té as aves ensinou prear pera si. Pois cantar? Já ouviríeis: bem canta o francês molhado o papo. Molher é de grandes habelidades, e invenções. A rapaza da inveja me reprendeí vós, e açoutai-me se ma virdes tratar: porque é um vício, tormento de seu próprio dono, sem algum gosto: que não se basta de seus próprios males, mas dos bens alheos se frege. Vede se há doudice, e má ventura, que chegue a isto?

Barbosa - Tomaríeis ser invejado?

Parasito - Nem isso quero, inda que seja em estado próspero, por me tirar de más lingoas, e não me contarem os bocados, nem os passos, nem as palavras. É triste cousa trazerdes sempre sobre vossa vida

requeredores, e rindeiros. E por isso não me penduro por medranças, porque são muito acoimadas, e viveis mais pera outrem, que pera vós. Val mais ãa hora do meu viver, sem alguém saber se sou vivo, que quantas barretadas fingidas essoutros recebem. Vedes vós a liberdade por que todas suspiram, por cousa que não tem preço? Sabei que ninguém a possui senão os menos conhecidos da fortuna. E portanto dou-lhe quatro figas, que não quero seus beijos, por seus já me entendeis⁴³⁹.

Barbosa - Como estais com ser soberbo?

Parasito - Muito mal. É muito ignorante estado: porque quer subir pelo caminho por onde dece: e tão enganado consigo, que cuida de si o que ninguém cuida dele. E com ninguém se amassa: porque lhe avorrecem os maiores: despreza os menores: e com os iguais nunca se avem bem. E eu de minha colheita sou todo boa ventura, com bons bom, c'os demais tal como eles, com ninguém me desavenho.

Barbosa - E de avareza sois tocado?

Parasito - Livre-me Deos de gente avara; peor estado é que ser entrevado. Haviam de viver fora dos muros, como Lázaro: porque o avaro não sei em que malefício reparará por seu interesse: tanto lhe falece o que tem, como o que não tem. E não há paciência que sofra ter um cabrão gosto de entisourar pera herdeiros ingratos: e que em

⁴³⁹ entendeis] entendeis [*LA: lição que se adopta.*] entendes [*LB*]

sua vida ele nem outrem se logre do que adquire per quantas más vias pode. Estes tais eles me vingam de si mesmos: mas inda havia de haver que lhe não dessem fogo, nem logo, como a excomungados: que por estes se disse, árvore sem fruto, pinheiro sem frol, doentes de hidropesia.

Barbosa - Segundo isso não vos armará ir ao Perú?

Parasito - Eu vo-lo seguro. O meu caminhar há-de ser sempre por onde anda a raposa, e não hei-de aventurar a vida por satisfazer a cobiça, e estar à discrição do mar, que nunca mantém palavra, nem tem constância: e se lhe vem ãa desenteria, lá vai o ruço e as canastras.

Barbosa - Provido homem sois, e um Jão⁴⁴⁰ de boa alma: porque de ira eu seguro que nunca vos tomais?

Parasito - Se não se for contra algũa borracha. Vedes i ãa má peça, e que queima muito o sangue a seu dono. E tenho eu caído nela altamente, por onde me velo sempre de sua desumanidade. Vós já sois mal quisto, se quereis ser brigoso: e nunca leixais de achar quem vos dê na cabeça, porque um valente outro acha. E como a ira vos faz incapaz de conselho dais grandes cabeçadas: e então, peitar alcaides, pagar sururgiões: andar per adros, aqui o tomam ali o tomam. Se vos temem, nunca vos podeis vingar: se vós temeis,

⁴⁴⁰ Jão] [LA, LB: Jão é provavelmente o mesmo que Jan, corruptela do substantivo próprio João, usado aqui na acepção de pobre diabo, tolo.]

andais sempre assombrado. Há mil desaventuras nesta cousa. E por isso sou eu muito sesudo, pacífico como Deos manda: sofrido quanto basta pera conservar a paz, dom do Senhor: a ele leixo a vingança que pode sem temer, nem dever: e quem me mal fizer, mal lhe venha. Queria se for possível, amigo Barbosa, lograr minhas câs com minhas queixadas sãs. Vós não vos arma isto. Cuidais que todo o mel está em vossas alcateas, cortar pelo ar a prazer: fugir como gamo, se vos vedes na esquentada: não sofreis palavra, quando há valhacouto em meio: roncar a polhastros, e passar dela com dela. Pois eu vos digo, que é melhor vida ser obreeiro, ou tafoneiro.

Barbosa - Vós, valhaco, não sois marca de rufião: servis somente de mandil, e fora daqui não prestais; o vosso jazigo é pecado de prigueira, gato borralheiro.

Parasito - Não vades por diante, que ides perdido: e eu se começar far-vos-ei brasa. Porém leixemos porfias que antre amigos não servem. Quero-vos dizer ãa cantiga que fiz ontem a ãa irmã de um meu amigo que me ele levou a ver pera a desmalenconizar, porque anda muito achacosa, e diz ela agora que há-de ser freira, a qual outra está mais fora disso.

Barbosa - Ora, vejamos.

Cantiga

Salve-me Deos a tenção
Já que nisto
É forçado o coração
De quem por meu mal tem visto.

Se ofendo sua beldade
Em querer o que seu é
Eu o padeço,
Que tenha presa a vontade
Com fé contra minha fé,
E mereço e desmereço.

Neguei d'alma o coração
Em ter visto
Quem contra minha tenção
Me tem feito um antecristo.

Barbosa - Vai pera bêbado que nada disseste.

Parasito - Di-lo-eis vós logo? Pois par estas que foi mais festejada.

Barbosa - Zombavam de vós, meu amigo.

Parasito - Em boa mão está o pandeiro: bem crereis que se não havia o menino de correr? Pois houve merenda franca que estavam aí certas parentas, gente toda de guarnição, e fizeram-me mais mimos que palhas. Acertou andar por i ãa cachorrinha que chamavam Esperança, vou e meto-lhe na coleira um vilancete que dizia:

Vilancete

Esperança, não cuideis
Que me enganais,
Que vós me desesperais.

Volta

Muito menos trabalhosa,
Esperança desejada
É a que está duvidosa,
Que a que é certa, e dilatada
Estais comigo enganada
Se cuidais
Que não sei que me enganais.

Barbosa - Também pudéreis escusar sair com esse, que é tal como vós. A verdade é que o vosso tiro como passa de mozza de balaio, não voga.

Parasito - Vós já não sois o orago de Delfos, pera aprovar o bom: e mais pera que pasmeis, e não faleis palavra, quero-vos mostrar ãa carta que fiz em resposta d'outra, que me escreveu um gentil fidalgo dos da minha cevadeira, que é em Mazagão nestas companhias que lá foram. E bem sei que não haveis de ver palmo de terra nela.

Barbosa - Tal pode ela ser, que nem um dedo me arme.

Parasito - Diz assi:

Senhor:

Sempre vos receei cairdes-me nas telas. Nunca me quisestes crer: pesa-me, mas que vos farei, que se vos quero perdoar mandais-me que vos responda, e queria cortar-vos os garfos, porque não tenhais de que lançar mão, caindo. E pois vos prezais de profundo, olhai-me lá pelo virote, se entendeis este português dos arrabaldes de Coa. Congelaram-se os desejos de meus pensamentos mestiços ao passar dos Alpes, eu pera os fazer corridios fiz-lhe um emplastro de sândalos, e óleo de *‘pregonadas son las guerras de Francia contra Aragone’*, quis Deos que tomaram fogo, e todavia sempre se sintem em toda mudança de tempo, que é um prejudicial⁴⁴¹ cometa, lancei três e ás, vim a entabolar com senas, e dizia a sorte no sino de libra. Alto mistério foi o dos caramujos, e ter um alfanete discrição pera fazer evidente tão lindo antremes, e um tão oculto segredo da provida natureza. Tomei daqui tal imaginação que ando feito Cassandra, bradando antre meus cuidados sem me crerem. Desdéns confiados me xaqueam a vida: minhas opiniões me trouxeram a manho. E dizia-lhe eu, vedes senhora que sou perro velho? Entendo melhor quando hei-de ter o vosso rosto, do que um cranguejo se sabe ameijoar no ar de meus fundamentos. E o peor foi, que me fundei neles, e lancei-me a dormir com meu cuidado por almofada, como

⁴⁴¹ prejudicial] perjudicial [*LA, LB, et passim*]

grou que tem no pé pedra. Cousas há i: mas quantos postos tem uns olhos acairelados de ãa meiguice forjicada? Por isso foi bom remédio açúcar rosado em caniculares. Quando me vi com a manilha piquei nos invites, bolava, quis-me aventurar por paus, o que disto gainhei me fará nunca deixar o certo por o duvidoso. Com duas chaças boas me pus em vantagem: e porquanto a incerteza das cousas que andam em ventura me fez ãa cacha de um gosto vão, aferrei-me ao leme, e lancei-me ao socairo da terra a meio masto, achando-me em necessidade de vento, chamei por vós, e não me acodistes. Disto venho a cuidar quão perigoso estado é o da confiança em homens, e desvio-me dele quanto posso: porque é outro gosto lá por si, cair na contemplação dos brincos da natureza. E vereis esse rapaz barbiponente Março com seus lírios e rouxinóis: e Agosto⁴⁴² dá-lhe de rosto com searas amarelas, e maçãs de cuco: e assi foi gentil letra a que diz, *‘solos tus cabelos niña’*. Ora olhar que fui achar. Não vi lingoagem tão breve, nem tão copiosa como a do assovio: tomai-lhe as alturas, e cuidai nisso, vereis onde vou ter: e estai nas confrontações junto aos cachopos dous palmos da terra das barrocas da rainha, e calçada dos galhardos, parte do abrego com Catalina *se non*⁴⁴³ *eres casada*. Aqui me vi em grande afronta, que

⁴⁴² Agosto] a gosto [LA] Agosto [LB: *lição que se adopta.*]

⁴⁴³ non] non [LA: *lição que se adopta.*] nom [LB]

indo descuidado dou comigo em um algar, topo um oução arrodelado com seu alfanje mourisco, carrancudo, e à sobancelha catadura de touro: tinha um letreiro, cujo teor se segue, bom seladouro tem *revelòse mi cuidado*, se não fora a matadura de que me muito roço. E monta hora que vos soube tomar mal o vento? E não vos pareça que me enganam suspiros pandeiros, quais os vossos, que eu sei bem quão mau namorado sois. Pesa-me dos tempos, e tenho razão, porque já sereis comigo não vo-la dou nesta. Estou muito bem com figos recheados, por respeito de *niña bovedme los ojos*: contudo em esperanças desesperadas corro a gilavento, então digam os pronósticos o que quiserem, porque lhe fiz trezentos remédios sem vir a furo: e o espirro achei muito doce, se o olho do sol não faltasse muitas vezes pera o desarmar. Um bolo de soborrvalho me tem posto por terra, e eu lhe disse sempre que não posesse mau vezo: porém crede que o que há-de ser, há-de ser. Estamos em tão mau mundo, e há tão pouca prestança, que se vos não fazeis forte no castelo de Ave de teu, os imigos são mamelucos, e muitos, e vêm com grande sede do suor alheio, e porque me avisaram pus-lhe diante a minha verdade, ofereci-lhe ãa alma escrava, ãa vontade sojeita, e um espírito com grilhões: da sua revista me receio mais que da morte, porque me toma sempre a tempos mais compassados que os do canto de órgão, e lá tem uns

amores secretos atacados de mil sentimentos tristes: mas fui sempre tão mofino que falho em meio da manta, e a não ser tão ventureiro, segundo desenganos me correm té as tranqueiras tentando entrar-me, já leixara barco e redes. Nisto também não me esquece, *triste del triste que muere*. Assi que olhado bem tudo julgai se vivo, e quem viver pague, que eu sou vosso.

Parasito - Que dizeis agora? Aqui não valem vossos juízos, porque esta lingoagem tem mais metais que um sino: e mais cores que um ropetão de um diabrete: e vós nesta algemia não vedes palmo de terra.

Barbosa - Não há dúvida senão que tem invenção, e não está em mais ser má, que não vo-la aceitem?

Parasito - Parvos como vós, que discretos não são nisto escrupulosos, nem ingratos.

Barbosa - Bargante, guardai não vos enlee. E agora onde se lança o vagamundo?

Parasito - Vou-me chegando pera casa da filha de Macarena, que há lá de ir cear esta noite o caixeiro dos Medices, e a festa é de reconciliação: porque parece estavam grunhidos ele, e a Florença, por o que se espera fala franca. E estes são os meus banhos.

Barbosa - Qual é esse?

Parasito - Um polhastro belo, franco, todo boa ventura, enfim um dos mais meus favoritos.

Barbosa - Ora boa viagem, com boa mão direita.

Parasito - Nosso Senhor te dê siso.

Barbosa - A palavras loucas, orelhas moucas.

CENA OITAVA**Régio, Otonião, Alcino**

Régio - Senhor eu vos tenho servido altamente.

Otonião - Como?

Régio - Alcino é a praticar com a vossa dona, segundo todos concertámos:

haverá quatro horas que foi. E sabeis certo que há-de ferir fogo, que ninguém é poderoso pera o fazer melhor que ele.

Otonião - Se eu isso vejo não serei triste.

Régio - Esperai vós aqui não vos vades, que ele não pode tardar muito. Ouvi

rimar, que quem quiser mentir arrede testemunhas. Vede-lo vem mais grave que Saturno. Já se ri. Que me matem se traz má farinha. Sabe mais geometria desta negociação que Vetrúvio. Ah senhor, vossa mercê dece logo, e tomará púcaro de agoa asserenada, qual nunca bebeu juiz de porto de Muge?

Alcino - Eu quisera dar ãa volta com minha autoridade por me lograr do dia:

mas pois assi é que me tendes tomado o passo, decerei.

Régio - Vós vindes bem assombrado, e par estas que fizestes o mar chão.

Alcino - Leixai-me desentrouxar deste capuz, que má Páscoa venha por quem

primeiro tal trajo trouxe à terra.

Otonião - Que haviam mouros de vestir senão isso, que é como o seu

Alcorão?

Régio - Passemos-nos⁴⁴⁴ a esta câmara, não nos comuniquem tanto estes nossos rapazes, que são pregoeiros de nossos segredos.

Alcino - Hei-de rir, e gritar que me ouçam no Barreiro, porque té ora nunca homem teve o sofrimento, e siso, que eu tive com a senhora. E cada vez que me lembráveis, sabeí que estava pera estalar.

Régio - Vós trazeis bom negócio?

Alcino - Nunca solicitador de Alegrete assi negociou o prol comum da câmara.

Régio - Ora contai pelo meudo, que já tenho paciência pera vos ouvir.

Alcino - Proponho. Cheguei à porta da dita senhora, a qual estava de sua rede muito alva pera as moscas, e trapo no lumear pera alimpar os pés.

Régio - Ah singular perfeição, grande limpeza de arminho.

Alcino - Soube que estava em casa, deci logo, e lanço-me dentro: dêi i mando pedir licença pera lhe dar ãa palavra. Foi-me dada. Sobi por ãa escada mais branca que jasmim, nunca contaminada de tea d'aranha: e ela estava sobre tapete azul muito ancião. Tinha consigo ãa moça pequena d'antre pulo, e boleio, em todo estremo de bom bico. Fazia trochado em roda: e os olhos eram roda viva.

Régio - Nunca essa morre ao desamparo: e seguro que sabe ela já o axe⁴⁴⁵.

Alcino - E o gregotil também. Ora feita nossa cortesia, sentámo-nos: e a

⁴⁴⁴ Passemos-nos] Passemonos [*LA: lição que se adopta.*] Passemos nós [*LB*]

⁴⁴⁵ axe] *por* ax [*LA, LB*]

senhora Costança d'Ornelas de seu capelo cru de grandes operlandas, sobre ele seu pano, que elas chamam de virtude; mais apontada que caravela do estreito: e rodeada de livros, como quem está dentro de sino samão.

Otonião - Tinha cachorrinho de fralda?

Alcino - Mais azedo que um porteiro, e mais ensaboado que volante. A senhora em nos sentando pôs seus olhos no chão, como quem quer dançar, e de caminho espremeu os beijos, parece que por lhe dar cor.

Otonião - Tê-los-ia secos de ler.

Régio - Ora vos digo que sois um escrupuloso homem. Leixai essas demarcações, e vinde ao ponto.

Alcino - Comecei.

— Como está vossa mercê?

Tornou-me ela:

— Assi, senhor, antre mal, e bem, passar mundo. Depois que a terra fria me come o companheiro sou já tão costumada a minhas canseiras que me ficam por hábito. Mas vossa mercê que quer de mim? Que eu não no conheço, e estou confusa.

— Conhecer-me-á, disse eu, pera a servir.

Régio - Bom vai o intróito.

Alcino - — É vossa mercê tão cabida em toda a parte, e tão conhecida per si, e pelo seu termo que daqui nace ter mais apaixonados que conhecentes.

— Vossa mercê - me torna ela - fala como quem é, e oxalá que isso assi fora, que enquanto a molher não tem um moio de terra sobre os olhos deve desejá-lo assi pera glória do Senhor primeiramente, e por honra das outras molheres.

Régio - Ah calai-vos, que sois ãa boca de pragas.

Alcino - Vós quereis ouvir? Par estas barbas que vos conto o que passou ao pé da letra.

Régio - Ouvir-vos-ei noites, e dias.

Alcino - Nesta preparação que eu fiz pera vir ao que pretendia, repiquei em seus louvores de maneira, que vo-la embebedei de vaidade; e assi fui ateando a conversação brevemente per termos não sobejos, e que faziam ao propósito de a louvar⁴⁴⁶, e lhe encabeçar ter eu grande conceito de quem ela era, pera que confiada, e obrigada da lisonjaria, que a toda orelha é doce, a armasse melhor. E como a tive assi segura, disse-lhe:

— Vossa mercê há-me de ouvir em segredo um caso importante, muito de serviço de Deos, e bem do próximo.

Ela querençosa de o saber, cuidando furtar bogas, mandou afastar

⁴⁴⁶ de a louvar] de a louvar [LA: *lição que se adopta.*] de louvar [LB]

algum tanto a moça. E se me vós perdoásseis agoas lhe vi de lhe parecer que isto que quereriam ser amores, e que seria a cousa com ela, porque se enfiou com os beijos cor de terra.

Régio - Ah i-vos d'i que sois a mesma malícia.

Otonião - Mercadoria é que corre tanto pela terra, que o carecer dela se tem hoje por pequice.

Alcino - Pois portanto. E pois não quereis que diga o que sinto, abreviarei.

Disse-lhe então:

— Senhora eu venho por parte de um homem honrado de muito preço forçado de sua necessidade; e crea verdadeiramente que é ela grande, quando me obriga vir requerê-la sem outro conhecimento, salvo na confiança de sua pessoa, e fama.

Torna ela muito pronta, e mesurada:

— Ele, senhor, diz o que nele há.

E aqui haveis de contemplar que a qualquer toque destes me vinham engulhos de riso, a que resistia com assaz trabalho.

Régio - Confesso-vos que não me atrevo a ser tão sofrido.

Alcino - — Digo, senhora, o caso é este. Dizem-me que é alma de ãas senhoras que chamam as Silvas.

— Senhor - respondeu ela - recebo delas muita honra, e muita mercê por suas virtudes, que são ãas virtuosas fêmeas, e sua mãe é

muito minha senhora, e com ela me criei: e como é muito espiritual, e devota, ocupa-me sempre em lhe mandar dizer missas por esses mosteiros, e mandar fazer devações que não tem conto. Tudo sobre nosso Senhor lhe emparar aquelas filhas em que se revê, e com razão, porque são uns pinhos de ouro. E verdadeiramente bem-aventurados hão-de ser os homens a que o Senhor der tais companheiras pera seu louvor. E como seu pai com seus cargos ocupado, se descuida algum tanto delas, a mãe que é pera governar um reino.

Régio - O demo as tem feito a todas regentes, e a nós espantalhos.

Alcino - — Faz suas contas com o dador dos bens, perseverando em o importunar, que assi se quer ele. Assi que, senhor, por este respeito, e de outras cousas, em que às vezes me ocupa que lhe compre, que não querem sempre as molheres ir com tudo a seus maridos, nem convém: e pelo longo conhecimento, e criação, tenho lá essa cabida que lhe diriam sãmente.

— Assi se crê, senhora, - disse eu - per todas as vias.

Assi se espraizou em as gabar, que tinham do bem deste mundo, etc.

E eu que a leixei banhar-se em seu gosto por mais a engodar. E disse-lhe:

— Porque soube quem vossa mercê é, e quem elas são, me atrevi a

vir-lhe requerer o que direi. Nesta corte anda um criado d'el-Rei homem de grande respeito: e além de por si ter muita valia, tem o pai muito rico sem ter outro filho. Acertou ver a senhora Glicéria da Silva, e pareceu-lhe qual ela é, pretende mandá-la pedir a seu pai, e tomá-la sem nada. E porque não sabe se será ela disto contente, e per ventura tem ocupada a vontade, não ousa fazê-lo sem sua licença: pera o que não queria tentar vias desonestas, e fora da sua tenção: e também temendo escandalizá-la se lho cometer per outro meio, que não seja tão seguro, e honesto como será o vosso. Manda-vos portanto pedir per mim, que por serviço de Deos lhe queirais fazer mercê de lhe dardes ãa palavra em algum mosteiro, pera aí vos jurar a verdade de sua tenção: e sobre isso vos pedir queirais aceitar ser medianeira, e intercessor desta licença, pera que se faça: o que se não fizer⁴⁴⁷, não se atreve viver muitos dias.

Régio - Vós a levastes ao pinacolo por gentis termos.

Otonião - Ouvi, que o coração me quer saltar fora com alvoroço da reposta.

Alcino - — Senhor - tornou ela - vossa mercê me quer meter em um negócio muito estranho, e alheio da minha arte. E realmente em minha consciência ao eu não julgar por pessoa tão honrada, e virtuosa como em sua presença e falas parece.

Régio - Mas sabem-no poucos.

⁴⁴⁷ o que se não fizer] o que se não fizer [*LA:lição que se adopta.*] o que se se não fizer [*LB*]

Otonião - Ah calai-vos.

Alcino - — Eu me houvera por muito afrontada, e me desfizera ante ele em lágrimas.

Régio - Mas quão pouco lhe custaram, e quão facilmente o fizera.

Alcino - — Porém de tais pessoas não se podem suspeitar salvo tenções puras, nem ousaria cuidar o contrário: e como Deos é verdade, e Filho da Virgem assi o tomo; que nunca Deos queira que só eu seja a maliciosa, e que tome a mal, o que traz aparência de bem. Assi que quanto a falar a esse senhor, por o lugar que diz ser tal, que não há que temer, será quando for servido, e onde mandar. E acerca dessas senhoras, sou eu tanto sua, que haveria em boa dita todo bem que lhe por mim viesse: e por mofina se lho estorvasse. E se esse senhor é tal que a merece, e lhe quer bem, cousas são do mundo, assi entrou, assi há-de sair: o que de Deos for ordenado à mão lhe virá, são jeitos que as pessoas tomam.

Aqui respondi eu:

— Pera que é falar em amor? Em verdade que inda que por outro respeito o não fizésseis, salvo por dó dele, que esse bastava, porque chora como menino, que vê-lo quebrantarás as duras pedras.

— Que vo-lo creio - tornou ela - que eu vi já um homem honrado dessa maneira: e fez extremos que não são escritos por ãa mulher

que nunca o quis ver.

Régio - Essas são elas.

Alcino - Repriqueei:

— Por sem dúvida tenho que se com esta senhora não casa, fará algum desatino que seja soado.

— Jesu, senhor - diz ela - tão pouca paciência há nele?

— Muito menos do que vos sei dizer, lhe disse eu.

E ela muito pesarosa, e compassiva, que vos acompanhasse sempre e divertisse, e fizesse tomar cousas que vos confortem o coração, «que não venha a peor, que o mau imigo - diz ela - não busca outras cabras». Finalmente o processo correu arrazoadado de parte a parte a las mil maravilhas. Ela apiadando-se do mal do paciente, pelo conflito perigoso em que lhe afirmei que estava. Pediu-me que logo vos mandasse ter com ela, que tudo se faria bem, e trabalharia quanto nela fosse por vos tirar de tais fraquezas. Agora de meu conselho eu o não dilataria mais enquanto assi está enfruida⁴⁴⁸: porque dizem, Não sejas preguiçoso, não serás desejoso.

Otonião - Prometo-vos que o não dilate mais, que à própria hora me vou lá.

Régio - Leixai vós ir o polhastro, que ele não se lhe coze o pão.

Alcino - Nós também vamos correr as esparrelas, que são horas.

Régio - Vossa palavra vá diante.

⁴⁴⁸ enfruida] *por* enfluida [LA, LB]

ACTO III

CENA PRIMEIRA

Costança d'Ornelas, Filotecnia, Ulissipo.

Costança - Beijo as mãos a vossa mercê⁴⁵⁴.

Filotecnia - Venhais muito nas boas horas. Como vos vai minha amiga? Que é feito de vós?

Costança - Bofé, senhora, não bem. Trago ãs fraquezas neste coração que não posso tomar fôlego.

Filotecnia - Não sei se vos tratais bem, que vós éreis muito mimosa; e o mau trato dana a compeição, e debelita os membros.

Costança - Eu nada curo, nem olho por mim como outras pessoas, porque na verdade quem há-de empapelar em mimos um corpo de terra, que d'hoje pera amenhã será mantimento de bichos. Quando senhora nisto cuida as mãos e os pés me quebram, e não tenho espíritos pera tratar de cousa desta vida, e muito menos de mim.

Filotecnia - Se quiserdes bem podeis, que não tendes outros cuidados senão tratardes de vós, e irdes por onde quiserdes. Coitada de mim que estou aqui metida, e nem pera dizer ãa Avé Maria tenho espaço, com ocupações que tiram per mim de cá, e de lá. E não basta estes trabalhos, que puderam bastar; mas ajuntam-se outras fadigas de

⁴⁵⁴ mercê] mrece [LA] merce [LB: *lição que se adopta.*]

muita dor que me cansam a alma, e a vida.

Costança - São senhora os galardões que o mundo dá aos que o seguem.

Filotecnia - Assi é mal pecado, sabe Deos quantas vezes hei inveja ao vosso repouso, e liberdade.

Costança - Inda ora lhe eu digo senhora. Mas passa a pessoa como pode, e algũas conheço eu que com a sua pobreza são mais ricas, e contentes, que os ricos com seus tesouros.

Ulissipo - Ali é a conselheira de minha molher; queixumes teremos. Hei-de espreitar o que falam, que elas como se ajuntam com suas amigas, todo seu feito é tratar culpas dos maridos: ponderar canseiras próprias: e suspirar por descansos alheos.

Filotecnia - Ando a mais atribulada molher do mundo, sobre um negócio de pouco serviço de Deos, que suspeito de meu marido: e se tal é, hei-de endoudecer de paixão.

Ulissipo - *Guay de orejas que tal oyen.* Nisso pouco há que fazer com todo género feminino. Que me matem, se me não cai na pegada⁴⁵⁵ da minha rapariga. Pois o mal é se o aventa que me guardará muito segredo: não hei mister melhor pregoeiro.

Costança - Melhor o fará Deos. O sofrimento em tudo é o médico dos remédios: e pegar com a Virgem senhora deles.

Filotecnia - Assi queria que me buscásseis quem me fizesse algũa devação,

⁴⁵⁵ pegada] pegada [*LA: lição que se adopta.*] peugada [*LB*]

que lhe tire Deos do coração seu danado propósito, se o tem.

Ulissipo - Parece que inda não se afirma: mas recea-se. A carne lho revela.

Costança - A somana passada me encarregou ãa senhora deste reino que pera um caso nem mais nem menos como ora esse, lhe soubesse d'algũa pessoa, e é ela na verdade impaciente.

Filotecnia - Terá razão, e com ela não sei quem tenha paciência.

Ulissipo - Vós que sois ãa cordeira. Ao menos nestes negócios seguro estou que nenhũa a tem.

Costança - Assi, assi, todas somos de perdoe-nos Deos. Mas como digo, dei conta disso a ãa minha amiga muito d'alma, muito espiritual, e de grande vida: molher é senhora que é certo que quando está em oração está no ar, e já não reza senão contemporanea.

Ulissipo - Ouvei rimar, e vereis em que termos está o mundo: o que aqueceu aos padres no ermo depois de apurados na perfeição, pregoam estas de si no povoado ocupadas em quantas sensualidades lhe oferece a sua ociosidade. Bom vai o negócio: e a minha corva está naquilo de pés e cabeça. Pouco tem nestas que fazer o anticristo.

Filotecnia - Deos a tenha da sua mão nesse estado. Quanto melhor isso é, que ser senhora do mundo?

Ulissipo - Assi digo eu se tal é: mas daí a ser terei mais dúvidas que um solicitador de Alegrete. Tudo porém pode ser, que neste tempo também Deos é servido como nos passados, e juntamente ofendido:

assi foi sempre, e assi há-de ser. Contudo nesta idade me parece que florecem cobiça, e hipocresia muito mais que noutras, e andam agermanadas, e enxeridas ãa com outra, e tão prósperas, que tudo tentam.

Costança - É a boa creatura. Enfim senhora que lhe digo, vem ela e faz a devação das palmas: que quando há-de ser o que pedis, ajuntam-se per si ãa com outra: e vigivelmente⁴⁵⁶ se lhe ajuntaram, e viu claro que logo o marido daquela senhora não entendeu mais em seu mau caminho, e ficaram muito amigos. Porque parece ela dava-lhe muitos achaques e desgostos, e ele pela abrandar lançou mão de um negócio que a enfadou, donde ela fez da necessidade virtude, e conformou-se com ele. E era nas más horas, que andava ele emburilhado com ãa sua mourisca: e a cadela, em vez de lhe ser leal, andava com um mulato de casa, por que bebia os ventos. O senhor veio-lhe a cair nisto, e tomou-lhe tal avorrecimento, que a não viu mais. E isto causou a devação das palmas.

Ulissipo - Nem podia ser outra cousa. Ela diz-lhe primeiro a causa da desavença do outro: e depois afirma que as palmas o adivinharam. Boa está a nossa vida com estas superstições. E que diga esta que se hão-de juntar as palmas, e dar sinal como endemoninhado que

⁴⁵⁶ vigivelmente] [LA, LB: a forma do advérbio de modo *vigivelmente* não se encontra atestada; resulta da confusão da pronúncia da fricativa |s| com a da fricativa |ç| et *passim*.]

lança ceitil furado?

Filotecnia - Oh⁴⁵⁷ buscai-me essa mulher que me faça essa devação, e custe-me o que custar, que as manilhas venderei pera isso.

Costança - Ora leixai-me com o cargo, que eu vos prometo ir daqui buscá-la, que vo-la comece hoje: mas há mister que me dê dinheiro pera nove velas, que hão-de ser de cera de enxame novo, e hão-de ter o pavio de esparto, por um certo respeito.

Ulissipo - Boa está minha fazenda gastada nesta truanias.

Filotecnia - Vós lhe levareis aviamento pera tudo, não fique por isso.

Ulissipo - Que tanto vos ora custa.

Filotecnia - E depois me mandareis fazer outra sobre um casamento, que se fala pera Tenolvía, que não é de muito meu jeito.

Ulissipo - Saber isso me basta a mi, pera saber que não serei poderoso pera o acabar, por mais que me desvele. Parece-vos que está boa a maneira de orar destas? Como Satanás é sutil, e perverso, e como trabalha corromper o bom com sua malícia. Sendo orar a mais alta cousa que temos, assi pera louvor de Deos, como pera negociar com ele nossa salvação e vida: e nos esforçarmos e valermos em nossas afrontas. Que faz o diabo, busca modos ceremoniáticos, e superstições com que calabrea nossas petições de termos maus, porque não somente tira a virtude e vigor que a oração de per si

⁴⁵⁷ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

tem: mas causa ficar em espécia⁴⁵⁸ de idolatria. E começa sempre sua guerra pelo mais fraco. Com mulheres tem grandes inteligências; mas também nos a nós alcança; nós pagamos por elas sempre suas culpas.

Costança - Logo isso é sabido. Também a devação do cardo é a mais provada cousa do mundo pera fazer assi ãa causa. E o senhor da pousada onde está?

Filotecnia - No seu escritório. Andamos muito desavindos por seus bons feitos, que agora é mais devasso que nunca. Ajunta-se com outro tal como ele, que é este nosso vizinho, o qual tem ãa mulher que é um arminho. Não vistes cousa tão acabada e perfeita. O seu carão, e a sua galantaria não é como das outras mulheres, sem algum artifício. Somente à segunda-feira põe ãas ceras que traz toda a somana, e no domingo lava-se com a agoa do sarro, e d'outras confeições, que fica o seu rosto como um alabastro.

Ulissipo - Muita graça acho eu na inocência e pureza que minha mulher pregoa de sua comadre, com lhe contar mais confeições que as de ãa botica. Sotil e natural gabo das mulheres ãas pera outras.

Costança - Pois vós senhora não sois peixe podre.

Ulissipo - Como esta não perde lanço: que a minha sabe que folga de ser gabada.

⁴⁵⁸ espécia] espécia [*LA: lição que se adopta.*] espécie [*LB*]

Filotecnia - Eu já vou descaindo muito do que fui. Os dias não se vão debalde. Verdade é que não sou tão velha como trabalhos, e desgostos me envelhentaram.

Ulissipo - Esperai, e vereis: minha molher que se quer fazer menina em fim de seus dias?

Costança - Senhora quem foi sempre é. Inda ela assi como está há-d'achar poucos rostos como o seu. Noutro dia me perguntava a mim dona Ximena por ela, se era inda fermosa como soía: e eu disse-lhe, agora mais que nunca. Está tão fresca e tão moça como se nunca parira.

Ulissipo - Como a leva ao pinacolo. Pera despir toda molher não há mister mais que gabá-la de fermosa por fea que seja.

Filotecnia - 'Todavia comadre já eu fui molher. Agora persiguições de filhos, achaques do marido, fadigas de criados, acudir a tudo tem-me muito quebrantada.

Ulissipo - E não na lingoa, que esta crece nas forças com a idade. E se cuidados do necessário vos apertassem, vós perderíeis esses ociosos.

Filotecnia - Mas que vos contava desta minha vizinha e amiga, que tem muito gentil parecer. Verdade é que é ela fria, tem um carão exalviçado que lhe mata toda a cor que põe: e os dentes tão roins que lhe cheira muito o bafo: e de mal desposta é algum tanto descarnada. Porém tudo não desfaz em seus bons feitos, e no

concerto de sua casa. E o marido anda com trezentas velhacas: aqui tem ãa, ali outra: com ser todo lavrado destes males, que está de noite em um grito de dores; e a coitada que o sofre com tanta paciência, quanta Deos sabe.

Costança - Quanto disso ora há pela terra.

Filotecnia - Sabei que é cousa de pasmo o seu sofrimento. E a coitada quer-lhe bem como os olhos com que o vê: e então dos ventos o cia, e traz sempre espias sobre ele, que não bole pé que logo lho não digam: e com isto tem sempre baralhas.

Ulissipo - De tais romarias tais perdões. Entenda ela em sua casa, e não saberá mágoas. Querem elas pôr freo à condição dos maridos, e à sua própria não.

Costança - Pois má hora dói-lhe. Avia-se essa senhora de custumar a não lhe dar disso, inda que fora indo às festas e romarias, e andando per casa de suas amigas folgando, e desenfadando-se como ele faz com quem quer, e fazem todos.

Ulissipo - Parece-me que a quer poer em caminho de vir a furo. Eu vou caindo nesta, que deve ser mina de grandes conluios, e será bom conselho esquivá-la de casa: mas não me atrevo com minha molher.

Filotecnia - Mal pecado, não na deixa ele assi sair de casa: e nenhũa cousa lhe mais tolhe que visitasões, e romarias.

Costança - E como se tolherá? Que eles são todos de *perdoneosDios*, tudo pera

mim nada pera vós. Folgaria conhecê-la pera aconselhar.

Ulissipo - Isso é o que o meu compadre deseja, de nenhũa cousa tem mais necessidade. Tende lá em vossa casa donas cossairas se quereis dar conselheira, e encubrideira à vossa molher pera toda conjuração que contra vós quiser armar.

Filotecnia - Eu me vou agora lá, que me mandou pedir que a visse que estava mal desposta, e que lhe relevava falarmos. Hei-vos de dar a conhecer com ela, pera que vades vê-la o primeiro dia que cá tornardes.

Ulissipo - Bom vai o negócio. A sátrapa de minha molher é a governança do mundo.

Costança - E as senhoras suas filhas como estão?

Filotecnia - Ide vós lá dentro pera elas, enquanto vou, que logo torno.

Costança - Pois não se detenha lá muito, que inda hoje tenho que fazer antes que me desjeju'-me⁴⁵⁹.

Filotecnia - Logo virei.

Ulissipo - Nem a conversação com as filhas hei por segura: porque me vai parecendo novo género de trato o desta. Apuram-se os engenhos já tanto na malícia, que desaprovam toda cousa velha por usada, e entendida: e desvelam-se por achar em tudo invenção pera contraminar o entendido, falsificar o certo, e colher fruto da

⁴⁵⁹ desjeju'-me] desjejume [*LA, LB*]

novidade. E este preceito de mercancia comprende todo outro negócio: e o desta gente me traz manho, e confuso que não me sei determinar em minhas sospeitas. As aparências de fora, pelo que prometem de honra e honestidade, não se podem condenar: o efeito de dentro é incerto na prova: a experiência de aquecimentos secretos ameaça muito, assi que venha o demo, e escolha. O mais seguro disto a meu ver é escusar ter conta com estas: mas a querê-lo fazer ter-me-ão por herege, e é necessário sofrer-me por minha honra (que praza a Deos que não seja pera minha desonra) e ir pelo caminho das carretas, que são os outros que as sofrem, e assi judeu morreu meu pai, judeu quero eu morrer. A regente das falsadas é minha molher, e a outra não se lhe agacha: mandá-la chamar, é pera alguma emborilhada: mande Deos que não seja sobre a minha pele, que eu sou, quem porcos acha menos, a cada mouta lhe roncam. Quero ir-me ver com meu compadre, pera termos nossa consulta, que homem apercebido meio combatido: e a um tredoro dous aleivosos.

CENA SEGUNDA

Costança d'Ornelas, Tenolvia, Glicéria

Costança - Boas fadas me fadem as minhas boninas e minhas flores de Maio, cedo vos eu veja como desejo.

Tenolvia - Boas horas venham com ela; já era tempo senhora de nos verdes ver.

Glicéria - Porque sois tão má que nunca cá vindes?

Costança - Assi é bofé: antes sou tão sobeja nas minhas idas e vindas, que hei medo avorrecer: que dizem lá, onde te querem muito, não vás a meudo. E d'outra parte eu tenho razão de não sair desta casa. E mais quem não cobiçará vir ver estas belezas destas pérolas pera dar graças a Deos. Não sei onde os homens andam, que não vêem estas fermosuras, pera as cobiçar. Daqui vos digo, minhas senhoras, que se eu homem fora, não estimara correr o mundo, em cata d'algum tesouro, com que vos podera comprar.

Tenolvia - Eles já não querem senão dinheiro.

Costança - Mal pecado assi é. Inda porém há homens, que eu sei, que não querem senão o que vêem.

Glicéria - Contá-los-ão com a boca sarrada.

Tenolvia - Prometo-vos eu senhora, se cá não viéreis hoje, que houvera de estar mal convosco.

Costança - Mais o estou eu convosco, senhoras⁴⁶⁶, e não venho senão a pelejar.

Glicéria - Ora pois sus, veremos, quem mais pouco poder vá debaixo.

Costança - Dessa maneira não me atrevo eu, nem sei quem se atreverá, vendo esses olhos de rufião.

Glicéria - Haver medo.

Costança - Benza-vos Deos, senhora, como vos ides fazendo molher, e eu faço-me velha: que me parece que vos vi ontem nos cueiros, e vejo-vos agora um gigante. Pois o mal é, que não tendes carnes?

Tenolvia - Mana de que são estas contas?

Costança - De lágrimas.

Tenolvia - Como são galantes. Sempre as vossas cousas são d'estremo.

Costança - Que é isso que fazeis?

Tenolvia - Uns travisseiros de desfiados pera ãa cama dessa senhora.

Costança - Muitos anos a logre ela, com muito contentamento. E fala-se agora em algũa cousa pera ela.

Glicéria - Não lembramos nós tanto a meu pai.

Costança - Bem calais vossas cousas sem me dizer nada. Pois eu molher sou de segredo: que o palreiro faz seu amigo mudo. E enfim venho a saber tudo, inda que não queirais.

Tenolvia - Mãi que bens são esses? Disse-lhe minha mãi algũa cousa?

⁴⁶⁶ senhoras] senhoras [*LA: lição que se adopta.*] senhora [*LB*]

Costança - Não vai por i o gato às filhós.

Tenolvia - Pois como foi? Contai.

Costança - Como vos fazeis de novas? Dissimulai. Enfim; pera que é nada, tudo se sabe.

Tenolvia - Quê? por vossa vida.

Costança - Todos vossos amores. E cuidais que o não sei?

Glicéria - Ui que boa ventura, como rima? Há mil anos que sam⁴⁶⁷ casada, e agora vos lembrou?

Costança - Pera bem vos seja. Mal venha por quem lhe pesar: porém quem merca e mente na bolsa o sente. Pera mim escusadas são histórias, e fingimentos, pois nada se me encobre; e a teu advogado, e a teu abade sempre dize verdade: porque quem toma conselho, se erra, não pode ser reprendido: e acertando, é louvado. Quem vos há a vós de encobrir, e encaminhar vossos gostos ao seu bom efeito, senão eu? E cuidardes o contrário é engano, que donde esperança homem não tem, às vezes lhe vem bem. E do Senhor Deos, que vê tudo, saber os meus desejos pera convosco, me traz à mão o que quereis encobrir de desconfiadas de mim. Ora sabeis que sem sã tenção não se conservam amigos. Tomai sempre do menor a obediência, e do maior a doutrina; que nos mais velhos está o bom conselho. E sabeis porque vos digo isto assi fora da minha arte, que

⁴⁶⁷ sam] *por som ou sou* [LA, LB]

era calar-me tanto que entendi que vos encobris, pelo muito que vos quero? E Deos é justo juiz, ante o qual nunca a virtude perdeu, nem a maldade errou sua pena. E como eu sou esta amiga desenganada, e que nunca me neguei, nem me achastes descalça pera vos servir, teria em má ventura vir-me cousa vossa à mão, e não na haver por minha.

Glicéria - Assi sabeis vós, senhora, que me pesaria a mim muito se isso assi não fosse: e bofé que estou inocente do que dizeis.

Tenolvia - Ora cal-te moça que não tens siso. E vos certifico, senhora, que nada sabemos: mas contaí vós, que o que for não se vos negará.

Costança - Que é possível?

Tenolvia - Por vida de minha mãe.

Costança - Não sei se diga que me pesa de ter começado: porque não há cousa bem feita pelo bom, que não seja contrariada d'algum mau. E eu não queria ser mal julgada no que a tenção está pura, maus julgos nunca faltam; e alma corrupta tudo faz de sua qualidade: e do hábito do pecar nace o descrer a virtude.

Tenolvia - Que conrusão traz agora receardes-vos de nós, que vos conhecemos, e temos como mãe? Quanto mais sabendo o mundo todo quem vós sois, e como tratais. Dizei-nos tudo o que sabeis, já que começastes: que d'outra maneira havei menencoria dessas desconfianças.

Costança - Dir-vos-ei filhas senhoras: tudo farei por vos não anojar. Mentir é grande tacha, maiormente mentir ao verdadeiro, e que se fia de vós: pois enfim nunca os maus tanto dissimulam suas obras, que as possam encubrir de todo. Porém se queres ser bom juiz, escuita o que cada um diz. Portanto como isso assi me julgai, como me ouvirdes.

Tenolvia - Ora acabai já, livre-me Deos. Não cuidei que éreis dessa maneira desconfiada.

Costança - Foi, senhora, a somana passada ter comigo um homem muito autorizado, e bem acompanhado de criados, e leixados os preâmbulos com que me veio, pediu-me por derradeiro que ouvisse outro senhor em um mosteiro. Eu vista sua autoridade, e a honestidade do lugar, como a boa palavra em toda a parte cem soldos val, disse-lhe que si? Passado isto fui-me lá, e achei um gentil homem, bem desposto, que me esperava já, parece não se lhe cozia o pão. E apartados a ãa capela, ele a primeira coisa que me disse, foi jurar-me pela casa em que estava, que tudo o que me dissesse era a mesma verdade. E proseguiu dizendo mais, que porque sabia do conhecimento, e entrada que eu tinha nesta casa, se atrevera a pedir-me que lhe valesse: porquanto ele se esperecia, e morria vegivelmente: e eu ficaria em ser sua homecida, se o não socorresse no que podia: e mais pois tudo eram passos de Deos. Finalmente

concruidiu que ele vos queria bem em todo o extremo, e desejava casar convosco: o que dilatava requerer, e pedir té saber vossa vontade, se lhe dáveis licença pera vos mandar pedir a vosso pai. Eu da minha malícia quando isto vi, confesso-vos que cri, e ainda não sei se creia, que vinha isto por vossas mercês, a fim de eu antevir com vosso pai, e mãe: e esta suspeita me fez aceitar seu requerimento.

Tenolvia - Em minha alma que não conhecemos cá tal homem: nem tal coisa nos veio por cuido, nem por penso.

Costança - Agora me pesa muito de me encarregar de vo-lo dizer, porque lho prometi como digo, parecendo-me que vos servia nisso: e em parte, queixosa de me encobrires nada, sabendo que porei a alma, e vida pelo que vos cumprir.

Tenolvia - Que sinais tem?

Costança - É mancebo que lhe começa pungir a barba, bem desposto, rosto grande, e olhos esbugalhados, bem tratado, galante, e de gentil prática. Pareceu-me ele bem acondicionado, e que não haverá nele mau doairo.

Tenolvia - Parece-me que vou caíndo nele: e quando fomos à quintã foram lá ter ele esse senhor, e outro seu companheiro muito galantes: e meu irmão os conheceu, que eram criados d'el-Rei, homens de preço, honrados, e de muita arte.

Costança - Tal me pareceu ele. Ora vede vós senhora o que quereis que lhe diga? Que se eu cuidara que o negócio não tinha mais raiz, que a deste princípio, nunca me obrigara, por me não fazer autor de tais negócios. Pois que cousa pera a minha arte? Mas verdadeiramente cri que trazia o fundamento de vossas vontades. E pois o conheceis, e tendes dele boa informação, não haveria por inconveniente lançar mão de seu honesto oferecimento: que vamos, e venhamos, quem fogo quer, e chove, a unhas o descobre. As mulheres também devem inclinar-se aos bons azos, pera virem ao que for sua ventura. E nestes negócios val mais o contentamento, que todos os tisouros do mundo. Os bens dele não são mais que pera sustentar a vida: e o gosto pera aquietar a alma. Eu pera mim mais queria virtude, honra, saber, e pessoa: que riquezas, tratos e negócios, em que agora a vida se revolve. Porque de pessoas fracas e baixas é prezar-se do que tem entesourado: e de nobres, e de espírito prezar-se das obras boas que fazem. Digo-o ao tanto, a propósito do vosso gosto se o tendes inclinado, e vos arma. Pera que é negar a boa inclinação, por satisfazer a cobiça? Per ventura, tereis em pensamento de casar com muita renda? E esses homens são maus de haver: porque têm também sua fantasia, e põem a proa no que não merecem: e assi gastam uns e outros a idade em contas desesperadas, e que tarde ou nunca socedem. E eu hei por tão mau o não querer o que não se

pode escusar: como desejar o que não se pode alcançar. Que há-de ser tão dessaborido o juízo humano que ponha a estima das cousas no carecer delas? E que ninguém haja por bom o que lhe cabe em sua sorte? Senhoras fiaí-vos de mim, não vos entregueis a opiniões vãs: entregai-vos à vontade do Senhor Deos, que quem sua esperança põe nele tem a ele, e aos homens: e quem nos homens, um e outro lhe falta. Se de Deos é ordenado, melhor é casar com quem vos roga, que com quem quer que o roguem.

Glicéria - Eu o desejava rogar ninguém; em hora que o eu visse.

Costança - Tá não vades por diante.

Tenolvia - Eu, amiga senhora, sou da vossa opinião: queria mais um homem com ãa capa e espada, que o parecesse: que quanto ouro há no mundo.

Costança - Adiante vós vades. E não no digo porque seu servidor não seja dos abastados, mas pera a minha arte, isto é o que deles menos me lembra. E segundo me disse; também essoutro seu companheiro que vistes anda picado de vossos amores, senhora Tenolvia, mas não ousou descobrir-se-me, té ver onde parava o primeiro requerimento.

Tenolvia - Ora senhora, dizei-lhe vós que lhe beijo as mãos: que folgo muito d'ele saber buscar tão bom meio, e tão seguro como foi descobrir-se-vos: porque de ninguém outrem se puderam aceitar suas cousas,

por mais que nelas se ganhara. E portanto como isso, não se deve agastar, nem ter tanta pressa, que eu sei dela que lhe tem boa vontade. E que saiba em certo que tem em mim especial amiga.

Glicéria - Eu nada digo, mandai-lhe vós dizer o que quiserdes.

Tenolvia - Cal-te rapariga douda deixa-me fazer. E se per⁴⁶⁸ ventura vos falar nessoutro seu amigo, não leixeis de lhe aceitar o que vos disser, que eu tenho sabido que é pessoa de merecimento, e qualidade. E isto, mana, há-de ser com tanto resguardo, e segredo, que o não sintam as aves do céu.

Costança - A mim o dizei. E a quem releva isso mais? E se eu não cuidasse que era tudo isto em serviço de Deos, e bem do próximo, parece-vos que me metera nesse negócio? Andaria bem ociosa. Esses são os meus cuidados? Nem por todo o haver do mundo. E conquanto minha tenção é sã, bem sei que algum enfadamento hei-de ter: mas a vontade faz o pecado. E tudo se pode sofrer por comprazer estas pérolas.

Tenolvia - Deos me chegue a tempo em que vo-lo sirvamos.

Costança - Olhai-me minhas senhoras, Eu ando sobre casar ãa órfã que eu criei, moça de bom parecer, e bons feitos, e ãa pomba sem fel, antes que o pecado a engane, como faz a muitas da sua idade que se entregam ao segre pera correrem más fadas. Queria que me

⁴⁶⁸ per] per [LA: *lição que se adopta.*] por [LB]

ajudásseis com a senhora vossa mãe, que me dê alguma ajuda. E vós também da vossa parte alguns vestidos que já enjeiteis, camisas velhas, e lançóis, tudo tomarei pera lhe azar um pobre enxoval.

Tenolvia - Eu tomo isso a cargo, e vereis o que faço.

Glicéria - Eu também farei o que poder.

Costança - O Senhor que é aceitador das obras pias feitas por seu respeito aos seus mínimos vo-lo receba. Vossa mãe senhoras tarda, e eu tenho de fazer um pouco ainda antes de jantar. Quero-me ir, virei cá com a reposta: e entretanto negociai por mim, que quando eu vier ache tudo prestes.

Glicéria - Perdei cuidado.

Tenolvia - Não vos esqueça essoutra cousa com vossas ocupações.

Costança - Que chamais esquecer? Nem poderei inda que queira, que aquele gentil homem não me parece que me deixará descuidar, segundo lhe conheci desejo da empresa.

Glicéria - Já lhe ele isso não lembra.

Costança - Assi queríeis⁴⁶⁹ vós. Ora inda eu ficaria por fiador que a todos nós pesasse.

Glicéria - Bofé não já a mim. Inda eu não estou tão desperdiçada, que me dê mais perdê-lo, que achá-lo.

Costança - Bem, se vós senhora não quereis não lhe direi que vos falei tão

⁴⁶⁹ queríeis] queríeis [*LA: lição que se adopta.*] quereis [*LB*]

sóis? Quem te não roga não lhe vás à voda; e que busque outro meio mais certo. Que eu nisto nada gainho, nem pretendo mais que cuidar que vos sirvo.

Tenolvia - Mana esta rapariga cuida que é fermosa, e que tudo se lhe deve.

Costança - Nisso tem ela muita razão: mas eu quero-me também rogada: e se me desconhecem o serviço, lanço-me logo dele.

Tenolvia - Bem sabemos que haveis de folgar com todo nosso bem, e essa é vossa tenção: e está zombando, e tanto lhe é de bem que o não crê.

Costança - Ora alguém me vingará. Os Anjos as acompanhem, e o Senhor as tenha da sua mão: e a minha encomenda, não esqueça que é cumprir ãa das obras de misericórdia.

CENA TERCEIRA**Soliza, Filotecnia, matronas**

Soliza - Senhora comadre não sei que faça, nem que diga a tamanho mal como o meu? Um homem tão sem medo de Deos, nem vergonha do mundo, que há-d'andar com quantas más molheres há na terra; e tem-me aqui não mais que pera sua cozinheira? Pera isto lhe deu meu pai quanto tinha comigo? E eu o fiz homem, que dantes era um rapaz, que não valia dous ceitis, nem visto, nem ouvido. Minha mãe, senhora, não tem paciência a isto; que se despiu por mim, cuidando que me descansava, e vê-me mais descontente, e triste que a mesma noite. Porque eu, senhora, como estou só não tenho outro ofício senão chorar: que me vejo sem ter mesa, nem cama: e que gasta em seus bons feitos o que ele não ganhou, e que lhe deram comigo. E que me esté eu assi estilando como o espargo no monte?

Filotecnia - Tendes vós muita razão, senhora. As molheres da vossa honra, e da vossa qualidade, e virtude isso é o que hão-de sentir. Porque ser um homem taul: ser brigoso, ser o que vós mais quiserdes, tudo lhe pode sua molher sofrer: mas ser devasso, e gastar o seu com alcoviteiras, e molheres do mundo, é um mal em que não pode haver paciência.

Soliza - Assi, senhora, não sou molher. Que muitas vezes estou cuidando em

mim, quem me dissera que havia de ser rodilha, criando-me minha mãe pera estampa nas meninas dos seus olhos. Eu era a sua mimosa, o seu olho da panela: bem criada, e mal fadada. E assi quando me agora vê, benze-se: e ela bem mo prega, e bem mo diz que coma, e beba, e leve boa vida, e vá tomar merendas per casa de minhas amigas, e não me dê por achada de suas cousas. Mas eu digo-lhe, «não me déreis vós mãe coração de carne».

Filotecnia - Sabeis senhora comadre que é muito bom para isto? Ocupar em cousas espirituais. Eu tenho ãa amiga dona honrada, e de bom parecer inda, muito cabida com todas as senhoras, e conhecida do alto e do baixo, que per si, e per seus conhecentes (que como é viúva com o seu bordão na mão, anda por todas as igrejas e mosteiros) não há cousa pera que não saiba devação muito aprovada. E não menos d'hoje bofé contando-lhe eu assi meus trabalhos, lhe disse também os vossos: e dizia-me ela que vos conselhasse, que esparecêsseis, e fôsseis às festas e romarias, e per casa de vossas amigas que vós a nomearíeis.

Soliza - Coitada de mim. E de que mal morro eu senão de me ele não dar trela pera isso? Duro cativoiro é o das molheres. Que há-d'haver no mundo que tenha um homem manceba, e mancebas: e sua molher que lho sofra mal que lhe pese, e amargue: e a molher que de ir à igreja não tenha liberdade? E que até com quem me hei-de

confessar quer que registre com ele.

Filotecnia - O meu muito escoimado foi nisso: mas já vai quebrando.

Soliza - Eu, senhora, quando era solteira nenhum gosto me chegava a praticar ãa hora com um letrado.

Filotecnia - Ó⁴⁷⁴ senhora, é meio caminho andado pera se homem lavar de muitos escrúpulos em que cai cada hora.

Soliza - Essa sua amiga me faça vir cá, senhora.

Filotecnia - Ela folgará muito, e dir-vos-á tantas cousas boas que vos fará estar com a boca aberta sem vos lembrar mais que ouvi-la, porque não há sermão que não traga na ponta da lingoa melhor que o *Pater noster*. nem conto que não saiba: pois conhecer as pessoas, e saber do que passa pela terra? Perdei o cuidado. E mais é molher de muita autoridade, que se pode ir visitar a casa.

Soliza - Ó⁴⁷⁵ senhora por amor de Deos que me deis conhecimento com ela: porque me dareis a vida pera minhas paixões: que se me Deos não socorre, eu não me sinto espíritos pera as sofrer muito tempo. E de pouco pera cá o vejo muito mais ocupado: e com o senhor Ulissipo em grandes gostos, e conversações, que sospeito que é algum novo trato.

Filotecnia - Eu vos direi senhora o que eu disso sei: porque a vós nada se há-

⁴⁷⁴ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

⁴⁷⁵ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

de negar. Hipólito meu filho me disse, que andava o vosso emburilhado com ãa tal e quejanda: a qual tinha ãa mãi a maior cossaira do mundo que o há-de roubar, e enfeitiçar.

Soliza - Se o já não tem feito. Senhora, eu sei muito disso, porque nada me escapa. Mas não me havei por molher se não mando cruzar as queixadas a essa velha mougeira⁴⁷⁶, e açoutar a filha com um rabo de raia: e se isto não bastar, fazê-las degradar com pregão e baraço: que não há mister mais que acenar eu ao corregedor meu primo.

Filotecnia - Nunca vi cousa mais pera fazer.

Soliza - Pois eu lhe prometo, que basta aventá-lo minha mãi pera lhe elas não irem pela pendência a Roma, que ela nunca levou duas em capelo; e já per sua mão sendo meu pai mancebo, ela açoutou ãa boneja dessas com que ele andava: e ele calou-se, e lá apagou tudo com que nada se soube. Porque minha mãi, senhora, é molher pera muito.

Filotecnia - Nunca lhe a mão doa, que estas velhacas fazem mal casadas quantas molheres há no mundo. Se o meu velho (que velho se pode chamar, pois vai aos cinquenta anos) agora começa enverdecer, e o que lhe escapou da mocidade quer agora cobrar na velhice? Que inda já o vosso é mancebo: mas o meu. Que exemplo de pai pera filhos? Assi senhora me como toda como traça por dentro: e me faço velha de quarenta anos, como se fora de oitenta. Porque com

⁴⁷⁶ mougeira] *por* mugeira [LA, LB]

estas cousas em que anda, não tem cuidado das filhas, que são já mulheres: é ãa cousa perdida. Se eu não fosse que ando sempre servindo, e trabalhando sobre as vestir, e ataviar; despidas as traria sem ter conta com isso.

Soliza - Pois sabeis vós que me a mim disseram? Que levara o meu esta sua boneja à casa da⁴⁷⁷ tia da vossa rapariga, que vós tínheis muito preitês, e muito janeleira. E me afirmaram que aí foram o vosso, e mais o meu ambos com grande banquete; e a mim não há cousa que se me esconda. E pessoa que o sabe de certa sabedoria me disse, que a tinha o vosso prenhe. E por esta razão vos mandei pedir que nos víssemos; pera que atalhemos a tanta devassidão.

Filotecnia - Ai senhora comadre grande mal é esse, e grande desventura, e eu vo-la dou por ser assi. E olhai os enganos em que me trouxe. Ele ma fez lançar de casa: e ela fazia-se-me doente: e o raposo perverso dizia-me que lhe avorrecia. E depois que se ela foi tenho sabido que vai muitas vezes a casa da tia com achaque de se ir desenfadar à horta; e faz-se-me doente e achacoso, que se vai desmalenconizar, em tanta maneira que me cometia que apartássemos as camas: e eu coitada de mim inocente andava nisso por lhe poupar a vida, que ele por essa via desbarata.

Soliza - Mal pecado, todos eles assi fazem. E nós vimos a purgar os seus

⁴⁷⁷ da] da [LA: *lição que se adopta.*] a [LB]

desmanchos, curar seus males, e sentir seus gemidos.

Filotecnia - Que em tão⁴⁷⁸ más horas me essa velhaca entrou em casa? Ora eu vos prometo, senhora⁴⁷⁹, e vos empenho este rosto: se não que nunca haja a benção de meu pai que come a terra fria, se lhe eu não faço um jogo soado. E a covilheira⁴⁸⁰ da tia eu a mandarei chamar, e lhe levantarei os da boca de ãa nova maneira. E assi lhe vai? Como me traziam vendida? Que ele me dizia, que era essa velhaca muito enferma, que lhe mandasse confortos. E eu Maria de bons pés com meu coração sem malícia nunca outra cousa fazia.

Soliza - A mim não me tomam assi com gaita. Logo avento as pegas de qualquer sombra. Nada me fio do meu.

Filotecnia - Ora ela o não lançará em saco roto a poder que eu possa.

Soliza - Pois senhora vede vós se bastais pera lhe desfazer a milgueira: e se não, leixai-me com o negócio: que a mim não me leva o coração leixar sem castigo tão mal feita cousa.

Filotecnia - Leixai-me fazer, que eu vos darei boa conta.

Soliza - E não no dilateis; que eu estou determinada tê-las em espreita, e ir ter com elas dissimuladamente quando eles lá não estiverem, e dar-lhe com ãa faca ãa cutilada pelas queixadas, ou mandar-lha dar.

Filotecnia - Não me haveria por molher se não pingasse aquela jóia. Quero-

⁴⁷⁸ em tão] então [*LA*] em tão [*LB: lição que se adopta.*]

⁴⁷⁹ senhora] señora [*LA*] senhora [*LB: lição que se adopta.*]

⁴⁸⁰ covilheira] *por* covileira [*LA, LB: covilheira com assimilação de [l] a [λ].*]

me ir senhora, e depois falaremos.

Soliza - Pois, senhora, não lhe esqueça de me mandar cá aquela dona que me disse, porque a desejo muito conhecer, e conversar.

Filotecnia - Eu lha mandarei, e há-de folgar muito com sua amizade: porque é molher pera tudo o que dela quiserem, e de muito segredo.

Soliza - Em extremo desejo já conversá-la.

Filotecnia - Nosso Senhor por quem é, nos console, e aquiete.

Soliza - Ámen.

CENA QUARTA**Otonião, Régio**

Otonião - Aquela molher que vos eu tinha dito, foi ter com aquelas senhoras, e fez mais do que lhe eu pedi. Não nas achou tão esquecidas de nós, que lhe negassem ter algum conhecimento.

Régio - Grandes cousas me contaís. E não me pedis alvisseras?

Otonião - Antes estou em vo-las dar porque me ouçais.

Régio - Dizei a tento, que não sei se tenho esforço que baste pera vos ouvir.

Otonião - A senhora Glicéria como moça isenta lançou quanto ao primeiro meus cuidados à zombaria: mas a senhora Tenolvia tornou por mim, e mandou-me grandes esforços de remédio: remetida porém ao tempo.

Régio - E haveis que é isso pouco? Não queria eu mais frandes.

Otonião - Oferece-se a me ajudar em tudo, e avisar-me do que me cumprisse pera cometer o que pretendia. O que eu disto entendo é, não querer ela ficar por derradeiro, porque cada um pera si, e Deos pera todos. Diz que lhe disse, que soubesse de vós, e tomasse vossa conversação, e todo recado que lhe désseis: porque éreis tal, e tal, e mais honrado que as cabras de Beja.

Régio - Não me digais que tratou de mim?

Otonião - Falo-vos verdade. E nossa amiga mostrou-me grande querença de

desejar ver-vos.

Régio - Ora isso está bom, e vai por seus termos.

Otonião - A senhora Tenolvia diz que vira cousas vossas.

Régio - Por vossa vida? Eu direi o que foi. Tenho ãa amiga, que me escreveu há já dias, que lhe mandasse novas de mim. Respon-di-lhe a sua carta conforme ao estado em que estou: a fim também de descobrir terra com o treslado que me ficou. E por vos falar verdade mandei-a a três partes em que tinha negócio, e per meio de um seu parente sei que lhe foi lida.

Otonião - Ficou-vos algum transunto? Fazei-me mercê que mo mostreis.

Régio - Aqui cuido que há-de andar o borrão. Vede-lo aqui está com suas antrelinhas; e não no sabereis ler, mas eu vo-lo lerei. Chamo eu⁴⁸⁸ a esta amiga, o meu cuidado. E começa assi:

Senhora Cuidado:

Bem creio que o não podereis perder de mim, como nem eu os desejos de vos servir. Mas um e outros trago tão alheios do que me cumpre, quanto o eu sou do meu. Já sei que me entendeis sem mais informação: que quem de mim tem tal lembrança, não a terá perdida da minha manqueira, a que direis velha: mas moça ma

⁴⁸⁸ eu] en [LA] eu [LB: *lição que se adopta.*]

conheceste, e cada vez o é mais nos desassossegos que por ela sente este espírito tão afeito a seus embates. Pelo em que me já vistes creio que me crereis: e pelo que não vedes, crede que é mais do que sei nem posso dizer-vos. Folgai com meu bem, que inda que o dele não espero, tem-me o seu gosto tão boto o conhecimento, que desconheço meu mal do que é. Donde vem que me não sei entender com minhas dores. Porque se vou pera me queixar delas; quando me lembro⁴⁸⁹ de mim, louvo quem mas causa: e tal vivo, que sou chegado aos dias em que me não conheço ao espelho, que são uns olhos em que me vejo tão diferente do que era, que o não sou já. Assi estava ãa noite das passadas tão perto da ãa hora, e das paredes que me cegam; quão longe de ãa memória, e da esperança dela. Como seja verdade que poucas, ou nenhũas se me passam, que de seus doces bairros me não chamem os gatos pera a pousada; antre muitas lembranças que por me tirarem a vida, em mim fazem azafema sem ter fruto de suas diligências. Além das qualidades daquela noite, mais que d'outra algũa, arrepicarem a lágrimas, não sem elas vim cuidar nos seus olhos (ocasião do que sinto) e de como os meus deram entrada a seus corredores, e consentimento na posse que d'alma tomaram; querendo-os reprimir dos azos que

⁴⁸⁹ lembro] embro [LA] lembro [LB] [LA, dá na errata a seguinte correção: embro diga lembro.]

a meus males deram contra mim, disse com esta contínua como que me ouvisse, sigurando que a via.

Meus danos naceram de olhos
Vossos e meus. Ai não sei
Quais por mais culpados hei.

Dos vossos fui combatido
N'alma, deste pensamento,
Os⁴⁹⁰ meus, o consentimento
Deram pera eu ser vencido.
Ambos foram no partido
De me perder, eu gainhei
Se a troco deles me dei.

Nos vossos olhos em verdes
Perco a virtude da cor:
Nos meus mostrais o poderdes
Enovar, e tirar dor.
Tomou-me antre ambos amor
Dos vossos a que me dei:
Eu peno se me enganei.

Eu vos sinto já senhora haverdes dó de mim, como quem entende melhor que eu o meu perigo: e senti-lo tanto, por o natural de vossa condição, como porque sempre o tivestes de meu mal. Dir-vos-ei porém o que passa, porque *a quien su muerte duele, con la causa se consuele*. A dor muito grande adormenta o membro paciente pera sofrer melhor a aspereza da cura. Tal o meu coração. Da causa

⁴⁹⁰ Os] O [LA] Os [LB: *lição que se adopta.*]

que tem pera o que padece, não somente passa meus danos com sofrimento: mas traz-me neles enleado de maneira, que cuido que em os possuir me gainho. E tal é que em verdade não me pode vir cousa de maior sentimento que perder-me desta opinião: nem tenho outro contentamento, salvo a segurança que em mim acho nela. Tudo isto é bom, e mo louvareis por parte da minha lei; se vos eu pudesse calar a pouca obrigação que tenho pera desculpa. Porque vedes vós senhora quantas quimeras de sentimento vos pinto ao natural do que as passo? Fiz nelas profissão há bem de dias; e inda não ousa de publicar-me a quem me nega a esperança. E a razão é:

Tolheu-me a fala meu mal,
Por ais, e suspiros digo
O que em mim sinto comigo.

E se me entender quisesse,
Quem eu entender quera,
Nos olhos claro veria
O que quis que eu padecesse,
Tolheu-me que não dissesse
Amor que fujo, e que sigo,
Mas suspirando lho digo.

Tão estranha é minha dor
Que tolhe poder dizê-la,
Tem por remédio o sofrê-la;
E morrer fora o melhor.
É claramente d'amor,

Segundo sinto comigo,
Mas a causa só não digo.

Mouro, e não se me conhece,
Por quem mouro, não no sabe,
Saber-se-á quando se acabe
A vida, que assim padece.
Tudo me dana, e me empece;
Falar é mortal perigo⁴⁹¹:
Calando mouro comigo.

Agora senhora julgai-me como quiserdes, que quem torto nace,
tarde se endereita: esta é a verdade: ordens são dos planetas tão
intricadas, que parece que não há senão cruzar. Por isso já que hei-
de ir assi, como forçado, vou voluntário. Mas tudo é dar vozes em
deserto, que quando Deos não quer Santos não rogam, e assi nada
me val. Tem a minha fortuna uns sestros tão desviados do bom
efeito: que o que a todos pode dar saúde, me desespera dela. Só um
descanso tenho, este é: ser tão satisfeito dos meus pensamentos,
que não sei preço por que os trocasse. Por onde na maior afronta
de minhas desesperações digo sempre:

Que não se alcance vitória
Da guerra deste meu peito,
Se dela ficar memória
Eu me dou por satisfeito.

⁴⁹¹ perigo] prigo [LA] perigo [LB: *lição que se adopta.*]

Outro despojo não quero
Salvo que fique em lembrança
Que amo sem esperança,
E que assi morrer espero.
Esta será minha glória,
Com isto estou satisfeito,
Nem quero maior vitória
Que a que trago neste peito.

Sei que por morte ou por vida
Não posso tanto encubrir,
Que não me seja sabida
Qual delas por vós sentir.
Converte-se a pena em glória,
Em ser da dor satisfeito:
Nem pode ser mor vitória
Que caberdes-me no peito.⁴⁹²

A vós senhora não vos pareça má opinião esta; que vos não hei-de consentir tal engano. Soltai rédeas à imaginação, e no primor em que vos anteparar me julgai, que mui fouto irei ao juízo. E assi me eu veja em estado de esperança, como tudo hei por nada ante ela. E se me a fortuna fora tão liberal dos bens, como dos pensamentos; não quisera mais prova da minha verdade. Inda que pera com quem a eu trato, não há necessidade de experiências: porque é tão discreta, confiada, e certa do que de si sabe, e presume, que não duvida, antes tem por sem dúvida que tudo se lhe deve sobejamente: donde é também escuso ofender a pureza de seus

⁴⁹² [LB: não foi respeitado o espaço interestrofico.]

ouvidos, com a rudeza dos meus sentimentos. Sei que mos conhece, e c'os olhos do entendimento me vê, e ouve mais do que deles posso dizer. Não me culpa, nem mos estranha, tal é sua discrição que não lhe foge, que lhe pago páreas d'amor, de que todo o juízo que a souber sentir lhe é tributário: a qual especialidade presumo que o meu mais que outro algũa alcança. E não longe deste fim, estando à vista dela em meu espiritual pasto lhe falei antre mim há poucos dias neste soneto.

Senhora já ante vós o meu gemido
Assi mudo publica seu desejo.
Que me entendeis nos vossos olhos vejo⁴⁹³:
Do mal que sinto, sou deles sentido.

Eu me rendo contente em ser vencido
Na mor força da dor e do tormento.
De vós pretendo só consentimento,
Outra cousa esperar nunca atrevido.

A conselhos sou surdo, e como mudo
Nem morrendo ousaria publicar-me,
Nem de vida tomar outra esperança.

Sustento a alma no gosto do que cudo⁴⁹⁴,
Se morrer, de mim posso a mim queixar-me
Sem remédio d'amor, sem confiança.

⁴⁹³ veio] veyo [LA] vejo [LB: *lição que se adopta.*]

⁴⁹⁴ cudo] [LA, LB: cudo *forma arcaica de cuido, pertencente ao verbo cuidar, segundo Houaiss.*]

Vedes aqui amiga senhora o de que me contento. Tem o meu espírito a tempos entradas com o seu: conhecem-se, não se falam: sentem-se, dissimulam. Disto vivo, e que não viva nem pareça contente a quem me vê: estas particularidades reservou a alma pera si, ela as entende sem as comunicar comigo. Não me acha parece capaz de tão altas visões: diz-me que à causa só pertence entendê-las. Eu como me prezo do sofrimento, abaixo-lhe os olhos: curso meus dias, em que me menistro, e descubro as ocasiões, e azos de tudo o que padeço. Fiz termo em desesperado, esperando a hora final: quando a cuido, faço-me de mil cores: quero-a desejar, lembra-me o que padeço: quero-lhe fugir, vejo o impossível. Nestas diferenças há inda outras muitas, e mui diferentes. Mas olhai-me como quiserdes, que tudo em mim vereis amor. Quando chego a desejar liberdade pelo aperto em que me põem minhas dores, então a tenho, e espero muito menos. À⁴⁹⁵ boca da noite a vi em ãa janela de que me achei perto, e sem me ela conhecer estive em lhe falar: nunca viva em mais descanso que o que tenho, se pude mandar os membros: tudo se me tolheu, e tolhe. A este propósito depois comigo dizia falando com ela, tomando isto por meio de não abafar.

⁴⁹⁵ À] A [LA: *lição que se adopta.*] A' [LB]

A⁴⁹⁶ minha boca à lingoa de mesquinha
Na voz de meus suspiros se apegou,
Quando a dor d'alma grande a vós tentou
Descobrir a razão que por si tinha.

Tinha-me em olho a má fortuna minha,
Achou tempo e sação, não esperou:
Sabe amor em quanto me danou,
Cruzei-me ante o temor que dela vinha.

Grave dor, doce dor desesperada,
Ditoso mal, ditosa opinião,
Dura pena estimada, e mui querida.

Pensamento ah triste, alma atribulada:
Na dor muda, apurada na afeição:
Morte se chama, e não vida, tal vida.

Desta maneira, Senhora Cuidado, a passo. O ser boa ou má, leixo a vosso parecer, que em nada o sei certo, por as incertezas de vida em que ando: sobre ser tão certo no que quero que per nenhũa via quererei al. Há-se de fazer em mim possível o que a todos parece, e é impossível; porque se veja o extremo a que se deve todo outro. A mim nada se me agradeça, pois cumpo com minha obrigação. O meu conhecimento⁴⁹⁷ tomará estimado, e minha opinião aceita. Se aqui chegasse, não há mais que pedir, nem de que haverdes dó de mim. Pera o que com as obras me ajudai no que vos

⁴⁹⁶ A] A [*LA: lição que se adopta.*] A' [LB]

⁴⁹⁷ conhecimento] conhecimento [LA] conhecimento [LB:*lição que se adopta.*]

couber, como com os desejos: que se o socorro de quem meus males sente me não val, de quem se com eles goza, nada devo esperar. Estas são as novas que de mim vos sei dar: de não serem as que pedis, seja a culpa dos meus fados: não que lha eu dê, antes lhe sou devedor da sorte de meus pensamentos, que nas cousas grandes assaz é desejá-las: e o sentir o bem, louva-se, e não se culpa. Beijo as mãos a vossa mercê.

Otonião - Eu vos digo que está gentil carta essa: e que foi boa a invenção de vos publicardes pera poderdes ser ouvido sem escândalo. Mas dizei-me, senhor, sabeis vós certo que a viu a senhora Tenolvia?

Régio - Foi assi mais dissimulada, e menos perigosa, e descobre melhor a terra.

Otonião - Mas dizei-me, senhor, sabeis vós certo que a viu a senhora Tenolvia?

Régio - Si.

Otonião - Logo por essa razão disse ela que vira já cousas vossas. E mais segundo nossa amiga diz, tomara de boamente outra carta.

Régio - Dir-vos-ei como será. Quanto ao primeiro, é necessário peitarmos nossa procurador, pera a molificar, e cevar no gosto do proveito. Que não sei quem seja tão inteiro, que atravessado-se-lhe o interesse não se lhe incline. E como a tivermos obrigada nela está a

chave do jogo.

Otonião - Eu sou disso, que quem não dá o que dói, não há o que quer.

Régio - Fiai-vos de mim. Sabeis que cousa é peitar? Segurar negócio, e abreviar tempo. Ride-vos de amizades, e conversação que mais acabem: que a mãe e a filha por dar se fazem amigas. Mandemos-lhe ãa peça de sarja, e outra de Holanda: e mandar-lhe-eis dizer que estais doente, lançaremos sangue no lançol, que pareça que vos sangraram. Ela é tal pessoa, e tão pontual que não escusará vir ver-vos: e vindo ela, leixai-me com o negócio.

Otonião - Parece-me isso muito bem, e deveis ter feita ãa carta: e já sabeis que é pilora pera o bucho de ãa dama, que revolve os espíritos. E mais molheres tão ensarradas, que desespero podermos nunca conversá-las, dá-lhes em que entender.

Régio - Nisso estou que elas querem-se traquejadas. E não vos vades per i de vos parecer que por seu encerramento não se espera sua conversação, que como elas entrarem no bailo nunca lhes faltam meios. O amor não se ceva senão de foutezas, e atrevimentos: e de fazer fácil toda impossibilidade. E daqui vos faço bom se a senhora Tenolvia aceita meu serviço, que não vos vá mal que ela terçará por vós a unhas, e a dentes.

Otonião - Entendido tenho que sem ela não posso vogar.

Régio - Ora leixai fazer a Deos que é Santo velho. Sabeis que eu também

queria pera o negócio correr com mais fúria? Ver se quer Alcino dar também em que entender a esta nossa amiga: porque assi penhorada da afeição, em que também lho faremos parecer que nos há mister a nós, fará finezas. Que por isto se disse: *hazeme la barba, haréte el copete.*

Otonião - Não me parece isso mal. Mas a minha senhora com tanto passear como o seu, que nunca dobra pé, não deve de estar vagante. Quanto mais que estas de má mente se leixam traquejar de gente manceba; porque as desdouram e desacreditam; e não são tão certos: nem elas tão senhoras de si, e deles.

Régio - Vós falais verdade: porém como de sua natureza são amigas de provar muitos vinhos, poucas vezes escapam aos azos de boa conversação: antes sempre aquece, gastarem com polhastros o que ganharam com sesudos. Todavia a hei-de encomendar a Alcino se se lhe azar, porque juguemos d'ambas as mãos; que ele, agoas lhe viu de a não sobresaltarem dous requebros.

Otonião - Não queria que a scandalizasse, e entornássemos tudo.

Régio - O tempo nos dirá o que faremos. Agora vamos ordenar nosso presente.

Otonião - Vamos.

CENA QUINTA**Barbosa, Hipólito**

Barbosa - Vossa mercê senhor sabe o que eu tenho sabido de vossa amiga a gentil Florença *la bella*?

Hipólito - Quê por vossa vida?

Barbosa - A trezentos corvos a vós dai, que assi se fez matreira. Vai-se parece pela regra que diz, cousa que não pode fazer mal, não pode fazer bem. E como no carecer das cousas está a estima delas, quer-se-vos encarecer, e fazer-se estimar com vos mentir.

Hipólito - Como assi?

Barbosa - Tem esta noite pagode com o seu caixeiro.

Hipólito - Quem vo-lo disse? Como é possível, se me ela jura que o não pode ver nem tinto em parede?

Barbosa - O velhaco de Parasito, que é também convidado pera regozijar a festa com a sua guitarra.

Hipólito - Isso foi concerto da porca velha da mãe, que Florença, como vos disse, enganou a Sevilhana, que lhe veio falar por ele, sendo eu presente.

Barbosa - Outra que melhor baila? Sabe essa mais conluio que um alquimista. Que me matem se não foi maçada: que essas todas estão de fala contra seus amigos, e nos olhos se entendem de improvisado

pera ãa dessas. Por isso dizia o outro, da má molher te guarda, e da boa não fies nada.

Hipólito - Não me ficou por cuidar tudo: mas não vi conjunções pera isso.

Barbosa - Vós senhor não lhe tevestes inda o pé ao ferrar, como eu. Achou-lha logo o Caixeiro pera triunfar de seus desenganos, porque boca que diz não, diz sim. E cortem-me as orelhas se lá não tem ido depois dos feros quantas vezes quis.

Hipólito - Eu vos direi, nada disso duvido, porque a mãe esteve em grandes práticas com ele.

Barbosa - Isso basta.

Hipólito - Si, mas Florença dizia que tinha a velha jurado de nunca mais *perro al molino*.

Barbosa - Jura má sob pedra vá. Que alma a da mãe pera em lhe acenando com interesse não ir como abutre à carne morta. Pois a filha, *de mala berenjena nunca buena calabaza*. Vós senhor não lhe sabeis cortar de vestir, elas sentem-vos mavioso. Sabeis que diz o castelhano? *Pera mal de costado es bueno el abrojo*.

Hipólito - Bem dizeis vós se eu tivesse pera lhe dar todo o necessário, eu a meteria nas encospas: e portanto quem mais não pode com sua mazela morre. De homem pobre nunca neste trato espereis bom feito. Se eu pudesse dar um beijo ao cofre de meu pai ?

Barbosa - Arte vos leixou a vós cá o maio.

Hipólito - Todavia parece-me a mim que lho hei-de visitar, porque já tenho consultado com minhas irmãs, que tomem o molde da fechadura em cera, pera lhe mandar fazer a chave, e o primeiro dia que minha mãe for fora sem elas, faremos batalha.

Barbosa - Não é melhor ãa gazua?

Hipólito - Já a provei⁵⁰⁸ e não aproveita.

Barbosa - Se eu lhe chegasse ao rabo com ãa que tenho, que me açoutassem se a não fizesse vir a furo.

Hipólito - Vós andais destro. E tornando a Florença eu hei-lhe de fazer⁵⁰⁹ este serviço, que nós havemos lá de ir: e se o galante estiver já de posse, será posto na andar da rua com gentil ordenança. E se eu for diante, quem primeiro anda, primeiro manja, ele se pode lograr do sereno. E se quisesse sua boa dita que tenha mandado a cea nunca seria triste.

Barbosa - Pois dir-vos-ei como será pera que a cousa corra por sua ordem. À *la misma* hora darei rebate a quatro rufistas da minha cevadeira, porque em um assopro dizendo, e fazendo lhe lancemos as portas fora do couce, e lhe façamos buscar meijoadá per esses telhados. Pois Parasito? *Si el cavallo bien corria, la yegua mejor volava*: muito mais ligeiro é dos pés, que da lingoa. E o mal é, que se correrá ele de o

⁵⁰⁸ a provei] aprovei [LA] a provei [LB: *lição que se adopta*.]

⁵⁰⁹ hei-lhe de fazer] ei lhe de fazer [LA: *lição que se adopta*.] ei lhe fazer [LB]

leixar no campo a boas noites?

Hipólito - Não sei agora cousa que não desse por me ver já nisso, e o achar, por me vingar da torta da mãe, que me faz toda guerra: e as assombrar, que saibam que me não podem meter⁵¹⁰ dado falso.

Barbosa - Andai por aqui vereis com vos sirvo: e porque sois polhastro bisonho, dir-vos-ei alguns preceitos que vos são necessários, pera irdes cursando nas leis da nobre gualtaria. O prosuposto desta cousa seja, o que diz o castelhano: *no querer ferir ni matar no es cobardia, sino buen natural*: porque se os que andamos no campo do amor houvéssemos de ir ao cabo com tudo, não haveria corpo, por mais que fosse de aço milanês, que podesse sofrer quanta costura lhe seria necessária. E por atalhar a cada dia andar com sorurgiães a costas. Assentaram os rufistas jubilados, so pena de ser havido por bisonho, e nenhũa iça copiosa, nem roqueira estar da sua mão, que nenhum rufião deitasse mão à espada, salvo depois de ter gastado toda a pólvora da lingoagem. E chegado a este termo de lhe faltarem os mantimentos, e ver-se em cerco: aqui tem licença pera responder com as mãos, ou falar com os pés, segundo o tempo e estômago lhe conselharem: porquanto o al é de homens curtos da razão, e mancebos sem experiência. Por o que no princípio, e

⁵¹⁰ meter] meter [LA: *lição que se adopta.*] metter [LB]

entrada desta ordenança costuma-se antre bons amigos⁵¹¹, armar cavalleiro⁵¹² o novel encarnando-o em algũa briga, em que da sua parte haja grande vantagem, e da contrária muita fraqueza: porque se ceva aqui, e fica-lhe crédito pera depois com se escusar de brigas, ficar tido por confiado, e não covardo. E é grão terço pera sustentar as pazes o ser havido por valente, por o receio que um tem d'outro. E quando isto não se aza, fazemos um arroído feitiço em parte pública, em que o novel entra como um Heitor, e feridos os ares, e as espadas amossegadas humanamente, fogem-lhe os salteadores, e ele fica havido por ronca bufando, e dando a taramela de rapazes, cabrões, etc. E sobre isto nos vai dar um beberete pera que lhe demos sua carta de examinação, e cura, que lhe val mais que ãa de seguro. Armado assi rufista, pode usar de suas liberdades que são: fazer feros em ausência: e em presença, havendo companhia em meio: açoutar a sua iça, se lhe não tiver bom vinho, por se mostrar mais denodado: meter em brigas os companheiros, e lançar-se de fora: arrepelar qualquer boneja de que lhe a sua fizer queixume sem licença de seu rufista: com o qual indo a desafio, cortarão somente pelas capas; e pera reconciliação assentarão que castigue cada um a sua por ser brigosa, e se escusar matarem-se dous homens; e

⁵¹¹ bons amigos] bons amigos [*LA: lição que se adopta.*] amigos [*LB*]

⁵¹² cavalleiro] por cavaleiro [*LA: cavaleiro, com assimilação de [l] a [λ], lição que se adopta.*] cavalleiro [*LB*]

castigadas as fãrão amigas, e irão de companhia merendar às hortas. Em todo lugar em que houver despartidores em meio, seja insofrível: e por um nada ronque como mar bravo, e fique melhor das palavras; que depois homens bons, pichéis de vinho, toda vingança é muito trabalhosa de tomar. E nestes passos sabeí que homens curtos, e desprovidos destas cautelas muitas vezes menos cabam sua honra, e roubam-lha covardos destros nesta arte. Digo-o ao tanto, porque não vos quero hoje ensinar tudo, que vos esquecera, mais dias *hay que lengoniças*⁵¹³: por agora basta o dito, pera que me leixeis fazer a tento esta assoada, e aprendais: e não queirais fazer valentias onde não são necessárias.

Hipólito - E que mau será scandalizar o galante, pera que não ouse vir-lhe a casa?

Barbosa - Não vos cumpre afrontá-lo, porque não perca Florença o proveito, que não lhe podeis dar. Só a ela, e à mãi haveis de enfadar porque vos temam, e não dêem as vossas horas; que é desprezo, e caminho d'outros atrevimentos: que não se fazem, salvo aos que elas chamam pato, homem que entende, e que não hão por da osma.

Hipólito - Pois como ordenais esta cousa?

⁵¹³ lengoniças] *por* longanizas [LA, LB]

Barbosa - Cobri a toloza⁵¹⁴, tomai vosso cubrante⁵¹⁵, e guarda⁵¹⁶, e i-me esperar em a sua travessa, que em um credo sou convosco com a manalha, e faremos maravilhas.

Hipólito - Não haveis de tardar, que eu vou já.

Barbosa - Perdei o cuidado.

⁵¹⁴ toloza] [LA, LB: este substantivo não se encontra atestado nos dicionários consultados; é possivelmente uma forma popular, derivada de tola, com o mesmo significado.]

⁵¹⁵ cubrante] [LA, LB: este vocábulo não se encontra atestado; é a antiga forma de particípio presente do verbo cobrar, cobrante, com valor de substantivo, significando o que recolhe, o que dá abrigo a, talvez uma capa.]

⁵¹⁶ guarda] guadra [LA, LB]

CENA SEXTA

Parasito, Macarena, Crisófilo, Florença, Hipólito

Parasito - Enquanto a cea se adereça bom a mi biba uvas⁵⁵³ por amor da senhora Florença. Oulá d'orelha é o vinho por São Pisco: aqui sou eu homem, e não a furtar uvas. Cá minha dona, e eu nos aviremos com este companheiro: vós lá tende vossos requebros, e boa prol vos faça.

Macarena - Não me hei-de negar , que homem vergonhoso o diabo o trouxe a paço.

Parasito - Boa benção. Dá nó, e não perderás ponto: antre ponto e ponto mordedura d'asno.

Macarena - Será pera o caminho.

Parasito - Pois dona temperai lá essa cousa, e lembrai-vos de mim a seu tempo, pois vos eu agora socorro à secura com este sangue da terra, de quem o francês diz que faz o bom sangue se é bom, e o mau nunca o Deos cá dê. Ó⁵⁵⁴ grande senhor Baco? Ó⁵⁵⁵ melhor licor dos licores? Este cria o corpo, dá saúde, sustenta, e conforta mais que todo outro manjar: amigo da natureza humana, alimpa o sangue danado, abre a boca das veas, e entrando per elas desfaz o fumo

⁵⁵³ uvas] vuus [LA, LB]

⁵⁵⁴ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

⁵⁵⁵ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

que gera tristeza, e dor; aguça o entendimento, pera cousas sutis: dá esforço, e força aos membros: nenhũa cousa assi claramente mostra sua virtude: presta pera toda compreição, em toda idade, e em toda terra. Pera os velhos, porque lhe tempera a frialdade: pera os mancebos, porque é conforme com a sua idade, e pera os meninos, porque lhe deseca a humidade, que neles é sobeja. Chamavam-lhe os antigos triaga grande, aqueyta ao frio: arrefenta o quente, amolenta o seco, seca o húmido. Per a sua sutileza leva a agoa pelas veas. O que bem cheira, é bom e faz proveito: o grosso e sem cheiro, faz roins humores: o azedo, é vilão roim, e benzer dele. O vinho claro, é sutil, faz vontade de comer, (mas pera isto bem posso eu escusá-lo) faz os homens piadosos, e humildes.

Crisófilo - E vós dir-lhe-eis mais virtudes que a madre Celestina.

Parasito - Como quem nunca em al estudou. Pois o mal é, que vos falo eu senão o próprio Dioscórides, Hipocras, e essoutros cabrões argueireiros. Porque eu senhor sou muito odorado⁵⁵⁶ de secura, e a agoa enxaugua-me o estômago. E mais dizem-me que gera juncos no bucho que picam o coração, e matam. E não quero morrer empicado como soldado, e por isso sou muito inclinado a este licor de Caparica. E como homem é obrigado a entender das cousas que trata, quis assi saber o centafolho do vinho, e sei-lhe os intrínsecos.

⁵⁵⁶ [LB: na rubrica da página 215, pode ler-se: scena quinta, mas refere-se à sexta.]

Já de conhecer o bom? Nunca o bêbado de mafamede aqui chegou.

Macarena - Disso todos sabemos um pouco: não darei ventagem ao mais pintado.

Crisófilo - E eu senhora Florença parece-vos que a darei ao mesmo Mancias no amor? Que diferentes cuidados, e que diferentes desejos.

Florença - Cada terra com seu costume.

Hipólito - Quero escutar se ouço algũa cousa, que a porta está fechada, e deve ser de ter já recolhido mantimento pera a noite, que d'outra maneira, não se fechara tão cedo.

Florença - Parasito mano queres dizer algũa cantiga que me alegre, já que gabaste o vinho a teu prazer?

Parasito - Se vós sois a minha senhora, como se vos pode negar nada? Farei de mim mangas ao demo, por vos contentar, e diga esse senhor ou faça per si, como eu disser por mim, que assi diz o sengo.

Custe-me embora a vida,
Do vosso gosto senhora
Não se perca ãa só hora.

Sejam meus olhos quebrados,
Moura meu contentamento,
Meus dias abreviados
À⁵⁵⁷ força deste tormento.
O gosto e vida consinto⁵⁵⁸

⁵⁵⁷ À] A [*LA: lição que se adopta.*] A' [LB]

⁵⁵⁸ consinto] consinto [*LA, lição que se adopta.*] consinto [LB]

Que se percam, vós, senhora,
Não percais de gosto ãa hora.

Em que mui grave me seja
Não vos ver, sofrê-lo-ei:
Padeça a alma que deseja
O que já desesperai.
Se por amor vos erreis,
Eu me castigo senhora
Com vos não ver cada hora.

Não está má esta letra, e fi-la eu a ãa casada, que me mandou que não aparecesse em ãa certa parte, por a sospeita que se criava de mim: e vai-se cosendo com o propósito como punhete com a terra em tempo de noroeste.

Hipólito - Como está práctico o calaceiro de Parasito. Eu seguro que tem lançado já em si mais de canada. Mas quão prestes se há-de fazer do meu bando, se me vir de vitória.

Florença - À fé que está o vilancete muito bom, e que folguei muito de o ouvir.

Parasito - Assi vos sei eu dar prazer.

Crisófilo - Dizei à senhora Florença as trovas que fizestes no dia dos finados a vossa dama.

Hipólito - Como o cabrão está grave, e sem sabor. Galantaria imprópria descobre grandes faltas. Apostarei que está Florença em extremo enfadada. Forças do interesse, que abate juízo, gosto, e liberdade.

Parasito - Po-la servir não há cousa que não faça; mas com condição que há-de dar depois comigo um par de voltas, porque vos quero mostrar como sou airoso em bailar com damas.

Florença - Tanto mo podeis rogar.

Parasito - Eu vos direi quando não quiserdes bailarei com minha dona, que me há-de manter jogo à mesa e leixar morrer como homem.

Macarena - O demo a chore.

Hipólito - A bêbada da velha como é de boa avença; até que morra há-de ser aquela. E o valhaco por lhe haver à mão o dízimo do que der o mercador a Florença, festeja-la-á melhor que a ãa menina de quinze anos.

Parasito - Sobre esta cabeça de sardinha beberei ãa vez.

Florença - Ora dizei as trovas.

Parasito - Que me apraz, diz assi:

Neste dia dos⁵⁵⁹ finados,
 Pois me trazeis na memória
 Mais que morto:
 Rezai-me os desesperados
 Sem dizer *requiem*⁵⁶⁰, nem glória
 Nem conforto.
 Que eu me tenho por defunto
 No que vejo
 Que vós meu bem, e mal junto,
 Fizestes ser tão sabejo.

⁵⁵⁹ dos] os [*LA*] dos [*LB: lição que se adopta.*]

⁵⁶⁰ requiem] requie [*LA, LB*]

A alma não está segura
No peito que desconheço
De coitado.
Na dor o 'spírito⁵⁶¹ se apura,
Consinto o mal que padeço
Desesperado.
Os sinos dobram por mim
Eu me choro
Que se me dilata o fim,
Minha sentença decoro,
Olhai por vós a que vim.

Pelo muito que vos quero
Desprezo toda outra vida,
Esta morte
É a que pretendo e espero
Seria se sois servida
Boa sorte.
Desejo o que não quisera
Pois não posso
O que já me desespera
Chego a pesar-me ser vosso,
Que se o não fora vivera.

Por muito mal que sentira,
Por mais dor que padecera
Já passara:
Se de mim pesar vos vira,
Este só bem que tivera
Me bastara⁵⁶².
Mas quer vossa condição
Ser tão forte,
Que em pago desta afeição,
Consentis em minha morte
De que sois ocasião.

⁵⁶¹ 'spírito] spirito [LA, LB]

⁵⁶² bastara] bastare [LA] bastara [LB: *lição que se adopta.*]

Por amor vos mereci,
Não desmereça senhora,
Pois o tempo
E razão gritam por mi,
Dai-me de folgança ãa hora
Ou momento.
E neste dia assinado
De conforto
Dos tristes, qual eu coitado,
Lembre-vos quem tendes morto
Da vossa vista privado.

E sabeis porque digo isto? Porque a rapariga é avenada, toma-lhe logo ãa contínua, que nunca sai da janela. Enfada-se de me ver, que lhe ando sempre, como Satanás, diante; por me queimar o sangue não parece a sol, nem a lua todo um mês: e por isso lhe mandei as sobreditas.

Hipólito - Que vida leva um vadio destes, que não teme nem deve: e contudo é tão tirana a melanconia, que também a tempos reina nestes, que é muito pera ver.

Florença - E vós quereis-lhe bem?

Parasito - Quem eu? Como trinta. Bebo os ventos por ela assiasnos[nas]vistas; e por vida deste corpo que me queima as pestanas com qualquer cacha que me faz. Vem a bogia caiu-me no chiste de⁵⁶³ lhe eu querer bem, e como vós outras sois todas de

⁵⁶³ de] de [LA: *lição que se adopta.*] do [LB]

rebenditas⁵⁶⁴, acertou que lhe disseram que dera eu ãa música a ãa padeira nas costas da sua rua. Foi, senhora, a sua manencorea tamanha, que em me vendo ao outro dia benzeu-se como do demónio: eu tiro-lhe o barrete, e ela de bem ensinada, desfecha-me com duas figas, e dá-me com a janela nos focinhos: que foi pera mim dar-me com ãa péla de chumbo nos peitos. Foi a minha paixão de maneira, que me fui lançar antre as hortas, e chorei todo aquele dia.

Florença - Ai maochas todo vós estais cortado.

Parasito - Por este céu que nos cobre, e por aquele mar sagrado, que é verdade. Não havia em mim paciência. Ali estive fazendo ãas trovas d'escacha pessegueiro.

Florença - Por amor de mim que mas digais.

Parasito - Quem quereis que vos negue obediência, dando-vo-la esse senhor, que aí tendes mais sojeito que Hércules a Ônfale.

Hipólito - A comparação é própria: assi te medre Deos. Daqui a pouco mo direis vós, e ele.

Parasito - Ora ouvi rimar, vereis se chegou aqui nunca Badajoz.

Senhora em que vos errei?
Que farei?
Que mal se pôs antre nós?

⁵⁶⁴ rebenditas] revenditas [LA, LB]

Não nos vemos eu e vós,
 Vede vós se o sentirei.
 Dos olhos em que me vejo
 Cada vez mais avarenta,
 Que quereis que disto senta?
 Mouro à mão deste desejo
 Se esta morte vos contenta.

Se cuidais que hei-de viver
 Sem vos ver,
 Senhora mal me tratais,
 Que eu não vivo pera mais,
 O al é claro morrer.
 Prezai-vos de ser sofrida
 À⁵⁶⁵ custa de minha dor,
 Sinal é de desamor,
 E de ser desconhecida
 A tão verdadeiro amor.

Passo descontente o dia
 Em porfia,
 C'os olhos por ver esperto
 (As onças, e por acerto)
 Um momento de alegria.
 E nas noites desvelado
 Em suspiros me estilando,
 Antre mim sinto chorando
 Não ser ante vós lembrado.
 Deos sabe qual disto eu ando.

Não me sejais tão esquiva,
 Porque viva,
 Que se amor, e razão val,
 Deve ser vosso o meu mal
 Pois tendes a alma cativa
 Não me gasteis o meu tempo
 Em desgostos, e esquivanças;
 Mostrais-me em desconfianças.
 Vosso desconhecimento

⁵⁶⁵ À] A [*LA: lição que se adopta.*] A' [*LB*]

Rouba minhas esperanças.

Vós tendes de vossa mão
Meu coração
Pera tudo o que quereis.
Pois dar-me vida podeis
Não ma negueis sem razão.
Olhai que se passa a vida
Sem vida, e sem fundamento.
Minha dor, e meu tormento
Me serão, se sois servida,
Descanso, e contentamento.

Já que isto sabeis que é assi,
Comedi.
Que mor obrigação é
Merecer-vos minha fé,
Que o tempo que é contra mim.
A mercê mais se agradece
Que se faz liberalmente;
Se em vossa alma amor se sente,
Senti que a minha padece,
Folgai de a fazer contente.

Dai-me de vos ver ãa hora
(Ó⁵⁶⁶ senhora)
Pera mil contentamentos.
Que sem vós, todos momentos
De pesar alma me chora.
Cansai já de assi cansar-me,
Fazei-me o que vos mereço:
Que por vós, e por mim peço
A vós, e a mim o salvar-me
De um desejo que padeço.

Ora notai agora como fui discreto, que não me dei por achado das

⁵⁶⁶ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

suas figas, porque era caso de injúria: e a mostrar-me tomado dela, fora necessário tornar por minha honra, que não se podia sanear salvo com a tomar em couros, e dar-lhe ãa estafa, e eu a darei antes em mim.

Hipólito - Mas em ãa borracha. Que este não é pera fazer mal a ãa gata.

Florença - Mas de verdade sois muito namorado?

Parasito - Está por nacer quem mais servo for do amor.

Florença - E amor que cousa é?

Parasito - Ninguém vos saberá dizer disso mais que eu, e se quereis ouvir fazei silêncio. Saberei todavia de minha dona primeiro em que ponto está a cea: porque estes bocejos que me vêm, são arrepiques de fome: e não queria que se me desecassem as gurgumelas de maneira, que fosse necessário valer-me de apistos com colher; que é um⁵⁶⁷ perro estado, porque mal vai a raposa quando anda aos grilos.

Hipólito - O velhaco é, quando o rio vai cheio todos os caminhos vão ter à ponte. Todo seu cacarejar é grangear a negra cea: mas eu o farei ficar em branco se posso.

Parasito - Que dizeis *la dona* benzerei a mesa?

Macarena - Inda tendes tempo pera vosso parolar.

Parasito - Vá sobre vossa alma. Vossa palavra vá diante pelo canal do moinho abaixo: que inda vós esta noite haveis de ver as candeas

⁵⁶⁷ um] hum [LA: *lição que se adopta.*] hem [LB]

diante os olhos segundo a cousa vai.

Macarena - Eu vos direi: perto está a cama.

Parasito - Quem se bem estrea bom ano lhe venha; *hazme la barba, y hárete el copete*, que o brindar, há-de estar a minha conta, como tangerdes assi vos bailarão.

Hipólito - Por isso a torta da velha não me pode engulir, porque não lhe dou beberetes. Hei-lhe de lançar Barbosa que ma açame, e juntamente marterize com açoutes, porque gosme o comido, e me sofra, que ela não me pode tragar.

Parasito - Sabido tenho que ninguém teve nunca a fortuna tanto da sua mão, que lhe faltassem muitos contrários a sua opinião: donde vieram as seitas diferentes dos filósofos. E naceu isto do grande amor que naturalmente temos à verdade: e cada um pretende dar com ela.

Hipólito - Ao menos vós falais muita.

Parasito - E portanto não vos hei-de contar os tremores, esperanças, suspeitas, ciúmes, cuidados, pensamentos, tormentos⁵⁶⁸, penas, trabalhos, ais, suspiros, gemidos, dores, desavenças, reconciliações, guerras, treguas; aquele blasfemar da fortuna: culpar os deoses, mal dizer a natureza: e todas as mais blasfêmias que esses cabrões dos poetas dão por calidades do amor. Dizendo que inflama os peitos de ardor mais contino, que o das ilhas vulcanas, e o monte Etna: e

⁵⁶⁸ tormentos] tormentos [*LA: lição que se adopta.*] [*LB: omite tormentos*]

encrava os corações de setas ervadas, e mortíferas. Dos olhos faz fontes perenais de lágrimas. Os suspiros como furiosos ventos. E a menos maravilha que faz, é viver sem alma o corpo do paciente, porque tudo isto é de longas vias longas mentiras, e pintar como querer. Vereis um destes contemplativos, que faz solilóquios com a sua dama: se entra em a louvar chama-lhe ídola: os seus passos florescem tudo o que pisam: os costumes que nem Minerva⁵⁶⁹, nem Palas postas nos bicos dos pés lhe dão pelos calcanhares: os vestidos celestes, o passo real, as palavras, que amansarão o mar: cabelos d'ouro, sobrancelhas de til: olhos duas estrelas resplandecentes: as faces de rosas vermelhas: beijos de fino coral: dentes de marfim: o peito de leite: as mamas pomos, as mãos de neve: as unhas de pérolas. E tudo isto é a mesma mentira. Vão pera marmanjos, que erram toda a barreira em claro; tudo é já velhice, e andar pelas ramas. Sabeis em que está a fonte do amor? No que diz o sengo: quem me quer bem, diz-me o que sabe, dá-me do que tem.

Macarena - Assi digo eu aramá, que todos essoutros ademanes são mentiras.

Parasito - Isto é falar ao pé da letra, e não andar com trinta lingoas.

Hipólito - Como lhe quadrou à velha má o interesse? E o valhaco lingoaraz o demo fala dele⁵⁷⁰; é ataimado, e nada lhe fica por dizer, nem

⁵⁶⁹ Minerva] Minerna [LA] Minerva [LB: *lição que se adopta.*]

⁵⁷⁰ delle] delle [LA: *lição que se adopta.*] nelle [LB]

entender.

Macarena - Por isso dizem, não dá quem tem, senão quem quer bem; e mais val um toma, que dous te darei. Quando eu era moça, que diferentes namorados dos deste tempo: tudo eram franquezas, e dar mais do que tinham. Valia mais o que eu então desperdiçava, que quanto agora aproveito. Homens de boa ventura, corações sem malícia, não os cegava o interesse: pelo seu gosto nada estimavam. Aquelas maias que punham, aquelas lampas; aquelas alvoradas; comer, e beber, e boa ventura: Não se tinha por homem, o que não fazia extremos por sua dama. Agora, bofá meimigos⁵⁷¹, rolha; à⁵⁷² fiúza de parentes cata que merendes: todos fingimentos, e malícias, comprir com seu apetito; e então viste-te do teu, e chama-te meu. E é tanta a falsidade do coração humano, que onde mais conversação, mais pouca fieldade, e mores cautelas. E porque isto digo, que o sei mal pecado do que tenho visto, dizem-me que sou interesseira. Querem que estemos aqui com portas abertas pera seus passatemplos, e depois comer do está quedo, ou picar no dente. E a culpa é da parvoíce das molheres, que são já tantas, e tão baratas, que as não têm em estima.

Hipólito - Todas as suas razões hão-de ser sobre rodear seu proveito. Quão

⁵⁷¹ meimigos] [LA, LB: *contração arcaica de meus amigos, segundo Moraes.*]

⁵⁷² À] A [LA: *lição que se adopta.*] A' [LB]

certo é crescer a cobiça na velhice.

Crisófilo - Isto me deveis senhora Florença, que não desejo ter poços de ouro, senão pera vós. E se vos conhecesse o amor que vos mereço, nada teria próprio.

Florença - Essa é má escusa.

Crisófilo - O coração vos quisera.

Florença - Esse, senhor, se o não tendes por vosso sabei-o ganhar, e obrigar; que humano é pera tomar a tinta das obras que lhe fizerem. Esquivança aparta amor, boas obras homezio; e se isto é em peitos imigos, que fará nos amigos? Crede-me que ninguém procurou amor que o não alcançasse, se lhe sabe buscar os meios per que se aquire.

Crisófilo - Não me faltariam eles, nem diligência se me valesse.

Florença - Já digo senhor, parece-me isso escusa de mau pagador, e que pelo seu coração julga o alheio; pois eu molher sou de carne como as outras.

Crisófilo - E eu homem com os outros.

Parasito - Ora eu quero repartir estas contendias, e porque não repeleis o juiz, darei a sentença por minha dona, que tem razão no que diz. Que se eu molher fora, à minha fé, pintado houvera de ser o garanhão que me vencera: que das molheres fazerem muito pelos homens, vem a serem desestimadas deles. Amiga Florença quem quiser comer,

depene, estima-te e serás estimada; não te fies de galhoupitos⁵⁷³; aferra-te a esse fidalgo que te poderá tirar de lazeira, e fazer de ouro e d'azul, que o al é burla . Essoutros picões unhas de fame, que se dão um ducado toda sua vida o choram, não nos armam, são gente baixa.

Hipólito - Ó⁵⁷⁴ bêbado cabrão quem te quebrasse os focinhos. Medrarei com tais conselheiros? Não hei-de ter vida com esta enquanto estiver com a mãe: porque haver cada dia de curar corações corruptos de sua inclinação, é trabalho sem fim, e querer secar o mar. Que o mal d'alma, pelos olhos e ouvidos entra, e encovado, é muito mau de desencovar.

Crisófilo - Dizei-lhe muito disso, quiçá vos crerá.

Florença - Mas tornai à vossa prática dos amores, que folgava de vos ouvir.

Parasito - Eu mais quisera já comer, se a torta da vossa criada acabara de assar: mas pois que assi é beberei sobr'esta alcaparra. Outro vinho é este, e não mau por esta barba. Tomai dona, vede lá se vos arma. Forrar por dentro ãa vez, e mau grado a roupões de martas.

Macarena - Enquanto eu tiver deste pouca roupa hei mister.

Parasito - É morta por se fazer moça.

Hipólito - Vai tardando Barbosa com sua companhia, e eu estou-me fregindo

⁵⁷³ galhoupitos] *por* galopitos [LA, LB: galhoupitos *com assimilação de* [l] a [λ].]

⁵⁷⁴ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

em cuidar como está concho meu competidor, triunfando das minhas mágoas, e Florença esquecida delas. Por isso dizem, quem mais não pode com sua mazela morre. Não debalde diz Ovídio, que faz amor amar com a seta de ouro, porque este em peito avarento acaba tudo. Dánae com a chuva de ouro emprenhou. Atalanta⁵⁷⁵ com as três maçãs d'ouro foi vencida. E com ramo de ouro deceu Eneas aos infernos, e lhe foram abertos. Assi que este faz campo franco, qual ora⁵⁷⁶ o tem o galante. E a seta de chumbo fez fugir Dafne do amor que na verdade, pobreza nunca em amores fez bom feito.

Parasito - Ora seguindo meu propósito dir-vos-ei o que ouvi deste rapaz do amor. Diz que no dia do nascimento de Vénus que os deoses celebravam com grande solenidade cada ano. Foi ãa vez feito um grande convite, ao qual veio Poro filho do conselho, e deus da abastança. E como nunca falta um roim, veio também Pénia deosa da pobreza, pera se prover d'algũa miséria do sobejo. O regozijo foi grande, e como destas festas sempre alguns saem músicos, outros tártaros⁵⁷⁷, e com muitas frieiras nos pés; aqueceu que o senhor Poro se meteu tanto naquele néctar dos deoses, que se emborrachou, e foi-se deitar a cozer no horto de Júpter, e Pénia,

⁵⁷⁵ Atalanta] Aralanta [LA] Atalanta [LB: *lição que se adopta.*]

⁵⁷⁶ ora] hora [LA, LB]

⁵⁷⁷ tártaros] tartaros [LA: *lição que se adopta.*] tataros [LB]

junto a ele; donde se lhe azou nacer o amor filho da abastança, e da pobreza. O que em caso que vos aos dous aquecesse, diríamos que nacera da riqueza e da fermosura, que era mais honesto.

Hipólito - Como o ladrão os grangea, e lisonja: e os carretos que traz pera antre graças segurar, ou abonar o partido do senhor, pelo que dele pretenda⁵⁷⁸.

Parasito - E ouvi como está delicado o conto, porque não falo a lume de palhas. Nace o Amor de Poro que é a boa razão; e de Pénia desejo, que está claro proceder da necessidade, e falta, donde o juízo claro envolto com o desejo faz amor fino como coral. A natureza do desejo é proceder da pobreza, e mingoa, que tem do desejado: e a natureza do deleite requiere, pera ser, que tenha falta que pretenda satisfazer: que assi como antre os muitos manjares a fame falece: assi na abastança não há desejo, e na mingoa se gera, e tanto maior é o desejo quanto maior a necessidade em que nos achamos. E por isso dizem, donde te querem *mucho no vayas a menudo*: donde as gentis damas trazem por prática encarecerem-se, e darem a seus amigos fame, como a gaviões⁵⁷⁹, polos trazerem lestes, e desejosos.

Hipólito - Páscoa má venha pelo valhaco, que assi à doutrina em favor da sua parte.

⁵⁷⁸ pretenda] pretenda [*LA: lição que se adopta.*] pretende [*LB*]

⁵⁷⁹ gaviões] [*LA, LB: segundo Houaiss, o substantivo gavião é proveniente do gótico gavilane; a partir da forma de singular formou-se o plural arcaico gaviões (<gavilanes), com síncope da nasal <n> intervocálica e nasalização da vogal anterior.*]

Parasito - Exemplo temos antre mãos, que da senhora Florença não ser rica, e vós serdes desejoso, nasceu essa afeição com que vos tratais. E daqui se segue, que vós não podeis temer de quem tiver menos que dar, que vós: de quem mais der, si. Porque dádivas quebrantam penhas; quem mais mete na barca mais saca, e quem não dá o que dói, não há o que quer.

Hipólito - Bem choutarei eu logo. E o cabrão fala a mera verdade.

Crisófilo - Ora vos digo que per essa via não é muito seguro estado o meu.

Parasito - O vosso é como o de todo o mundo, ninguém o tem seguro. Assi como não há tão roim estado, que não haja outro peor: assi o não há tão bom, que não haja outro melhor. Esta cousa não é mais que pegar as comas. Amor é animal de muitas cabeças; e o que se há-de conservar nas das molheres, é tão incerto como elas: porque tal cabeça, tal siso.

Florença - Dar nelas. Pois o dos homens vos digo eu que é certo? Enquanto lhe fazem a vontade. Inde mal porque nós não temos siso pera os tratar como nos eles merecem.

Parasito - Não vos ensoberbeçais, que assi como há Cupido pera vos servir, assi há pera nos vingar o deos Amor, chamado Anterota, de que se conta, que em Atenas havendo ãa dama por nome Meles, e desprezando seu servidor, mandou-lhe que se lançasse de ãa rocha abaixo, o que o coitado logo fez, e ela tomou disto tão grande nojo

e arrependimento que se lançou após ele. E mortos assi ambos, os moradores daquela terra fizeram ãa ara a Anterota vingador d'amor. Vénus pariu o amor, vendo-o em extremo fermoso, as Graças que o criavam juntamente com a mãe entendendo que não crecia, e que era sempre menino sem disposição que respondesse a sua beleza, desejosas de o ver grande, foram-se ao orago de Témis que lhe desse algum remédio. Ele lhe respondeu que lho daria, e que entendessem a natureza do Amor que era poder nacer só, e não podia crescer só, portanto que lhe dessem irmão com cuja ajuda crescesse. Pariu então a Anterota que fez crescer Cupido em sua companhia, e sem ele logo descrece. E por isso diz o castelhano, *se queréis amor, amad*: e cá dizemos, com amor se paga amor. Assi que senhora Florença em vossa mão está serdes amada, com amardes.

Florença - Isso será quanto às mulheres, mas os homens, está visto que não fazem mal senão a quem lhe quer bem.

Parasito - Em roim gado não há que escolher, tal é o demo como sa mãe: mas o que eu vos digo é assi. E os Atenienses pintavam o Amor com ãa palma na mão, e Anterota que lha queria tomar. E mais vos digo que é bargantaria, ou parvoíce pintá-lo cego. Pintores parvos me têm morto: que todo o seu feito é cabeça de galo, rabo de serpe, unhas de corvo, e trás barras andar embora, pintar sem pés nem cabeça, e então entendi lá. Se me a mim assi leixassem viver a meu

sabor, como a eles pintar à sua vontade; mau grado a todo mundo. Assi que digo, é grande erro pintar o Amor cego, pois nasce da vista. E os que lhe chamaram cego, entendem pelo escondido, e secreto: e porque cega o entendimento acerca da cousa amada, julgando por bom o que lhe contenta. Sabe o que deseja, e não entende o que lhe convém: enfusca o sentido comum, mas não o exterior: porque os olhos são guias do Amor, diz Propércio.

Crisófilo - E vós como o pintareis?

Parasito - Eu vo-lo direi, que não falte ãa jota: e vereis como sou discreto.

Os Gregos o pintaram menino; não porque não seja também velho como o tempo, e nacido antes que Caos fosse diviso, mas porque nos priva de razão, e juízo pera saber escolher: e assi quem mal cai, mal jaz: cuja ventura castanha podre, donde dizem, quem feo ama feroso lhe parece: e quem boa dita tem a Deos agradeça. Anda o rapaz nu, porque nunca se pode encubrir. E cuidam os namorados que os outros têm os olhos quebrados: e por fim todos são *trasquilanme en consejo no lo saben en mi casa*. Ora triste, ora ledos: porque tal é ele. Ao lado esquerdo ãa espada, e ao direito ãa aljava com setas, que notam os raios dos olhos com que fere. Nas mãos um arco e ãa tocha, que mostram fazer guerra a fogo e sangue. Com asas nos pés, porque ora levanta os amadores com esperança aos ares; ora com temor os abaixa à terra. E a letra que lhe punham,

dizia: «Amor nu, armado, besteiro, traz espada contra os homens: fogo contra as mulheres, arco contra as alimárias: asas pera alcançar as aves, e anda nu pera mergulhar aos peixes: e desta maneira nenhũa cousa lhe escapa». Vedes aqui toda a história. E se vós quisésseis era tempo de cear, e se não seja de bailar, e a senhora Florença há-de sair a campo, com licença do senhor, ou todos três.

Se me tu mal queres,
Pedro, lá te avem,
Tua dama me quer bem.

Mando-te eu moer
E roer a castanha.
Que ela tem de manha
Querer quem a quer.
Viva quem vencer,
E tu lá te avem,
Tua dama me quer bem.

Seja ela tua dama
E tua a figueira,
Estê-lhe eu à beira:
E por ti má trama.
Ela ama quem ama,
E tu lá te avem
Tua dama me quer bem.

Macarena - Ora passo aramá não derrubeis o sobrado.

Parasito - Calai-vos dona, o bom dia metê-lo em casa, folguemos enquanto podemos,
que não faltará outra hora em que choremos, inda que não queiramos.

CENA SÉTIMA**Barbosa, Crisófilo, Hipólito, Múcio,****Parasito, Florença, Macarena, Companheiros**

Barbosa - Que vai cá? Parece-me que ouço Parasito com a sua guitarra?

Hipólito - Estou mouro, porque não vindes, perdestes a maior farsa do mundo, que esteve Parasito um papagaio. O diabo lhe ensina tanto.

Barbosa - Estes têm grande memória: e então ajudam-se do que ouvem e do que vêem, de maneira, que té um certo termo, direis que não há mais eloquência de Atenas. E por isso não hajais por perdido o decoro em falar mais do que esperáveis: que por estes se disse: debaixo de má capa jaz bom bebedor.

Hipólito - Perdei o cuidado disso.

Barbosa - Falai a estes senhores.

Hipólito - Beijo as mãos a vossas mercês.

Múcio - Que se há qui⁵⁸⁰ de fazer? Não se dilate mais: porque temos muita costura esta noite, e que indo daqui se há-de cortar e coser. Eu tomara agora meia canada pera me esquentar, que como levo o peito quente, não há cousa que se me pare.

Hipólito - Eu vos direi, a taverna perto está: eis aí um tostão, convidai os

⁵⁸⁰ qui] *por* aqui [LA, LB]

companheiros.

Múcio - Isto está de rosas. Em um salto tomaremos este lava-dente, e entre tanto mandai dobrar por eles. Ou⁵⁸¹ da osma.

Companheiros - Que foi?

Múcio - Vamos piar de godo este cosco molharemos os gasnetes, que como diz o galego, quem tanta agoa há-de beber, mester há-de comer.

Barbosa - Não vos detenhais.

Múcio - Fazei de conta que somos vindos.

Hipólito - Que ataimado este parece.

Barbosa - De *los* lindos, e sabeí que é denodado. Pois os outros dous? São pouco menos de encartados, e todos três minhas almas. Darão dinheiro pelos eu ocupar, porque também eu tenho feito por eles das minhas, e nunca me acham descalço se lhes cumpre. E desta maneira ninguém nos faz ãa, que vá pola pendenza a Roma, e trago assombrados todos essoutros velhacos que me jejuam as vésperas. O regozijo de Parasito? Eu seguro que tem bona-chira, que ele é como francês, não canta senão depois de molhado o papo.

Hipólito - Remolhado podeis dizer.

Múcio - Sus aqui somos; arrombem-se estas paredes, não haja mais homem que tenha paciência: que eu estou pera me dar com cem touros.

Barbosa - Ora dir-vos-ei como será. Vós que não sois conhecido na fala

⁵⁸¹ Ou] *por* Ó [LA, LB]

haveis de bater à porta, que vos abram brandamente, por vermos se acode a velha abaixo: e acodindo, lançar-nos-emos dentro, e quando não, trataremos de a lançar fora do couce.

Múcio - Não será melhor dar-lhe ãa matrícula?

Barbosa - Fazei o que vos digo, que eu hei-de entrar hoje nessa casa, e depois será o que for, que assi foi ontem a estas horas.

Múcio - Vou. Cé, dissei-me, a porta tem algũa greta?

Barbosa - Ide seguro que de dentro não vos podem fazer nojo.

Múcio - Pois tende tento se abrem a janela, não venha algũa louça perdida.

Barbosa - Aqui estamos convosco não vos receeis.

Múcio - Ta, ta.

Parasito - Escutai.

Múcio - Ta, ta.

Parasito - Naquela porta batem, se será a justiça.

Florença - Mãi falai.

Macarena - Quem bate aí?

Múcio - Cé, senhora, ãa palavra de vossa mercê.

Parasito - Não abrais nem a meu pai.

Macarena - Não posso eu agora, que jaço já na cama.

Múcio - Não se recee, senhora, que gente segura é.

Parasito - E vós falais por gente? Bom está o negócio.

Múcio - É cousa de seu proveito.

Parasito - Velha não vos engane, que isto parece alcatea; que ouço rugido de armas.

Florença - Que diabo? Aqui não estão ladrões. Falai mã, quiçá será pessoa a que devais cortesia, e despedi-lo-eis.

Parasito - Não é tempo de comprimento. Sarrar a boca, e coser, é o siso.

Múcio - Ah senhora, por mercê.

Macarena - I-vos embora, que eu não abro a minha porta a tais horas, e mais a quem não conheço.

Múcio - Conheço-a eu logo pera a servir. Vede-me vós e então fazei o que quiserdes.

Macarena - Esse é agora o meu cuidado. Ide embora, ide embora: andais ocioso: vindes errado.

Florença - Senhor quereis-me dar licença que lhe fale?

Crisófilo - Senhora não. E estou muito enfadado, porque vou entendendo isto.

Florença - Que há ele de entender? Posso eu tolher a ociosos seus atrevimentos?

Macarena - Florença eu te conheço muito bem. Tu não queres ter cabeça?

Florença - Que fiz eu agora? A velha destampada com que vem? Ide, ide cozer.

Macarena - Guardai-vos dona velhaca. E vós falais?

Florença - Ai que me matou. Justiça de Deos, quebradas tenha as mãos, e os

focinhos.

Crisófilo - Ah senhora não seja mais.

Macarena - Leixai-me com essa desavergonhada mexedora de conluios: má velhice te dê Deos. A minha maldição te lanço com o pé, e com a mão, que de debaixo dos pés se te levante cousa com que sejas espostejada. Assi o peço eu a Deos e a Virgem sua Madre.

Florença - Leixai vós agora a velha desasisada. Como a cera é sobeja logo queima a igreja. Logo eu receei isto quando a vi beber.

Múcio - Grande baralha vai lá. Eu dizia que lhe déssemos ãa matrícula.

Hipólito - Não me hei-de contentar com isso. Ah boa dona, abri a porta, e senão crede que vo-la hei-de arrombar, e saiam cá esses cabrões.

Múcio - Alto com gentil ordenança façam-se prestes os meus senhores, e tomem a estrada dos telhados, que lhe será mais seguro.

Macarena - Que velhacarias são estas? Que cousa é esta? Assoadas a minha porta? Pois como eu sou disso? Não morre cá ninguém de bafos, também cá há machos.

Barbosa - Isso queremos nós ver.

Macarena - A porta está a recado.

Parasito - Isso quisera eu saber.

Crisófilo - Eu queria escusar brigas, e mais por estas, que com ninguém têm lei.

Parasito - Bom estaria bofé quem brigasse polas defender. Que se tem

merecido a alguém mal, que lho paguem. Carnes de cães são: querem-se machocadas como coelho.

Crisófilo - Eu tenho que Florença os conhece.

Parasito - Vedes aí cousa porque a nunca veria dos olhos.

Crisófilo - Assi estou eu bem arrependido de me achar aqui.

Parasito - Quereis que vos diga? A verdade é não vir a casas destas, porque nãa refega destas melhor é que digam, sai por aqui zavaneira⁵⁸², que sai por aqui velhaco. Se eu isto soubera, não viera cá por nenhum preço do mundo.

Crisófilo - O mesmo digo eu por mim.

Macarena - Ah que d'el-rei que me querem roubar, ladrões, ladrões. Acudi àquela porta, que são uns covardos, e se lhe baterem os pés saltarão montes e vales.

Parasito - Em que obrigação nos ela agora quer por? Ide-vos agora aventurar de noite escura, que podem ser cem homens com arcabuzes?

Crisófilo - Eu isso digo, homem não há-de cometer perigo que não vê.

Macarena - Faz luar como na metade do dia. E se vos sentirem que lhe resistis, não vos hão-d'esperar: que muito pode o galo no seu poleiro: e acudirá a vizinhança, e não será mais nada.

Parasito - Como todos falam fultos sobre a pele alheia. Saí ora às atenças dos vizinhos, que dormem a mais levar, e dá-lhes bem pouco dos

⁵⁸² zavaneira] *por* zabaneira [LA, LB]

que quebram as cabeças.

Crisófilo - Eles todavia parece que arombam⁵⁸³ a porta. Que remédio?

Parasito - Bem mau é, se assi é. Eu por mim não no hei já: que se entrarem pedirei misericórdia, e tudo será levar duas pescoçadas. Mas vós, de meu conselho, se isto é sobre competência⁵⁸⁴; deveis sair pola janela da câmara que vai sobre o telhado: e daí vos podeis acolher de um noutro, até vos pôr em porto seguro, e outro dia fareis a vossa..

Crisófilo - Parece-me que me aconselhais⁵⁸⁵ bem. E vós quereis ficar?

Parasito - Si, porque hei medo de dar algum salto que me custe mais caro. E a vós vem-vos bem ficar eu: porque enquanto se deteverem comigo, vos poreis em salvo. E fazei-o logo, não vos detenhais, que eles dão-se pressa: e a velha vai-se já calando de medo, porque vê o feito mal parado.

Crisófilo - Ora vou, e fechai-me a janela como eu sair.

Parasito - Andar muito aramá, o demo me mesturou com este, pera que lazere o justo pelo pecador. Mana Florença o galante acolheu-se, a casa fica livre e desocupada: por quitar *questiones* vai-te abaixo, antes que de todo arrombem a porta, e abra-se por bem antes que por mal: mas seja com condição que entrem em paz, e meu corpo forro.

Florença - Chamai vós minha mãe, e pacificai-a; que eu farei tudo chão.

⁵⁸³ arrombam] arombão [LA: *lição que se adopta.*] arombão [LB]

⁵⁸⁴ competência] competeneia [LA] competencia [LB: *lição que se adopta.*]

⁵⁸⁵ aconselhais] conselhais [LA:*lição que se adopta.*] aconselhais [LB]

Macarena - Justiça, justiça.

Barbosa - Cantai vós outros alto que a não ouçam.

Companheiros - Iça, iça, *Rombadera no te rombes con picon, rombate con el garçon, apiaba, apiaba.*

Parasito - Dona não vos esganiceis que o hóspede pôs os pés em polvorosa, vá-se com⁵⁸⁶ todos os diabos pera cabrão covardo: leixemos Florença fazer as pazes, que cea temos pera todos.

Macarena - Acolheu-se pelos telhados?

Parasito - Como gamo.

Macarena - A benção de Deos vá com ele, pois não foi pera defender a dama, que a perca.

Hipólito - Ponde todos os ombros riço, que desta vez a levaremos.

Florença - Ah senhor não cureis disso que eu vos abrirei se sois quem cuido: mas há-de ser com condição que entreis só.

Barbosa - Esta é Florença, falai-lhe.

Hipólito - Ah senhora⁵⁸⁷ Florença que dizeis? Quereis-me abrir?

Florença - Senhor si⁵⁸⁸, se estiverdes pelo que eu quiser.

Hipólito - E quando fiz eu outra cousa?

Florença - Porque me matais senhor Hipólito? Que escusadas afrontas estas?

Hipólito - Vós as causais. E mais heis-me de dar licença pera me dar a

⁵⁸⁶ [LA: na rubrica do fólio 177r, pode ler-se: Scena sexta, mas refere-se à sétima.]

⁵⁸⁷ senhora] senhora [LA: lição que se adopta.] senha [LB]

⁵⁸⁸ Senhor si, se] Senhor si, se [LA: lição que se adopta.] Si, si, se [LB]

conhecer a esse galante que lá tendes: se não tomá-la-ei eu.

Florença - O galante, mal pecado, não foi pera esperar vossa cortesia.

Hipólito - Estais zombando? Mas de verdade, acolheu-se?

Florença - Nem eu vos abrira d'outra maneira, por vos não ver em brigas.

Ficou Parasito que é homem pacífico, e sem prejuízo⁵⁸⁹: e por amor de mim que não lhe façais mal, porque o tomei debaixo de meu amparo.

Hipólito - Eu lhe dou seguro real, já que lho destes.

Florença - Com minha mãe também não cureis de questões: porque nunca acabaremos.

Hipólito - Muita paciência quereis que tenha, e por isso faz ela sempre o que quer. Essoutro cabrão folgara que me esperara, pera o ensinar a voar.

Florença - Ele teve esse cuidado. Ora subam esses senhores, tomarão alguma colação.

Hipólito - Subamos.

Parasito - Eu com este copo vos hei-de esperar, pera que aqui quebre a fúria quem a trazer.

Hipólito - A senhora Florença amansa tudo.

Parasito - Companheiro toca, que eu te prometo que é malvasia. Gainhão bons pera roins.

⁵⁸⁹ prejuízo] perjuizo [*LA, LB, et passim*]

Barbosa - Vós velhaco sabeis muito, sempre ficais em pé como gato.

Essoutro Monseor quisera eu achar.

Parasito - Quem meu amo? Assi é ele parvo. Em meus dias vi homem tão leve dos pés. Parecia alvéloa por aqueles telhados: a só telha não quebrou, tem seu pai nele filho pera cem anos.

Múcio - Aqui há mais que fazer de nosso ofício? que eu hei-de fazer carniça antes que me amanheça, já que aqui não houve em que cevar a espada.

Barbosa - Assi em pé podeis tomar sendas vezes sobre este lação: sus ande de *mano* em *mano*.

Múcio - Há-de ser em um assopro, que se me vai o tempo: porque me dizem que é entrado na terra um rufião, que me desafiou por ãa carta, e não hei-de pregar olho té o descobrir. E porque vejais se zombo, vedes i, podeis ler se quiserdes.

Parasito - Eu a hei-de ler enquanto vós outros bebeis.

Carta

*A ti Múcio quemado, Piscardo⁵⁹⁰ el Flanco salud con
que sostengas la vida: que en sus manos tienes de
sacrificar à mal tu grado.*

⁵⁹⁰ Piscardo] Giscardo [LA] Piscardo [LB:lição que se adopta.]

Tengo acá sabido, pera tu daño y mi coraje, que sin respetar al temeroso acatamiento que a mi persona se debe, llegado que fuiste en esa ciudad, por tu desventura rondaste la puerta a mi hembra, y lo que peor es, y insofrible, que por le afrentar no mirando que me afrentabas no fuiste pera trabar una pendencia, hasta con los diablos, en frente a sus ventanas, de que le quedase la puerta rociada de sangre, y la calle sembrada de piernas, y braços cercenados al primer tajo. Y derreniego de la conjunción de la luna, y sus eclipses si te puedes escapar o escabullir de mis ensangrentadas manos, y de la saña que concebida tengo contra ti, aunque tengas alas de dragón para huir, uñas de león pera resistencia, y pera herir sea tu espada cola de sierpe, y te preste sus fuerças el mismo Hercules, porque⁵⁹¹ todo será dar materia al fuego que consuma. 'cá tengo la calidad del agua, que se esfuerça contra lo más fuerte. Y puedes tener por sin duda averiguado de hoy más, que la menor parte de tu cuerpo será hecha más menuda, que los átomos de naturaleza, pués que tu mala estrella lo ha carreado. Y si por atajar a mi fulmíneo enojo te aborcares, antes que las sentelas de mi insaciable ira te consuman. Juro al epícolo de Venus, y a los aspectos de los planetas, y por las reliquias del templo Amon hallen de el libico desierto, de hazer de tus huesos jarabe pera ablandar el alboroto de mi sangre, que tal furia trae, que quiere romper los albanares de mis venas. Mande Dios no lo ponga en efeto: porque hago boto y reboto, que si dispara, y torna su desgarró no pare hasta hazer otro diluvio de sangre, cual ha sido el de Deucalion de agua. Tu

⁵⁹¹ [LB: na rubrica da página 243, pode ler-se: scena sexta, mas refere-se à sétima.]

pero as sido dichoso en que al presente un breve negocio me detiene, porque no se me esgarre dentre manos: y es matar dos hermanos que sostienen un pleito contra un cavallero maiorasgo: y tengo recebida la señal. Lo que mediante el orgulloso rigor de mi braço, prestamente efetuado, fue contigo al mismo punto: puedes pensar que este breve plazo te queda de treguas de vida: sino que pesa a la circunferencia del orbe, y a los montes de la luna, y al mar bermejo: porque no te me hizo Dios de tantos cuerpos, cuantas de cabeças tenia la Idra; y se te doblasen las fuerças segun que a Gerion, y pudieses transformarte en más figuras que Proteo, pera que mi furibundo rancor⁵⁹² pudiera satisfazer, si quiera un poco, a la sed que de tu sangre tengo. Pero basta que de mi se cree siempre, y espera lo imposible. Por lo cual si esa meliflua ramera, sol de las luminarias de levante a poniente, embaladora de mis sentidos em sus amores inficionados, te perdonarè, a su ruego (já que por medianera y aplacadora de mis turbulentos enojos vino al mundo, tan necesaria pera las vidas como agua e fuego) quiça te perdonarè la culpa. Y más harè por ella, que si me lo manda, también la pena, porque la que me causa su confitada afición, no me dejará hazer lo contrario, aunque se me haga duro, y fuere de costumbre. Qué harà pero un coraçon hazido de los cabrestantes de sus primogenitas perfecciones? Ahora vès aqui vida y muerte, escoge, y miralo bien: porque lo tienes de haber con Piscardo el corajoso. Esta mia te será dada por mano de Pina el que hiere de punta por nuestros pecados: y Gerra el desquiciador de boticas, mis compañeros como

⁵⁹² rancor] rancoe [L4, LB]

hermanos; no te temas empero delles, cá no llevan dispensación mía pera disponer de tu vida, que como de prestado puedes de hoy en adelante vivir hasta mi merced: y esto te basta como firma de rey: porque los demonios me darán cuenta de ti, si a caso otro algún anticipar tu muerte por tu buena dicha. Mientra estos⁵⁹³ averiguados rufianes, columnas de la osma, allá anduvieren, sigeles. Juntaros heis a boca de sorda con vuestras guadras, y rodanchos, y cubrantes de azero; prestaros héis todos fraternalmente: si pillardes alguna peloza, y hazed como buenos. Encomendadme en esas iças copiosas, y las roqueras a la postre. Y mientras tu, y yo tenemos treguas, mira si mandas algo: (ya me entiendes) de apocar naturaleza. Y vosotros vallacos allà à vuestro sabor piareis de Godo: y parad mientes no os acoja la grulla, porque no me déis fatiga en asollar la cárcel, y amolgar sus cerrojos a falta de tornillos: que ni cada día cola de sardina: no se cumpla en mi lo del cántaro a la fuente. Dios te dè buena mano derecha con tus enemigos: y te salve de mis manos como de muerte subitánea, o mal aguero. Que en verdad me holgaria, porque sè que eres hombre de bien, conocido por tu persona⁵⁹⁴ en los burdeles: que si muchos tales huviesse en Castilla, sus pendones volarian ya sobre el monte Olimpo, que passa la region de las nubes. Tal opinion tengo concebido de tu esfuerço. Yo soi buen testigo de vista daquellos veinte rufianes que en la calle del postigo destroçaste como un rayo, a unos desquiciando las vidas del flaco cuerpo: otros haziendo

⁵⁹³ [LB: na rubrica da página 245, pode ler-se: scena sexta, mas refere-se à sétima. A primeira sílaba do vocábulo estos, escrita es- no reclamo da página 244, foi esquecida no início da página 245, onde surge apenas tos.]

⁵⁹⁴ persona] pessoa [LA] persona [LB: lição que se adopta.]

huérfanos de miembros: que de todos el que menos lesión llevó fue dejar en tierra de un revés la espada siniestra con el brazo. Qué más pudiera hacer Hector? Y quien esto de ti sabe, y lo viò con sus ojos, mira si te deseara vivo pera pilar de nuestra gualteria y rufianaría? Dios que todo lo provèe provea⁵⁹⁵ sobre ti: y por Àmen no quede.

Parasito - Corajoso⁵⁹⁶ homem está este. Não lhe queria eu estar no casal.

Florença - E há tal homem no mundo? As carnes me tremem.

Macarena - Nunca esse erra de morrer em poder de justiça, que eu conheci o fajardo mais nomeado, e conhecido que um cão ruivo, e fez assi tantas té que o tomaram dormindo em casa de ãa sua amiga. Parece-me que o vejo agora ir tão gentil-homem e de prol, e com um esforço que parecia querer engolir o pregoeiro: e foi esquartejado, e arrastado, e feito dele um mau pesar.

Múcio - Acabou em seu ofício, que assaz de bem é pera um homem honrado. Ora pão comesto companhia desfeita: eu hei-de ir desencovar este garção, pera saber, se dizer e fazer comem à sua mesa.

Barbosa - Andai lá que eu também quero ir convosco, e ser padrinho no desafio.

⁵⁹⁵ lo provee provea] lo provee provea [LA: lição que se adopta.] manda lo prouea [LB]

⁵⁹⁶ corajoso] corejoso [LA] corajoso [LB] [LA, dá a errata, para este lugar, a seguinte correcção: corejoso diga corajoso.]

Múcio - Nunca me outra perda venha; pois⁵⁹⁷ a serra é tomada, e se entruje la manalha, amor vamo-nos daqui. A Deos senhores.

Parasito - Andar embora que eu porque me temo do sereno cá hei-de ficar.

Macarena - Más horas vão com eles, e má amargura.

Parasito - Dona calai-vos um roim se nos vai da porta, outro vem que nos consola: temos mantimento que nos sobeje vinho que baste, viva quem vence⁵⁹⁸. O senhor Hipólito quer bem à senhora Florença, que diabo? Vá-se o demo pera o demo venha Maria pera casa. Quanto a meu amo, eu os farei amigos pera que Florença seja melhor servida. Agora ceemos em paz, e durmamos, que tudo se bem fará. Como for menhã consultaremos a cousa de maneira, que fique o Caixeiro fazendo sempre o gasto: e o senhor Hipólito defendendo a pousada a roins. E desta arte estareis como o peixe n'agoa. Deixai-me a mim o cargo, e vereis que homem sou.

Hipólito - Tudo o que fizerdes haverei por bem feito, e tereis em mim grande amigo: e com sua mãe também ponde a cousa em seu lugar.

Parasito - Vinho há em casa, leixai-me a mim o cuidado, *que quien las sabe, las tanbe.*

⁵⁹⁷ pois] pois [LA: *lição que se adopta.*] sus [LB]

⁵⁹⁸ [LB: *na rubrica da página 247, pode ler-se: scena sexta, mas refere-se à sétima.*]

ACTO IIII
CENA PRIMEIRA

Otonião, Régio

Otonião - Nossa amiga recebeu o presente com fulia, e grandes salas: e disse que viria cá, muito pesarosa da minha má disposição: e de caminho me iria encomendar aos cosmos santos. Parece-me que também ela é dos que se querem peitados.

Régio - Isto está muito corrente, e é meio caminho andado pera toda negoceação: porque amizade, parentesco, conversação, serviço, e quanto vós quiserdes, não tem agora valia que chegue a mais, que a vos sofrerem. Peitai, segurais negócio, e forrais tempo.

Otonião - Não vos vades per i, que cabrões há, que vos trazem a delonga por se lograrem mais de vós: se dais em seco, dissimulam com recebido, e vão-vos desconhecendo té que desesperais. E sabeis quão antigo isto é, por onde vereis que sempre os homens foram uns. Séneca o diz nas epístolas. O amigo aceitado por causa de proveito, contentará em quanto for proveitoso. Aos prósperos cerca a companhia dos amigos, e a soidade aos caídos: porque o amor aquirido com preço acaba-se⁶¹⁸ com ele, e enquanto dura o dar, dura o amigo. E se de cansado, ou de enfadado vos alongais da

⁶¹⁸ acaba-se] acabasse [LA, LB]

obediência, tem-vos por desconhecido, porque é de natureza nossa, e liga que se nos mistura na fundição, cargaremos⁶¹⁹ as próprias culpas sempre em outrém.

Régio - Homem que isso faz nunca veio dos Godos.

Otonião - Mas dos gozos. A mor graça que há no mundo é essa. Porque, dir-vos-ei, fidalguia, ou nobreza não é outra cousa salvo virtude. E esta se a tendes própria, sois mais nobre que todos os Citas, e Troianos: e se a não tendes, e vos honrais de vossos avós, a que não pareceis: triste cousa é amarrar ao bom nome alheio, e tê-lo muito ruim. E se tivestes ruins avós, e vós sois peor por vós: como vos quereis ter por nobre, tendo-vos todos por ruim? Donde dizia Juvenal: «queria que fosses filho de Tersites (homem fraco e de pouca estima, e muito vicioso) com tal que te igualasses na virtude a Aquiles: antes que seres filho de Aquiles, e pareceres todo a Tersites». E portanto vos digo que é riso toda nobreza, pois me não dais quem a tenha de si mesmo: bons a ganharam, ruins a perderam. O bem da nobreza é a obrigação que vos põe de imitardes vossos bons avós; donde vos fica maior culpa, se não vós querendo parecer com eles manquejais deste pé. O Séneca fala isto muito pontual dizendo: «se és fermoso, louva a natureza: se nobre, louva teus passados: se virtuoso, e sábio, louva-te a ti mesmo, se

⁶¹⁹ cargaremos] [LA, LB: cargaremos *por* carregaremos (*ou* caregaremos).]

rico, louva a fortuna: se poderoso, espera um pouco, e nada será». Então leixai vós cabrões que degeneram, apontar-se em soberba, e vaidade, sustentada do que outrem ganhou, poer todo seu cabedal em rabo levantado, cadeira de espaldas na igreja⁶²⁰; pajens⁶²¹ desbarretados diante, e nos sobrescritos magníficos epitáfios, e a magnificência vai daí mais longe que o Cairo.

Régio - E pois que dizeis aos que nem têm avós, nem têm a si, e porque ajuntaram dinheiro como Deos sabe, ou lhe ajuntou seu pai per *fas*, ou per *nefas*, querem-se⁶²² fazer ídolos: ou os faz a parvoíce e baixeza dos que os sofrem?

Otonião - E quantos eu desses conheço, os quais se vissem os corações dos que os grangeam, jurami⁶²³ que veriam mais carantonhas, e bofes podres, do que vêem diligências forçadas, e rostos fingidos.

Régio - O mesmo veria também de nós a senhora Costança d'Ornelas; a qual assentai que se me põe na sela e em posse da minha senhora Tenolvia da Silva, que me não há-de meter mais o pé em casa a poder que eu possa, que morto é o afilhado de que tínhamos o compadrado. Não quero senhor que torne arrepiar a carreira, e fazer muitos genros de ãa filha. Sabe-lhe já as entradas, o dia que

⁶²⁰ igreja] [LA, LB: o substantivo igreja mantém o ditongo <ei> na sílaba tónica, visto que ainda hoje, nesta sílaba, se verifica a pronúncia |ej|, et passim.]

⁶²¹ pajens] pages [LA, LB]

⁶²² querem-se] uueremse [LA] queremse [LB: lição que se adopta.]

⁶²³ jurami] [LA, LB: jurami, interjeição, contração de juro a mim.]

tivéremos⁶²⁴ algum desgosto aposentará em novo gosto, e então apelai pera Roma.

Otonião - Essa é muita desconfiança.

Régio - Esse mau, e vistes vós nunca decepados, senão os confiados?

Otonião - Antes nunca al vi, senão os desconfiados padecerem a pena de seus receios.

Régio - Bofé a falar-vos verdade não sei qual é peor. O certo é em tudo que guardado é somente o que Deos guarda.

Otonião - Falais ao pé da letra. Mas que vos dizia de nossa amiga, obrigada do presente prometeu vir-me visitar, e não deve tardar muito; portanto vós apercebei-vos pera a festejar. E quisera que tevereis ãa carta feita pera que lha déreis logo, não se perdera lanço.

Régio - Eu me provi já, porque me não tomasse desaperebido. Vede-la aqui.

Otonião - Lede por vossa vida.

Régio - Sou contente.

Senhora:

A menos cousa que há na vida, é perdê-la quem a tem oferecida a sua fé. E a maior dor que pode sentir-se, é ver desestimada esta fé, de quem pretendeis servir. Nestas mágoas, e em quantas houver

⁶²⁴ tivéremos] tiveremos [*LA: lição que se adopta, vd. nt. 49, p.106.*] tivermos [*LB*]

pera mim estou eu nisso tão certo, que nem per tempo me obrigam a mais que a padecê-las com gosto. Daqui vem que me sobeja sempre o sofrimento, que desacredita o muito que sinto. Porém senhora já que o eu sei ter, e não por muito custo, segundo o muito que vos quero: e a verdade, o tempo, e a continuação per que podia merecer: e quantos outros respeitos se me devem por viver do que vos tenho, vos podem obrigar a não me estranhardes o que cometo: crede que o faço, porque como nem em pensamento⁶²⁵ presumo, nem queria errar-vos, parece-me que vos erro em ter este de me haver por vosso, sem saber que vos haveis por servida dele. Por o que pretendendo aquietar a opinião de minha pureza pera convosco peço somente o consentimento dela. Não desconheço ser muito: mas de vós, senhora, não se pode querer pouco, e por este conhecimento também não se me deve pouco. Portanto senhora, já que vos ofereço e sacrificio ãa alma satisfeita do que sinto, e pode sentir: isenta de toda a esperança de vos ofender: por a que se de vós pode ter, consenti que saiba eu que consentis, e aceitais este amor, não pera glória minha, (que assaz tenho em vo-lo ter): mas pera a não ter sem vossa vontade, que é o timbre da minha, o que espero por lei da vida.

⁶²⁵ pensamento] pensamento [*LA: lição que se adopta.*] pensamentos [*LB*]

Otonião - Muito boa está, e quem o contrário disser, será porque grosando⁶²⁶, cuida mostrar-se discreto, e não porque escrevendo possa vantajar-se. E neste nosso tempo mais que em nenhum outro há isto; porque achais já muito poucos lidos, e muito menos que o queiram ser. E então de se sentirem desabelitados, querem desabelitar todos. E não pode ser mais baixeza, e pouquidade, que não ser pera o bom, e desestimá-lo.

Régio - Isso é assi pontualmente, porque eu não quero cuidar que este estilo seja o melhor, nem o arrezoadado: mas também não consinto que seja o peor; e acabado que o não é fica sofrível, e pera agradecer de quem folgar de ler sem mau zelo: mas bofé que não sei quem carece agora dele. E sabeis a quanto chega a minha malícia? Que vou suspeitar que são todos aleijados, que naturalmente são mal inclinados, porque lá dizem, guar-te dos que a natureza assinou: e a maior aleijão que há, é a do saber, e assi é a maior falta esta da nossa idade, que não se acha quem goste, nem favoreça cousa bem escrita. Donde se segue não haver feitos bons pera escrever, nem quem os escreva, e apaga-se assi tudo por culpa de invejosos inábeis.

Otonião - Leixemos esta matéria, não nos ouçam que nos deitarão fora do templo uns gentis homens, que põem toda sua glória em fazer bem ãa maçada, e saber apontar ãa carta. E é a cousa vinda a tal estado,

⁶²⁶ grosando] *por* glosando [LA, LB]

que estes são os que triunfam, e o al como quem pinta o inferno.

Eu pera meu descanso tomara ver já entrar por essa porta nossa
madrinha, que o lograr da vida consiste no gosto de cada um, e o
ser bom no acertar.

Régio - Ouvistes vós já como falam no ruim logo aparece? Pois o lobo é na
conselha, portanto ponde-vos em feição de doente compassivo, que
lhe molifiqueis as entranhas de piedade.

CENA SEGUNDA

Costança d'Ornelas, Otonião, Régio

Costança - Muita saúde seja nesta casa⁶³⁶.

Régio - Não pode ela leixar de vir com vossa mercê.

Otonião - Ó⁶³⁷ senhora que grande honra esta é, onde mereci eu isto? Ditoso é o mal que tanto bem traz. Mais cedo houvera de ser doente, para ver tal ocasião de saúde.

Costança - Pois assi é. Eu senhor sou a que recebo as honras, e as mercês, e a obrigada a servi-las.

Régio - Isto senhor é o que dizem, as cousas contrárias com as contrárias se curam: que se cure⁶³⁸ a vossa malenconia com a alegria da senhora.

Costança - Ai senhor inda lhe eu ora digo. Longe ando de toda a alegria há muitos anos depois que meti em ãa mortalha o companheiro que Deos me deu, por amor de quem trago a deste capelo às costas, e trarei enquanto o não for acompanhar à mesma sepultura, com um moio de terra sobre os olhos.

Otonião - Sabeis senhora que posso dizer eu a isto? Graci⁶³⁹ Sanches dizia, já *no llegará el plaçer, donde llegò la tristeza*. E eu direi, já não chegará o mal, donde chegou o remédio.

⁶³⁶ casa] case [LA] casa [LB: *lição que se adopta.*]

⁶³⁷ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

⁶³⁸ [LB: *na rubrica da página 254, pode ler-se: Acto Terceiro , mas refere-se ao Acto Quarto.*]

⁶³⁹ Graci] *por* Garci [LA, LB]

Costança - Esse, senhor, está nas mãos de Deos, que é o dador de todo bem.

Mas contudo, senhor, ele como se acha?

Otonião - Agora senhora já muito bem, que onde vós estais não pode vir mal. E na verdade também depois que me sangrei desalivei algum tanto, porque haverá cinco dias que se senhoreou de mim um humor malenconico tão triste, e desesperado, que me estilava claramente, e nestes pontos sentia uns fogos que me parecia abrasar-se-me a alma. O sangue que me tiraram desabafou-me algum tanto: e agora com sua vinda parece-me que me tiraram o pesadelo de sobre o coração, e estou como se acordara de sonho pesado, e triste.

Costança - Folgo de ser tão ditosa que o achasse com essa melhoria: e bem sei quem também não lhe pesará.

Otonião - Ah senhora enganais-vos. Não há molher que se tenha em muito senão quando sabe que faz mal.

Costança - Apelo eu desse⁶⁴⁰ mandado. Antes o nosso natural é sermos piadosas, e compassivas.

Otonião - Com quem vo-lo não merece:

Costança - Não diga tal: ao menos eu por bem farão de mim tudo, e por mal, nada: e assi serão as outras. E mais eu sei muito certo de ãa senhora que é muito maviosa.

⁶⁴⁰ [L.B: na rubrica da página 255, pode ler-se: Scena Septima , mas refere-se à segunda.]

Otonião - Não no vejo eu assi por minha casa.

Régio - Sabei ãa cousa senhora. Em meus dias cuidei ver molheres de pedra como ãas que vós conheceis, e nos desconhecem.

Costança⁶⁴¹ - Assacais-lhe isso com o mal que lhe quereis.

Régio - Mas pelo mal que me quero⁶⁴²: que o bem pera elas naceu, e elas o desestimam. E não sei qual fora a penedia tão dura, nem diamante tão indomável, que a continuação de tantos anos já não abrandará, e obrigará sequer ao conhecimento. Confesso-vos ãa cousa senhora que se cuida muito nisto, vem-me tentação de me lançar nesse mar, ou outra cousa peor, por acabar de sofrer desesperações.

Costança - Senhor ãa hora melhor d'outra. O Senhor o tenha da sua mão, e lhe dê sempre juízo, e entendimento com que não faça cousa de que o mau imigo espiritual triunfe, e se glorie. A senhora Tenolvia da Silva é em mais conhecimento de suas cousas do que ele cuida; porém é tão sisuda, e tão virtuosa que encobre tudo o que sente por não dar de si má suspeita.

Régio - Ah senhora que me dizeis isso de dó de mim: tendes a condição naturalmente incrinada à piedade. E como sois muito discreta entendeis que se deve a um estado tão triste como o meu, e esforçais-me assi. Mas oxalá eu lembrasse a essa senhora sequer

⁶⁴¹ Costança] Otonião [LA, LB] [LA: dá a errata, para este lugar, a seguinte correcção: Oto. diga Cost.]

⁶⁴² quero] quero [LA: lição que se adopta.] querem [LB]

pera me fazer mal, ou folgar de o eu sentir por seu respeito, e nunca mais valesse.

Costança - Ora inda eu espero que haveis de ver cedo muito claro que vos falo o que é: que por nenhum preço do mundo diria outra cousa. E mais como as tenções são pera serviço de Deos, ele as encaminha a bom efeito: e assi espero nele que o dará a isto.

Otonião - Em a cousa estar em vossas mãos, senhora, não se pode esperar senão bem.

Régio - Isso não nego eu, mas a mim nada me segura. Vós senhor sois mais ditoso: e quem boa dita tem a Deos agradeça. Eu ando já tão assombrado de desesperar tudo o que desejo, que me entrego nos temores.

Otonião - Calai-vos que esta senhora nos há-de valer, inda que lho não mereçamos: porém o tempo nos dará servi-la.

Costança - Eles são tais pessoas, que tudo se lhes deve: quanto mais que eu sou a devedor. E em minha alma que desejo tanto vê-las descansadas, e bem empregadas, que não sei cousa que por isto não desse, e fizesse. E já não falo em sua fermosura, disposição, e bons feitos, que⁶⁴³ os cegos o verão: mas nas suas condições: não se viram criaturas de Deos como aquelas, tão conformes, tão amigas; aquelas cortesias, aqueles cumprimentos. Já comigo, são ãas

⁶⁴³ que] que [LA] que [LB: *lição que se adopta.*]

feiticeiras. Como lá sou parece que n'alma me querem meter. Pois as suas mãos? Não têm preço. Ver os seus garavins⁶⁴⁴, os seus cabeções, e os seus desfiados? E então nunca levantam cabeça, sem prema de ninguém. Que a mãe brada com elas às vezes, porque aturam o trabalho como se houvessem de viver por ele; que elas louvado Deos assaz têm do bem deste mundo. E o pai que não se cansa de ajuntar pera elas como um escravo. Pois a mãe? Não há cousa boa que não queira pera aquelas filhas.

Régio - Queria senhora que mas gabásseis de amorosas pera nós: que do al, as mulheres como casam perdem o andar a todos esses proveitos: nem eu a quero senão pera damejar com ela todas as horas.

Costança - Ai senhor como isso logo enfada.

Otonião - Nunca Deos tal mande.

Costança - Pois eu vos prometo que são elas pera damas, e mais que damas.

Perdei cuidado se são mulheres discretas e galantes. Molher é a senhora Tenolvia da Silva pera dar conselho. Pera chocarreira, a senhora Glicéria da Silva. Como é mais moça põe-se logo, e faz viola de um pau, e a outra passeia pela casa, e então contrafazem-vos a ambos, e diz cada ãa o que cada um podeis dizer em vossa pousada acerca delas, que me fazem estalar pelas ilhargas.

Régio - Boa está a nossa vida. Não vos digo eu que triunfam em nos ver

⁶⁴⁴ garavins] garaviis [LA, LB:]

padecer? Ora do mal o menos, sou contente de chorar, pera que minha senhora ria.

Otonião - Senhora já sei que sem a senhora Tenolvia ser por mim tenho duvidosa a saúde. Ora o senhor Régio de Osouro é minha alma, e tem entregue a sua como vedes: haveis-me de fazer mercê que o tomeis a cargo, pera que lhe conheçam de sua justiça⁶⁴⁵.

Costança - Eu vos direi, senhor, tendes-me tão obrigada, que não saberia fazer senão o que me mandardes. E com isto no que tenho entendido na senhora Tenolvia, o senhor não lhe é pouco aceito inda que lhe diga o contrário. Assi que por servir a todos veja ele o que quer que faça, e mande-me como a ãa sua, que eu o mais foi começar: e não hei-de ser, dizê-lo bem, e fazê-lo mal.

Régio - Ó⁶⁴⁶ senhora, que hei eu de dar por essa valia? Não lhe quero dar palavras acerca da obrigação em que me põe: porque lhe espero servir tudo, e espere-me ao tempo. Quanto à mercê que me faz. Mais me aventuro na sua dita, e vontade que tem pera mas fazer, que em presumir que por mim posso vogar nunca. Tenho esta carta feita já nesta esperança, se lhe parece que se lhe pode dar.

Costança - Estas cousas senhor, pera mim são muito estranhas. E por certo que me espanto de mim como me tenho metido nisto, que não faz

⁶⁴⁵ justiça] jstiça [LA] justiça [LB: *lição que se adopta.*]

⁶⁴⁶ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

mais ãa alcoviteira. Deos me livre de mau cajão, e de má lingoa. Porém como digo são eles tais, e o negócio tão conforme à vontade de Deos, de tanta igualdade, e de tanta virtude que me não lembram inconvenientes: e ofereço-me a todo o desgosto que sobrevier: mas prazera a Virgem que será pera gostos, e contentamentos de todos. Assi que a carta eu lha darei, e será logo amenhã, porque estão pera cada dia se irem pera a sua quintã, onde já hão-de estar alguns dias: e trabalharei que se ordene a cousa que os vejam lá, e lhe aceitem suas visitasões, ou lhe falem se se azar.

Otonião - Ó⁶⁴⁷ senhora, vede o que dizeis, que essa esperança só me dará vida.

Costança - Como logo lançais mão pela palavra. Ora digo que eu a farei boa. E por agora dai-me licença, que me quero ir, e são horas.

Régio - Dessa maneira senhora ousarei esperar mais do que mereço.

Costança - Tudo ele merece. E aqueloutro senhor que foi a minha casa, que é feito dele? Nunca vi pessoa de tão boa fala, e tal respeito.

Régio - O mesmo diz ele de vós senhora. Se sabe que viestes cá, há-de ficar em extremo magoado de não se topar aqui.

Costança - Também eu folgara de o ver.

Régio - Pois por certo que me rogava ontem que a fôssemos ver: e por não saber quanto com isso folgaria o desviei.

⁶⁴⁷ Ó] O [LA: *lição que se adopta.*] O' [LB]

Costança - Receberão em grande honra.

Régio - Menos que isso basta pera o fazer.

Costança - Se eles querem ir-me visitar, seja com nome de parenta, porque
não se cuide mal, que a vizinhança por tudo atenta.

Régio - Seja assi.

Costança - Ora beijo as mãos a vossas mercês.

CENA TERCEIRA**Régio, Otonião, Alcino, Fileno**

Régio - Parece-me que se quer a senhora amarrar ao conhecimento de Alcino, pera que nos não haja inveja. E a mim não me pesará, porque *mientras más moros más ganancia*. E se me não engano, assi a faremos⁶⁶⁰ fazer maravilhas por esta via.

Otonião - Vedes que é devasso, e hei medo depois que a escandalize com que se desavenham, e se perca tudo.

Régio - Isso é o que eu quero pera que ela também tenha requirimento comigo; e seremos *hazme la barba, y harete el copete*. Quanto mais se ela ordena que nos falem nossas amigas na quintã, vida pera cem anos: eu vos entabolarei de maneira, que não haja cousa que nos disponha. E per ventura dará o tempo de si com que nos casemos a furto, mais val quem Deos ajuda, que quem muito madruga: bom esforço espalha má ventura: encomendar a Deos que é Santo velho.

Otonião - Grande peça há-de ser se entramos em conversação na quintã?

Régio - Alcino é entrado connosco. Olhai por quão pouco errou nossa amiga.

Alcino - Beijo as dos senhores.

Régio - Bem vos podíamos dizer, como falam no ruim logo ele vem.

⁶⁶⁰ assi a faremos] assi a faremos [*LA: lição que se adopta.*] assi faremos [*LB*]

Alcino - Dizeis vossas virtudes.

Otonião - Houvéreis de vir mais cedo, e acháreis aqui ãa vossa apaixonada, que não desejou pouco ver-vos⁶⁶¹.

Alcino - Estais zombando. Quem por vossa vida?

Otonião - A senhora Costança d'Ornelas.

Alcino - Ah descreio dos mouros: em extremo folgara tomar sua conversação, porque tenho pera mim que é mina de negócios secretos de tomo: e mais ela não é peixe podre, e quiçá que veríeis um trato que vos rísseis de mais frandes.

Régio - Cá o estive já dizendo. E se vós isso fizesseis não seria triste.

Alcino - Ora me leixai com o negócio que a quero ir visitar a som de amizade, e prometo-vos averiguar-me logo com ela, se o tempo for por mim veremos de que pé se calça: que eu vos digo que nesta nossa terra à volta de virtude há também muita hipocresia, grandes conluios, e homens muito pacientes, ou parvos.

Régio - Moeda é que corre, mas esses vivem. Porém dai-me vós cá os discretos, que enfim vejo que todos somos de perdoe-nos Deos.

Alcino - Disso estou pera me enforçar, que vou sempre descobrir cem alifafes em partes que eu cuido, que o orago de Apolo antepusera ao Sócrates, que aprovou por sabedor.

Régio - Por isso ando tredoro sobre muitas cousas que vejo: e a minha arte é

⁶⁶¹ [LB: na rubrica da página 261, pode ler-se: Scena Quarta, mas refere-se à terceira.]

ser cosido em amor, que é aziar com que se sofrem as outras desaventuras.

Alcino - Isso tenho experimentado: por o que tomo sempre meus suadouros de Cupido.

Otonião - Eu sobre essa palavra de licença de suas mercês vou fazer um pouco que me releva.

Alcino - Avante c'os fogareos, e Deos vos dê boa mão direita. Somos entrados.

Régio - Quem vem?

Alcino - Fileno, amigo de Otonião, e deve buscá-lo. Quero chamá-lo que suba ouviremos sua lingoagem, porque é um marcado azevieiro.

Régio - Dos Caterinos, ou Alfamistas?

Alcino - Passais pela galantaria destes filhos de Lisboa? Trazem ãas razões⁶⁶² e termos decorados, que direis que não há mais manilha.

Régio - Mas malina arte. Da grossura da terra vecejam os enxertos.

Alcino - Ah senhor suba.

Fileno - É cá o senhor Otonião?

Alcino - Daqui foi agora pera vir logo. Suba vossa mercê.

Fileno - Farei o que me manda.

⁶⁶² razões] razãoess [LA] razões [LB: *lição que se adopta.*]

CENA QUARTA**Fileno, Régio, Alcino**

Fileno - Beijo as magníficas de vossas mercês.

Régio - Senhor pera cá. Mande-se assentar como em sua casa, que aqui não nas há senão rasas, por escusar paixões, e diferenças de honras: que eu por mim a queria ter, e não por o lugar, cadeira, ou sobrescrito.

Fileno - Dessa cor é o meu pano: e diga cada um o que quiser. Dai-me vós muito dinheiro ver-me-eis logo mais honrado que as cabras de Beja: venderei fidalguia; e mais não há-de ser postiga como a de cabrões que eu conheço. Ora bem de que se trata? De boa prática? Que eu sou perdido por ela.

Alcino - Ou é ela perdida sem vós.

Fileno - Venho de meter em paz uns desafiados: eu todavia pesou-me não nos ver entrar na escaramuça: porque não há gosto que me chegue a vê-los dar-se de *porrazos*, ao menos té se neles enxergar melhoria. Mas um deles era meu amigo, e homem de bem, inda que não muito dos doze pares: e receei-lhe desastre, por o contrário ser sobre o duro. Isto tinha eu já sabido, porque não há muitos dias que me dei com ele, por me dizerem que era grande ronca, e o desejava, vou e apartei-vo-lo pera os olivais, ele mais confiado que Torcato. Porém eu apertei com ele de feição, arte, e maneira, que aos dous

botes requereu amizade, dizendo que pera aprovar pessoas sem entrevir⁶⁶⁶ outra má vontade, ou rancor em meio, aquilo bastava, que ele se me rendia. E par estas que me atalhou a bom tempo, porque me ia já senhoreando a cólera: e o gentil garção parece conheceu-me (que eu tenho este mal, à legoa me conhecerão se me agasto) e ficou dali obediente, que tanto que me agora viu em meio da cousa, cruzou-se-me. D'outra parte pesou-me, porque estava determinado em tomar a demanda por meu amigo se me ele perdera a cortesia: e não lhe viera muito bem, cuido eu, se me não engano comigo.

Alcino - Por isso andou ele melhor. E sobre que era a contenda?

Fileno - Parece ser que este meu amigo tinha ãa iça copiosa com que gasta isso que tem. E ãa das noites passadas estando ele em casa da amiga, veio estoutro, que é velhaco per cabeça, com outros da osma, e aferrolhando-lhe a porta deram-lhe ãa certa matrícula, em que a senhora iça foi servida de toda artelharia desses epítetos, e nomes com que se espantam *los niños en la cuna*: e ele não lhes pôde sair, e também fora mal aconselhado, porque estavam d'alcatea.

Régio - Isso era bem mal feito.

Fileno - Ah, o mais do mundo. E a mim me aqueceu já quasi outro caso do teor, e jaez deste, e não lhe podendo sair estive pera me enforcar de

⁶⁶⁶ entrevir] *por* intervir [LA, LB]

paixão. Tive porém maneira de saber quais eram os galantes, e à fé de gentil-homem, que não me passaram oito dias em me melhorar de todos dê o maior té ao menor: porque tanto que os topava logo lhe punha o ferro.

Régio - Como corta largo, e a parvoíce como é cega. Que cuida este que lhe hão-de crer o que não crera d'outrem.

Fileno - E se vos disser que a um deles fiz pardieiro de ãa mão, não vos mentirei. E assi dê então donde eu chego, assombro a todos estes.

Régio - Que triste gosto é mentir, e quão barato vende o homem que mente, sua honra, e a boa opinião que pretende⁶⁶⁷.

Fileno - Porque haveis de saber que estes roncadores todos são os maiores covardos que vistes: não cometem cousa por fácil, e sem perigo que seja, em que não vão feitos relógios: e então se vinte se dão com dous que os fazem fugir, nenhum há que não fique havido por averiguado, e per derradeiro eles são lebres.

Régio - Nem vós meu amigo não sereis da exceição, segundo cá antre mim conjeturo.

Alcino - Vede-lo aqui que foi o maior chastre, e o mais certo alveitar de molheres que podeis ver daqui té o Cairo. Porque cuidais agora? Não há fermosa, e gentil dama de todos estes bairros de que erre conhecimento, e conversação estreita: pagam-lhe todas páreas e

⁶⁶⁷ pretende] pretende [*LA: lição que se adopta.*] pertende [*LB*]

conhecença: é o mesmo tombo delas, e o seu tambarane. Pois de cousas secretas? Podeis crer que é ãa mina. Nem há alcoviteira que dele não tenha tença, e lhe pague seu foro.

Fileno - Oh⁶⁶⁸, estai quedo, estai quedo, contar-vos-ei a mais alta história que hoje passei acerca disso.

Alcino - Contai por vossa vida.

Fileno - Falei esta menha com ãa alcoviteira, a mais especial, e de mais tomo que vistes outra. Chama-se ela Costança d'Ornelas, pessoa de muito respeito, que se virdes sua gravidade, e honesto trajo direis que não há mais Lucrécia romana.

Régio - *Guay de orejas que tal oyen.* Se meu amigo Otonião isto ouvisse? Quero ouvir que eu descobrirei hoje grande cilada. E fiaí-vos lá em cão que manqueja, e em toucas largas.

Fileno - Contar-vos-ei os mais novos passos que passei com ela. Eu tive ãas emburilhadas em ãa certa casa de perigo, e concorreu antrevir⁶⁶⁹ a senhora Costança d'Ornelas no negócio, por contemplação de ser toda da casa, e alma da senhora dela, e não sem má suspeita, se quereis toda a verdade. E tinha ela sabido que estava eu tomado de seus caldos: e pera me mitigar a coragem, porque não pusesse na praça seus bons feitos, mandou-me pedir que nos víssemos em

⁶⁶⁸ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

⁶⁶⁹ antrevir] *por* intervir [LA, LB]

certo lugar.

Alcino - Como são naturais nas tais reconciliações.

Régio - Mas quantas vezes lhe jurou pela conta que havia de dar a Deos?

Alcino - Como vós havíeis d'estar bom? Parece-me que vos vejo.

Fileno - Que dizeis bom? Estive afinadíssimo. Quanto ao primeiro, como tive suspeita que ela me contraminava, e determinava entroncar outro por mim; assentei-lhe o capelo, por entrada de ãa nova maneira: e fiz-lhe feros, votos, e protestos de me perder sobre me vingar de quem presumisse anojá-me nesta parte: e por em pregão tudo o que sabia. Senhor, ela quando me assi viu, não tendes dúvida senão que me receou: pôs-se em som de paciência, e solta logo essas lágrimas que todas trazem de represa pera semelhantes afrontas, protestando sua inocência, e trazendo todas as achegas de desculpas, e caminhos de salvar-se de minhas suspeitas, lançando-se toda à minha banda, e que faria e aconteceria com minha dama tudo franco: e em todo outro negócio que me dela cumprisse.

Régio - Se este fala verdade, boa está minha vida em poder de quem, se vem à mão, joga o passe passe com ela. Mas pode ser tudo isto mentira, e tão norte sul do que conta como do céu a terra. A homem praguento, e defamador nenhum crédito se deve dar.

Fileno - Eu dêis que a tive assi amedrontada por a fazer à minha mão, e segurá-la: comecei louvá-la, pedindo-lhe perdão do que me fizera

dizer a paixão, que já via que era tudo tudo mentira quanto me tinham dito: e que folgava conhecê-la, porque em verdade ela me parecia tal pessoa. Senhor, ateou-se aqui como viu que lhe entrava tábola, que a não podia haver calada: té se me abonar de fidalga, que perguntasse por ela na sua vizinhança, onde havia tantos anos que vivia sem dever nem temer, com seu rosto muito descoberto: mas que ninguém lhe dissera nunca menos de seu nome. Que vos direi? A madre Celestina não soube tanta teórica: nem se pode contar o terço do que ãa destas diz dêz que começa. Os soluços eram de morte de filho, ou pouco menos, que desesperei vê-la em calma. Porém depois que alijou a matalotagem de seus fingimentos, ficámos por derradeiro muito avindos: rimos, e zombámos como se toda nossa vida nos criáramos: entregou-se-me e ofereceu-se-me a fazer negócios de importância. Fiz-lhe soma de cumprimentos, ficou pera fazer por mim maravilhas, e que mataria sete asnos por meu amor.

Régio - Muito me dói o cabelo de querer Costança d'Ornelas fazer de seu proveito à minha custa: e se azará o demo, que não sonha noutras cabras, vir este a querer entender no meu tesouro, que ela segundo isto não se lhe negará. Ah quão pouco repouso tem um espírito afeiçoado.

Alcino - Eu vos digo que andastes galante com ela.

Fileno - Vós podeis crer que ela andou bem em atalhar minha indinação⁶⁷⁰, que eu estava em lhe lançar ãa panela de pólvora em casa, tão indinado me vi dela. Porém a boa guerra faz a boa paz.

Alcino - E tendes essa por grande marca?

Fileno - Sabei que é ãa mina de negócios de altenaria; e que tem crédito pera fazer moeda falsa pública, e nunca se lhe provar. E o seu trato não é com mancebinhos de arte, cuja conversação desacredita: senão com capoeirões graves, a que faz do céu cebola; porque a estes cumpre-lhe fazer o seu, e calar-se por ter paz em casa: têm que dar; e sofrem melhor mentiras, e conluios. Que ela sabe que com ãa pela corre muitas confrarias quando cumpre.

Régio - Dou-me por destruído, toda a casa de meu sogro é contraminada por esta. Ora vivei lá nesta terra.

Fileno - Eu enleio estas. Elas cuidam que estão muito tredas sobre mim, e que me fazem querer quanto⁶⁷¹ querem. Eu seguro-as, e sei-lhes os intrínsecos: faço a minha com me ficar rindo.

Régio - Este hei eu por mais enganado.

Fileno - Algũas conheço, e não das somenos da terra: e desta vos poderei servir se quiserdes, porque a hei por coroa de todas. E mais eu fiador que é bastante pera fazer mais monstros que Circes, e Medea.

⁶⁷⁰ indinação] [*LA, LB: substantivo não atestado da família de indinar e indino.*]

⁶⁷¹ quanto] quanto [*LA*] quanto [*LB: lição que se adopta.*]

Alcino - Por essa via tudo é bulra. Eu não creio que há acabar-se nada por feitiços.

Fileno - Assi vo-lo digo eu. Mas esta per razões, e ardis é bastante pera fazer tornar o sol atrás. Agora há já nova arte desta ciência: das antigas dizem que com a ajuda dos diabos, e esconjurações, e virtudes de ervas moviam as pedras, e geravam amor em duros seixos. Tudo são patranhas. As d'agora não curam dessas vaidades, e ocupações párvoas: tudo dizem que acabam a puras dádivas, importunações, e meiguices. E são tão maviosas que se desfazem em dó de um namorado, havendo que em todo o caso devem remi-lo da sua afronta. Conhecem os mais fogos que podem: e donde se quer tomam os conhecimentos de que trazem todo seu cabedal.

Régio - A quais chamais cabrestos?

Fileno - Essas são de pouca pena, nem têm autoridade pera cousa de sustância: é comer feito de cada dia, e as que trazem as malfadadas do segre. É gente essa sem verdade, nem lei, escravas do seu intresse⁶⁷², nunca levantam cabeça, nem tem cabedal. Estoutras têm ãa gravidade senga pera o mundo, bastante pera tentar quanto quiserem: nada lhes escapa, nada receam, nem se lhes têm porta: acabam tudo o que querem, e ficam-lhe sempre devendo.

⁶⁷² intresse] [LA, LB: intresse é uma variante popular oral de interesse, onde se verifica a síncope da vogal <e>.]

Alcino - Se lhe há homem cumprir ãa dessas, per vossa via havê-la-á?

Fileno - Quanto quiserdes. Também, se vos armar, um marinelo que eu sou a matrícula de todos estes.

Alcino - Esse é um género de gente que de me muito avorrecer, emburulha-me o estômago vê-los: nem vi cousa tanto pera desterrar pera os desertos de Líbia.

Fileno - Pois sabeis que são hoje festejados dos nobres.

Alcino - Nem por isso os leixo de achar muito sem sabores, e enfadonhos.

Fileno - Quereis que chame um galante que por aqui passa embuçado, grande meu sócio, e vereis um discreto homem, e de muita arte?

Alcino - Quem é?

Fileno - Hipólito da Silva.

Régio - Oh⁶⁷³ fazei-o subir, que eu sou perdido pela sua galantaria, e brandura.

Fileno - Ah senhor? Suba por ma fazer, e logo iremos onde mandar.

⁶⁷³ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

CENA QUINTA**Fileno, Hipólito, Alcino, Régio**

Fileno - Passais por tão bom saber vir? Fostes o mais galante homem que há daqui té às Berlengas. Vós senhor trazeis dous chapéus um de si, outro de não?

Hipólito - E vós senhor fostes a Roma?

Fileno - Eu vos estava agora desejando como prenhe.

Hipólito - Aqui me tendes tamanho como um sável de Maio. Vossas mercês em que se ocupam? Jogam ou fazem algo?

Fileno - Oulá senhor, quê? E vós vindes-me tão gentil homem, e tão metido na má razão?

Hipólito - Eu sempre fui assi travesso.

Fileno - Boa medalha que vos eu vejo⁶⁸².

Hipólito - Não presta, é assi um brinco.

Régio - E isto senhor que é? Um homem nu junto a um parque cercado. Digo bem?⁶⁸³

Hipólito - Senhor sim.

Régio - E diz a letra: ‘de remédio e de esperança’.

⁶⁸² [LB: Em LB, esta fala de Fileno é omitida, seguindo-se a de Hipólito. Com a omissão desta fala, perde-se o sentido do texto, não se sabendo o que comentam as personagens.]

⁶⁸³ [LB: Em LB, esta fala é atribuída a Hipólito, bem como a seguinte.]

Alcino - Bom. De maneira que quereis dizer que andais⁶⁸⁴ nu de remédio, e esperança lançado fora do vosso deleite? Está gentil propósito. Deveis de andar picado d'algũas desavenças? Vós porém lograstes já algum bem.

Hipólito - Descobris-me logo assi a milgueira. Dou-lhe que queira homem encubrir sua tenção, e fadairo, já que lho sentis não lho calareis? Que cousa são homens palreiros.

Alcino - Vós o posestes primeiro em pregão.

Fileno - A espada mostrai.

Régio - Oh⁶⁸⁵ que gentis cabos: como está da minha arte. Vejamos a folha: é boa?

Hipólito - Nunca a tal vistes.

Fileno - Ferro não no há no mundo como o da minha. Vede-la aqui, que é ãa carta de seguro. Tenho feito com ela provas que não estão em razão. Olhai-me a cor desse ferro?

Régio - Fica?

Fileno - Nem que lhe ponham em cima ãa mó.

Régio - É bem leve.

Fileno - Como ãa pena: senão trago-a muito mal tratada: dou com ela per ferrolhos, e bigornas, e nunca acabo de cortar sapatos: e os fios são

⁶⁸⁴ [LB: na rubrica da página 271, pode ler-se: Scena Quarta, mas refere-se à quinta.]

⁶⁸⁵ Oh] O [LA] O' [LB]

de navalha.

Hipólito - Eu tenho este verdugo por ãa estremada peça: e há muito poucos dias que enjeitei de um homem fidalgo⁶⁸⁶ trinta ducados em dobrões por ele que me tirava os olhos, e eu dava-lho de graça.

Fileno - A medalha farei partido com ãa rodela que tenho boníssima, que mandei fazer nesta viagem de Mazagão, e também fala.

Alcino - Que diz?

Fileno - Lá fui achar nas trezentas de João de Mena ãa história de Hércules. Mandei-lhe pintar a fábula das maçãs de ouro, e o drago⁶⁸⁷ que as guarda ao pé enroscado, e Hércules com a sua clava que as vai colher. E isto dizem eles que foi cá em África no monte Atlante. Pois a letra é especialíssima: que eu não sou senão de descuidos, e palavras corriqueiras per que todo mundo passa. Parece que nada dizem, e falam o que eu quero.

Alcino - Pois dizei, veremos.

Fileno - Todos somos *del merino*.

Alcino - Quê? E vós sois tão profundo?

Fileno - Estava boa a minha tenção, porque íamos pera África: e eu par estas me tenho por outro Hércules, e que sou deles se cumprir.

Alcino - E mais se lá houvera aquela fruta não sinto quem o não seja,

⁶⁸⁶ fidalgo] fidalgo [*LA: lição que se adopta.*] figaldo [*LB*]

⁶⁸⁷ drago] *por* dragão [*LA, LB*]

segundo cá há necessidade, e cobiça dela.

Hipólito - Haveis de ter por certo que os antigos foram pera menos do que cuidamos: fizeram de suas cousas mistérios medonhos, e fingimentos por perpetuarem⁶⁸⁸ sua memória: e tudo nada. Vede que Janianes agora há, que não vá per pontas de diamantes ao mais alto pinacolo do mundo se lhe de lá acenarem com ouro? Então querem-me abafar com Hércules, e com seus doze trabalhos. E um de nós agora passa doze dúzias deles muito maiores, como beber um púcaro de agoa, e não lhe val nem pera achar ãa árvore de cobre.

Fileno - Sois muito discreto, e sobre essa vossa razão me matarei com Heitor troiano se a contradisser, que eu não sou de muita parola, senão de obra: que o cavaleiro há-de defender, e não de porfiar. E inda mal, porque não imos a Marrocos derrocar nesses perros como em nabos⁶⁸⁹. Ah que não há outra vida senão a dos soldados. Parece-me que nunca vivi senão esses dous dias que estive em Mazagão: e cada hora me vêm engulhos de tornar lá antes que se venham as companhias. E confesso-vos que saudade de Lisboa me desatinava lá, e me fez vir ante tempo.

Hipólito - Dados tomara eu agora aqui de boamente.

⁶⁸⁸ perpetuarem] perpetuarem [*LA: lição que se adopta.*] perpetuarem [*LB*]

⁶⁸⁹ [*LB: na rubrica da página 273, pode ler-se: Scena Quarta, mas refere-se à quinta.*]

Fileno - E eu primeirinha mendes⁶⁹⁰: e aventurara mea dúzia de ducados às presas.

Régio - Mas quereis-me rifar certas peças?

Fileno - Não seja coura d'anta, nem adaga de tauxia, que me avorrecem já muito.

Alcino - Ou senhor? Ou? Invenção grande das escodadas com as costuras pera fora à maneira de gaspas.

Fileno - Muito perra invenção. Corro-me por vossa parte.

Hipólito - Não corrais, nem as tragais se vos não armam, que esta cousa do vestir pende do gosto de cada um: por onde todos acertam, e todos erram.

Alcino - Si, mas não me negareis que a invenção é roim.

Hipólito - Vós sereis todo de errar com os muitos, e não vos desviar do costume? Certos borzeguis de bom favo com chapins de veludo pera o paço, não há mais Fez.

Alcino - E vós arriscareis toda vossa gentileza em botas de vaca que sejam de canela?

Hipólito - Aqueceu-vos já indo cavaleiro em certa albarda, com embuço de lenço, e grande recacho, passando per fonte chamarem-vos as moças rascão, e vós muito concho falardes-lhe doçuras?

Fileno - Isso é pera ver, que eu sairei por quem cair.

⁶⁹⁰ mendes] [LA, LB: mendes é uma forma arcaica equivalente a mesmo, mesma, segundo Morais.]

Alcino - Aposto ãa cousa. Que passou por vós irdes ao Corpo de Deos de Almada, ou Ramos de Alhos Vedros, por capitão de certa companhia da vossa cevadeira, e elas fazem o gasto; onde vai mulata com adufe que se derrete no canário; falais-vos por tu, dá-vos pescoçada pera filho da puta: e do retorno, que é punho seco, se vos amua, chamando-vos carne de cão, que tendes brincos de cão velho: e vindes jogar o gato repelado na fonte da pipa.

Hipólito - Acertastes: mas vejo-vos tão afadigado em propor vossas razões, que me pareceis antre nós, punhete de lançol por vela co focinho no Barreiro, como porco que se vai à mata; ãa onda a toma, outra a leixa, e ele seu rabo antre as pernas não vê dia nem hora que se verá varado em terra, mui arrependido porque se desamarrou do cais..

Fileno - Naquilo não há que falar: estais chofrado.

Alcino - Como sois ambos perdidos pela vossa arte: não vos desamarrareis um do outro que se funda o mundo. E guardai não vos saiba eu que vos tendes votado pera ir matar à Índia homem que vos levou molher que estava da vossa mão.

Fileno - Quantas vezes não podestes responder a vossa dama falando-lhe, e escarrastes por tomar alento, e armar novo propósito?

Alcino - Mas quereis-me dizer a verdade? A quantas tendes pedido a mão pera casar?

Fileno - Não, isso faço eu cada hora. Quereis-me ensinar algum termo bom

pera começar a requestrar ãa dama a primeira vez?

Alcino - Bem sei que sois enleado com gente de guarnição: e que não sabeis caminho nem carreira, meu amor pera onde me irei.

Fileno - Sobre essa razão me matarei convosco, e mais dar-vos-ei a espada de ventagem.

Alcino - E como ora dareis?

Fileno - *No le dirè que se vaya, mas antes le llamarè.* Certezas me têm morto.

Alcino - A que diz, *saliendo de una montanha.*

Fileno - Muito bem. Sabeis qual me muito enfada? *Qué queréis que os traiga niña delicada?*

Hipólito - É malíssima. A ãa que dizem, *‘triste, sola y emparedada’*, fiz noutro dia um pé assi por brinco.

Fileno - Dizei por vossa vida.

[**Hipólito**⁶⁹¹ -] *En su secreto aposiento
De amor deseoso pungida
Llora con gran sentimiento
Un cuerpo y alma sin vida.⁶⁹²
Con aquello que desea
Contra si mismo se esfuerça
Que se vê hermosa y moça
Y sin que nadie la vea.*

Alcino - Pouco tendes que esquecer da arte.

Hipólito - Vós sereis perdido por bom consoante? Quiséreis que pusera em

⁶⁹¹ Hipólito] [LA, LB: não é indicada a personagem que fala, mas pode deduzir-se pelo contexto que se trata de Hipólito.]

⁶⁹² sin vida] sin vida [LA: lição que se adopta.] sinvida [LB]

lugar de moça, almorça, ou alcorça, pera não ser toante de esforço?
Que grande rapazia é responder por consoantes: bom estaria eu se
me houvesse de amarrar a essas leis. Eu senhor tenho privilégio
pera não obedecer à arte do Lenzina: e espojar-me pela poesia a
meu sabor. Fale eu ãa vez o que quero, e enforquem-se poetas.

Alcino - Como sois português per cabeça de uns que hão por discrição saber
mal tudo, e fazê-lo peor.

Hipólito - É mal que me preze de castelhano? Assi é o menino parvo? Mas
fazei-me mercê que me respondais a esta pergunta que hoje fiz.

Alcino - Dizei.

[**Hipólito**⁶⁹³ -] Diz que me tem afeição,
Serve-se de minha dor,
Se me vê por grão favor
Põe-me os olhos de atenção
Não muito isentos de amor.
Não promete, nem se obriga
A cousa que me descanse.
Não sei que remédio siga,
Vossa discrição mo diga
Antes que me a vida canse.

Régio - Ora leixai-me, que eu lhe quero responder, com tal que me responda
também a outra que tenho feita.

Fileno - Vejamos.

[**Régio**⁶⁹⁴ -] Da vista nace o amor:

⁶⁹³ Hipólito] [LA, LB: não é indicada a personagem que fala, mas pode deduzir-se pelo contexto que se trata de Hipólito.]

⁶⁹⁴ Régio] [LA, LB: não é indicada a personagem que fala, mas do mesmo modo pode deduzir-se que se trata de Régio.]

Do amor nace o desejo:
Do desejo a esperança.
Não há nas dores mor dor
Pera cuidado sobejo
Que a tardança.
Nesta tardança queria
Saber por concurusão certa
Qual mais cansa⁶⁹⁵ a fantasia?
Certa esperança, ou incerta.

Hipólito - Sou contente de lhe responder: e haveis-me de dar tempo, que eu não sou dos que o fazem de improviso.

Régio - Nem eu também.

Alcino - E guardai não sejais cuidá-lo bem, e fazê-lo mal.

Fileno - Ouvi-me agora que também quero meter vira em barreira. Eu fiz aqui ãas duas trovas a um vilancete muito gracioso, e velho, porque sou eu todo de levantar estes nadas: e dir-vo-las-ei, porque vejais que marca sou. O senhor é:

Vai ver o teu amor Joane
E vem-te logo.

Hipólito - Como isso é vosso.

Fileno - Foi isto quando estávamos pera embarcar que lhe tornei de Belém dar vista, porque vai a seu propósito.

Vai teus olhos contentar,
Vai satisfazer vontade,

⁶⁹⁵ cansa] causa [LA,LB] [LA: dá errata, para este lugar, a seguinte correcção: causa diga cança..]

Que depois virás chorar
Com nova dor de saudade.
Vai acender o teu fogo,
Acendido vem-te logo.

Cumpre o desejo à tua dor,
Vive a lei do coração.
Que a verdade é que o amor
Ceva-se da sua paixão.
Vai trazer da lenha ao fogo
E partir-nos-emos logo.

Hipólito - Vós estáveis mais namorado que um rousinol de Alvalade: que
fora se estivéreis à sombra de castanheiros sombrios, e fonte de
agoa fria que ferve antre alvos seixos?

Fileno - Antre os valos de Mazagão vós quisésseis ver pera isso. Ña noite da
minha vela fiz eu outras a outro quasi do teor, que dizemos cá.

Leixar quero el amor vosso,
Ai vida não posso.

A noite era fria, a mim lembrava-me a minha gaita; então pus os
olhos na lua⁶⁹⁶ como fazia Fiometa, e disse:

Quando me aperta este mal,
Que a dor vence o sofrimento,
Trabalho co pensamento
Leixar-vos, mas não me val.
Que de ser já tanto vosso
Leixá-lo de ser não posso.

Atou-me à causa, e razão
De tal maneira o cuidado:

⁶⁹⁶ lua] lũa [LA, LB]

Que me traz mais que forçado
 Ao que quer minha afeição.
 Esta me trouve a ser vosso,
 Desta salvar-me não posso.

Hipólito - Bom estava então o bucho. Ride-vos⁶⁹⁷ vós de mais Orfeu sobre os muros de Tróia, quando Neptuno ao som da sua poesia os fabricava com o seu tridente. Õa senhora me mandou os dias passados que lhe fizesse ãas trovas a ãa que diz:

*El mi coração madre
 Robado me le ane.*

Eu fiz-lhas cujo teor é o seguinte:

*Por los ojos con que vi,
 La que despues que mirè
 Já mas del alma olvidè,
 Hizo Amor entrada en mi.
 Destonces hay la mi madre
 Robado me le ane.*

*Que el dulce trance pasado
 Robado de su visión
 Halleme sin coração
 D'alma y vida despojado
 A fuerça de amor mi madre
 Robado me le ane.*

Alcino - Ela mandou-vo-las gabar, e vós crestes-lho, e eu nunca as vi tão más.

Hipólito - Parecer-se-ão com as vossas, que fareis mais escarcéus que um

⁶⁹⁷ [LA: o fólho 206r apresenta a numeração errada, tem o número 205, repetindo o número do fólho anterior.]

noroeste. Mas devisardes as confrontações da minha tenção não é da vossa colheita.

Alcino - Vós deveis ser um contente homem segundo sois confiado; e fazeis bem, porque ruim seja quem se em ruim conta tem.

Fileno - Vossas mercês querem ir por aí às hortas comer dos cardos, jugaremos à bola? E se quiserdes damas, e pandeiros, mandarei apelidar a terra, e vereis a doce França.

Régio - Nós havemos de ir ao paço, fique pera outro dia.

Fileno - Fiquem-se logo a Diu, que estes são os mancebos que se vão por aqui correr as estações de seu gosto, e meter o bom dia em casa, antes que infirmitades de mau estômago, dor de pedra, de enxaqueca, e toda essa *turba multa* dos almogáveres da velhice nos corram o campo: porque são uns tredoros rapazes, atalhadores da vida, que se vos entram, não vos leixam pôr pé em ramo verde: e eu velo-me deles.

Régio - Senhor essa é a verdade, que estoutros contemplativos da China, não vivem.

Fileno - Convosco me enterrem.

CENA SEXTA**Régio, Alcino**

Alcino - Vós passais por como estes são vãos, e perdidos pela sua arte?

Parece-me que não têm ponta de miolo?

Régio - Esse mau lhe achastes? Não morrerão de etegos. E presuponde que o mesmo vão rezando de nós, por não errarem tão certa certeza como é murmuráremos⁷²² todos uns dos outros nas costas, e não nos satisfazer salvo o que aprovamos.

Alcino - Dir-vos-ei. Eu conheço a laia destes, são grandes sequazes de esnoga de Alemanha: e às presas oferecem alma e vida como Deos tem por bem: falam per graça latim maçorral, com o qual por gasalhado recebem os fregueses que vêm muito apunhados. E aqui o primeiro arrepique é acodir-lhe com figa per baixo da perna de muito familiar: e o segundo, atuar-se (leis e liberdades de sua estreita conversação.) Os quais meus senhores⁷²³ assi dão por bom tudo o que eles aprovam, como um *Senatus Consultus*. Lançam-se a um trajo novo como danados té o pôr no fio: e cuidam que vendem galantaria, e arte.

Régio - Mas quanto engano há nisso. Eu hei-de navegar um dia té os

⁷²² murmuráremos] murmuraremos [LA, LB: *vd. nt. 49, p.106.*]

⁷²³ senhores] sanhores [LA] senhores [LB: *lição que se adopta.*]

Cachopos, ou chegar aos bancos de Valhadolid, e trazer de lá as carapuças do Xequé Ismael, por competir com estes inventivos.

Alcino - Ora sabeis que se trouxerdes um chucalho⁷²⁴ dizendo, que vindes de Bretanha onde se costumam: eu vos faço bom que os tragam logo cá avengeados desde dom Quadragante té Risdeno.

Régio - Essa vos digo que hei por peor. É a liberdade aqui tanta pera desmanchos: e o cativo tal pera comedidos, que em tudo quer Pedro ser tão bom como seu amo; e nenhum superior conhecem, salvo particular interesse. E este, crede que é o algoz de quantas opiniões, e soberbas vós vedes alardear.

Alcino - Por isso diz o castelhano, *quien tal haze, que tal pague*.

Régio - Sabeis que vou cuidar de minha malícia, que quando Portugal era mato maninho de letras jurídicas, e vivia da opinião das armas; carecia das cautelas, e trampas em que agora anda⁷²⁵ baralhado: tinha o primor na verdade e não era⁷²⁶ arastado⁷²⁷ de tanta cobiça.

Alcino - Isso me traz mouro. Ver doutor argel como cavalo, que bolou ao grau *propter labores itineris*, como eles dizem: mais curto inda do entendimento, que da vista: mais descortês que porteiro: mais mal incrinado, que um aleijado: todo encorporado em vilão, e tão desgastado vos despoe da fazenda, e honra, como se não houvera,

⁷²⁴ chucalho] cuchalho [LA] chucalho [LB: *lição que se adopta.*]

⁷²⁵ anda] ando [LA, LB] [LA: *dá errata, para este lugar, a seguinte correção: ando diga anda.*]

⁷²⁶ era] era [LA, *lição que se adopta.*] erra [LB]

⁷²⁷ arastado] arastado [LA: *lição que se adopta.*] arrastado [LB]

mais que nacer, e morrer.

Régio - Ora fazei-me ãa mercê. Passemos-nos desta escaramuça a outro remanso não nos levantem, se nos ouvirem, um caramilho per que pubriquem contra nós éditos de resistência, que entre eles é peor que caso maior, e contra a coroa.

Alcino - Disso me riu eu muito que nunca me vereis acoimado na lei de lesa-majestade, porque morrerei mil vezes pola bondade real: nem sei idade mais ditosa nessa parte que esta nossa. Por onde estou aos pés juntos no que devo à lei de bom cristão, e bom português. E quanto ao mais ninguém mostro com o dedo: falo assi a cega la garda⁷²⁸ como dizem. Quem mais for inocente e simpres na tenção lance a primeira pedra, que a verdade é tão forte que vence todos os cuidados humanos.

Régio - Anda o mundo envolto, e tão calabreado neste passatempo de notar faltas alheas, e nunca ver as próprias: que nós dizemos de uns, e outros dirão de nós, e assi ficamos tal por tal. E sabeis que não há português que não tentee⁷²⁹, e emende o mundo com mais confiança que a de Licurgo em dar leis.

Alcino - Há logo mui poucos que queiram estar por elas.

Régio - São horas do paço, vamo-nos lá.

⁷²⁸ cega la garda] [LA, LB: expressão que possivelmente significa sem controlo da guarda em esgrima, e nesta acepção tem o sentido de casualmente.]

⁷²⁹ tentee] tentee [LA: lição que se adopta.] tete [LB]

CENA SÉTIMA**Hipólito, Fileno**

Hipólito - Ora vós não gostastes muito de como tivemos o escudeiro brasa?

Não sabia se estava em céu, se em terra.

Fileno - Pera que é falar nisso? Não punha pé em chão. Pois cuida ele que vende corte.

Hipólito - O outro parece-me que se nos quis vender por chumbado: que eles agora têm por o timbre da discrição falar pouco, rir muito menos, e muito arrendado: e não zombar, por o decoro da gravidade. E há destes medalhas de mais sortes que moedas de Alemanha.

Fileno - Oh⁷³⁰, como esses são enfadonhos. Outros há também muito perros, empostos em graciosos, praguejam de todo o mundo, onde estão, sempre os ouvis, mal ou bem: contrafazem, sabem novas, e infirmitades, porque andam a isso: odiosos na conversação, nas obras desautorizados; as mesmas fezes do paço antigo, que foi tudo risadas sem graça. Zombam muito, correm-se sem tempo nem hora: broslados de velhice, enfiados em certezas etegas: havidos por

⁷³⁰ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

discretos de quem lhes não sabe lançar o prumo: se lhes mostrais gostardes deles, despejais-lhe o bucho de quanto têm.

Hipólito - Ora, vinde cá que me dais a vida: porque eu não vivo senão de terçar quanta parvoíce vejo em cabrões. E cuidam eles que pera os sentir ninguém lhes toma a palha; e eu atrever-me-ia sem perigo, nem cuidar que fazia muito, axorar dez mil destes. E que me dizeis a uns católicos que rezam sempre em público fazendo com os beijos maior harmonia que a de ãa acenha? Nas personagens, e enleavações de olhos representam machatins: os suspiros são tantos, que darão bateria ao concílio dos deoses, mais perigosa que a dos gigantes. Na boca a consciencia⁷³¹, e no peito a ingratidão: querem-vos composto de humildade, e sofrimento pera os compadecerdes, sendo cada um deles em soberba, e altiveza o Colosso de Rodes; e assi negoceam o mundo, alicece de sua esperanças, e fundamentos.

Fileno - Sabeis de que gostei muito sempre? Ver mó de uns que eu sei tão sáfaros do juízo estimativo, como prejudiciais no práctico, que em prática tomam entre mãos as cousas da outra vida, dando-lhe cem repelões⁷³² às escuras, té virem a penas do purgatório, mortos por abalizar em que parte é: e embebidos nesta alteração alega um que o ouviu a Calçadilha: outro que o leu em Guevara, ouvi-los é farsa.

E o mais comedido remata a porfia com dizer que tem, e crê o que

⁷³¹ consciencia] *por* consciência [LA, LB]

⁷³² repelões] repelons [LA] repelones [LB]

manda a Madre Santa Igreja. Nesta concórdia satisfeitos do que aprovam, ali se acotovelam a cada espirro do pregador: apontam onde atira, aposentam-lhe a tenção a cada passo, mas fora de casa. E se ele açoutou o mundo, disse, ameaçou, e deu palmadas; logo todo aquele dia ouvis, «bom esteve hoje o pregador, prometo-vos que há-de ser grande homem se por ali vai sempre». Mas se se foi pelo Evangelho somente com ãa doutrina penitenciária, e proveitosa pera as particularidades da consciência cega em suas incrinações, ficam bocejando, e dizendo:

— Vinha muito frio, e ensoado o padre: não se pôde ouvir: detém-se muito: tenho-me eu com o de noutro dia que em duas palavras disse o seu, e o das patas. E o outro responde-lhe:

— Esse homem é jogo sem bulra.

Então leixai-os manter porfias, e segurara o campo com um riso muito confiado.

Hipólito - Por vossa vida que sigamos alguns párrafos geralmente, e ruim seja quem por ruim se tiver.

Fileno - Ora sus que eu farei também meus corolários.

Hipólito - Sabeis de quais gosto por extremo? De uns doentes de fidalgos, como músicos de sentido, sem cabedal: em aldeia, põem⁷³³ cadeira

⁷³³ põem] pom [L4] poem [LB: *lição que se aceita*]

de espaldas na ussia⁷³⁴: na estação bocejam, quasi digam que estão dali cem legoas nos cuidados: trazem demanda, sem ter direito, sobre ferrageal, a que chamam morgado, o qual constituiu Pedreanes de ãa aguilhada de terra, que tomou na sua terça, com certas obrigações de que o compremisso é perdido. E aqui bate o negócio sobre o descobrimento deste compremisso: e o tal demandam diz que lhe pertence per sua tia, afillhada de seu avô, que na rota de Pavia leixou ãa verba tal. Finalmente, traz um dito decorado que a todo o mundo conta: faz e desfaz leis: estuda pelas Ordenações, e gaba-lhe a lingoagem. Toda sua conversação é doutores, que ele afirma que embaraça a cada passo. Faz nota de razoados que lhos ponham eles em termos: nova nenhũa lhe escapa. Dou-vos minha fé que não sinto paciência que baste sofrer um destes por vizinho em lugar pequeno.

Fileno - Muita graça tem, por sinal que o mais do tempo trazem dó. Lançam sempre juízos sobre a estada do Rei: cada hora lhe fazem um regimento, tudo autorizam com costumes dos reis passados, a que seus pais foram muito aceitos, e quiçá os não viram.

Hipólito - Ora ouvi rimar. Que me dizeis a uns como ógeas com olhos cozidos, que servem de se debater? Foram ver mundo por caso fortuito. E imaginai que às vezes o correram como obreeiros, e em

⁷³⁴ ussia] uscia [LA, LB: ussia o mesmo que adussia.]

semelhantes cargos, segundo se acontece. E a primeira peça que tiram a terreiro, como se lhes oferece algum espogeiro, é gabar costumes estrangeiros, e execução de leis: estalagens de França: prato a pasto de Itália, vidraças de Alemanha, que nunca se quebram, porque não há rapazes travessos: passatempos de Borgonha: regimento de Veneza. O negócio é que enfadam as pedras com suas tragédias. Se nomeam o Duque de Lencastro⁷³⁵, há-de ser em inglês. Os aquecimentos foram tantos, as fortunas tantas, contam cem vezes ãa cousa, e encontram-se a cada passo, dizem o que não viram, do que vêem não sabem dar razão: cousa da sua natureza não lhes encaixa: têm que forçadamente lhes há-de dar o tempo algum em que sejam necessários; e se não, aí está Itália onde estimam os homens per sua pessoa, que em Portugal não se pode viver. Tem safra como azeite, e a sua inchação as mais das vezes se lhe revolve em vento.

Fileno - Sabeis quais eu trago atravessados que desejo aposentá-los entre os montes donde o borracho do Talmude⁷³⁶ sonhou que estava ençarrado um dos tribus⁷³⁷ de Israel?

Hipólito - Muitos vos direi eu desses, mas dissei os vossos.

Fileno - Uns bufos, a que os necessitados acodem por mais não poderem:

⁷³⁵ Lencastro] *por* Lencastre [LA, LB]

⁷³⁶ Talmude] Talmud [LA, LB]

⁷³⁷ tribus] [LA, LB: *o substantivo tribus apresenta por vezes o género masculino em escritores antigos, segundo* Morais.]

toda sua conquista de ultramar consiste em saberem muito de provisão (mangra que vai tomando já pelas grimpas) usurpadores do negócio alheio, chamam provido, a ser escasso, e discrição, a ser tacanho. Ser estéril, tem por obra de espírito, e por doudo o gastador: não tem juízo pera apetir bom nome, porque de costumados a pouquidades não sabem querer, nem entender senão cousas pequenas; e então quem barata a honra por dinheiro, perde ambos. E enfim não pode ser maior fraqueza que pôr o preço da pessoa no que se aquire: porque de pusilânimos é prezar-se do que tem: e de magnânimos, das obras que fazem.

Hipólito - Nojenta relé é essa, e não tem lei, salvo com a própria cobiça; vício mais pera haver dó, e avorrecer que todos.

Fileno - Sabeis outros que eu acho de muito sal? Uns gamos perdidos por *bien amar*, que às apalpadelas pretendem engatinhar pelo forol dos seus passados: tocam per semitom, passando por alguém que os ouça, trova do cancionero de que trazem a memória acogulada. Tratam Boscão familiarmente, e a passos o vêem por peneiras, latindo à cova do Petrarca: falam de ouvidas em Ausias Marche. Como se ajuntam com outros picões da sua estofa falam nos modos das damas, e em contos seus. Daqui vem descaindo a falar na caça, mostra-lhe galgo, e gabam-lhe a seda: contam mentiras de lebres com o gosto que Heitor teria levando em fugida ante si os

Gregos. Assentam enfim que não há caça como a do gavião, muito pesarosos porque os sáfaros não são tão seguros como os ninhegos, e resumem-se no gosto que é ver esmerilhão com cotovia.

Hipólito - Sofríveis são esses, se nisso não gastassem o aço dos espíritos, fazendo do exercício ofício; e do passatempo ocupação. E nessa paragem vos darei mil seitas que fazem o finca-pé em opinião própria, e o alicece é buscai per i cranguejo. E um furo abaixo apontai uns que têm manhas mecânicas, que não fundem, porque diz o italiano: «*se seno senza opera, ricchezza di mato, sotilezza di povero, bellezza dishonesta, vagliono*⁷³⁸ *nulla*». Fazem per si mundo em segredo, vivem como morcegos, têm cancionero de boa letra, e má nota, e mostram-no em particular a quantos lho querem ouvir: trazem sempre anel de camafeu, ou qualquer outra peça de novidade cavada com sua imaginação: e lustram nos arrabaldes per humanidade, com saberem todo género de aquecimento quotidiano.

Fileno - Outros há também muito pera espreitar: tomam mais ventos que esses, que os traz como palhas em redomoinho: trazem parenta no paço, per que vogam, ousam cometer qualquer lugar mediante seu favor: sonham sempre derivações, e boas repostas: inventam motes mais remoídos, que o axe dos rapazes: tem mil pés nos singelos, e erram sempre os dobrados: e por serem primas inda que cainhos,

⁷³⁸ vagliono] vaglion [LA, LB]

fracos das presas, e maus caparoeiros, são admitidos em toda boa colheita delas.

Hipólito - Disso hei dó, porque vejo os terços por mais ardidos que sejam, e por mais que rechacem a caça no ar, nunca empolgam em valia com as ditas senhoras, que passe de amizade: porque cometem sempre peito a vento, foge-lhes tudo por longe. E à força de porfia se seceavam por desastre, não têm mais que a prática, e os suspiros. E logo vê-los-eis sempre no campo fragueiros com ãa ufanía, e ventã, que direis a Deos que não há mais Troilos: mas assentai que tudo é, quanto vales, tanto podes.

Fileno - Os meus senhores de que nos armamos na prática em que rumo os pondeis?

Hipólito - Em uns que servem de remos do reino, mais que estorninhos: gozos que se mantêm do que lhe os rafeiros soltam. Toda sua rota gastam em se esganiçar derredor do curral desviados dos roazes. Seus conhecimentos nesta parte são negras a que chamam comadres, quando muito vogam em amores de moça do retrete mudado no ar, escravos de suas amigas: per caminhos vão na bagagem e carruagem latindo: e falam doçuras mais mal apropriadas, e menos fundadas, que disparates do João de Lenzina.

Fileno - Eu estou vendo essa relé no paço da ribeira de Coruche, onde se metem pela agoa com toda diligência, e lançam-se a um desastre de

um atoleiro mais foutos, que podengo de levanto em lagoa de adens; do qual perigo tem que contar pera seus netos, como se foram o cavaleiro do cisne.

Hipólito - Oh⁷³⁹ calai-vos que me fareis estalar de riso, e espojar-me nesse chão. Ora enfim tudo é vento, senão viver aos dias, e o bom metê-lo em casa. Não gastar a vida em grangear honra com sofrer cem desonras, e outras tantas afrontas que vos estilam. Quem se satisfaz do que pode, é senhor de si, e forra grandes desgostos: por isso quem vos gabar o paço em suas valias, gabai-lhe antes o deserto. Inda que isto não se sente senão depois do tempo perdido em contas vãs.

Fileno - Tenho-me eu com dar ãa revolta de couces a ãa iça por qualquer sombra de ciúmes, e depois trazê-la à pela: e então quatro figas pera as conservas da Ilha da Madeira.

Hipólito - Falais da minha arte: são escravos da cobiça, cativos de suas longas esperanças vãs.

Fileno - Tivesse eu a acíqua provida sempre de bons grãos, ou coscos pera poder roçar, e piar de godo: e eles suspirem embora como valdovinos. Tenho-me eu com a minha iça de que tenho todos os almoços ãa gomarra, ou dous soldos: e isto não lhe tira a seus tempos por-vo-la em lima, e dar-lhe ãa estafa com que fica

⁷³⁹ Oh] O [LA] O'[LB: *lição que se adopta.*]

cuidando que bebo os ventos por ela. Verdade é que tenho gastado com ela o cairo.

Hipólito - Mais mimosa se quer a minha.

Fileno - Vós sois inda bisonho, e mais essa tem a corva da mãi, que vos faz a guerra, e sobre mim que não há dia que a não ponha em almoeda. E estas sabeí que se querem apaleadas como o vilão, e o coelho: e nada basta pôr-lhe freo à lingoa. Dou logo bofetada a minha que vo-la estiro na casa; ela de vilão e velhaco não me há fome nem sede. E contudo diz que venderá o garavim quando mais não poder por mim: eu porém tenho-vo-la dona e senhora que não ousam valhacos boquejar-lhe, nem algũa outra do trato anojá-la em ãa palha; porque ponho logo tudo a saco. Andai por aqui vamos dar ãa vista às costelas.

ACTO V

CENA PRIMEIRA

Astolfo, Ulissipo

Astolfo - Vós sabeis que somos contraminados de nossas mulheres?

Ulissipo - Como assi?

Astolfo - Tem a minha sabido quanto temos feito, e por fazer. Já ouviríeis que té o bem consultado sabido dos imigos resulta em próprio perigo.

Ulissipo - Por isso dizem bem, que quem quiser ter negócio sobejo faça nau, ou tenha trato com mulher: porque nada basta ataviar, e governar estas duas cousas: e o diabo lhes diz sempre tudo. Que há-de ser? Que eu nunca vi mulher muda, e na lingoa têm toda a força.

Astolfo - Pois sabeí que per via da vossa, cuido eu, que a minha é sabedor desta cousa.

Ulissipo - Essa é peor, e mais é assi: que não debalde se faz agora novamente enqueredor de todos meus caminhos, e me lança sempre remoques, e dá achaques, que dissimulo, mas entendo, porque asno desovado de longe aventa as pegas: e eu sou de a quem errares, não creas. E por isso lanço mão antre mim de tudo o que me diz, pera saber o de que me hei-de velar.

Astolfo - A minha vos digo que tem inteligências com os meus moços. Se de

mim se houvesse de tirar devassa, ela bastava por cem testemunhas.

E mais logo me lança nas barbas quanto sabe.

Ulissipo - Não hei por bom isso, que a molher que te quer, não dirá o que em ti houver.

Astolfo - Nessa cousa de ciúmes nenhũa tem paciência, por sofrida que seja. Sua natureza é inquirir, e querer saber: elas dizem que é de amor, e soffro-lho, porque toda a perda é sua, pois não podem saber senão mágoas, a que, se fossem sezudas, deviam tapar as orelhas.

Ulissipo - Se lhe homem tomasse conta da costura, da maçaroca, e de suas ociosidades, como a querem tomar de nossos negócios, quiçá teriam menos malícia: mas a muita liberdade, e mimo em que o mundo as sustenta, é ocasião de entenderem sempre no que lhes não cumpre, e passarem por sua obrigação.

Astolfo - Tenho caído que todo mal lhes vem de ociosas, e de terem conversações acessórias de outras, que são os correos das novas, que cá chamaís cus de sete lares: andam de casa em casa tratando de vivos e mortos, e encadernadas em um capelo franzido são o tombo de negócios ativos.

Ulissipo - O rei desses conhecimentos é a minha, e não há nenhũa destas que com o rabinho entre as pernas, e ùa bengala na mão correm seca e meca, que não registe com ela.

Astolfo - Dessa maneira não lhe escapara nova nas guardas do norte? Muito

velo a minha desses azos, porque sabeis que é ãa conjuração catilinária, mais prejudicial que mangra. E de poucos tempos pera cá vai ter com ela ãa viúva, que ela diz ser alma da vossa, e molher de grande talento: e tal me parece em sua presença grave, e honesta: mas confesso-vos que me carrego como adro, como a vejo.

Ulissipo - Pois fazei-me mercê que a não sofráis, e vereis se vos pregoam logo por luterano? Eu a conheço, e é a que vos contei que ouvira praticar estoutro dia com a minha.

Astolfo - Ora não é outra, e digo-vos que nada me arma sua amizade, porque me temo amotinar-ma. Mas homem há-de sofrer porque o sofram. E tem o mundo posto tal foro de as sofrermos, que não sei como não fazem maiores excessos.

Ulissipo - Que direis a isso? E sabeis a que não tenho paciência? Que não se contentem elas de lhes dissimulardes suas fraquezas: porém vão-se apossando de nós de maneira que, não querem ser molheres, mas aios, que ensinem e senhoreem, e a que hajais de ouvir sempre em silêncio, devendo elas viver de contino nele, em tudo sojeitas ao marido, que é sua cabeça.

Astolfo - Fazei-me ora mercê que as ponhais em caminho dessa lei. Como rima? Nenhã há já que não ensine o marido té a comer. Homens parvos, e pera pouco lhe têm dado tal crédito, que leixam de entender nas cousas de portas a dentro, e governam as de fora. Os

antigos diziam que o primeiro conselho da mulher se tomasse, por a ligeireza dos espíritos que têm pera voarem logo ao que podem alcançar; nós agora de popa à proa estamos pelo primeiro e pelo derradeiro: e assi vai tudo como Deos melhore. E estou em temer da nossa fraqueza que se faça nesta nossa terra o reino das Almazonas.

Ulissipo - Se nós somos tão jóias que fazemos obrigação de homem honrado dar-lhes o governo não da casa somente, mas da pessoa e da vida? E então dai-me ãa mulher favorecida, dar-vo-la-ei douda: dai-ma ter mando além da sua profissão, dou-vo-la atrevida e insofrível. Por mim o digo que não sou poderoso pera mandar em minha casa o meu negro: tem-me tomado a mão a tudo, e de maneira que fico *sombra soy del que vivió*. As filhas damejam, em cortar vestidos gastam quanto tenho: o filho rouba-me, e vive a seu sabor: e a mãe sustenta o bando por todos a meu pesar. E hei-me de calar se quero viver em paz. E sabeis todavia donde isto nasceu? Da minha pouca inocência: e assi vai tudo. Pelo que dizem, *callense, y callemos, que a cada milla sendas nos tenemos*. Antes que me afeiçoasse a essa rapariga, mais livre e forro destas forças vivia.

Astolfo - Sabeis também que é, e perdoai-me. Arrepiques de velhice sojeita a sofrimentos forçados.

Ulissipo - Não me lembreis essas mágoas, que nenhum sofrimento me chega

como cuido nas perrarias que nos a idade vai fazendo em tudo, e como nos o tempo cada dia vai⁷⁵⁰ tirando as cubertas. E então vedes que vos vêm socedendo nos gostos, e empresas rapazes, que começam apossar-se dos frutitos da mocidade, e não vos leixam lograr nem do vosso.

Astolfo - Tendes muita razão. Pois sabeis quem sospeito que é o autor da cavalgada? Vosso filho como sustentor e padroeiro da minha rapariga: e quer fazer dela casta, e virtuosa a pesar de galegos. E foi o negócio que parece ele andava d'amores com ela: e a velhaca afeiçoou-se-lhe em tanta maneira, que um e outro deu que falar, e que cuidar à gente, e já pode ser que não sem fundamento, que bem sabeis o que são, e o que fazem rapazes desatentados, e apetitosos. A mãe faz suas caramunhas, que ela que é filha de um fidalgo, e que está infamada per sua causa, que há-de ir com a cousa ao cabo. De maneira que ele pela aplacar como mancebo pouco destro nas fumaças, deu-lhe esperanças de casar com ela.

Ulissipo - Ele o pode mui bem fazer, e ir logo ganhar sua vida: que do meu eu vos prometo que ãa palha não hajam, inda que saiba dá-lo a mouros.

Astolfo - Contou-me isto a velha pedindo-me que me encobrisse dele que cuidava que tinha na filha ãa Penélope: que não quisesse já que a

⁷⁵⁰ [LA: o fólio 219r tem a numeração errada, apresenta o número 216.]

lograva que perdesse ela seu amparo, e a boa ventura que se lhe oferecia. E todavia quando noutro dia foi à horta folgar com a vossa moça, como ele parece anda querençoso e esperto, achou-a menos: e sentindo a música, quando ela tornou, diz que a assombrou pera a matar se lhe não dissesse onde fora: e ela confessou-lhe tudo, e deu-lhe larga conta da vossa história.

Ulissipo - Ponde lá vossa honra, e segredo em siso, e cabeça de raparigas. A verdade é, que cãs nunca delas tiram senão afrontas, ãa idade demanda outra.

Astolfo - Antes nunca al vistes, senão rapazes emburilhados com velhas, e velhos com moças.

Ulissipo - São desordens do interesse, e granjearias do apetito: e assi uns e outros pagam os rigores da condição humana, que se ceva naturalmente de descomedimentos.

Astolfo - Enfim, que vosso filho pretendendo vingar-se de mim, e apartar-me da conversação de Florença, veio contar tudo o que passava a sua mãe.

Ulissipo - Que certa natureza de filhos serem pregoeiros das faltas dos pais, e folgarem de lhe saber suas culpas.

Astolfo - Pois sabeí que com isto despe a mãe, que lhe dá quanto tem, té os toucados das filhas pera ele dar a Florença: porque a alcoviteira da mãe não conserva amizade salvo enquanto lhe dão porquê.

Ulissipo - Ora sou o mais vendido homem que há no mundo. Esse rapaz prometo-vos que eu o contramine, e mande nestas companhias que vão de soldados a Mazagão, pelo tirar desta milgueira: e ficará a senhora vacante.

Astolfo - Será a melhor cousa do mundo. E mais far-lhe-á muito proveito, porque fará em si, e não andará por aqui perdido.

Ulissipo - Leixai-me com o negócio. Mas de minha molher o saber, estou pera me enforçar; porque me há-de perseguir aquela moça, que é assombrada dela, e hei medo que pola comprazer me não veja: e espanto-me muito segundo é mal sofrida poder dissimular tanto comigo: deve de ser a fim de algũa contramina que me arma.

Astolfo - Em trabalho vos vejo, que segundo a minha diz, nessa determinação está ela. E toda a graça foi que a vossa cuidou que ia com grande alvitre à minha, porque parece o filho não lhe disse de vós: e a minha como sempre traz sobre mim espias, tinha sabido nossa estada, e festa, e contou-lhe tudo: de maneira que veio por lã, e foi trosquiada.

Ulissipo - E a vossa como toma isso?

Astolfo - Como o demo, sem paciência.

Ulissipo - Causa é que raramente se acha nelas, maiormente em tais casos.

Astolfo - E assi nunca estamos em paz, somos cão com gato. Eu todavia levo sempre a melhor, que com quatro afagos que lhe faço fica mansa, e

como a tenho contente, tudo me perdoa: e confesso-vos, que em parte, ma tem a vossa danada.

Ulissipo - Vós falais na minha corva? Quanto vai mais carregando na idade, tanto se faz mais rabugenta.

Astolfo - De tudo nos o tempo desapossa.

Ulissipo - Ora que remédio pera fazer crer à minha que é tudo mentira, pera que me leixe viver esta moça? Porque é tão determinada que a fará punir por justiça, e degradá-la daqui: e ser-me-á forçado sofrê-lo por ter paz com ela.

Astolfo - Dir-vos-ei. Tenhamos maneira com que a caseis com algum badajo.

Ulissipo - Parece-me esse bom conselho, porque assi segurarei minha mulher: e mais eu o tenho bem azado. O meu Barbosa imbicava-se pera a moça, e segundo me ela disse, remocava-lhe casar: quero dar azo a que ela se case com ele, e fazê-lo bem com eles, pera que os contente. Direi a minha mulher que ele a emprenhou em casa, e que se me descobriu: e eu por quitar questões a fiz ir pera casa de sua tia, onde a recebeu.

Astolfo - Está mui bem⁷⁵¹ cuidado; não lhe dilateis mais o efeito, e assi o direi à minha. E porque não nos fique cá quem nos ladre, o bom será mandá-lo também a Mazagão na volta de vosso filho, pera que vão esporecer por esses muros.

⁷⁵¹ bem] hem [*LA*] bem [*LB: lição que se adopta.*]

Ulissipo - Falais muito bem. Leixai-me com o negócio, que eu vo-lo darei corridio: e seremos com nossas mulheres. A um tredoro dous aleivosos, que a quietação da vida não está em mais que sabê-la ordenar com providência. Donde os poetas fazem grande caso da Hidra, que era ãa lagoa que Hércules secou com puro saber, atalhando a todos os olhos porque rompia, e alagava uns largos campos. E nisto consiste a discrição, em saber remedear todo mau sucesso.

Astolfo - Senhor si. Em toda cousa há seu modo, e seu certo fim. Arrenegai do homem que não tem mais que um conselho nas cousas, que é como rato que não sabe mais de um buraco. E o que se mais louva é saber-se haver forte, e provido nas adversidades: o que é fazer que a fortuna vencida de vergonha de não poder acanhar a quem afronta, converta a má determinação em ajuda. Donde dizia o poeta: «não te acanhes aos males, mas ousado sai-lhe ao encontro, por onde tua fortuna te leixar tomar a primeira via de saúde, a qual te virá per onde menos cuidares, que o não esperado vem sempre mais que o esperado».

Ulissipo - Assi é realmente que longe estava de cuidar o que ora de improvisio me veio à memória. E eu tenho muito isto: em qualquer caso logo me ocorrem à fantasia trezentos talhos.

Astolfo - Poucos homens achareis que tenham isso: antes não vemos senão à

maior parte faltar-lhe conselho nas cousas próprias. E não há cousa que mais dano faça ao homem que carecer de conselho próprio, e reger-se pelo alheio, que sempre é foute, descomedido, e mal olhado. E quem per outrem mete o pé no laço, per seu próprio trabalho o tira.

Ulissipo - Mas como isso é certo, Eu sou grão marca de sofrimento, com que faço guerra ao mundo.

Astolfo - Dir-vos-ei. Muito é de culpados ser sofridos. E quem faz o que deve sofre mal sem razões, maiormente dos devedores. E daqui vem mimos de virtuosos, porque não compadecem fazerem-lhe o que não fazem.

Ulissipo - Em muitos casos se vê, e tendes razão. Porém contudo a moderação nas cousas é o todo delas, e o âmeço do acerto. Esta não sofre tocados de encontro de fraqueza, ou doudice: donde é a salva de reprensão, e rica de louvor, porque é muito maior trabalho vencer-se homem a si, que a todo outro imigo. E portanto trago sempre tento que obedeça a dor ao comedimento, e por isso vivo, que se houvera de ser esquivoso, e impaciente com meus desgostos, fora açoute de mim mesmo, e quem vo-los causa triunfa. O bom de toda negociação é conhecer a pessoa com que a tendes e conhecida tratá-la segundo vos merecer sua tenção. E sabeis de que me muito velo? De amigo que vos cala, e encobre seu segredo, e quer saber o

vosso: porque a mais certa lei que tem a amizade é ser clara antre si em todas suas cousas, que o amor é muito palreiro: e onde há gosto há comunicação e os amigos que desta carecem, não nos hajais por certos.

Astolfo - Eu sou disso, e muito pouco de homens gerais, e de muitos barretes: porque não sabem ser particulares. Logram-se de todo mundo, e ninguém deles. Dão-vos contas de cousas em que se abonam, ou desculpam de negócios públicos, e cuidam obrigar-vos assi, que esteis a destro pera o que lhe de vós cumpre: mas eu revido, que fico mais forro que eles.

Ulissipo - Muitas cousas descobre o tempo nos homens: e más tenções calabream gostos, amizades, parentescos, e toda outra obrigação, em ódios, e quebras. E a raiz de tudo é o particular interesse de cada um: este é o tirano das vidas, e dos respeitos: este tem feito tudo tão custoso que pôs em preço toda cousa, e desterrou dos homens o primor, e toda boa opinião. Donde ficamos todos tão enganados do mundo, que os que mais cuidam triunfar dele, são mais vendidos, e mais mal quistos.

Astolfo - A isso vos dizem eles, inveja me hajas, e não piedade.

Ulissipo - É tudo graça. Crede-me que quantos virdes com velas cheas de suor, ou gemidos alheios, nunca erraram duros açoutes dos que lhe mais deviam, e ingratidão de seus herdeiros; que dos maus

aquiridores nunca o neto se logrou, salvo mui tristemente.

Astolfo - Senhor o mundo é ãa má peça: e dou-vos minha fé que quando cuido no que passa, e vejo em muitos homens que o mandam, e trasfegam, que me acho muito bom homem.

Ulissipo - E pois que cuidais? Somos uns ermitães a respeito d'outros. Meus pecados e vossos gravíssimos pera com Deos, e dignos de mil infernos. Ca nos olhos dos homens, todos são veniais, e palpáveis. Guarde-vos Deos dos que fazem celeiro de mil excessos que se não enxergam; e de ãas virtudes da superfície mal tintas, que metidas em qualquer experiência encanelam logo.

Astolfo - Por isso sou perdido por mim, que não tenho mais que este negro vício sensual, que não tira sangue: e tudo o que faço é sem prejuízo de partes. Ora enfim vós assentais no consultado?

Ulissipo - Senhor si. Amenhã mando minha molher pera a quintã com as filhas, e família fazer a vendima, e depois apanhar os olivais; com esta ocupação vo-la deterei lá té o Natal: neste tempo sou negro forro.

Astolfo - Folgo pola apartar de aconselhar a minha. E contudo não vos descuideis de pôr em concrusão o casamento e partida: que isto é o que agora releva, e quanto mais cedo tanto melhor.

CENA SEGUNDA

Otonião, Régio

Otonião - Vós senhor gabai-me esta molher, porque aqui não chegou Rui de Sande. Dizer, e fazer nunca molher o teve senão esta, eu já de mim vos digo que venho pasmado, e encantado de ver que assi de *manos* à boca ãa molher com outra pode tanto.

Régio - Isso tenho eu por bem certo, e sem meio delas raramente acaba homem cousa com suas mercês. E dir-vos-ei donde me parece que isto vem. Nós como as veneramos muito, perdemo-nos sempre com elas de fraqueza, não ousamos, cometê-las, temos-lhe grande respeito: elas por conservar este estado de sua estima recolhem-se consigo, sofrem-se, encarecem-se com dor da sua alma por sopesar o gosto, e fazer mais em si. E daqui nace gastarmos anos, e dias em respeitar tempos, e esperar maré: e se lhe errais a hora do carreteiro, que lá dizem, em tão⁷⁵⁴ má hora lá ides, que tarde ou nunca cobrais outra: donde todos os negócios desta qualidade que se perdem, é por nossa culpa. E ãa molher como per si conhece outra, e como tem de natureza ser fácil a tudo o que lhes⁷⁵⁵ encaixa em gosto, ou proveito, não lhe guarda talho, nem busca muitos rodeos: dá-lhe cor

⁷⁵⁴ em tão] *por* então [LA, LB]

⁷⁵⁵ lhes] elhs [LA] lhes [LB: *lição que se adopta.*]

à cousa, atira-lhe à vista com o seu apetito, e assi pede o goloso pera o desejoso, do primeiro preparativo, e quando muito do segundo a molefica, e arma ao que pretende. E muito mais facilmente a move nestes casos de amor e afeição, que em nenhuns outros, por razão do maior interesse que se lhe representa: cá sem ele nada as obriga. Por o que também nada lhe devemos no que por nós fazem, visto como as move somente o seu respeito.

Otonião - Parece que falais a propósito, e o certo: mas ou seja assi, ou de qualquer outra maneira que vós quiserdes Costança d'Ornelas fez um feito romano, e confesso-vos que lho não esperava, pelo menos tão cedo.

Régio - Não vos nego que o fez como molher de prol, mas contai-me como passou a cousa.

Otonião - Foi lá, e deu a vossa carta à senhora Tenolvia da Silva, e diz que foi recebida, e festejada delas: e por andarem muito negociadas sobre irem pera a quintã não respondeu: mas prometeu falar-vos lá, e buscar pera isso maneira. E a voltas disto conta que repetiu trezentas vezes (que é sinal que trata disto por mais que passatempo), que Deos vos desse graça com que lhe tratásseis verdade, e trouxesse tudo a bom fim. E diz ela que são em extremo devotas, que todo o dia, e toda a noite rezam, e jejuam a três folhas de oliveira todas as sextas-feiras, e a sua espiritualidade não tem

conto.

Régio - Vedes vós isso? Será assi, que molheres moças pretendem tomar Deos a cosso com devações, e enquanto solteiras não se ocupam em al: mas o dia que casam não tem mais conta com todas essas ocupações, morto é o afilhado porque tínhamos o compadrado, e por conseguirem o estado matrimonial se desvelam, e fazem etegas, e consiguído nem ir à igreja lhes lembra os dias de sua obrigação: e por aqui vereis como nada fazem salvo a fim de seu interesse.

Otonião - Todos já somos tais. Eu, porque dizem, quando te dão o bacorinho vai logo com o bacorinho, por segurar as esperanças de suas promessas, acabei com Costança d'Ornelas que pera o sábado que vem as fosse visitar, como que ia à Nossa Senhora da Luz, porque diz que está a quintã em caminho, e que estivesse lá a tarde, e nós iríamos de cá a horas que podessemos lograr-nos d'algum bom acerto. Prometeu-me fazê-lo, e que se iria com elas per antre as vinhas ao longo da cerca, onde lhe poderíamos falar pelos buracos da taipa. Portanto é necessário irmos rodear os muros, e ver onde será melhor, pera que a avisemos, e vamos sobre cousa feita.

Régio - Tudo isso está de rosas e falais lilá. E mais se vos parecer vamos logo per i lançando pedrinhas nosso mole, e mole, dizem, eles como quem não quer a cousa, quiçá pois já lá são haveremos vista delas, e

faremos ãa via e dous mandados.

Otonião - Eu sou disso, e o bom será ir de besta de pelouro, com nossos vestidos de picote, pera parecermos do campo, e irmos mais dissimulados.

Régio - Seja como vós quiserdes, sem embargo que sou tão pouco devoto de caçadores, que nem contrafazê-los queria: e mais sabeí que é um contrário ofício ao de namorados, donde se disse. Vós caçais, e outrem caça; e outrem caça-vo-la dama.

Otonião - É verdade, mas porém a nossa caça é a mesma do amor que pretendemos, por onde não se entende em nós, que eu vos confesso, caçar não ser ofício de bom namorado, que é bem diferente ãa cousa d'outra.

Régio - Falai comigo acerca disso, que ninguém vo-lo há-de pôr em termos como eu, porque não chamo amador a uns cupidos ensoados, que assoalham seus pensamentos de metal. Cá aos tais com sua vanglória os satisfaço: antes os condeno por devedores de muitas sospeitas, que às vezes são más, e nunca boas. E sendo dignos de muita pena, são além disto tão sáfaros na galantaria, tão botos no primor, tão engraixados⁷⁵⁶ no trajo, tão deslustrosos no ar, e finalmente tão apagados no entendimento, que enfadam no corro, e

⁷⁵⁶ engraixados] [*LA, LB: participio passado de engraxar, variante arcaica de engraxar, segundo Houaiss.*]

deles nunca saiu bom galgo.

Otonião - Qual quereis pois que seja o bom namorado?

Régio - Eu vo-lo direi sem errar ponto de suas confrontações. Descorado, corpo d'ossos, mudo antre galantes: discreto antre damas, e desenvolto, secreto nas dores, sofrido nas mágoas, puro nos pensamentos, e não vão glorioso deles: descuidado na galantaria, mas atilado: apontado no primor, e bom ensino: com burel lustroso, limpo no trajo, vivo no entendimento, dado à contemplação, solitário, pensativo, trasportado, seguro, confiado, cioso abetumado, olhos humedos: amigo da espada, e não brigoso: nada caçador, dos bons bem quisto: e notado antre os notados.

Otonião - Isso é pintar como querer. Dai-me vós cá cavalo d'escudeiro que tenha tantas manhas.

Régio - Dou-vos a mim que tenho um peito que é ãa botica d'amor. E como toda a desventura do homem está no ânimo, porque se ajuntam muitas dores em lugar estreito, sou ãa fornalha, e um forno de vidro que arço contino em amor, o qual me apura de maneira em meus pensamentos, que se pode trasladar de mim um decreto pera amantes.

Otonião - Se vós por aí ides? Tal de mi, tal de ti. Vá por ambos, que sendo amor voluntária morte, há mil anos que sou morto pera comigo, e vivo na senhora Glicéria, e tão contente disto, que hei por dita a

morte, em que o morrer é vida: e todas as dores dos outros homens de toda outra qualidade não fazem sombra ante a minha: porque na minha alma se revolvem contínuo quantas fúrias, e tormentos os poetas contam do reino de Plutão.

Régio - Digo senhor que vo-lo creio, porque vos julgo pelo que sinto. Vedes vós porém tudo isso? É de tanto preço e gosto um momento ditoso que se alcança mediante amor, que val sem comparação, mais que mil horas, e longos tempos de todos seus trabalhos, e contrastes. E se Demócrito risse, e Heraclio chorasse por amor, só um riso de Demócrito bastaria secar todas as lágrimas de Heraclio. Querei-lo ver? Olhai a pouca esperança de vida, e a desconfiança com que entramos nesta afeição cursando o tempo que sabeis, que muitas vezes trocáramos nosso estado pela mesma morte: agora com só a esperança de lhe havermos de falar, e o consentimento de nosso cativo, e aceitaram-nos por seus, não somente nos esquecem as fortunas passadas, mas desestimamos as por vir: eu assi o sinto de mi.

Otonião - Isso é favas contadas: e com razão dizia Horácio ter-se por mais rico, e bem-afortunado que el-Rei de Pérsia, quando abraçava Lídia.

Régio - Por isso foi muito discreto o castelhano que disse: *«más vale morir a mando, que vivir aconsejado»*.

Otonião - Sabeis a que não tenho paciência? Com cabrões que não têm

espíritos, nem arte pera seguir amor, e praguejam dele: que diz que lhe chamava Diógenes, ocupação de ociosos: e Séneca, amizade douda. E não sentem que o amador é como Cipião, quando está ocioso, o é menos, pela ocupação de suas contemplanções. E se chamam doudos, a ser esforçados? É verdade: que Platão diz, «que não há homem tão fraco que amor não faça forte: e ser invencível o exército dos namorados». Donde os Lacedemónios antes que dessem batalha sacrificavam ao Amor, e tinham esquadrões de amantes, cuja fortaleza entendida de Filipo disse: «não acerta quem cuida que farão estes fraqueza alguma».

Régio - Senhor quem bem ama tudo lhe socede: fiel amador mais gostos tem, que desgostos. E dir-vos-ei, Amor vicioso eu o condeno, e confesso que por este, como eles dizem, foi Tróia destruída: Agamenon morto por Clitemnestra: Marco António por comprazer Cleópatra: Hércules abrasado, Sansão cego: Salamão privado do espírito de sabedoria: os Tarquinos desterrados: Cláudio encarcerado: o tribu de Benjamin destroído: e quantas desaventuras vós quiserdes. Mas dai-me cá que cousa há tão boa que o uso dela não se possa converter em mal sendo tratada de maus, e nécios. A medicina que é dom divino, ensinou boas confeições, que nós pervertemos, e usamos pera dar peçonha. As armas, a que se dá o primeiro grau de louvor, usadas de ladrões, e homecidas, e dadas a imigos, são más.

Dos filhos que é a melhor possessão da vida, houve Édipo que matou seu pai; Orestes sua mãe, e outros. O fogo, e agoa elementos tão proveitosos, quanto dano têm feito por meio de maus homens? Desta maneira é toda cousa boa vindo a tratar-se de maus. O bom amor está na vontade, e o mau no desejo. E não é por certo amor o que só faz mal. A belicosa Numância, Cartago imiga do império romano, a polida Corinto, a soberba Tebas, a doura Atenas, a santa *Hierusalem* destroídas foram e não por amor. O justo Aristides, o prudente Temístocles, o regrado Cipião, e o forte Camilo desterrados foram da pátria, e não por causa d'amor. Peçonha matou Alexandre, ferro Aníbal, César, e Pompeu sem culpa do amor. Assi que quem o culpa não sabe o que diz. Fazêremos⁷⁵⁷ nós ser o bom princípio do mal, confesso; e por respeito do bem, ou o fazemos, ou o mal seu contrário. Dos bons costumes naceram os maus, donde também do bom amor nace o mau. O meio em tudo é o necessário, que requintar, e fazer finezas além do que basta, não se louva no sábio, mas fica em parvoíce, e do justo faz injusto. Por onde assentai que não há cousa melhor que amor honesto, e virtuoso qual o nosso. Este se deve seguir, e louvar por principal capitão do mundo, brando efeito, doce força, suave potência de nossos ânimos, sustentador, e conservador da geração humana.

⁷⁵⁷ Fazêremos] [*LA, LB*: fazeremos *por* fazermos, *vd. nt. 49, p.106.*]

Este liou, e amigou Romanos com Sabinos abrandando seus furiosos espíritos no maior ímpeto da vingança, e companhia de toda paz, e conformidade; grande socorro da triste vida. E como porém das outras cousas boas os maus tomam ocasião de mal: assi também por ele se cometem muitos males: não por culpa sua, mas por a daqueles que o tomam por meio de suas malícias, e sensualidades. Os que se dele queixam vem-lhe de seu natural vício, e danado apetito. Amor não causa tristeza, antes faz alegres coração, e olhos: e as culpas que lhe dão são dos que o seguem com tenção viciosa: e não sabem como se deve servir puramente. Onde Aristóteles diz que se lamentam muitas vezes os amantes sem razão, por não serem amados, não sendo dinos de amor. Se as pessoas se conhecessem, não tentariam subir além da sua sorte: querem voar mais do que suas forças bastam, e caem como Ícaro, e Faetão, no que é de culpar sua doudice, e amor não. E inda o abater-se de sua opinião em amores baixos, hei por muito peor. Diz Claudiano⁷⁵⁸ que tem Vénus nos seus hortos dous rios, um doce, e outro agro: porque não se pode gostar do bem sem sentir o mal: ter fome, e sede é trabalho, e sobre ele comer e beber é grande gosto. Desta maneira é toda cousa amada, e desejada, em extremo gostosa quando se alcança per meio do desejo e carestia dela; donde a

⁷⁵⁸ Claudiano] Cláudio [LA] Claudiano [LB: *lição que se adopta.*]

molher quanto mais se nega e encarece, tanto é mais cobiçada, e estimada.

Otonião - Nada do que dizeis me pode parecer mal, sendo tudo em favor da minha seita: mas parece que pondeis o bom disso na igualdade: e isso seria quando a escolha do amor estivesse em nossa mão, o que não se sofre, pois consiste mais na ventura de cada um.

Régio - Não tolho a cuja for sua sorte empregar-se além de seu merecimento: nem tacho afeiçoar-se abaixo da sua opinião, que na conformidade dos espíritos está tudo. Amor iguala cousas baixas, e tempera as condições: quando se recebe com puro efeito no coração; faz perigos leves, estados iguais, e vontades conformes. Quero somente o alicerce e fundamento edificado sobre tenção pura, e não sobre apetito sensual. Namorar-se homem por opinião, se lhe não socede, sua seja a culpa: namorar-se por razão do seu desejo, ou sorte do seu entendimento, a este tal tudo se lhe deve, e lhe está bem. Este tal é esforçado em sofrer afrontas de amor; pacientíssimo em toda fadiga, alegre nas dores pela causa delas, querençoso da honra, moderado no apetito, amigo da honestidade: nada há por impossível nem trabalhoso: por comprazer a quem ama, apraz a muitos: pelos melhores, e mais nobres modos que há procura satisfazê-la. A fim disto se faz diligente e industrioso, em saber louvá-la pronto, e eloquente: e nas cousas duvidosas capaz, porque

amor lima os engenhos, e como ferro os traz no escamel das virtudes exercitados, suprimindo com arte o que lhes falta da natureza.

Otonião - Por isso me quero enforçar com praguentos, que tomam por discrição reprender namorados, e culpar molheres. E há mil homens que foram honrados per elas: nunca Jasão saíra com a empresa de Colcos, salvo por meio do amor de Medea. E Teseu do laberinto mediante Ariadna. Timea assaz valeu a Alcibíades, e outras mil sem conto.

Régio - Senhor pera que é nada? Quem vos disser que das telhas abaixo neste nosso andar mundano, pera um galante há outra vida autiva, outro estado, nem outro gosto senão o dos bons amores; dizei-lhe que vá rir à feira que não sabe onde está o mel, e sobre essa morena.

Otonião - Sabeis de que maneira estou aferrado com vossa opinião, que me matarei sobre ela com cem mamelucos. E quereis ver quão suave é falar do amor, que é o mesmo canto das Sereas pera embair? Porque vedes nós somos com a quintã sem sentíremos⁷⁵⁹ a jornada, enlevados na prática.

Régio - Estai quedo, não bulais convosco, nem faleis palavra, que esta cousa quer-se de rodeo como caça de perdizes: daquele cabeça tomaremos vista. Vede-las andam junto na nora sós. Se ora a ventura quisesse que fizéssemos bom emprego neste caminho, que

⁷⁵⁹ sentíremos] [LA, LB: sentiremos *por* sentirmos, *vd. nt. 49, p.106.*]

em tudo não há mais que bom acerto: dá-me ventura, deita-me na rua.

Otonião - Vós olhai o que fazeis, que eu sei que me foge já a terra dos pés, e tremo todo em cuidar que posso ser visto daqueles olhos de escopeta.

Régio - Leixai-me fazer que eu vos porei do lodo. Nestes casos tenho grande acordo. Daqui estamos bem. Vós passais pela desposição, e ar daquelas mulheres? não há mais ninfas de Esparta. Pintai agora a chegar um homem a estado de se ver valido de ãa pérola daquelas: e então quatro figas pera quantos tiranos há no mundo, que longe estou de lhe cobiçar a fame que tem de usurpar o alheio, que nunca se satisfaz do próprio.

Otonião - Si mas sabeis também que estou contemplando, se haverá atrevimento de mãos humanas que tratem desenvoltamente o mimo daquelas boninas? Que eu de mim vos afirmo, que tenho por abominação cuidá-lo, quanto mais tentá-lo.

Régio - Eu também por mais galante tenho o contemplá-la, e não cometer cousa sem sua licença. E foram alguns devassos sê-lo tanto, que tem pera si, e o dizem sem pejo na praça, sem haver quem os apedreje; que o que entre nós fica em curteza, é julgado por elas a parvoíce; porque em tudo o homem comedido ganha pouco, e

com elas perde-se⁷⁶⁰. E tratam de fazer bom este seu erro com que o parvo de Mancias foi desprezado: e o doudo de Graci Sanches⁷⁶¹ ficou em *aire*: e o Guevara escarnecido, e outros, porque se foram por estas enlevações de que se elas não fiam, antes as avisam pera se acautelarem de nós.

Otonião - Como que nestes casos houvesse algum homem discreto? Já nos vêem.

Régio - Falemos-lhe, inda que seja de longe. Aque d'el-rei, vós vedes aquelas medidas? Ora enforque-se o grão Turco com todos seus reinos, que eu não quero conquistar mais mundos.

Otonião - Assentai que se me derdes a senhora Glicéria da Silva, por molher, dentro na pipa de Diógenes, e eu com ela, que me rirrei de cem Alexandres.

Régio - Que me assino convosco em branco. Vós notais aquele passeio, e gravidade da senhora Tenolvía da Silva? Ah cadelinha que se vos eu colho vosso pai será meu sogro. Senhor olhai por mim, porque me hei-de lançar a voar. Não fora eu agora a águia de Júpiter que roubou Ganimedes. Pera que é nada? Não tenho sofrimento pera não endoudecer vendo aquela ídola.

Otonião - Este é o tormento de Tântalo ver e cobiçar; sabeis que me sinto

⁷⁶⁰ perde-se] [*LA, LB*: perdesse *por* perde-se.]

⁷⁶¹ Graci Sanches] *por* Garci Sanches [*LA, LB*]

estilar-me de desejos.

Régio - Vós vedes como se picam? Não há mais gasalhado. Par estas barbas que estão rendidas. Quero acenar-lhe pera àquele canto que está descuidado, onde lhe poderemos falar pelos buracos da taipa, que o bom disto é seguir a vitória.

Otonião - Quem isso visse, e morresse logo. Tanto me é de bem que o não creio.

Régio - Não sejais desesperado, que azos acabam tudo. Voto a tal que acenou com a cabeça que sim. Vede-las encaminham. Andai por aqui, e vereis hoje gatos comer pepinos.

CENA TERCEIRA**Tenolvia, Glicéria, Régio, Otonião**

Tenolvia - Mana passais pelo cuidado que tiveram de vir, e o bom posto que souberam tomar? Homens são diabos, nada lhe escapa.

Glicéria - Que menino meu compadre pera se descuidar do que deseja, e pera lhe ficar por rodear tudo.

Tenolvia - Pois meu irmão certo não se lhe agacha. Logo lhe nós agora poderamos falar àquele canto pelos buracos que ontem vimos, e vos eu disse que eram bons pera isso.

Glicéria - Seria bom acenar-lhe que viessem.

Tenolvia - Não é siso; porque se nós convidáremos⁷⁷⁰ com o que eles pretendem, não nos terão em conta: mas se no-lo cometerem pode-se-lhe conceder pela confiança que neles temos: e em pago do trabalho do caminho, que se lhe deve agradecer. E todavia eu não queria fazer cousa que depois de casados me podessem lançar em rosto, e causar-lhe alguma desconfiança, que nisto se perdem muitas mulheres. Onde se diz: quem casa por amores sempre vive em dores. Os homens são muito maliciosos: as mulheres enganadas: quanto mais fazem por eles, menos lho estimam: e fica-lhes

⁷⁷⁰ convidáremos] [*LA, LB*: convidaremos *por* convidarmos, *vd. nt. 49, p.106.*]

parecendo que o fazem mais por defeito da condição, que por força do amor, que as vence, porque lho não crêem. E depois que se apossam delas entram em desconfianças com que nunca estão em paz. E portanto há mister vivermos muito acauteladas com estes nossos servidores: e quanto mais discretos são, tanto menos fiar deles.

Glicéria - Vós o vede mana, que eu os tenho por mui refalsados: e a meu compadre nada lhe cai no chão.

Tenolvia - Pois portanto como isso leixai-me fazer, que se sabem muito, as meninas não são tolas. E prometo-vos que não se vão alabando de nós a poder que eu possa.

Glicéria - Não são estes os homens que se gabam: e mais andando com boa tenção, como nossa amiga diz.

Tenolvia - Dou-lhe eu do mau mês, e mau ano: pois inda havia de ser outra cousa? Molheres somos nós pera príncipes não haverem em boa ventura vermo-los. Quando o demo quisesse, Bem segura estou eu, que cada vez que nos quisermos casar que nos lamberão os dedos.

Glicéria - Eu folgara muito de ouvir vosso irmão: mas falar-lhe, hei vergonha.

Tenolvia - Não sejais corrida, que vos terá por bajouja: e os homens querem que lhe saibam as molheres responder. Já vosso compadre acena, e bofé não sei se lhe responda que sim, que também não me pesará

de lhe falar.

Glicéria - Que menos se pode fazer, já que vieram de tão longe?

Tenolvia - Ora a Deos e à ventura, que alguma cousa se há-de aventurar pelos
não perder.

Glicéria - Parece-me que os veio Deos a ver, segundo vêm depressa: falai vós
mana logo a meu compadre, que eu não me atrevo falar ao meu.

Tenolvia - Eu ordenarei como seja. Tende vós tento se vem alguém de casa
pera cá, enquanto eu falo: e depois eu farei o mesmo.

Glicéria - Muito embora. Nós tempo temos pera tudo, que minha mãi há
pouco que foi à sua romaria, e não virá tão cedo, estai vós
descansada, que eu vos seguro.

Régio - Este é o melhor, e o mais descuidado lugar que aqui pode haver.
Vedes vem minha senhora com ãa flor de borragem na face; gabai-
ma que à fé que lhe dá muita graça.

Otonião - Vem gentil dama.

Régio - Vigiai se vem alguém enquanto lhe falo, e depois vos sirvirei.

Otonião - Pois olhai não vos esqueçais de mim gastando todo o tempo
convosco, que me matareis.

Régio - Não sou tão sôfrego, inda que haja sobeja razão pera o ser. Beijo as
mãos a vossa mercê.

Tenolvia - Está i o senhor vosso amigo convosco?

Régio - Está vigiando enquanto eu vivo.

Tenolvia - Parece-vos bom atrevimento este meu, e que me tereis em boa conta em vir aqui?

Régio - Eu senhora não trago juízo pera julgar, nem venho senão a padecer, e ser julgado dessa vontade, a que me ofereceu. Trago somente olhos pera dar pasto a esta alma que a mim sustenta pera vos servir, e espírito pera contemplar na visão desta glória. Que não mereça tão alta mercê, é de vossa obrigação fazê-las a quem se vos entrega. Ûa cousa me haveis de crer sobre minha verdade, que há tanto tempo que me sustento da opinião de desejar, e pretender servir-vos, que não me lembra já viver sem ela; e a vida dantes hei por morta em ser sem este pensamento, com que me dou por satisfeito de quanto posso esperar. Isto me tem dado té qui sofrimento pera poder com minha dor, agora pode tanto comigo, ou contra mim, que se me não valereis nesta afronta, por sem dúvida tinha desfalecerem-me⁷⁷¹ os espíritos. Merecimento ante o vosso, bem sei que o não há que baste: por o que não tenho que apresentar, nem que alegar por mim. E foi bem olhado por vós, senhora, deverdes-vos a vós mesma o que me fazeis, pois o não podia merecer. Mas saber eu sentir a sojeição e amor que se vos deve; e porque devo entregar-me a todo o sentimento que à vossa causa me vier, deve merecer-vos o que não ousou esperar. Pura fé, e justa afeição vos

⁷⁷¹ desfalecerem-me] desfalecerem-me [LA] desfalecerem-me [LB: *lição que se adopta.*]

dão por mim a devida obediência de vosso, como o sou: confesso-me, e conheço-me indino de o ser: e como quem em nada vos queria errar, e em tudo satisfazer pretende, consentirdes que o seja. Isto só peço, e al não desejo. Se deste consentimento por o que vos merece ãa alma escrava, mercê me quereis fazer: esta seja a coroa, e triunfo das afrontas em que me metem cada hora cuidados vossos. E pois por vossos mo dão, e meus desejos pretendem morrer nesta opinião. Se servir-vos de todo não desmereço, aceitai minha verdade, e a mim juntamente com ela, pera que não sinta sem licença vossa o que sou forçado sentir por vosso respeito. E crede-me minha senhora, que o muito em que vos tenho, me dá ousadia de vos apresentar vossas obrigações, e minhas dores: e por quem sois, ousa e espero o que vos esta vontade obediente merece. Que em verdade nenhum esforço tenho no que cometo, nem presunção pera o pretender, salvo no favor de vossa mercê: com o qual podeis crer que salvais esta vida, porque tal a tenho já que perder-se é o menos que lhe receio. E em despordes dela, e de mim está o ganhar-se. De empregardes bem em mim as obras de vossa vontade, sou seguro, e assi o sede: que de nada me prezo tanto, depois do meu cuidado, como de muitos agradecido.

Tenolvia - Essa obrigação é dos homens de vossa qualidade, que o bom

sangue nunca⁷⁷² foi ingrato⁷⁷³. Mas que sei eu, se poderá mais a minha má fortuna, que a vossa verdade?

Régio - Em vós senhora não tem a fortuna jurdição, antes a tendes nela pera a forçardes a vos obedecer. E quem per si tem tudo, e tão devido, de nada deve desconfiar. Se eu não tivera juízo pera entender que vos são devidos mil mundos, de mim só podereis recear-vos. Mas pois me entrego sem mais cautelas, está visto que vos conheço: e que nunca vos poderei negar, que primeiro me não desconheça a mim mesmo.

Tenolvia - Quando eu cheguei a isto, já cri de vós senhor tudo o que podeis dizer: e inda que se vos deva este crédito, tê-lo não hajais por pequena dívida. Porém não sei o que já'gora crereis de mim. E tomara de vós, em pago do muito que aventurei, que me julgareis como vos julgo. E aqui vos lembro quão favorável partido vos faço, pois aventurando tanto, e vós nada, serei contente com ficarmos em jogo.

Régio - Ah senhora no mais, no mais por amor de Deos. Quem quereis que vos saiba responder, maiormente em tempo que tão ocupados tem os sentidos em contemplar o que vêem? Aqui não há senão cruzar ante esses olhos, lançar ante esses pés, em penhor, e prova de

⁷⁷² nunca] nunca [LA: *lição que se adopta.*] nuuca [LB]

⁷⁷³ ingrato] [LA: *no reclamo do fólio 237r lê-se ingrato, mas no início do fólio 237r está escrito ingtato*] ingrato [LB: *lição que se adopta.*]

minha servidão. Dai-me lei em que viva, e se a não guardar perfeitamente que me matem. Desponde, ordenai, mandai, e nunca eu mais valha, nem mais viva que enquanto estiver à vossa obediência, e na vossa graça.

Tenolvia - Eu vos tenho senhor em conta de tal pessoa, que sobre a vossa fé tudo aventurarei. E que amor possa muito comigo, que assi vo-lo quero já confessar pera mais vossa vitória, sabeí que não me obrigou ao que faço senão sobeja confiança vossa: e desta me queixarei ante Deos, e ante o mundo se me enganar, porque não sou tão mimosa de mim, que se houvera de fazer algũa cousa à força de vontade própria, a não vencera por mais que me custara. Faço-o por crer que não deveis ter ociosidade pera perseguir quem vos não faz mal: e malícia pera destruir quem já confessa que vos quer bem: porque também não no posso negar, nem devo, pera minha desculpa.

Régio - Se houvera necessidade de me obrigardes, menos razões que essas sobejarão pera me pordes em eterna obrigação: mas porque estou nela da primeira hora que vos vi. Se sois servida de me haver por vosso, daqui dou minha fé de nunca conhecer outra senhora.

Tenolvia - E eu sobre essa me ofereço ao ter por meu senhor. E porque o tempo não é pera mais, visitai este lugar as vezes que vos o desejo obrigar, e com todo o resguardo, que vos não sintam os da quintã; e

azando-se falar-vos, assentaremos o que se há-de fazer.

Régio - Seja assi. Mas ah senhora, quem quereis que tenha agora espírito pera antes não ficar aqui feito estátua, que partir-se?

Tenolvia - É forçado. Da esperança do descanso tirai o esforço pera passar essa mágoa.

Régio - Mas pedirei ao amor sofrimento pera me soster em suas dores: e a causa as faz sofríveis. E se fico nessa memória eu me dou por satisfeito, e devedor.

Tenolvia - Já podeis crer tudo, e eu nada negar.

Régio - Pois senhora, meu companheiro queria também falar à senhora minha irmã, fazei-o, não digam que somos sôfregos.

Tenolvia - Senhor sim, chamaí-o que eu a farei vir logo.

CENA QUARTA**Régio, Otonião, Tenolvia, Glicéria**

Régio - Senhor eu vos leixo o campo mal em que me pês, e não foi pera mim menos de apartar a alma das carnes. A senhora Tenolvia da Silva foi chamar vossa senhora, i-vos esperá-la ao posto.

Otonião - Haveis que não fora mais fouto, e confiado cometer um touro?

Régio - O prémio da afronta faz leve o perigo.

Tenolvia - Ora ide-vos agora, Mana, que vos estão esperando, e não vos detenhais muito que minha mãi não pode tardar.

Glicéria - Bofé que não tenho rosto pera ir lá.

Tenolvia - Como sois graciosa mana. E eu como fui? Bem me aviaríeis vós assi.

Glicéria - À fé que vou por amor de vós.

Tenolvia - Pois assi é. Ides vós porque o desejais.

Otonião - Lá vem a minha estrela: que grão dita será porém chegar homem a se certificar que é valido daquela fermosura: não tem o mundo mais que dar. Como vem abrasada, deve ser de corrida, que não é mau sinal de estar a virtude em salvo. Ela também é muito moça, e ser-lhe-á grave este primeiro encontro do amor, que não sinto quem o espere seguro. Parece-me que se me esconde: não debalde dizem que são trabalhosos os amores das moças. Quero-lhe falar, e

provocá-la a que me responda, pois é necessário desenvolvê-la.

— Ah senhora? E pois como há-de ser isto? Não me haveis de ouvir, já que me fizestes mercê de virdes aí? Se foi a fim de me magoar mais, pera que era a mouro morto matá-lo? Mostrai vosso poder em obras piadosas, que são da vossa profissão; e leixai as cruezas, e esquivações impróprias dessa gentileza a quem não tiver razão de ser tão confiada, como o deveis ser. E ao menos não deveis condenar-me sem me ouvir.

Glicéria - Eu bem vos ouço.

Otonião - Não vos vejo eu logo, e não sei com quem falo: e tomaria ser mudo antes que cego, como quem se sustenta do pasto que recolhe n'alma das raras vistas que alcança. E se agora mo tolheis, dai-me por defunto: que eu não me sinto espíritos se mos não reformais. E não sei senhora porque quereis que seja eu só o desprezado, e o mofino, sendo vosso compadre tão ditoso. Pela parte que vos cabe de minha honra, e não por mim, que bem sei que nada mereço, devíeis querer que não fosse eu menos contente. Vede-me, e matai-me.

Glicéria - Eis-me aqui.

Otonião - Já que me mostrais um só olho, quereis-me fazer mercê dele, em satisfação da vida que em vosso serviço há-de acabar.

Glicéria - E eu com que verei?

Otonião - Com dous meus que vos darei a troco desse: e a mim por contrapeso, se vos servir.

Glicéria - Estou em fazê-lo: mas hei medo que vos arrependais se disser que si.

Otonião - Parece-me essa escusa de mau pagador: e todavia já que vos Deos fez tão fermosa, e tanto pera ser senhora do mundo, a condição que mais lustra em príncipes é ser liberais: portanto pois sois princesa desta vida, não deveis ser escassa de vossa vista pera quem vos deu de si liberalmente a posse. Vede-me sem essas raivas, e fames: que d'outra maneira far-me-eis cuidar que me desprezais, e tudo se pode sofrer senão desprezos.

Glicéria - Bofé senhor que não cuidei de mim que pudesse ter este despejo, que me fazeis ter por vos não agravar.

Otonião - Ah senhora, rosto é esse pera se esconder, e não se escurecer a terra? Em verdade que estava mouro, porque senhora, e minha, eu não quero mais que ver-vos, e contemplar-vos: e agora falai vós, e mandai-me o que quereis que faça, que enquanto vos tenho diante estes olhos, que vos querem, e desejam por ídola sua, não sei al que desejar, nem me lembro mais de mim. E segundo estou tresportado em vós, e infruído nessa visão da fermosura do mundo, dir-vos-ei mil desconcertos sem ser em minha mão poder deixar de os dizer. Ûa só cousa me lembra quando vos estou vendo, verdes-vos ao

espelho tão fermosa, e tanto pera cobiçar, e esmoreço em cuidar nisto pelo perigo que correis de vos namorardes de vós mesma, e desprezardes logo quem se humilda. Sou porém tão bom de contentar pera convosco, que o sofreria a muito custo meu, com tal que me sofrêsseis que de companhia, vós senhora e eu, andássemos d'amores convosco. E então pinto aqui os ciúmes, e competências que teríamos antre nós. E sempre todavia em todos meus cuidados levo a peor: porque me magino em vosso poder desprezado, arrepelado: e eu cruzado ante esses olhos que abatem toda soberba, mais escarrapiçado, e depenado que um bem-me-queres mal-me-queres.

Glicéria - Nem podia al ser. Não me fazeis de má condição que o não sou.

Otonião - Não é pequeno esforço esse: mas que hei-de crer de quem assi determinava não me ver?

Glicéria - Pois bofé com essa determinação vim eu, mas vós forçareis as pedras.

Otonião - Ora dissei-me ãa verdade, por vida desses olhos ladrões. Obrigou-vos ver-me haverdes dó de mim?

Glicéria - Pode ser.

Otonião - E ainda mo pondes em dúvida? Pouca certeza posso logo ter de vida. E já o tempo, quando eu não, vos poderá merecer aceitardes minhas cousas por vossas, pois o são inda que não queirais, eu o

sou mal que me pês.

Glicéria - Não faria eu, sendo vós senhor, cousa contra minha vontade.

Otonião - Vós senhora si, que podeis: mas quem não pode que fará? E mais não quero que triunfeis da minha sojeição, pois ma não quereis estimar, porque sabeis que sou tão contente dela que a não trocarei por cem mil liberdades. E assi quando me mágoas, e dores do vosso desconhecimento põem a tormento de desejos, que é o maior que se pode dar a ãa alma afeiçoada, acolho-me ao gosto de as sentir por vosso respeito: e faço-me forte neste contentamento de maneira, que não estimo sua bateria, e disto vivo.

Glicéria - Pois de que vos queixais?

Otonião - De mim; porque me nega a ventura poder mostrar-vos o que vos quero per mil serviços: e de vós, senhora, se me não crerdes, que não pretendo al. Mas quereis-me fazer mercê de me dizerdes ãa cousa.

Glicéria - Se a souber, e for pera isso.

Otonião - Como vos prezais de isenta?

Glicéria - Mal o sabeis inda.

Otonião - Bem o padeço, podeis também dizer. E o que desejo saber é. Dizem que não há molher tão livre de coração e desumana, que não

tendo a vontade ocupada se incrine⁷⁸⁰ a amar a quem sabe que lhe tem amor; se sois deste parecer?

Glicéria - Nada sei disso.

Otonião - Mas por vida da senhora vossa irmã, e minha, se posso meter-me em reste, que vos parece?

Glicéria - Parece-me que sendo pessoa que o mereça alguma afeição se lhe deve.

Otonião - E assi o faríeis?

Glicéria - Não sei.

Otonião - Vá-se a falar verdade.

Glicéria - Se mo merecessem.

Otonião - Folgara poder-vos beijar as mãos por essa mercê que me ora fizestes: porque já'gora, como vos fizer vente⁷⁸¹ o muito que vos quero, per vossa palavra vos obrigarei, quando não a mo queredes, a mo aceitardes. E pera mim, basta-me por satisfação de mil mortes, se tantas por vós sentir, saber que o consentis.

Glicéria - Assi que me tomastes per palavras? Outra hora eu me guardarei que me não enganeis.

Otonião - Segura estais disso. E muito maior engano seria o de quem cuidasse tratar-vo-lo. Porém senhora leixadas cautelas, e receios que

⁷⁸⁰ se incrine] se incrine [*LA: lição que adopta.*] se não incrine [*LB*]

⁷⁸¹ vente] vente [*LA: a forma vente é o antigo participio presente de ver (Moraes); lição que se adopta.*] ver [*LB*]

pera comigo podeis escusar, e de que também vos faz livre essa fermosura poderosa pera senhorear corações brutos, quanto mais vencer entendimentos humanos. E visto como não tendes de que ser desconfiada por vossa parte: e que da minha parte farei tudo o que quiserdes. Quereis senhora que vos mereça, ou espere por tempo, quererdes-me o que vos quero?

Glicéria - Tudo mereceis senhor.

Otonião - Eu a vós só, senhora, quero merecer.

Glicéria - Por mim, nada há-de perder.

Otonião - O perder-me por vós senhora, é ganhar-me, mas queria também ganhar-vos.

Glicéria - Segundo vos correr a dita.

Otonião - Essa se vós senhora ma não dais, por mim mal a posso achar. Olhai por mim, vereis que estou ante vós atado do juízo, d'alma, e da vontade. Não me negueis o que vos esta sojeição merece, havei já dó de quem o não tem de si, por querer tudo pera vós.

Glicéria - Forçareis as pedras a vos fazer a vontade: mande Deos que mo agradeçais, conhecendo minha inocência. Digo que sou contente de ser muito vossa amiga.

Otonião - E muito minha mana.

Glicéria - Muito quereis.

Otonião - Por vida desses olhos que haveis de dizer que si.

Glicéria - Ora digo que si. Sois contente?

Otonião - E recontente, nem de vós o posso ser menos.

Glicéria - Chama-me minha irmã, parece que deve vir alguém. Vá-se embora,
e tenham tento não os vejam de casa.

CENA QUINTA**Otonião, Régio**

Otonião - Quem vos a vós disser que nos Campos Ilíseos há mais gostoso passatempo, não sabe que cousa é gosto. E os heróis que assetearam Cupido quando lá foi ter, foram muito ingratos, porque não sei desaventuras, trabalhos, dores, e todo outro tormento do mundo, que não se satisfaçam com um momento da suavidade d'amor. Quanto agora quatro figas pera a fortuna, que me não pode tirar ser mais ditoso que quantos Metelos, e Silas houve no mundo.

Régio - Calai-vos não deis com o dedo no céu, que dizem lá, nunca ninguém diga por si bem estou. E não há dor que chegue a descair do estado ditoso.

Otonião - Livre-nos Deos de mau agouro. Mas se eu não perder a memória da boa ventura presente, basta pera me consolar em todas as desaventuras que vierem.

Régio - Antes essa lembrança é a que mais atormenta. Ora temos meio caminho andado, que é mais que o todo: e nunca homens foram tão ditosos.

Otonião - Pera que é falar nisso. Sabeis de que venho pera perder o siso de prazer? Da vergonha com que a minha senhora Glicéria da Silva veio, que me não queria ver. Respondia-me de junto do buraco tão

corrida, e pejada, que me encendia em dobrado desejo de tratá-la. Mas eu soube armá-la a que me visse pelos mais altos termos do mundo. E ainda isto devo também ao amor, que me ofereceu a memória o que nunca cuidei, donde ficámos em extremo compadres: e se o tempo não me atalhara, crede que a tinha feito brasa de amor.

Régio - Pois se vîreis a segurança virtuosa, e a gravidade confiada com que a senhora Tenolvia da Silva me falou, era pera abater e acanhar a opinião do mundo. E se me não fora por vos dar tempo, devagar estávamos, e assaz conformes, e satisfeitos um do outro: porque assentai que estive com ela um Túlio: e encabecei-lhe minha aução que perdi cuidado: e ela também se preza de saber ter as pélas à boa lingoagem. Ficámos concertados que visitássemos a estância, e nos fariam todas as vezes que pudesse ser. E dir-vos-ei que determino. Pera a outra vez que nos falem casar-me logo, antes que venha algum inconveniente que o desaze: porque molheres como se penhoram, e obrigam aos primeiros toques enlevadas no gosto do amor, assi se esquecem de toda obrigação, com qualquer contraste que socede. E mais vos digo que por atalhar a demandas, e a estar a obediência de perguntas de vigários, que hei-de trabalhar quanto em mim for, recebê-la logo perante testemunhas, e segurar o negócio de pedra e cal: e então deitar-me a dormir com lhe cantar, «naquela

serra irei morar, quem me bem quiser lá me irá buscar»; e quem me quiser aqui me tem, que não me nego. Porque sabeí que é a suma das rapazias demandardes molher. E ela com medo do pai, rogos da mãe, amoestações da tia: ou movida d'outro melhor partido, e arrependida da sua pressa, acode muito segura, que vos não conhece, nem vos viu em seus dias, sem mais respeito nem empacho: e vós ficais com vos apuparem, e dizerem, corrido vai pera casa de seu pai. Quero-me senhor segurar na posse, e então tudo se fará bem.

Otonião - Vós o tendes bem cuidado; mas eu bem creio que há-de haver depois contendas: que o pai, segundo dizem, está muito rico, e quererá casá-las com alguns fidalgos montureiros, porque lhe dêem o dom, que no dito dom está o mel.

Régio - É gentil peça comprar com seu dinheiro sua desonra: fazer-se escravo de seu genro, e amo ou vedor de sua filha: toda sua vida vilãos roins, chatins da sua cobiça, celeiros do seu trabalho, e no cabo da jornada descobrem novos avoengos, titolos esquisitos, e Marienes converte-se em Dona Ximena, entregando o adquirido que não lograram a quem em breve folgando espalhe o que suando se ajuntou. Digo-vos que não me armam tais fidalguias, nem cuido que há verdadeira nobreza salvo a vida de cada um. Não que o bom sangue seja mau, mas como me não dais as obras da mesma estofa,

logo o hei por encanelado. Fidalguia ornada de bons costumes, e nobre condição, esta tal sustenta, e honra o mundo: mas quem põe sua guedelha em contar de seus avós, e ficar fora do conto das virtudes per que se ganhou o bom nome, e em que se edificou o morgado, estes são a traça do mundo, e o caruncho.

Otonião - Pois que direis a uns que nem tem cabedal de avoengo, nem próprio, baixos de natureza, e muito mais da condição, a que chamam vilãos per cabeça?

Régio - Esses tais são açoute do mundo como Átila, fezes da fortuna, escândalo da vida. E sabeis de que vem haver esses? Levantam as velhas que São Pedro fez abelhas, e o diabo querendo contrafazê-lo fez bespas: Deos faz virtuosos, e põe-nos⁷⁸² em estado de seus merecimentos⁷⁸³: e a diligência humana que é toda despejos, mentiras, etc. e chamam-lhe fortuna, faz homens sem merecimentos que usurpam o lugar dividido a outrem: o que a divina providência permite pera seu dano próprio, e castigo d'outros. Mas sabeis vós quais eu acho inabitáveis, e mais perigosos que os desertos da Líbia, e duas fontes de toda má incrinação? Vilãos roins com inchação de más letras entabolados em mando: e escudeiros praguentos que sabem os avoengos de todo mundo, enxeridos na

⁷⁸² põe-nos] poem os [LA, LB]

⁷⁸³ merecimentos] merecimeutos [LA] merecimentos [LB: *lição que se adopta.*]

mesma miséria.

Otonião - Grandes balizas são essas pera fogir de todo atoleiro. De nada dizem bem, e ninguém o diz deles. Porém, sabeis vós em que eu acho que consiste toda fidalguia, honra, riqueza, discrição, e quanto vós quiserdes? Primeiramente em o homem se prezar de bom cristão, e ter grande acatamento às cousas divinas: muita conta com sua alma: verdade com todo mundo: amizade com quem deve, entender pouco no alheio, e cobiçá-lo menos: contentar-se com o seu bem aquirido: conversar os bens acostumados, e não escandalizar os outros: fugir de demandas, porque calabream muito a boa consciência: ocupar-se em bons exercícios.

Régio - Tende ponto porque levais ãa enxurrada de preceitos, que não haverá cousa que lhes faça rosto.

Otonião - O remate de tudo é encomendar a Deos que é Santo velho, porque quando ele não quer por de mais é a decoada na cabeça do asno pardo. A mais má gente do mundo são homens, e molheres, desta nos livre Deos, que almas passadas, e bestas feras raramente fazem dano. Mas leixando esta matéria que é pão de cada dia, acerca cá do nosso negócio que vos parece agora? será bom darmos parte a Costança d'Ornelas?

Régio - Nunca Deos tal mande. Já'gora nos podemos governar sem ela, e forramos assi sua obrigação: e mais escusamos-lhe conversação tão

perigosa como a sua, que a elas nenhum fruto traz, e a nós muito dano. Porque esta o que faz por nós, haveis do prosupor que também o fará por quem for mais seu amigo. Dissimulemos com ela por agora, que eu se me visse em posse da casa, a primeira coisa a que hei-de pôr ombros há-de ser tolher à nossa sogra tantas romarias, e fazê-la rezar em casa: porque enquanto ela anda por fora, têm as filhas tempo pera meterem dentro quem querem, como agora vistes, que isso nos azou o falarmos-lhe: e o que é bom pera o ventre é mau pera o dente: que a mãe em ser continua atalaia da filha, ganha o paraíso e segura sua virtude. E secundariamente descartar Costança d'Ornelas de suas idas e vindas: porque estas são adelas da honra das moças. e muitas vezes cabrestos das velhas.

Otonião - Esse é o galardão?

Régio - Este é o devido a maus medianeiros. Mestres de más artes aprazem enquanto dura o engano delas, por fim sempre são avorrecidos. E a gente que mais vos avorrece, é a com que cometestes erros, depois de vos deles advirtirdes.

Otonião - Todavia enquanto não estamos mais entregues não devemos escandalizá-la, porque muito pouco basta pera fazer muito dano, e muito não basta a sanear dele.

Régio - Eu assi o digo. Mas também no que pudermos marear-nos sem ela é bom escusá-la. Agora vir-nos-emos cá todos os dias, que as

mulheres naturalmente são de quem as segue. A continuação em tudo val muito, e o tempo descobre o melhor.

CENA SEXTA**Parasito só**

Parasito - Pasmado sou da minha discrição, e do meu saber: porque não é nada cuidardes ãa cousa e acertá-la mas de improviso sobejar-me sempre conselho, e ardis, não no teve Plínio, que enfim morreu muito parvoamente, e a la fim se canta la glória. Então leixai vós sátrapas que assombram o mundo com gravidade, roer as unhas, assoprar com ventãs em sangue, passear de sol a sol com o focinho no Aguião, sempre pensativos: e tudo é cuidá-lo bem, fazê-lo mal. E eu creio obras, e não palavras que se dão já mui baratas: pela vida de cada um julgo o que entende. Por isso me tenho em muita conta, que sei viver conforme as obrigações de meu estado: e este é o acertar, e o transe em que se todos perdem desde Platão até quem vós quiserdes. Sou diabo, sei-me sempre acomodar ao tempo: isto é de muito sabedor, porque só o sábio tem esta regra. Nada faz contra sua vontade, nada constrangido: e nada com dor. Que é o que cá dizem: fazer da necessidade virtude. Quando me lembra a noite da matrícula de Hipólito da Silva, como me ali soube bandear à parte próspera sem escândalo de ninguém, e ficar sempre em cima como bóia da vida: fico pera me enforcar porque não vim em

tempo de gentios, que me fizeram um dos seus deoses, que por menos disto faziam. Pois o seu Febo nunca deu repostas de mais entenderes do que eu sei ter obras. Sou, sou um Ulisses. Não pouco é. Sou Momo: ou Mercúrio: inda que este rapaz anda já mui corriqueiro, e calabreado, e tem feito dos nobres cambiadores, e cedo os fará rindeiros: e eu não sou de tanta moginifada imprópria. Enfim sou Proteu que não há nó que possa atá-lo: que assi a mi também nunca me falta ãa escápula pera ficar em pé, como gato, em qualquer negócio em que me acho. Mas quanta cousa fiz. Não foi Aqueloo lutando com Hércules tão manhoso. Porque quanto ao primeiro, eu logrei-me dos bons vinhos do senhor Caixeiro: comi por trinta homens antes da mesa posta, que inda que a fortuna me quisera contraminar, não podia, que eu já estava concessivo⁷⁸⁴ quanto bastava pera passar a noite, se a houvera de velar. Quando vi o feito mal parado, por quitar questões, e a ocasião de em meio, fiz ao meu senhor voar pelos telhados a seu risco, e a ventura de lhe darem ãa corrimaça, e lhe aquecerem mais desastres que ao lobo de Esopete, e eu fiquei a pé enxuto rindo-me dos mal vestidos. Depois víreis-me com ele: porque lhe fiz crer que o pusera em salvo, e o livrara de ãa estremada afronta, que de morto, ou ferido, não pudera escapar das mãos dos furiosos rufistas: sabido como

⁷⁸⁴ concessivo] concessido [LA, LB]

espíritos baixos com vitória sempre se ensopam na vingança; cousa bem contrária do coração nobre, que se satisfaz com se lhe renderem. Donde dizem do leão real que não faz mal a quem se lhe lança aos pés: a qual experiência nunca fiz, nem farei, a poder que possa. Assi que o gentil garção Caixeiro, ou trapeiro ficou-me nesta obrigação, com que já nele hei-de ter um ninho de guincho, que mais não seja que porque me cale: porque dizem eles, honra o bom que te honre, e o ruim que não te desonre. Ora pois com Hipólito da Silva ficámos unha, e carne, como irmãos em armas: com Florença, alma e badarrinhas: que diz ela dêz então que me dará o sangue do braço: e com a bicha da mãe tão valido, e tão senhor que a farei lavrar com ratos cada vez que lhe fizer cacha, e é um casal de proveito o conhecimento de ãa destas. Vós porém vede quem há-de sofrer a sua dor de madre, que isto me não atrevo pairar salvo à força de grande necessidade. Per maneira que me melhorei de todos sem me custar mais que o meu mero saber, e mera sagacidade. Ora vede se pode Glauco fazer de si mais manjares: então não sejais discreto vereis onde ides ter? E todavia eu em parte sou bem escançado, que é o leme da vida: socede-me tudo sempre a pedir por boca, e melhor do que o posso desejar, e na boa dita vai tudo. Donde o confiado Focião ateniense conselhando aos Atenienses na guerra contra os Lacedemónios ãa cousa, eles fazendo o contrário,

e socedendo-lhe bem, disse-lhes que folgava com seu próspero sucesso, mas que melhor era o conselho que lhes dava. Entendendo que fora dita, e não saber. Ora ajuntai-me dita, e saber, e vereis um eu: assi que não se dirá por mim, a muito entendimento baixa fortuna, como dizem os filósofos. E estou-me rindo dos que põem a dita em ter sobido e aquirido muito. Tenho-me com ter gosto, e descanso, e viver a prazer forro e isento, quanto menos conhecido da fortuna, menos perigo. Ora isto está assi muito bem feito, no por fazer quero agora cuidar, que ãa hora cai a casa, e não cada dia. Fiar sempre da boa fortuna não é seguro, porque sempre arma aos mais confiados. Florença encomendou-me que lhe granjeasse Hipólito, porque diz que há-de casar com ela, e com esta capa não sei molher que recee erro: e na verdade muitos altibaixos tem, cuja ventura farinha podre. Nada duvido de Hipólito, segundo o vejo afeiçoado, e cioso da Florença: quiçá o merece ela a Deos, ou seus pecados dele, ou a cobiça do pai que se desvela por lhe fazer morgados. E às vezes a justiça divina permite que tenham seus vãos fundamentos o remate segundo os merecimentos de sua tenção. São galardões que o mundo dá a quem com ele faz suas contas. E não vi cousa mais certa que cobiçosos aquiridores terem herdeiros ingratos. Jurarei que Hipólito tentea tantas vezes a morte do pai, quantas ele seu descanso, e vida: e assi tal pai, tal filho: e tal filho, tal pai. Mas como

digo se eu azar este casamento, que tenho por bem fácil, é de cuidar se me vem bem. Porque se o pai souber que fui o casamenteiro, não será muito tornar-se a mim: que certeza é de pais folgarem ter em quem carreguem as culpas dos filhos. E em parte tem razão: que conversações são a tintura dos costumes: mas peor é a techedura da má criação. Eu se os caso, Florença promete-me ãa boa peça, e mais que terei nela boa hora, e boa ventura: e já se sabe que quem as tem por si tem tudo, porque lá te vai ao mesão, onde te queira a molher, e o varão não. E homem é mais obrigado a si, que a outrem. Mas também dizem, Lá te arreda gainho não me dês perda. E não queria depois dizer, se eu fora adevinha não morrera mesquinha. Dizem que fortuna muitas vezes favorece doudices: e onde ela é favorável, o mau conselho aproveita mais: porque fortuna douda não há mister conselho, tudo pera depois poder danar melhor no descuido. Não me sei determinar. Ora vos digo que sou parvo em forma, pois me afogo em tão pouca agoa: vede quem me a mim mete medir o porvir: não faz mais um peneireiro: daqui té lá não nos doa a cabeça, ou morrerá o asno, ou quem o tange: o ser muito acautelado às vezes é parvoíce, e o muito provido, fraqueza. Assaz basta ter no presente bom conselho, do mais, *Dios dijo lo que será*, o tempo é o que conselha, e avisa. Florença fica em casa da Sevilhana fogida da mãe, que diz que a queria levar a

algun folguedo; e parece o Hipólito tem-na esconjurada de maneira, que a senhora não ousou ir: não seria por falta de vontade, mas medo guarda a vinha, que não o vinhateiro. Acertei passar por i, pediu-me que lho fosse buscar pera que posesse cobro sobre ela, e da sua mão a ponha em algũa parte a que a mãi não fosse, porque não se atrevia tornar-lhe pera casa, de medo que a afogue. A mim parece-me isto manha, e consulta que teve com a Sevilhana que é ataimada: que a Florença como é inda rapariga não sabe tanto, conquanto tem na mãi gentil mestra que a matina a las mil maravilhas: e más artes facilmente se aprendem. O demo entenderá estas, que por muito que com elas labuto sempre me enleam: é parece condição com que naceram, terem domínio em nós. Ei-lo cá vem com Fileno, outra tal cabeça como ele, e dize-me com quem vives, dir-te-ei que manhas hás. O Fileno porém como é taludo, e repassado nestes tratos sabe mais delas dormindo, que estoutro desperto: trá-lo à prática, e assi o chupa. Trata com a Sevilhana que o fez ladino, e sê-lo não lhe custou pouco, agora mantém-se do que aprendeu. Quero-me ir a eles.

CENA SÉTIMA**Parasito, Fileno, Hipólito**

Parasito - Aos senhores duas mil vezes lhas mandamos eu, e mais eu beijar.

Fileno - Que lhas rebeijamos.

Parasito - Pareceis-me ourinol alfanado de cabo e copete, que pede pera os fiéis de Deos, e é taverneiro.

Fileno - Vós por falardes em taverna, onde a galinha tem os ovos, lá se lhe vão os olhos.

Parasito - Companheiro, todos somos da osma.

Fileno - Que há por lá de novo?

Parasito - Tudo, e isto é o que apraz, e o melhor Deos o sabe.

Fileno - Sois todo parábolas, que prioste de Unhos se perde em vós, argueireiro da *Rifaña*.

Parasito - Sabei vós ãa cousa, que hei-de trabalhar muito por ser um dos mesteres, e vereis que cousas requeiro em prol do povo. Obreeiros, aguardentes, e estes que vendem mechas, e toda essa *turba multa* de vadios, à *la misma* hora os hei-de aposentar nas galés.

Fileno - Parece-me que não quereis ver outro no mundo, senão vós.

Parasito - Porquê sou eu vadio?

Fileno - Não, senão oficial de teu ofício teu imigo.

Parasito - Sei que estais tredoro. Ora vos digo, que vós, e ‘calai-nos de

Arábia' fizéreis vida estremada. Fiz agora certos pés a 'vi Joana, e mais Francisca ambas ir lavar ao mar', que vos matarão.

Hipólito - Dizei veremos.

Parasito - Vá-se a gabá-las, e não negar o bom.

Fileno - Já vos receais?

Parasito - Quem não quereis que se recee das vossas grosas, que um vedor de agoas, zambro, de olhos trocados não é mais escrupuloso, mas riu-me de todos vossos arquipélagos, porque vos sondo só da vista.

Fileno - Não gasteis lingoagem, que Palinuro foi mais certo que vós nas estrelas.

Parasito - Ora ouvi que a fiz a propósito de duas raparigas de gentil bico.

Ambas eram de ãa idade:
Ambas de bom parecer:
Ambas roubam a liberdade,
De quem fouto as ousa ver.
Os olhos pus em Francisca,
Joana quis-me matar.
Quem em tais laços se invisca
Mal pode a vida salvar.

Têm de si tal presunção,
Que a ninguém devem respeito:
Coitado do coração,
Que lhe descair do jeito.
Se me Francisca namora,
Joana me há-de matar
Em forte ponto, e forte hora
Acertei vê-las lavar.

Ditosas eram as agoas
 Que se vem⁷⁸⁸ tratadas delas.
 Mas ai dos olhos, que em mágoas
 Se lavam somente em vê-las
 Receei-me de Francisca.
 Fui-me a Joana entregar:
 Quem a tal perigo se arrisca,
 Tal tormento há-de passar.

De as ver tive temor,
 Torno sobre mim, e vejo
 Ter-me tomado o amor
 O passo com meu desejo.
 Quis-me acolher a Francisca,
 Joana foi-me atalhar:
 Sobre meu coração trisca
 Teveram pelo afogar.

Hipólito - As trovas estão boas, não tendes que falar.

Fileno - Nunca ele leva⁷⁸⁹ o meu voto, por mais mal assadas que faça.

Parasito - Vós como vos tirarem de ‘*ansias y passiones mias*’, e ‘quando Roma conquistava’, perdeis logo a concorrente: e eu não vos tomo por juiz. E bem ocioso estará quem se desvelasse por satisfazer juízos de alenaria. Basta que cumpro com minha tenção, e gosto: e quem lhe não armar, vá cantar ao sol. E mais quereis que vos atarraque que não faleis palavra? Ouvi esta petição que ontem fiz a ãa gentil dama. E não me gabeis, que não há necessidade disso, que o bom per si se gaba: e vós não sei a quantas braçadas dais agoa.

⁷⁸⁸ vem] [LA, LB: vem por vêem, sem substituição no texto para não alterar a métrica.]

⁷⁸⁹ leva] lena [LA] leva [LB: lição que se adopta.]

Fileno - Estais bravo. Acabai já, e dizei, não façais caramunhas d'antemão.

Parasito - Diz quem seu nome perdeu
 Por quem o assim desconhece:
 E por bem querer padece
 Males que não mereceu
 A quem mil vidas merece.
 Que da hora que vos viu
 Tão dina de ser servida
 Logo d'amor vos serviu,
 E ser vosso consentiu
 À⁷⁹⁰ custa d'alma e da vida.

Tendo de si tão perdido
 Juízo, e conhecimento
 Por seguir um pensamento
 Que em si o tem convertido
 Sem dele haver sentimento.
 E havendo tantos anos
 Que vive deste cuidado
 Sem ante vós ser lembrado,
 Padecendo desenganos
 D'amor, já desesperado.

E porque lhe vai faltando
 O sofrimento na dor
 Cada hora a morte gostando,
 Ante vós vem suspirando
 Requerendo-vos amor.
 E se lhe faltar piedade,
 A tanta fé já divida⁷⁹¹,
 Ficarà no campo a vida
 Em preço da liberdade,
 E vós não sereis servida.

⁷⁹⁰ À] A [LA] A' [LB: *lição que se adopta.*]

⁷⁹¹ divida] divida [LA: *lição que se adopta.*] duvida [LB]

Pede portanto senhora
 A isto respeito havendo,
 Pois por vós vive morrendo
 Que lhe deis de vida ãa hora,
 Porque não moura vivendo.
 Sendo de presente ouvido
 Vereis clara sua fé,
 E a ele ante vós remido,
 Segundo tem merecido
 E receberá mercê.

[**Parasito -**] Que dizeis agora Monseor de Laxão? Este meco não é de uns porretas que grozam ‘*retraída está la infanta*⁷⁹²’, e ‘*pera que paristes madre*’? E isto me não podeis negar, ter sempre novidade em meus propósitos.

Fileno - Quem gabará a noiva? Ora porque⁷⁹³ vos não vades delambendo com vossa vaidade, quero-vos dizer um vilancete que fiz noutro dia sobre certas paixões que tive com ãa senhora, e é que ela queixava-se, e eu queixava-me, e ambos tínhamos razão: porém como a mágoa só era minha, desabafei assi:

Bem que me tanto mal faz
 Fugir-lhe remédio fora:
 Mas quem podera já’gora.

Os portos me tem tomado
 Com que salvar-me não posso
 E quem naceu pera vosso
 Fugir de sê-lo é escusado.

⁷⁹² infanta] infante [LA, LB]

⁷⁹³ [LA: o fólio 256r apresenta a numeração errada, tem o número 237.]

Oh⁷⁹⁴, meu bem tão desejado.
 Quem vos não vira senhora,
 Quanto mais contente fora.

Se perdera o que alcancei,
 Já ganhara o que perdi.
 Pelo meu não me dá a mim:
 Mas por vós triste serei
 Meu amor eu vos cansei
 E não descanei senhora
 Dês que vos conheci té'gora.

Parasito - Está galante pelos santos que eu fiz: e isso é sobre cousa lograda: e também armará ao senhor vosso companheiro, porque faz a seu propósito.

Hipólito - Pois eu também hei-de arrancar de ãas que fiz da vossa arte a um vilancete velho que diz, 'arder coração arder', etc.

Parasito - Eu sou disso vejamos.

Hipólito - Dor e tormento sem fim
 Padece o meu coração:
 Porque empregou afeição
 Onde lha desprezam assi.
 Em triste fado naci,
 Pera nunca ter prazer,
 E assi hei já de morrer.

Coração meu condenado
 A morrer de sentimento,
 Tende no mal sofrimento,
 Pois vos destes ao cuidado,
 Que sejais desesperado

⁷⁹⁴ Oh] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

Sofrei vós até morrer,
Que vos não posso valer.

Vossa pena eu a padeço:
Quem vo-la causa, e consente
Do vosso dano é contente.
Sabe amor se lho mereço.
Quando esperança lhe peço
Pera lho poder sofrer
Foge de me ouvir, e ver.

A pena se é merecida,
É menos no sentimento,
E a dor do pensamento,
Segundo a causa é divida.
A minha de ser sobida,
Não me dá poder valer
O meu coração de arder.

Parasito - Pera isso senhor fazei-vos gaivota, e como virdes o fogo ao rabo,
mergulhai.

Hipólito - Não basta, que este fogo abrasa nas agoas.

Parasito - Ora, vinde cá, vistes já ãa carta que diz, ‘naceu-me um
pensamento’?

Hipólito - É de gentil invenção, e cuido que toda de alegância.

Parasito - Senhor si: e cair-lhe na história, e confrontações da tenção do
autor, tem muito sumo. Eu lhe fiz ãa reposta pelo faro de seus
sentidos que vos há-de armar, porque faz mais escarcéus que um
noroeste.

Hipólito - Mostrai por vossa vida.

Reposta

Cabra mouca dá na outra, diz o texto, de cá vos acho no meu rol garrido amor; e caindo nas empolgueiras da certeza de me parecer bem o jaez dos vossos toques, quis também dar os meus que podem suprir por belho em que o comum riso possa invistir, como estes brincos dos paparotes não ferem fogo, tirei seu passatempo pela fieira do jogo das barretadas. A olhos tapados me lanço ao mar como quem sonha que voa, fadas más são que havia de passar arrimado a perdoe-lhe Deos que bom pecador era, mas quis fazer tantos esteios de neve que se lhe congelaram os membros. Daqui veio, parece solapar-se tanto por dentro vosso nadível pensamento, que fez os aliceces de sua dor, a qual pera subir ao campanário da postema endurecida, armou um caracol de pensamentos vãos, que peneiram sobre a charola da vossa matéria, ramo de espírito asmático, e se viessem a picar o conhecimento dessa vaidade, não somente o farão vir a furo, mas seringá-lo-ão de tantos arrependimentos que sem outro di'al ter⁷⁹⁵ lhe encourarão as entradas desses coléricos humores: e dando à bomba saíra essa trama, porque tudo o tempo cura. Com esta prumada ficareis tão

⁷⁹⁵ di'al ter] dialter [LA, LB]

desalivado que corrais o páreo⁷⁹⁶ em osso com trezentos de [cavaleiros]⁷⁹⁷ a *cavallo*⁷⁹⁸ fugindo-lhe à rédea solta. E per conselho dos receios que são os *Patres conscripti* que pera vossa segurança nunca perder deveis, que gato escaldado de agoa fria há medo, alçai as abas ao passar do vau, porque não topeis em muitos atoleiros, que d'um não sei que destes, quando vos houverdes por mais seguro, lá vai o ruço e as canastras. E com este temporal desamarrado da vossa tenção, que em se colhendo sem ferrepeas corre a gilavento que não há cabrestantes que a tenham, a não tornareis ao couce com quantas alavancas de suspiros vós quiserdes: porque sardinha que o gato leva, bem me entendeis. E assi por mais que peneireiros porfiem que vento faz maré, sempre foi bom pera as opilações, levantar cedo pera que salveis em claro os cabeços dentre o adarço e Alhandra, que em noites de Fevereiro por mais a propósito que as ovas de sável falem, nunca deixam de ser muito sem sabores. Porém como neste posto são certos os sobresaltos com suas zombarias pesadas, ao mais ocioso cuidado com que de portas a dentro vos achardes neste fragante⁷⁹⁹ delito mandareis fazer vigia da grimpa de vossos desejos, pera que devise mais ao longe,

⁷⁹⁶ páreo] parreo [LA] pareo [LB: *lição que se adopta.*]

⁷⁹⁷ [Por questões sintáticas, foi introduzido no texto o substantivo cavaleiros. A conjectura apresentada deve-se ao provável esquecimento do tipógrafo de grafar este substantivo.]

⁷⁹⁸ a cavallo] acavalho [LA] acavallo [LB]

⁷⁹⁹ fragante] *por* flagrante [LA, LB]

com tal ordenança que ao descobrir da primeira desventura sem tir-te nem guar-te dê co facho em terra, que ãa resolução assi destas unha e carne de ‘se cuidastes cuidamos’, porque a um ruim ruim e meio, preparada com açuquere⁸⁰⁰ candil, e pós de Joanes de Vigo alimpam ãa vontade de quanto sarro apetites impossíveis criam nela, que é outra nova casta de lazeira tão apegadiça como sarampão, e mais prejudicial que espingardeiros. Não que à fiúza deste desengano lanceis de todo a voar arrependimentos: porque ninguém diga bem estou, e mais quando as esperanças afistuladas do que não quero dizer, morrem ao desemparo tão necessitadas, que a lhe não vir como de por amor de Deos um «*Ingrata patria nec ossa mea habebis*» pera epitáfio da sepultura, lá vai quanto Marta fiou, que vem a ser segundo se julgou na revista, ‘não vou lá nem faço mingoa», porque quem torto nace tarde se endereita. E porque nesta paragem cursam sempre uns acintes desconversáveis como ouriços cacheiros, não vos façais a monte com a dissimulação, com cuja ajuda ao primeiro repique vos poreis a ponto de fazerdes rosto a quantas saudades desmandadas vos vierem asoberbar ao vosso termo. Que bem deveis estar em que se embirram estas raparigas, ou morrerá o asno, ou quem o tange. Conquanto pera achaques de estâmagos, meter o feito nas férias, dizem os notomistas todos que é

⁸⁰⁰ assuquere] *por* açúcar [LA, LB]

vida pera cem anos: porque se descuidos ataimados começarem a vos xaquear o descanso, não me dareis saca-trapo tão endiabrado que acabe nunca de tomar pé em lhe revolver o santafolho⁸⁰¹: que isto tiveram sempre pensamentos tristes alcandorados nũa alma, em começando a picar em que *al fin todo es morir*, não espereis achar-lhe caparão tão apertado dos fundilhos, que os açame. E assi em o sobredito senhor Cupido com seus brincos de cão começando a fazer seu ofício, pôr à paciência. Que alegrias tristes, tristezas contentes, cuidados desesperados, desejos impossíveis, com suas mágoas de cada hora, delido tudo em *pera que paristes madre un hijo tan desdichado* é a estopada com que de presente socorrem a suas desgraças os sadios, que topareis sem errar passada (porque não quero que vão sem meus recados) entre Tejo e Guadiana ao socairo de seus fingimentos a fala sempre com meiguices falsas, fazendo seu curso cosidos com a terra: porque no descampado não jogue com eles ao gato repelado um noroeste que é a maior rapazia que há entre os brincos de Veneza. Mas assi entrou o mundo e há-de sair, e a quem lhe doer sofra-se, que *al buen callar llaman Sancho*, e a mim vosso.

Parasito - Pois que vos parece misser Hipólito? E vá-se a falar vardade⁸⁰².

⁸⁰¹ santafolho] *por* centafolho [LA, LB]

⁸⁰² verdade] vardade [LA: *lição que se adopta.*] verdade [LB]

Hipólito - Boa, ainda que escarrapiçada algum tanto.

Parasito - Isto assi se quer, porque como há-de andar per muitas mãos não é siso dardes parte de vosso pensamento aos leitores, a que se falais por equívocos norte sul do que houvera de ser, e sem dizer nada vos ficam tendo por outro novo orago de Apolo. Que gente povo se não jugais com ela a cabra cega não valeis um figo, tudo querem que seja, adevinha quem te deu, porque lhe fique campo a seus dizeres.

Fileno - Ora digo-vos que a carta ou que demo lhe chamaís, é tal como os preceitos com que a pretendeis fazer boa.

Parasito - Mal era que vo-lo havia ela de parecer, pois faço-vos fala que a não tenho por isso em peor conta.

Fileno - Até i sabia eu, porque não há cego que se veja, e vós por pontual não faltareis nesta comua⁸⁰³ obrigação de nos parecer bem tudo o nosso: e mais quando no propósito e tenção, em que não ata nem desata, sai tanto a seu dono que só às palpadelas vo-la dará por filha quem quer que vos conhece.

Parasito - Mas como é certo que a não saberdes que era minha, que me houvéreis de peitar pelo treslado pera crédito somente: que esta laia de cousas não vão a vossa tenda, que *a la misma* areais nestes paralelos de linguagem nova em carta mandadeira. Como não for,

⁸⁰³ comua] comãa [LA, LB]

dize tu, direi eu, com coração asseteado no topete da obra, não fala convosco.

Fileno - Pelo menos às vossas assi lhe acontece comigo, que a palavras loucas orelhas moucas.

Parasito - Tente mão valhaco não te corras, que todos somos *del merino*.

Hipólito - Disse a caldeira à sertã.

Parasito - Isso é levar dous de um tiro; e eu que o jurara antes de o ver, pelo que dizem, que ninguém meta a mão entre duas pedras: ser-me-á aviso para outro dia não comer do meu alforge quem não for muito pera isso em saber dar as minhas cousas opresso de seus quilates, que qual te dizem tal coração te fazem.

Fileno - E mais vós que em sentir ãa ruim palavra sois mais pontual que o Lacedemónio, que encarecendo ãa sua espada de cortadora, dizia que era mais aguda que ãa má palavra. Deve ser isto, porque além de honra e vergonha com que vos⁸⁰⁴ sempre soube de⁸⁰⁵ participantes, sois todo coração, e pelo tanto muito abafadiço, e dorido.

Parasito - Não no digais vós zombando, que eu não sou carne de cão: e por isso me avorrecem estes sururgiões magarefes da natureza humana, que os quisera ver de mim sempre seiscentas legoas. E assi vedes-

⁸⁰⁴ com que vos] com que vos [*LA: lição que se adopta.*] com quem vos [*LB*]

⁸⁰⁵ soube de] soube de [*LA: lição que se adopta.*] soube por de [*LB*]

me aqui donde estou rindo e folgando por temporizar convosco, e pelos cabelos, que bofé que vinha eu agora que o coração me estalava de pura mágoa dentro no peito, de ver a coitadinha de Florença, que é uma⁸⁰⁶ cordeira, a melhor creatura, e mais verdadeira amiga que jamais cuidei de ver, em poder daquela serpe da mãe, que a come, e rói, e a faz tísica por vos não sair da vontade, nem desgostar em tamanho como ãa palha: que a vida que por isso passa a coitada, os cativos em poder de mouros a têm muito melhor.

Hipólito - Pois que *hay* de novo? Fez algũa das suas a bicha da mãe? Que como não cuida senão em como fará muitos genros dessa filha, cada momento sai com ãa trama.

Parasito - Pois portanto. E devia ser que tinha a velha ordenado algum conchego pera algures, gancho de proveito e certo, com sinal pago. Vindo com o alvitre à boa da Florença, cuidando que furtava bogas: tal disseste, tomava o céu com as mãos, que antes morreria, que tal ser; e lá teve modo que, dando a mãe ãa volta, toma o manto, e saí-se pela porta fora, per maneira que em a velha tornando que achou menos, nem sabe donde é lançada, diz que comia terra. Se fez mais Lucrécia romana? Pois assentai senhor, ali moça donde a vedes, se a vistes.

⁸⁰⁶ uma] hum [LA] huma [LB: *lição que se adopta.*]

Fileno - Ver si, mas não lhe falei.

Parasito - Pois al é vê-la, e al tratá-la: como de mim pera el-Rei. Mas que vos dizia, mais amor que o de Florença, e mais estremecer sobre o que lhe manda esse homem que aí está: graça, discrição e gentileza como a sua: é por de mais, não na busqueis noutra parte; mal haja a ventura, ou o amor que a faz beber os ares por este enxoval. E não no digo por ele estar presente, mas pessoa, e ser é o de Florença pera um príncipe a tomar por molher, sem perder nada disso, nem lhe ser mal contado. Mas porque eu não espero deste mancebinho fouheiro, cosido com sa mãe, que se recolhe com as galinhas, e nem pela vida abrirá depois ãa janela, porque lhe o pai não diga sus, por esta que tu mo pagues, que faça o que lhe cumpre, e mais que sabe ele muito bem que o deve, e que *hay* morrer e viver, *me callo* que homem sei eu, não desfazendo no senhor Hipólito da Silva, que em nada desmerece dele, que se Florença quisera à mesma hora lhe lambera os dedos, e tivera à muito boa ventura querê-lo ela por marido. E digo isto assi a propósito, que eu nem persuado, nem aconselho, lá se avenha cada um; mas se eu a vós fora, mas que tivera cinquenta pais.

Fileno - O demo o sabe.

Parasito - Falou o boi, e disse: bé. Par estas que lhe houvera de ir cantar, ‘senhora se vós quiserdes sereis nora de meu pai’, e enforcasse-se

todo mundo, que inda que dizem, quem casa por amores sempre vive em dores: isso é quem não tem o remédio de suas necessidades tanto à mão como vós, pai rico, e que não é mancebo: entrado de amor por muitas partes, cujas fragueirices a voltas deste desgosto vo-lo concluirão em quatro dias: e em caso que se isto não levede, que às vezes tem mais que fazer que as bragas de um minhoto, homens bons, e pichéis de vinho, vai-se o demo pera o demo e vem Florença pera casa.

Hipólito - Donde estará ela agora que é o que faz ao caso?

Parasito - Ela mandou-me chamar muito de segredo que estava em casa da Sevilhana escondida, que vos buscasse pera pordes cobro nela, que não há-de ver a tarasca da mãe, que é aparelhada pera se lhe remessar à garganta, e afogá-la; e com tanta lágrima me contava estas e outras muitas coisas que vos eu não sei dizer, que me cortava a alma a coitadinha, e fizera chorar as pedras duras.

Hipólito - Não hei-de ter vida com a covileira da mãe se a não acabo.

Parasito - Matar não remedeia nem segura; dar vida, sim, César defendendo e conservando as estátuas que por toda Roma havia de Pompeu: e perdoando aos que foram por ele, lhe disse o outro que segurara as suas. E assi, quereis-vos segurar a vós e a vosso gosto? Dai vida a Florença.

Hipólito - A vida lhe dera, mas a honra?

Parasito - O cavalo alimpa a egoa. O outro perguntado que cousa era honra e nobreza, respondeu, que ser rico, e vir de pais que o fossem. Vosso pai tem dos bens deste mundo, que tudo daqui amenhã será vosso, que gainham bons pera ruins, enquanto não entram: molher é Florença pera per suas mãos, e pela sua agulha, vos trazer como a mesma pessoa do Rei, mas que soubesse morrer. Quanto mais que todas as más fadas não cursam mais que os três dias dos arrufos: em que vós também por vossa parte remareis vosso remo com quatro maçadinhas que não se escusam se o dinheiro ferve, que amor *al buen amador* nunca demanda pecado. Entende-se por o jogador amador de dinheiro, sem o qual neste tempo não se pode passar por esta transitória vida sem muito má ventura: porque têm os homens feito o mundo tanto a seu modo, que inda que se entenda o contrário do que aprova, não se tem conta com leis de entendimento, por satisfazer nos excessos da vontade. E portanto podeis ser ladrão público, e saber-se mui o certo que triunfais do roubado e mal aquirido: e detrás de vós bem vos podem julgar segundo vossas obras (que estas nunca se embuçam tanto que se desconheçam de todo) mas diante sois venerado segundo o que podeis, e a necessidade que de vós há. E pois a safra é de ruins, e deu a mangra pelos bons, sigamos o melhor parado que esta é a minha voz. Amores e dores com pão são bons, este daqui ou dali

não há-de faltar; e que ãa hora falte, não pode já tardar muito, que el-Rei vai té donde pode, e não té donde quer: ãa hora melhor d'outra que nem sempre o demo há-de estar detrás da porta. A ventura não a tem, quem a não busca: e por isso dizem, que quem se não aventurou, não perdeu nem ganhou: inda que os covardos não hão este porto por seguro, mas eu não hei-de emendar agora o que traz de longe o erro.

Fileno - Eu sempre fui de viver a meu sabor, e mandar enforcar quem à custa de meu gosto quer fazer seu proveito: que mais val ãa hora de prazer que cento de pesar. Na senhora Florença já sabeis o que tendes, incerto do em que podeis vir a dar, e quem bem se, e mal escolhe, por mal que lhe venha não se enoje: a mi já me estão pruinando os pés por vos bailar na boda, e mais sabeis que hei-de saltar foute que a casa está por minha.

Hipólito - Vamos nós té lá, que o que de cada um for à mão lhe virá, e Deos disse o que seria.

CENA OITAVA**Barbosa, Fragoso**

Barbosa - Ah senhor, não tão depressa, tempo há pera tudo, que nem por muito madrugar amanhece mais cedo.

Fragoso - Ó⁸²⁶ Senhor Barbosa, sabeí que vos ia buscar, como servo que vai em cata do medronho, pera vos pagar essas brancas que vos devo.

Barbosa - Senhor folgo muito, inda que não era tão grande a pressa, e dizem, que quem se apressa a pagar é ingrato devedor. Mas esta cousa é vinda a termos, e a dissolução da pouca verdade vai de maneira, que não se deve pouco a quem paga o que deve. E de ser isto raro dizem lá, emprestaste, perdeste o amigo, que é, sobre cornos penitência. E vós parece não sois destes?

Fragoso - Vou-me pelo que se diz, quem bem paga herdeiro é no alheio. Mas inda me tomo mais do mundo em outra cousa; que está em foro de sempre os que menos têm darem o seu aos mais ricos. Onde os poderosos logram o suor dos pobres, que lhe são foreiros de seus trabalhos.

Barbosa - Isso senhor vai mais ao lume da agoa: riquezas são como pássaro com sono, ajuntam-se no cabo, vem outro vento desaparecem, que nem fumo deles vedes: não sabem fazer alicerce em algũa parte, hoje

⁸²⁶ O] O [LA] O' [LB: *lição que se adopta.*]

as vereis ajuntar-se com muita pressa em um mimoso da fortuna: amenhã vêm seus herdeiros, e dizendo, e fazendo as espalham que nem sinal delas há. E o aquiridor que cuidou perpetuar nome nos fundamentos de sua cobiça à custa do próprio trabalho, e da alma muitas vezes, está per ventura gemendo onde Deos tem por bem. E por isso sou muito de cada um se lograr do que tiver, e depois de morto nem vinha, nem horto.

Fragoso - Como se rirá dessa opinião o avarento, que põe seu gosto e bem-aventurança em esconder boas moedas que não sejam cerceadas, e rever-se nelas.

Barbosa - Mais me riu eu da sua triste sorte, que é qual a de Tântalo no meio das agoas. Ora bem, e esta moeda veio-vos agora per banco?

Fragoso - Ûa encomendinha mandei à Mina, que me deu em retorno boa hora, e boa ventura.

Barbosa - E não sejais lá criado de oficial.

Fragoso - Vós também lá tereis vossas gajas do desembargo de vosso amo?

Barbosa - Sempre pica, não há que negar.

Fragoso - Cuido que privais muito com ele?

Barbosa - Assi, aproveitado estou louvando⁸²⁷ Deos, melhor que muitos que servem príncipes.

Fragoso - Essa é boa peça: serviria antes de agoa ardente.

⁸²⁷ louvando] [LA, LB: louvando *por* louvado]

Barbosa - Quanto mais que essas honras de seu se estão cada vez que as pretender, que meu amo não lhe falta valia pera tudo: e mais agora que traz um feito de um certo privado, a que ele sustenta em justiça, sem a ter. Mas eu, senhor, estou como o peixe na agoa: nunca me faltam dous tostões: e mais ando desta maneira que vedes.

Fragoso - Bons estão os recamados. Pois eu também sou gente.

Barbosa - Não está isso mau. Parece bom pano o desse chapéu, e está bem feito.

Fragoso - Maravilhoso. Amargos três tostões me custou só o pano: fez-mo um oficial d'arte, que os não faz senão d'encomenda pagos d'antemão, e per amizade.

Barbosa - Não vos gabo o haver de dar meu dinheiro, e rogar com ele: mas são liberdades desta terra, que té pera morrer haveis mister aderência. Hei-de valer convosco irmos ambos mandar fazer outro.

Fragoso - Ele por mim fará tudo, e tenho-lhe dado mil fregueses mancebos meus amigos: vamos quando mandardes.

Barbosa - Ora eu vos buscarei, que agora vou a um negócio de meu amo importante, e de segredo.

Fragoso - E não se pode dizer a mim?

Barbosa - Não sei se sois homem de segredo.

Fragoso - Confiastes de mim dinheiro, e não confiais palavras? E eu que gainho em vos publicar? Achastes o menino palreiro?

Barbosa - Dir-vos-ei, e isto pera vós, e vereis em suma ãa comédia, e o remate dela. Meu amo Ulissipo conquanto tem já no rabo os seus cinquenta a fora o dízimo, não perde suas manhas, e é a mesma luxúria, ao menos nos desejos.

Fragoso - Essa é peor e mais culpa. E isso vejo, muitos homens que deviam dar enxemplo⁸²⁸ de continência, prezar-se de devassos.

Barbosa - Ora ouvi. E então conversa Astolfo seu compadre, que lhe tem as pélas: e como é mais mancebo, e homem de folgar quanto lhe basta, faz estoutro fragueiro, e mais verde que porretas, e nunca acabam, damas vão, damas vêm a ãa horta da Mouraria, em que está ãa viúva criada de meu amo molher sobre os dias, e de grandes caldos. E como me tem por ladino sou a manilha deles, e o que governa, e ministra seus folguedos, de que também tenho meus percalços, que as mais das vezes lhe vendo gato por lebre, e cousas corriqueiras lhe passo no alardo por novíssimas, por bem e prol de meu trato.

Fragoso - Espanto-me saberdes fazer esses conluios, sendo tão pouco versado nestes negócios?

Barbosa - Senhor cada um sabe o que aprendeu: e não é tão pouco saber-se homem aproveitar da sua ciência: mas vou ao que digo. Os dias passados havia em nossa casa ãa moça sobrinha desta molher que

⁸²⁸ enxemplo] [LA, LB: *o substantivo enxemplo é uma forma arcaica de exemplo, formada a partir do verbo enxemplar por derivação regressiva* (Houaiss).]

vos digo, preitês, gentil molher, e discreta como pega, e desenvolta quanto baste; eu secretamente namorava, e sobre palavra de casar com ela, foi que logo ali me casei, dei-vo-la prenhe. Parece ser que neste comenos meu amo, que como me ela dizia a perseguia que lhe tirava os olhos, achou-a entre portas, e quis aproveitar-se, mas jura-me ela que não foi nada, e que pelo pôr em obrigação o enganou da mais alta maneira do mundo. Enfim que ela sentindo-se prenhe encabeçou-lhe que o era dele, por o que ordenaram que com achaque de doente se fosse pera casa da tia. Ora ela lá não faltou quem fosse dizer à molher que a tinha⁸²⁹ o marido ali da sua mão: ele então, por a pacificar tudo, cometeu-me que casasse com ela; e como eu estava avisado do que passava fiz-me muito de rogar. Finalmente que o resgatei, e prometeu-me, mais do que lhe pedia, ofícios, e honras. Per maneira que casei com ela, e dei-me por autor de tudo, com que a minha molher ficou descansada, e muito minha amiga; que dantes não era, por respeito do marido: e ele cuidando que me deve o mundo, e o fundo.

Fragoso - Ora vos digo, que a vos falar como amigo, não cuido que furtastes bogas: porque quanto ao primeiro: que certeza tendes que não seja o que ele cuida, e lhe fique em foro? E que não seja o filho seu?

⁸²⁹ dizer à molher que a tinha] dizer à molher que a tinha [*LA: lição que se adopta.*] dizer à tinha [*LB*]

Barbosa - Que não, valha-me Deos, é impossível, ela me fez trezentos juramentos.

Fragoso - Jura má sob pedra vá. E espanto-me de vós que sois tão traquejado, e rufião cadimo entenderdes isso tão mal. Bem dizem que o leão às vezes é manjar de pequenas aves: a ferrugem gasta o ferro: e o toureiro sempre morre nos cornos do touro.

Barbosa - Não quereis entender. Parece-vos a vós que conheço eu molheres?

Fragoso - Pois portanto.

Barbosa - Ora sabeis que é mais fora está de saber fazer esses conluios, e que traz mais o ponto na virtude: eu bem sei o que tenho nela.

Fragoso - Bem, se vós sois contente, não há que falar: eu falo-vos como amigo o que entendo.

Barbosa - Já o vejo, mas isto vai per outros canos. E quando eu estou satisfeito, sabeis que está o negócio em salvo: porque trago a prática antre mãos, e não me podem meter dado falso.

Fragoso - Embora, mas nunca vi enganos senão pera os mais confiados. E digo também, que segurança tendes do que vos prometeu vosso amo? Porque há homem de falar tudo.

Barbosa - Basta sua fé, e palavra.

Fragoso - Pouco sabeis de açor. Nunca ouvistes, com verdade e com mentira casa o bom sua filha? Promessas de casamentos vistes vós nunca compridas, inda que sejam de príncipes, depois que ele é feito? Antes

que cases cata que fazes, que não é nó que desates.

Barbosa - Como estais gracioso. Tão pouca consciência quereis que tenha um homem, que não cumpra o que prometeu em dote?

Fragoso - Muita graça vos acho eu tratardes de consciência, sabendo quão poucos há que lhe dêem vento, tanto que se lhe atravessa proveito, ou gosto. Bofé meu amigo se vós tão poucas letras aprendestes desse vosso doutor, eu vos prometo que lhe não falem pera vos contraminar. Pois que alma a de letrados: *en mi anima lo dejais, perder lo queréis*. Assentai que não há magarefe mais cru, do que eles são foutos em cortar por honra, vida, e fazenda de todo mundo. Hei medo que tendes feito ãa grande asnada; se estais em tempo de arrepender, segurai o vosso.

Barbosa - Já o mau recado é feito, ou mau ou bom teu genro sou. Mas riu-me das vossas desconfianças, que ele cumprirá comigo. Pois que menina minha mulher pera lhe não tirar os olhos?

Fragoso - Aí está o remédio, Asno morto cevada ao rabo.

Barbosa - Dir-vos-ei, eu não sou ora tão sojeito às leis matrimoniais, que se me não derem o que me prometeram, a não leixe a boas noutes, e me lance à *la misma* hora nessa Índia, donde nunca mais venha em meus pés, nem nos alheos.

Fragoso - Bem começais vós vosso mundo per essa via. A tenção vos salvará, quando as obras não pera cá pera trás.

Barbosa - Pois que quereis, que me enforque? Remedee ela lá isso, que a mim assaz me basta sofrê-la que é ãa bíbora⁸³⁰ de brava, e não tem onça de miolo.

Fragoso - Outra peor. Bom está o homem que põe o remédio de sua vida na cobiça de sua molher. Duas cousas ganha nisso: a primeira que o não tenha ela em conta: e a segunda que o sopee, e obrigue a sofrê-la. E mais se ela é tão assisada como vós dizeis, prometo-vos que tendes vida do céu. Casal de benção chamaí vós a esse.

Barbosa - Dir-vos-ei. Passe por onde passar hei-de viver da minha liberdade. Vender-lhe-ei pouco e pouco enquanto aqui andar esse fato que houver em casa, e comê-lo-ei com meus amigos a prazer: e enforque-se todo mundo, que por nada me hei-de acanhar a misérias, e tacanharias. E ela que veja as estrelas com fame, pode chamar pelo barqueiro que a socorra. Remedee-se como poder, e faça-lhe boa prol. Quando tiver bom jantar, jantaremos: e quando não, amigos tenho, e conhecido sou, e não me há-de de faltar cama, e mesa a pesar de Galegos. E por isto amigo meu Fragoso por nada me enforco.

Fragoso - Dessa maneira fazeis muito boa conta, e quem dever pague.

Barbosa - Porquê? Sou obrigado eu a fazer mais milagres que os outros? Não faz pouco quem sabe imitar os maiores, que melhor é morrer por

⁸³⁰ bíbora] *por víbora* [LA, LB]

culpa d'outrem, que pela própria: faço o que vejo fazer aos setenta anos de meu amo. Ora não é pequena sorte saberem os meus vinte anos segui-lo, e com vantagem.

Fragoso - As virtudes são pera prezar delas?

Barbosa - Fragoso mano sois mancebo, e não sabeis quantos fazem três: começais inda agora vosso mundo, tudo vos parece consciência, enquanto a não desenvolvestes em atrevimentos do apetito. Eu com minha pouca idade tenho grande experiência do muito que vi, e passei em pouco tempo: e por isso nada me faz envés. Nossos affectos com ímpeto nos levam onde pretendem, vituperamos, louvamos, havemos piedade ou paixão segundo nossa afeição presente nos guia. E portanto riu-me sempre de bom falar, que nas cousas adversas não se hão-de seguir as razões boas de dizer, mas as que são necessárias. Falo-vos ao pé da letra. A necessidade manda tentar tudo: porque como a fortuna desbarata as primeiras esperanças, logo as por vir parecem melhores. E assi eu cuido⁸³¹ tudo. Não vos nego que me arrependi de casar acabado de o ter feito, e que errei. Mas dai-me vós cá quem acerte nisto. Ora já é feito; não é mau acordo saber lançar minhas contas pera o adiante: que nas adversidades mais eficaz remédio acha a necessidade, que a razão. Fui mofino, companheiros acharei. Se a todos ãa hora por outra não

⁸³¹ cuido] euido [LA] cuido [LB: *lição que se adopta.*]

acaecessem mofinas, não se poderiam compadecer os prósperos. Nunca ouvistes, bom esforço espalha má ventura? Tal sou eu agora. A necessidade esperta a preguiça: e a desesperança é causa de esperança muitas vezes. Portanto leixai fazer a Deos que é Santo velho; não me pode a fortuna tomar por erro que me ache descalço. Quem levar a peor componha-se, que cada um é mais obrigado a si, que a outrem. Molheres cuidam que não há mais que casar, como vos tem colhido, seja a poder de mentiras, e façam elas a sua: depois os homens respondem-lhe com o mesmo, porque a um ruim, ruim e meio. Ninguém se queixe de lhe soceder mal, o que mal grangeou.

Fragoso - Quem vos há-de fugir a tanta razão boa? É muito certo é de quem tem má farinha acafelá-la com boas razões sobejas. Mas eu vos direi, quem merca, e mente na bolsa o sente. De todo homem que vejo corar seus negócios quando os conta, creio que está tomado deles; porque todo engenho humano tem prestes a dissimulação, e os culpados muito mais, e de natureza, afeiçoar-se às suas próprias cousas, que é a fonte de nossos erros. Porém a concurusão desta cousa é que defesa de homem que está atado não somente é desnecessária, mas avorrecida. E por isso ao feito, feito.

Barbosa - Falais Séneca, e per algum cartapácio ledes vós, que vos faz tão sengo.

Fragoso - Não vos pareça tão impróprio em mim, que debaixo de má capa jaz

bom bebedor.

Barbosa - Assi parece. Ora ouvi o que vos ia contar, vereis como é venial todo o meu caso. O filho de meu amo, Hipólito da Silva, é perdido, d'alma e da vida por ãa boneja, que ele diz que houve, se assi for, que eu nunca juro por estas.

Fragoso - Duvida da outra, e da sua não. Como toda pessoa se engana consigo: e nas cousas alheas quão claro, ou mal inclinado tem o juízo.

Barbosa - A qual Astolfo também conversa, aventou-lho Hipólito, trabalha quanto pode vedar-lha: pera isto tirou-a de poder da mãi que era o cabresto, e tem-na escondida em ãa certa casa da sua mão: e suspeito que se casou com ela: porque d'outra maneira não cuido que sofrera o recolhimento, que bezerinho que soe mamar, prui-lhe o padar.

Fragoso - Remedeou-se ele nisso mui bem. Vedes i que fazem pais descuidados, que não têm nenhum cuidado, nem tento em filhos ociosos.

Barbosa - Mas o que fazem filhos mimosos de pais enganados. E como não há mor gosto pera um pai que ter um bom filho, assi o mau, é o maior açoute que pode ter.

Fragoso - Não sei qual é peor. Os que não têm filhos hão-se por mofinos: e os que os têm, não são por isso mais ditosos: porque não há mor desventura que tê-los maus: e os bons sempre dão cuidado do que lhes pode acontecer.

Barbosa - Antes é bem-aventurado o varão que tem filhos pera esteios de sua velhice, e o defenderem d'afronta na idade em que a natural virtude falta. Esta é a possessão fermosa sobre toda outra riqueza, tesouro sem preço, ornamento da vida. Graciosa é a claridade do sol, o mar bonançoso deleitoso de ver, e a terra no verão com suas flores: mas sobretudo é pera ver um pai antre filhos, e netos; e é como nau presa a muitas amarras entre as ondas, honra da pátria⁸³². E assi diz que os antigos davam prémio ao pai de muitos filhos, porque dava cidadãos pera serviço da república: e as molheres esteriles⁸³³ tinham pena. E na verdade quantos mais filhos um pai tem, tanto é mais honrado e poderoso, porque se um homem com ter muitos amigos pode muito, quanto mais poderá com ter muitos filhos, já que não há cousa tão fiel ao homem, como o filho.

Fragoso - Vedes vós isso que é assi? Pode tanto o particular interesse, que às vezes faz aos pais serem imigos dos filhos: e aos filhos cada hora.

Barbosa - E sabeis como? Que nisto o vereis claro. Porque sei eu que Hipólito por herdar seu pai, e se ver livre pera seus danados gostos deseja o pai morto: e o pai também por não ter empecilhos em suas sensualidades, quer desterrá-lo. Vedes aqui os entremezes do mundo, e os sestros de nossa má natureza.

⁸³² da pátria] da pratica [LA, LB] [LA, dá errata, para este lugar a seguinte correcção: da pratica diga da patria..]

⁸³³ esteriles] [LA, LB: segundo Houaiss, esteriles é a forma de plural arcaica de estéril atestada no séc. XVI. Esta forma tem proveniência latina ou castelhana.]

Fragoso - Isso é mau, porque o amor do pai faz o filho melhor: e os filhos hão-se de emendar com palavras boas, e não com obras más. E com lhes os pais fazerem bem criam neles defensores, e não inimigos: e o bom pai não cria ira contra o filho: antes o amor pera o filho, inda quando seja sobejo, é louvado, como todo outro vício reprimido. E naturalmente é de tal força o amor pera o filho, que inda que seja mau, não pode avorrecer a seu pai.

Barbosa - Antes é regra certa fazerem os pais mais bem aos piores filhos, e mais ingratos: e é permissão divina por a sem razão, e injustiça que se faz aos outros filhos: e segundo já ouvi praticar, mui grande consciência.

Fragoso - Do pai de Hipólito me espanto ter-lhe esse ódio, e querer mais seu gosto danado, que o justo e devido da presença do filho, que os pais hão-de sofrer os amores dos filhos como infirmitade natural, que só Deos pode remedear.

Barbosa - Dir-vos-ei o que passa. Seu compadre Astolfo mexericou Hipólito com o pai pola razão que vos digo.

Fragoso - Grande prova é de mau amigo acusar o filho ante o pai, maiormente por respeito de próprios erros.

Barbosa - Assi é, e com raiva deu-lho por casado. O pai por lhe fazer a vontade, e juntamente ver se o pode tirar de seu cativoiro, determina, sobre consulta que tiveram ambos, mandá-lo a Mazagão.

Fragoso - Como está certo em pais devassos quererem fazer grandes observâncias nas vidas dos filhos, dando-lhe com a sua muito mau exemplo. E fará grandes caramunhas com a mãe?

Barbosa - Guarde-nos Deos, é cousa insofrível. Não lhe fala, porque diz que ela lhe danou o filho com mimos.

Fragoso - Ora vos digo, que quem mal vive, por onde peca, per i paga. Respondem-lhe suas obras com o fruto de seus merecimentos. Por isso dizia o outro bem, quem quiser ser mestre de si mesmo, reprenda-se das cousas que reprende nos outros: colhe cada um segundo semea: e é bom portanto lançar as barbas em remolho. Em parte folgo, porque cuidam estes ricos, a que a fortuna ventou a sabor, que a têm pelo pé, e que tudo podem fazer a seu salvo: e ela nunca foi segura, que o mundo (como lá dizem) nunca deu bom jantar que não desse má cea. A prosperidade muda a natureza nos homens; e raramente é alguém cauto em seus bens quanto lhe cumpre. E mais as mais das vezes grande glória mundana é benefício da fortuna, e não do próprio merecimento: e por isso há-se de enfrear a felicidade pera a poder reger: porque os que nela põem sua confiança fá-los mais desejosos, ou cobiçosos: menos capazes: e mais esquecidos da fraqueza humana.

Barbosa - Muito é pera rir da sua parvoíce, que todos os entendem, e eles a ninguém.

Fragoso - É certo que cuidava Ulissipo, por rico e próspero, fazer cada dia ãa e viver segundo dizeis, tão solto que nem o tempo o descarta dos desejos, indo-lhe cada hora tirando os enxalmos da possibilidade? E Deos não dorme. Donde não são melhor afortunados os que alcançam facilmente todo o necessário pera seus deleites: cuidam, porque todos lhe obedecem, e lhe falam bem, os temem, os louvam, se lhes dão por amigos, que não há mais ventura? E a muita abastança não farta, mas enfastia, descuidam-se de si: cegam-se em seus apetitos: entregam-se a seus gostos, e superfluidades: não se velam da cilada que lhe seus pecados sempre armam. Tal é agora vosso amo.

Barbosa - Vós vireis a fazer sermonário segundo estais peripatético: e eu que vos ouço muito de siso. Esta é a ordem deste tempo tinta sobre impróprio.

Fragoso - Isto que vos eu digo é assi.

Barbosa - É verdade, porque de lingoa, quem quer emenda, por onde não me espanto de serdes sengo na lingoagem, que vosso amo tem jeito de ler em casa ao serão por Gamaliel, e outros desta arte, e daí tomareis doutrina.

Fragoso - Zombai vós: mas eu não vos hei inveja ao casamento de vosso Hipólito, de que pode ser que sereis vós bom terço.

Barbosa - Em al posso ser culpado: mas nessa parte se ele fizera o que lhe

sempre conselhei, nunca tal fora.

Fragoso - Quem pera si não teve conselho, mal o terá pera outrem.

Barbosa - Como estais gracioso: era eu seu aio? Achastes vós o menino disciplinável, e que se dobra assi per conselho de ninguém? Já não há quem o tome, salvo conforme a seu gosto: e negá-lo por obedecer a parecer alheio, inda que seja mais que bom, é já tão desacostumado, que fazê-lo seria afronta da vã confiança de cada um. E mais vos digo, que é graça conselhar-se já ninguém: porque não há amigo que não tenha entre si maior gosto de vossa desventura, que vontade de vo-la remedear. Portanto trabalhe cada um encobrir suas misérias, se quer achar amizades. E também sabeis que trago por regra? Vejo muito poucas vezes, ou nenhũa fazer ninguém cousa como a cuidou: o conselho é só de Deos, que faz o que quer melhor do que o nós entendemos. Porque direis vós agora que Hipólito casou por meu parecer? ou porque seu pai se descuidou de sua vida, e lhe soltou a rédea à mocidade? Está bem. E que direis a suas filhas, mais encerradas, vigiadas, e recolhidas que um tesouro? As quais andavam parece d'amores com dous cortesãos, e lá na quintã entravam com elas: e a mãe, sentindo-os, tomou-os juntos, e por remédio casou-os? Bem que diz que já eram casados antre si.

Fragoso - Grandes cousas me contaes. Crede que todos os desgostos, e afrontas se guardam pera a velhice, quem mais vive, mais vê: e não

sei pera que é desejar viver, pois na vida estão os perigos. Ora bem, e o pai é já sabedor disso?

Barbosa - Agora andam pera lhe falar que o haja por bem. E nisso há pouco que fazer, pois é feito, que ou quererá, ou raivará. Ele não há-de folgar muito, porque tem muito dinheiro pera lhes dar, e determinava casá-las com fidalgos. Porém agora tomará o que tem, porque necessário é acomodar a vontade aos sucessos, já que eles raramente se conformam com nossa vontade. Eles honrados são tanto como elas, e de gentil arte: têm suas esperanças largas compradas per seu trabalho.

Fragoso - Essas lhe dirão bem tarde.

Barbosa - Pois por isso andaram eles melhor, que se amarraram a gentis damas, e com provisão pera pairar toda calma. E por estes se disse, quem Deos quer ajudar o vento lhe apanha a lenha: ajuntam uns pera outros. Quando virdes um cobiçoso esfandegar-se por aquirir, sabeis que é pera descansar a quem lho não há-de agradecer.

Fragoso - Isso é assim pontualmente, que a boa ventura de uns cansa outros. Mas sabeis de que vem também soceder tudo aos homens pelo contrário de sua ordenança? De não se entregarem à vontade de Deos, e quererem que lha faça ele segundo o pretendem. Então Deos como sumo bom, sumo sabedor, e sumo poderoso vai pela sua via ao certo, e está-se rindo de todo o nosso ferver: dá o seu a quem

quer: a razão ele a sabe, e a ninguém dá residência de suas obras. E haveis de ter por sem dúvida que o que ele faz é o melhor: o respeito não vos mateis pelo saber, porque como disse o galego, tarde *piache*⁸³⁴.

Barbosa - Vedes vós isso? Essa é a causa por que me não mato por cousa alguma: bem casei, mal casei, tudo vem a um conto. Por Hipólito digo o mesmo: pera Florença ser ditosa, forçado havia ele de ser mofino: pera suas irmãs casarem a seu gosto, e vontade, e não a de seus pais, que pretendiam mais seu interesse, e vaidade, que o contentamento delas, haviam eles de ser descontentes. Era parece a sorte dos galantes, a que Deos tinha guardada esta boa dita. O casamento é antre iguais, que é bom. De maneira que todos ficamos contentes, té os que menos parte somos no caso, e ruim seja quem o não for: seu pai se lhe pesar meta a mão no seio, e chore seus pecados, e conheça que lhe fez Deos mercê em lhos castigar tão piadosamente: emende sua vida e amansará a ira divina.

Fragoso - Falais bocados d'ouro, e quem vos vir dirá que não pareceis tal. A cousa está rematada melhor do que se podia esperar: e que haja alguns descontentes antre tantos contentes, não pode ser menos, porque quando se ãa porta ferra outra se abre. E nestes casos matrimoniais tudo se apacifica pera louvor de Deos, e prol de todos.

⁸³⁴ piache] *por* piesche [LA, LB]

Amenhã serão conformes, e amigos com o pai, e a mim o cargo.

Quanto a vós, quando me derdes licença, irei fazer meus devidos cumprimentos, e oferecimentos a vossa esposa, que já desejo ver.

Barbosa - Folgarei muito com isso, porque saiba que a estimam meus amigos:
e seja logo.

Fragoso - Deos diante. *Vos ualete et plandite.*

FIM

Anexos

Os anexos contêm os índices indicadores do mundo referencial da *Comédia Ulissipo*. Deles constam povos e personalidades, autores, entidades mitológicas e personagens, referências religiosas e topónimos. Estão feitos em português e castelhano.

1. Povos e Personalidades

Alcibíades, 427
 Alexandre Magno, 76, 90 (*ver* Alexandre)
 Alexandre, 74, 160, 237, 424
 Alexandres, 429 (*ver* Alexandre)
 Aníbal, 424
 Apeles, 211
 Astíages, 78
 Atenienses, 335, 456
 Átila, 450
 Caesar, 191 *ver* César
 Caio Sulpício Galo, 91
 Camilo, 424
 Carlo Magno, 91
 Castelhana, 335
 Catalina, 255
 Catão censorino, 247
 César, 197, 424, 475
 Cipião, 71, 423, 424
 Citas, 354
 Cláudio, 423
 Cleópatra, 423
 Dario, 90
 Gregos, 337
 Dionísio siracusano, 94
 Duque de Lencastro, 399
 Felipo, 237 (*ver* Filipo)
 Filipo, 423
 Focião ateniense, 456
 Francês, 339
 Franceses, 138

Galego, 339
 Galegos, 485
Godó, 350
 Godos, 354
 Gregos, 336, 400
 Heraclio, 422
 Italiano, 401
 Lacedemónia, 89
 Lacedemónio, 472
 Lacedemónios, 423, 456
 Lélío, 74
 Licurgo, 394
 Licurgos, 185
 Lúcio Catelina, 216
 Lucrécia romana, 99, 374, 473
 Lucrécia, 188 *ver* Lucrécia romana
 Marco António, 423
 Medices, 167
 Metelos, 447
 Olímpia, 236
 Pompeu, 424, 475
 Portugueses, 208
 Públio Semprónio, 91
 Rei Dom Sancho, 233
 Romanos, 91, 236, 425
 Sabinos, 236, 425
 Sila, 241
 Silas, 447 (*ver* Sila)
 Tanaquil, 90
 Tarquino Prisco, 90
 Tarquino, 188
 Tarquinos, 423
 Temístocles, 424
 Timea, 427
 Torcato, 371
 Troianos, 354

2. Autores

Aristides, 424
 Aristóteles, 425
 Arquitas, 74
 Ausias Marche, 400
 Boscão, 400
 Calçadilha, 396
 Cipião, 74
 Claudiano, 425
 Demócrito, 422
 Diógenes, 241, 423, 429
 Dioscórides, 317
 Fílon, 89
 Garci Sanches, 204, 228, 360 429 (*ou* Graci Sanches)
 Guevara, 396, 429
 Hipocras, 317
 Homero, 74, 422
 Horácio, 74, 422
 João de Lenzina, 402
 João de Mena, 382
 Juan Rodriguez del Padron, 204
 Juvenal, 354
 Lenzina, 387 (*ver* João de Lenzina)
 Mancias, 118, 228, 318, 429
 Menandro, 78, 90
 Nero, 241
 Ovídio, 214, 332
 Pérsio, 244
 Petrarca, 400
 Pitágoras, 73
 Platão, 232, 423, 454
 Plínio, 454
 Propércio, 336
 Séneca, 93, 156, 353, 354, 423, 487

Sócrates, 102, 369

Susaríão, 75

Terêncio, 74

Túlio, 74, 448

Vetrúvio, 259

Xenofon, 91

3. Entidades mitológicas e personagens

Acrísio, 78
 Agamenon, 423
 Almazonas, 408
Amon, 348
 Amor, 333, 334, 335, 337, 423, 426 (*ver* Cupido)
 Andrómaca, 91, 236
 Anterota, 334, 335
 Apolo, 369, 471
 Aqueloo, 455
 Aquiles, 354
 Argos, 82
 Ariadna, 427
 Atalanta, 332
 Baco, 316
 Campos eliseos, 228
 Campos Ilíseos, 447 (*ver* Campos eliseos)
 Cassandra, 254
 Caos, 336
 Celestina, 136, 317, 376
 Cupido, 238, 334, 447
 Cila, 78
 Circes, 377
 Clitemnestra, 423
 Conde Partinoples, 231
 Cupido, 214, 238, 370, 470
 Dafne, 188, 332
 Dánae, 332
 Deos Amor, 334 (*ver* Cupido)
Deucalion, 348
 Djanira, 206
 Dom Quadragante, 393
 Donzela Teodora, 232
 Édipo, 424

Eneas, 332
 Esopete, 455
 Faetão, 232, 425
 Febo, 455 (*ver* Apolo)
 Fiometa, 211, 389
 Galatea, 238
 Ganimedes, 429
Gerion, 349
 Glauco, 238, 239, 456
 Graças, 335
 Heitor, 91, 160, 236, 313, 400
 Heitor troiano, 208, 383 (*ver* Heitor)
 Helena, 206
Hector, 351
Hercules, 348
 Hércules, 323, 382, 383, 413, 423, 455
 Hidra, 413
 Ícaro, 425
Idra, 349 *ver* Hidra
 Ífis, 234
 Jasão, 427
 Juno, 82
 Júpiter, 188, 332
 Laberinto de Creta, 191, 427
 Laudonia, 236, 237
 Leda, 187
 Leteu, 228
 Lídia, 190, 422
 Marte, 203
 Medea, 78, 377, 427
 Meles, 334
 Mercúrio, 73, 76, 82, 455
 Merlim, 231
 Minos, 78
 Minerva, 328
 Momo, 455
 Neptuno, 238, 390
 Ninfas, 428
 Niso, 78
 Ônfale, 323
 Orago de Delfos, 253
 Orestes, 202, 424
 Orfeu, 390

Palas, 328
 Palinuro, 210, 461
 Pantasilea, 148
 Penélope, 409
 Pénia, 332, 333
 Perito, 188
 Pílades, 202
 Píramo, 186
 Plutão, 422
 Poro, 332, 333
 Prosérpina, 188
Proteo, 349 *ver* Proteu
 Proteu, 455
 Protesilau, 236
 Rapaz do amor, 332 (*ver* Cupido)
 Saturno, 259
 Sereas, 427
 Tântalo, 430, 479
 Témis, 335
 Tersites, 354
 Teseu, 427
 Tisbe, 186
 Troilos, 402
 Trópico de Cancro, 191
 Ulisses, 455
 Vénus, 149, 332, 335, 425
Venus, 348
 Vulcano, 203

4. Referências religiosas

Alcorão, 259

Anjos, 288

Antecristo, 252

Benjamin, 423

Coresma, 202

Demo, 104, 105, 116, 119, 124, 130, 140, 142, 145, 148, 149, 175, 191, 208, 219, 222, 224, 230, 277, 318, 320, 328, 335, 344, 352, 432, 459, 471, 474, 475, 477

Demonio, 152

Demonios, 351

Deos, 78, 80, 83, 85, 91, 94, 96, 97, 98, 101, 103, 107, 108, 109, 110, 115, 116, 120, 123, 126, 132, 138, 141, 150, 151, 172, 174, 176, 178, 181, 183, 188, 189, 199, 218, 222, 224, 230, 234, 241, 242, 246, 247, 249, 251, 252, 254, 262, 265, 266, 269, 270, 272, 275, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 285, 286, 289, 291, 296, 301, 307, 316, 323, 324, 336, 355, 356, 360, 361, 363, 364, 366, 368, 369, 370, 375, 392, 402, 408, 416, 418, 419, 433, 436, 437, 441, 445, 447, 450, 451, 452, 457, 460, 467, 469, 477, 479, 483, 487, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496

Diabo, 272, 316, 338, 341, 352, 450

Diabos, 345, 431

Dios, 197, 275, 348, 350, 458

Endoenças, 202

Filho da Virgem, 266

Gamaliel, 492

Hierusalem, 424

Jesu, 267

Lázaros, 249

Lúcifer, 228

Mafamede, 318

Mafoma, 152

Nossa Senhora da Luz, 419

Nossa Senhora, 142

Nosso Senhor, 264

Paraíso, 240

Salamão, 423
San Martin 157
San Pedro, 197
Sansão, 423
Santa Luzia, 148, 226
Santos, 189, 301
São Bento, 203
São João Verde, 150
São João, 149
São Pedro, 450
Satanás, 272, 322
Senhor, 262, 264, 287, 288, 362
Sino samão, 261
Talmude, 399
Virgem, 269, 342, 366

5. Topónimos

África, 382
Alegrete, 260, 270
Alemanha, 392, 395, 399
Alfamistas, 370
Alhandra, 468
Alhos Vedros, 385
Almada, 385
Alpes, 254
Alvalade, 389
Arábia, 461
Atenas, 74, 334, 338, 424
Ave, 256
Badajoz, 323
Barreiro, 260, 385
Beja, 296, 371
Belém, 388
Berlengas, 380
Borgonha, 399
Bretanha, 393
Cacilhas, 240
Cachopos, 255, 393
Cairo, 355, 373
Caparica, 317
Carmo, 225
Cartago, 424
Castela, 241
Castilla, 350
Caterinos, 370
China, 391
Cicladas, 210
Coa, 254
Colcos, 427
Corinto, 424
Coruche, 402
China, 392
Creta, 191 (*ver* Laberinto de Creta)
Delfos, 253 (*ver* Orago de Delfos)
Desertos da Líbia, 450
Diu, 210, 391
Egipto, 91
Esparta, 428

Fez, 145, 384
 França, 118, 210, 391, 398
 Grécia, 73
 Guadiana, 470
 Holanda, 307
 Ilha da Madeira, 403
 Índia, 385, 484
 Irlanda, 240
 Israel, 399
 Itália, 399
 Líbia, 191, 379
Libico desierto, 348 (*ver* deserto da Líbia)
 Lisboa, 77, 370, 383
 Marrocos, 383
 Mazagão, 253, 382, 383, 389, 411, 412, 490
 Mina, 479
 Monte Atlante, 382
 Monte Etna, 327
Monte Olimpo, 350
 Mouraria, 481
 Muge, 259
 Numância, 424
 Pérsia, 422
 Perú, 250
 Portugal, 243, 393, 399
 Portugueses, 208
Rifaña, 460
 Rodes, 396
 Roma, 292, 339, 356, 380, 462, 475
 Rubicão, 191
 S. Roque, 193
 Santa Bárbara, 105
 São Bento, 203
 Tebas, 424
 Tejo, 470
 Tenedos, 236
 Tessália, 237
 Tróia, 160, 206, 390, 423
 Unhos, 460
 Valhadolid, 393
 Veneza, 99, 399, 470
 Vigo, 469

Bibliografia

1. Obras de Jorge Ferreira de Vasconcelos

VASCONCELOS, Jorge Ferreira de,

Comedia Eufrosina. Texto de la edición príncipe de 1555 con las variantes de 1561 y 1566, edición, prólogo y notas de Eugenio Asensio. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1951.

Comédia Eufrosina (1555), introdução e edição de Aubrey Bell. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1918.

Comedia Vlisippo (1561?). 2.^a Edição. Lisboa: Officina de Pedro Craesbeck, 1618.

Comedia Vlisippo (1561?) por Bento Iose de Sousa Farinha. 3.^a Edição. Lisboa: Officina da Academia Real das Ciências, 1787.

Comedia Aulegrafia (?). Lisboa: Officina de Pedro Craesbeck, 1619.

Comedia Aulegrafia (?), texto, prefácio notas e glossário de António A. Machado de Vilhena. Porto: Porto Editora, 1968.

Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda (1567). Coimbra: Off. De João de Barreira.

Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda (1567), prefácio, actualização, transcrição do texto e notas de João Palma-Ferreira. Porto: Lello Editores, 1998.

2. Estudos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos

LAUREANO SANTOS, R., e PEREIRA, S. (1998), *Comédia Eufrósina* de Jorge Ferreira

Bibliografia

de Vasconcelos. Estabelecimento do texto e prefácio de Rosário Laureano Santos. Lisboa: Colibri.

LAUREANO SANTOS, R., e PEREIRA, S. (2000), *Comédia Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Estabelecimento do texto, prefácio e notas de Rosário Laureano Santos. Lisboa: Teatro Maizum.

LAUREANO SANTOS, R. (1996), “Permanência e inovação no Teatro Português do séc. XVI: a *Comédia Eufrósina*”, in **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. Lisboa: Edições Colibri. N.º 9, p. 261-68.

PIPER, C. Anson (1971), “Ferreira de Vasconcelos and the nobility”, in **Kentucky Romance Quarterly**. Lexington: University Press. N.º 18, p. 435-442.

PIPER, C. Anson (1967), “The Lisbon of Jorge Ferreira de Vasconcelos”, in **Luso-Brazilian Review**. Madison: Wisconsin. N.º 4, p. 17-25.

SUBIRATS, Jean (1978), “L’Outre-Mer dans le théâtre de Jorge Ferreira de Vasconcelos: donnée dramatique et équation personnelle”, in L’HUMANISME PORTUGAIS ET L’EUROPE – ACTAS DU XXI COLLOQUE INTERNATIONAL D’ÉTUDES HUMANISTES. Tours, 3-13 de Juillet. Paris: Gulbenkian, 1984. P. 735-746.

SUBIRATS, Jean (1982), *Jorge Ferreira de Vasconcelos. Visages de son oeuvre et de son temps*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2 Vol.

3. Estudos sobre Teatro em Portugal

BARATA, José de Oliveira (1991), *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

BRAGA, Teófilo (1870-71), *História do Teatro Português*. Porto: Imprensa Portuguesa Editora. 2 Vol.

CIDADE, Hernâni (1984), *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*. Coimbra: Coimbra Editora.

Bibliografia

- CRUZ, Duarte Ivo (1983), *Introdução à História do Teatro Português*. Lisboa: Guimarães & C.^a Editores.
- CRUZ, Maria Leonor Garcia da (1990), *Gil Vicente e a Sociedade Portuguesa de Quinhentos*. Lisboa: Gradiva.
- FRECHES, Claude-Henri (1964), *Le théâtre néo-latin au Portugal (1550-1745)*. Paris: Bertrand.
- FRECHES, Claude-Henri (1968), “Le théâtre néo-latin au Portugal”, in **EVPHROSYNE**. Lisboa. Vol. II, p. 87-131.
- FRECHES, Claude-Henri (1965), “Quelques aspects du drame néo-latin au Portugal”, in **Colóquio**. Lisboa. N.º 36, p. 56-58.
- GRANJA, Agustin de la (1980), “Un documento inédito contra las comedias en el siglo XVI: los *Fundamentos* del P. Pedro da Fonseca, in *Homenaje a Camoens*. Granada: Universidad de Granada. P. 173-194.
- GOMES, Alberto Figueira (1983), *Poesia e Dramaturgia Populares no séc. XVI - Baltasar Dias*. Lisboa: ICALP.
- GRIFIN, Nigel (1976), *Jesuit school drama - a checklist of critical literature*. London: Grant & Cutler.
- LOUREIRO, José Pinto (1959), *O teatro em Coimbra. Elementos para a sua história 1526-1910*. Coimbra: Câmara Municipal.
- MARTINS, Mário (1969), “O teatro litúrgico na Idade Média peninsular”, in *Estudos de Cultura Medieval*. Lisboa: Verbo. Vol. I, p. 11-33.
- MARTINS, Mário (1969), “Representações Teatrais em Lisboa, no ano de 1541”, in *Estudos de Cultura Medieval*. Lisboa: Verbo. Vol. I, p. 35-44.
- MARTINS, Mário (1983), “Natal no palco”, in *Estudos de Cultura Medieval*. Lisboa: Verbo. Vol. III, p. 253-258.
- MARTINS, Mário (1978), *O Riso na Literatura Portuguesa de Quatrocentos*. Lisboa: ICALP.

Bibliografia

- MARTINS, Mário (1979), *O Riso, o Sorriso e a Paródia na Literatura Portuguesa de Quatrocentos*. Lisboa: ICALP.
- NUNES, Damasceno (1902), “Theatro classico em Portugal no seculo XVI”, in **Ocidente**. Lisboa. N.º 25, p. 286-87.
- PIMPÃO, A. J. Costa (1947), “As correntes dramáticas na literatura portuguesa da século XVI”, in *A evolução do espírito do teatro em Portugal*. Lisboa. Vol. I, p. 132-168.
- REBELLO, Luiz Francisco (1968), *História do Teatro Português*. Lisboa: Europa-América.
- REBELLO, Luiz Francisco (1977), *O Primitivo Teatro Português*. Lisboa: ICALP.
- REBELLO, Luiz Francisco (1980), *Variações sobre o teatro de Camões*. Lisboa: Caminho.
- RODRIGUES, Maria Idalina Resina (1987), “Os Autos de Camões e o Teatro Peninsular”, in **Estudos Ibéricos. Da Cultura à Literatura. Séculos XIII a XVII**. Lisboa: ICALP. P. 55-178.
- RODRIGUES, Maria Idalina Resina (1987), “A Comédia Clássica Portuguesa”, in **Estudos Ibéricos. Da Cultura à Literatura. Séculos XIII a XVII**. Lisboa: ICALP. P. 205-220.
- ROIG, Adrien (1983), *O Teatro Clássico em Portugal no séc. XVI*. Lisboa: ICALP.
- SARAIVA, António José Saraiva (1981), *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*. 3.^a Edição. Lisboa: Livraria Bertrand.
- SOARES, Nair Nazaré de Castro (1983-84), “A Castro à luz das suas Fontes. Novos dados sobre a originalidade de Ferreira”, in **HVMANITAS**. Coimbra. Vol. XXXV-XXXVI, p. 271-348.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana (1969), *História do Teatro Português*. Lisboa: Portugália.
- TAVANI, Giuseppe (1988), “As características nacionais das comédias de Sá de

Miranda”, in *Ensaíes Portugueses*. Lisboa: INCM. P. 413-428.

4. Estudos de linguística (história da língua, crítica textual, paleografia)

AVALLE, D’Arco Silvio (1972), *Introduzione alla Critica del Testo*. Padova: Antenore.

BÉDIER, Joseph (1928), *La tradition manuscrite du Lai de L’Ombre. Réflexions sur l’art d’éditer les anciens textes*. Paris: Champion, 1970.

BLECUA, A. (1983), *Manual de Crítica Textual*. Madrid: Castalia.

BOWERS, F. (1964), *Bibliography and Textual Criticism*. Oxford: Clarendon Press.

CARVALHO, J. G. Herculano de (1964), *Estudos Linguísticos*. 2.^a Edição. Coimbra: Atlântida, 1973. Vol. I.

CASTRO, Ivo; RAMOS, Maria Ana (1981), “Estratégia e tática da transcrição”. In VÁRIOS *Critique Textuelle Portugaise*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1986. P. 99-122.

CASTRO, Ivo (1991) [et al.] *Curso de História da Língua Portuguesa, e Curso de História da Língua Portuguesa, Leituras Complementares*. Lisboa: Universidade Aberta.

CATACH, Nina (1984) (org.), *Les éditions critiques. Problèmes techniques et éditoriaux*. ACTES DE LA TABLE RONDE INTERNATIONALE DE 1984, organisée par [...]. Paris: Les Belles Lettres/CNRS, 1988.

CERQUIGLINI, B. (1989), *Éloge de la variante. Histoire Critique de la philologie*. Paris: Seuil.

CONTINI, G. (1938-1968), *Varianti e altra linguistica*. Torino: Einaudi, 1970.

CONTINI, G. (1986), *Breviario de ecdotica*. Milano/Napoli: Riccardo Ricciardi.

DUARTE, Luiz Fagundes (1986), *Naceo e Amperidónia (Novela sentimental do século XVI)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

DUARTE, Luiz Fagundes (1987), “Do Autor ao Leitor: uma procissão de

Bibliografia

- Outros”, in ACTAS DO SIMPÓSIO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS PORTUGUESES. AS DIMENSÕES DA ALTERIDADE NAS CULTURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - O OUTRO. Lisboa: Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Vol. I, p. 499-512.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1992-93), “Breve Prática sobre a Nova Filologia”, in **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas** (Homenagem a José Leite de Vasconcelos). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. N.º 6, p. 153-160.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1994), “Para um método linguístico em crítica textual”, ACTAS DO XIX CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOXÍA ROMANÍCAS. La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa. Vol. VII, p. 27-33.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1994), “Prática de Edição: onde está o Autor?”, GÊNESE E MEMÓRIA. ACTAS DO IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES. São Paulo: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, Universidade de São Paulo. P. 335-358.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1996), “Edição Crítica e Memória”, **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. Lisboa: Edições Colibri. N.º 8, p. 133-139.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1997), *Pequeno Dicionário de Termos da Crítica Textual*. Lisboa, texto policopiado.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1997), *Crítica Textual e Linguística Histórica*. Lisboa: [s. n.]. Lição de síntese para a obtenção do título de Agregado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- DUARTE, Luiz Fagundes (1997), *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: [s. n.]. Relatório e Programa da Disciplina apresentados a concurso para Professor Associado do Grupo de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FRÄNKEL, Herman (1964), *Texto crítico e crítica del texto*. (Trad. de Luciano Canfora). Firenze: Felice le Monnier, 1983.

Bibliografia

- FROMKIN, V. A. (1980), *Errors in Linguistic Performance. Slips of the Tongue, Ear, Pen and Hand*. New York: Academic Press.
- GONÇALVES, Francisco Rebelo (1936), “História da Filologia Portuguesa”, in **Boletim de Filologia**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. Vol. IV, fascículos 1-2, p. 1-12.
- GOTTESMAN, Ronald; BENNET, Scott (1970), *Art and Error: Modern Textual Editing*. Bloomington: Indiana University Press.
- LAUSBERG, Heinrich (1956), *Linguística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- MAAS, Paul (1927), *Critica del Testo*. (Trad. Nello Martinelli). Firenze: Felice le Monnier, 1984.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986), *História do Galego-Português. Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Lisboa: INIC.
- MARICHAL, Robert (1961), “La Critique des textes”, in SAMARAN, Charles (dir.), *L'Histoire et ses méthodes. Recherche, conservation et critique des témoignages, Encyclopédie de la Pléiade*. Paris: Gallimard, 1986. Vol. XI, p. 1247-1366.
- MCGANN, Jerome J. (1985), *Textual Criticism and Literary Interpretation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. (1911-13), *Lições de Filologia Portuguesa, seguidas das Lições práticas de português arcaico*. Lisboa: Dinalivro, 1977.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. (1885). Introdução à edição das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Halle: Max Niemeyer.
- NUNES, Eduardo Borges (1981), *Abreviaturas paleográficas portuguesas*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PASQUALI, Giorgio (1934), *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Felice le Monnier, 1952.

Bibliografia

- RONCAGLIA, Aurelio (1975), *Principi e applicazioni de critica testuale*. Roma: Bulzoni.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana (1973), “O método filológico (Comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários)”, in *A Lição do Texto. Filologia e Literatura. I - Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1979. P. 209-35.
- TAVANI, Giuseppe (1986), “Filologia e Crítica Textual na edição das cantigas medievais”, in VÁRIOS, *Critique Textuelle Portugaise*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1986. P. 29-40.
- TANSELLE, G. Thomas (1976), “The Editorial Problem of Final Authorial Intentions”, in *Selected Studies in Bibliography*. Charlottesville, 1979. P. 309-54.
- TEYSSIER, Paul (1980), *História da Língua Portuguesa*. (Trad. de Celso Cunha). 8.^a Edição. Lisboa: Sá da Costa Editora, 2001.
- LINDLEY CINTRA, L. F. [et al.]. *Critérios de transcrição para a Obra Completa de Gil Vicente*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Texto policopiado.
- WILLIAMS, Edwin B. (1938), *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. (Trad. de Antônio Houaiss, 1961). 3.^a edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

5. Gramáticas, ortografias e dicionários

- BARRETO, João Franco (1671), *Ortografia da língua portuguesa*. Lisboa: Officina de Ioam da Costa.
- BARRETO, João Franco (1672), *Micrologia Camoniana*. Prefácio de Aníbal Pinto de Castro. Leitura e integração do texto de Luís F. de Carvalho Dias e Fernando F. Portugal. Lisboa: INCM, 1982.
- BARROS, João de (1540), *Gramática da língua portuguesa*. Edição fac-similada organizada por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras, 1971.

Bibliografia

- CONTADOR DE ARGOTE, Jerónimo (1725), *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*. Lisboa Ocidental: Officina da musica.
- COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. (1980-91), *Diccionario Crítico Etimológico Castellano y Hispánico*. Madrid: Editorial Gredos. 6 Vol.
- CORREAS, Gonzalo (1627), *Vocabulario de refranes y frases proverbiales*. Texte établi, annoté e présenté par Louis Combet. Madrid: Castalia, 1967.
- CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, Luís F. (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- FIGUEIREDO, Cândido (1912), *Dicionário da Língua Portuguesa* (Ed. actualizada na grafia e copiosamente ampliada). 5.^a edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1939. 2 Vol.
- FONSECA, Martinho (1927), *Aditamento ao Dicionário Bibliográfico Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- GÂNDAVO, Pêro de Magalhães de (1574), *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portugueza (com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua)*. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles (2002), *Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores. 6 Vol.
- HUBER, Joseph (1933), *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1606), *Origem da lingoa portuguesa*. Lisboa: impresso por Pedro Crasbeeck.
- LIMA, D. Luís Caetano de (1736), *Orthographia da Língua Portuguesa*. Lisboa Ocidental: Officina de António Isidoro da Fonseca.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1741-59), *Bibliotheca Lusitana* (correcta reprodução de edição *princeps*). 2.^a Edição. Coimbra: Atlântida Editora, 1965-67.
- MACHADO, José Pedro (1952), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3.^a Edição. Lisboa: Horizonte, 1977. 5 Vol.

Bibliografia

- MORAIS SILVA, António de (1789), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (Ed. revista, muito aumentada e actualizada por Augusto Moreno Cardoso Júnior e José Pedro Machado). 10.^a Edição. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-59. 12 Vol.
- NUNES, José Joaquim (1919), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)* 8.^a Edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536 a), *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536 b), *A Gramática da Linguagem Portuguesa de [...]*, introdução, leitura actualizada e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: INCM, 1975.
- SILVA, Innocencio Francisco da (1858-1923), *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA DIAS, Augusto Epiphânio da (1918), *Sintaxe Histórica Portuguesa*. 5.^a Edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria Albertina Mendes da (1961), *Gramática Portuguesa*. 3.^a Edição. Madrid: Gredos, 1971.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de (1798-99), *Elucidario das palavras, termos e phrases que antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignora*. Edição crítica por Mário Fiúza. 2.^a Edição. Porto: Livraria Civilização, 1983-84.

6. Estudos sobre gramáticas e ortografias.

- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1978), *Gramáticos Portugueses do século XVI*. Lisboa: M.E.C.
- CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (Org., 1987), *A Demanda da Ortografia Portuguesa. Comentário ao Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- MARQUILHAS, Rita (1991), *Norma Gráfica Setecentista. Do Autógrafo ao Impresso*.

Bibliografia

Lisboa: INIC.

MARQUILHAS, Rita (2000), *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: INCM.

7. Outros estudos

ANSELMO, Artur (1980), *Camões e a cultura portuguesa no séc. XVI*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.

ANSELMO, Artur (1981), *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: INCM

ANSELMO, Artur (1982), *Camões e a Censura Literária Inquisitorial*. Braga: Barbosa & Xavier.

ANSELMO, Artur (1991), *História da Edição em Portugal I - Das origens até 1536*. Porto: Lello e Irmão.

ANSELMO, Artur (1997), *Estudos de História do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores.

ANSELMO, Artur (2002), *Livros e Mentalidades*. Lisboa: Guimarães Editores.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1992-2ª), *Aspectos da herança clássica na cultura portuguesa*. Lisboa: ICALP.

CASTRO, Aníbal Pinto de Castro (1973), *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do humanismo ao neoclassicismo*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos.

CEREJEIRA, M. Gonçalves (1974-75), *O Renascimento em Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora. 2 Vol.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean (2000), *O Aparecimento do Livro* (Trad. Henrique Tavares e Castro e rev. científica de Artur Anselmo). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

INGARDEN, Roman (1973), *A Obra de Arte Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Bibliografia

- KRISTELLER, Paul (1995), *Tradição clássica e pensamento do Renascimento* (Trad. de Artur Morão). Lisboa: Edições 70.
- MARTINS, Isaltina das Dores Figueiredo Martins (1986), *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*. Coimbra: INIC.
- MARTINS, José V. de Pina Martins (1973), *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do século XVI. Estudo e Textos*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.
- MARTINS, José V. de Pina Martins (1973), *Cultura Portuguesa*. Lisboa: Verbo.
- PIMENTEL, Maria do Rosário Pericão da Costa (2004), *Cultura Renascentista*. Lisboa: [s. n.]. Relatório e Programa da Disciplina apresentados a concurso para Professor Associado do Grupo de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- PRISTA, Luís; ALBINO, Cristina (1996), *Filólogos Portugueses entre 1868 e 1943*. Lisboa: Edições Colibri/Associação Portuguesa de Linguística.
- RAMALHO, A. da Costa (1969), *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. P. 333-345.
- RAMALHO, Américo da Costa (1982), *Estudos sobre o século XVI*. 2.^a edição. Lisboa: INCM.
- SILVA DIAS, José Sebastião da (1969), *A Política Cultural da Época de D. João III*. Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos. 2 Vol..

